

A HISTÓRIA DE AMOR DO ANO

FALAR PELA NOITE DENTRO

Por vezes, as conversas mais importantes
da nossa vida só terminam de manhã...

CLAIRE
DAVERLEY



BERTRAND EDITORA





© Emma Shaw

CLAIRE DAVERLEY nasceu em 1991 e tem imaginado e escrito as suas histórias desde os seis anos. Após concluir a licenciatura em Belas Artes na Universidade de Oxford, deu início a uma carreira na área editorial, dedicando-se aos livros de outros autores durante o dia, mas escrevendo o seu à noite, nas viagens de comboio, e à luz das primeiras horas das manhãs. Passou grande parte da vida no Hertfordshire inglês e vive atualmente na Escócia, com o seu marido e um cão *spaniel*. *Falar pela Noite Dentro* é o seu primeiro romance – uma poderosa e convincente história de amor, com verdadeiro peso emocional, que será publicada em todo o mundo.

Título: Falar pela Noite Dentro
Título original: Talking at Night
1.ª edição em papel: agosto de 2023
Autora: Claire Daverley
Tradução: Fernanda Oliveira
Revisão: Margarida Filipe

© 2023, Claire Daverley

[Todos os direitos para a publicação desta obra em língua portuguesa, exceto Brasil, reservados por Bertrand Editora, Lda.]

Bertrand Editora
Rua Prof. Jorge da Silva Horta, n.º 1
1500-499 Lisboa
www.bertrandeditora.pt
editora@bertrand.pt
Tel. 217 626 000

ISBN: 978-972-25-4632-4

Para Clive, é claro

Quem me dera ter feito tudo neste mundo contigo.
O Grande Gatsby, realizado por BAZ LUHRMANN, 2013

As suas vidas sofrem uma cisão repentina numa terça-feira à noite.

Isto é algo em que a mãe dela se foca, na sua negação ansiosa, que ainda não é a do luto, sob as luzes fortes do corredor do hospital. Os mosaicos são cinzentos de tão gastos e as franjas de céu, escarlates por entre as persianas. O dia está quase a despontar e Rosie está junto ao vidro e sente metade dela retirar-se para um lugar cuja existência desconhecia.

– Mas é uma terça-feira! – diz a mãe ao médico. – Ele não sai às terças!

O médico é atencioso e experiente e estende a mão para tocar no cotovelo da mãe. Rosie repara em como ele tem as unhas bem cuidadas: polidas, arredondadas e limpas. Quer ser tão atenciosa, boa e gentil quanto aquele médico; quer ser capaz de tocar no cotovelo da mãe e de levá-la para casa assim que esta notícia, esta insuportável e intolerável notícia, tenha sido de alguma forma assimilada.

Mas é claro que levará anos até voltarem a sentir-se em casa, e Rosie sabe disso, sabe disso naquele preciso momento, enquanto olha para as mãos do médico e para o punho abotoado da sua camisa. Nunca nada ficará como dantes. Nada voltará a ser normal, despreocupado ou rotineiro, apesar de ser uma simples terça-feira, apesar de ela ter aula de Música dentro de três horas, apesar de as chaves dele continuarem na algibeira do casaco dela.

Pensa nas chaves repletas das impressões digitais dele.

E em como espera que ele não tenha sentido nada, ao cair.

ANTES

Will apercebe-se de que Rosie Winters tem qualquer coisa de especial na noite em que se conhecem, à volta da fogueira.

Quando ele lhe conta que a mãe o abandonou.

Estão sentados lado a lado, com as labaredas a elevarem-se na escuridão de novembro, parte de um círculo quebrado de alunos do secundário. Mitenes, latas de cerveja. Ondas distantes, para lá dos pinheiros. Na realidade, ele não conhecia Rosie, apesar de andarem na mesma escola e partilharem alguns amigos, mas naquela noite estão a conversar. Um bocadinho.

De início, tagarelice apenas. Irrelevante. Até que o seu amigo Josh, irmão gémeo de Rosie, faz um comentário acerca dos próprios pais e ela ri-se, um riso que mal se ouve com o crepitar da fogueira e, antes de dar pelo que está a fazer, já Will lhe contou que não conhece a mãe. É algo que nunca disse em voz alta, que contornava, normalmente, baixando a cabeça ou deixando passar o momento. Mas dá por si a contar àquela rapariga de cabelo espigado, sobrancelhas hirsutas e mãos pálidas e esguias que a sua mãe se foi embora, há muitos anos, enquanto ele estava a ver desenhos animados antes de ir para a escola.

Ela fita-o quando ele diz isto, com as labaredas refletidas nos olhos. Não há simpatia ou curiosidade no seu rosto; não há sobrolho franzido nem boca retorcida, reações que ele poderia esperar se tivesse tido tempo para pensar sobre isso.

– Onde pensas que está? – pergunta-lhe ela, passado um momento.

Ele faz uma pausa. Olha para o céu, para os retalhos criados pelos intervalos das árvores. O fumo da fogueira sobe em espiral e há estrelas, uma delas maior e mais branca do que as outras. Talvez seja um planeta ou uma lua...

– Não sei – diz-lhe ele. – Em algum sítio.

E Rosie Winters repete essas últimas palavras, como se estivesse mesmo a pensar no assunto. Como se estivesse a perguntar a si própria como seria esse tal sítio.

Já é inverno e o vento fustiga a floresta, mas, mesmo assim, eles continuam lá fora. É melhor do que estar em casa, quentinhos, mas a olhar desinteressados para a televisão.

Isto de verem a pele transformar-se em laranja sanguínea à luz da fogueira é novidade.

Deixa alguma coisa a arder.

Passam a noite a conversar, com os joelhos quase a tocar-se. A dizer muito pouco, embora ele não se lembre de alguma vez ter estado tão atento, tão desesperado por mais uma frase, tão surpreendido pelas palavras que ela escolhe. As pessoas começam a afastar-se aos pares, para se tocarem mutuamente atrás das árvores e trocarem carícias na areia, ou para irem buscar *noodles* tardios, batatas fritas em papel manchado de óleo. Apenas ele, Rosie, Josh e outros dois continuam ali. Um deles pega na viola e começa a dedilhá-la, junto à fogueira moribunda. Will contempla a casca de árvore incandescente, o invólucro grisalho da cinza.

A fogueira está reduzida a brasas quando Rosie começa a cantar.

O irmão pede-lhe que cante, de início. Tem de encorajá-la e depois implorar, até ela aceder com uma pequena inclinação da cabeça.

O vento amainou. O ar, sem a fogueira, parece vidro: frio e imóvel. E, quando ela canta, o som é diferente de tudo o que Will já ouviu. Coral e puro.

Escutam até a fogueira se extinguir e ficarem com as mãos dormentes. Depois, cada um segue o seu caminho. Will põe o

capacete, aperta-o por baixo do queixo e liga a mota, a pensar naquela noite única e memorável em que falou com a irmã de alguém e ela entoou uma canção estranha, e em que não se passou mais nada a não ser isso.

Mas a voz dela mantém-no acordado naquela noite.

E novamente na noite seguinte.

Ele levanta-se tarde ao fim de semana. Veste uma camisola com capuz, tentando ignorar a necessidade premente de um cigarro enquanto desce a escada de meias. *Dave* vem ter com ele no último degrau, põe-lhe as patas nos joelhos e Will afaga-lhe a cabeça dura com os nós dos dedos antes de ele voltar aos saltos para a sala. O cão passa os dias enroscado em cima da velha poltrona do avô. Como se estivesse à espera de que ele chegasse a casa, pensa Will.

A avó está a fritar *bacon* na cozinha. Cheira a azeite quente e a gordura grelhada; a sal, a carne de porco e a pão torrado. Ao vê-lo entrar, fala-lhe em voz cantante:

– Boa tarde!

– Ainda são só dez horas – argumenta ele.

– E tu só tens dezoito anos uma vez, rapaz. Não vale a pena desperdiçares esses teus males, escondido debaixo do edredão.

– Não estava escondido – retruca ele, e dirige-se à mesa da cozinha para encher um copo com água do jarro.

– A Amber já foi à natação – diz a av  , de costas para ele. – *E* terminou metade dos trabalhos de casa.

– Ainda bem para ela – replica Will.

Segue-se um breve silêncio durante o qual se ouve o *bacon* crepitar, os pálidos raios do sol de inverno a incidir nas paredes. Ele não v   a irm  a por ali. De certeza que está barricada no quarto, a pôr os apontamentos em ordem segundo um código de cores com canetas de gel, a organizar a sua vida com clipes em forma de coração.

– Pareces cansado – comenta a av  .

Ele continua sem responder, tira dois triângulos de pão torrado de cima da mesa e vai até à porta das traseiras.

– Estou bem – diz-lhe ele, ao mesmo tempo que vira o puxador para baixo.

Ela está a dizer mais alguma coisa quando ele sai lá para fora e fecha a porta atrás de si, dirigindo-se para a garagem.

Sente-se mal, durante uma fração de segundo.

Sabe que ela vai ficar irritada durante algum tempo, mas que depois lhe irá levar o *bacon*, para o almoço.

Lá dentro, liga a única lâmpada suspensa do teto. É um espaço sem janelas, com chão de cimento e um rádio com antena externa sobre a velha bancada de trabalho do avô. Cheira a serradura e a gasóleo antigo, e há uma caixa de ferramentas ao canto e um monte de madeira por usar no chão. É o único lugar onde as coisas lhe parecem mais ou menos bem, onde tudo tem uma finalidade e ninguém fala, duvida ou espera alguma coisa.

A sua mota nova está ali, desmontada e por terminar, exatamente onde a deixou.

Deixa-se ficar à porta e come o pão torrado sem nada, perscrutando o chão, à procura das ferramentas de que necessita. E depois deita as mãos ao trabalho, sem ligar o rádio. Só ele e a mota. Pintar de novo os guarda-lamas, dar um aperto aos faróis. Mal pensando na tal Rosie enquanto trabalha.

Só um bocadinho.

*

Rosie fica até tarde na sala de Música. Tencionava treinar simplesmente as escalas e ir embora ao fim de quinze minutos. Mas passa uma hora e, depois, aparece a empregada de limpeza, a passar a esfregona nos mosaicos. Rosie ouve o arrastar do balde e a água lá dentro e pragueja em silêncio, antes de guardar a partitura. Apaga a luz e deixa a porta de madeira bater atrás de si. Dá as boas noites à empregada, que é muito simpática; sorri-lhe

sempre quando passam uma pela outra no corredor, ao fim da tarde, como se partilhassem algum tipo de segredo.

Lá fora, já escureceu e o ar parece purificado, o tipo de frio que prenuncia neve. Não é noite para andar de pernas à mostra ou para correr sob luzes fluorescentes.

Mas ela prometeu à mãe, por isso vai ao ginásio. Troca de roupa e corre na passadeira, mas apenas durante metade do tempo que devia, porque se tinha esquecido, porque a música levava a melhor e porque estava a desperdiçar o seu tempo, uma vez mais.

O suor empasta-lhe a franja e faz-lhe arder os olhos e, enquanto os seus pés batem no tapete rolante, ela pergunta a si mesma por que razão se esforça sempre tanto. Por quem se está a esforçar. Por que razão tudo é importante o tempo todo.

Sente uma pontada a meio e pára, tem de se inclinar para o lado e recuperar o fôlego. Espera que ninguém dê por isso. Que ninguém esteja a olhar para ela. E, depois disso, volta a pôr o seu saco ao ombro, corre o fecho do casaco e inicia a curta caminhada até casa, com o cabelo húmido pendurado junto às orelhas. Há estrelas dispersas no céu e os carros passam por ela, numa torrente de faróis. Conta os passos que dá, e volta a contar, evitando as brechas entre as lajes do passeio.

Em casa, encontra o irmão gémeo deitado no sofá.

– Estás atrasada – diz ele, sem tirar os olhos da televisão.

– Não muito – diz Rosie, olhando para o pulso e vendo-o nu. Deixou outra vez o relógio na sala de Música. Não consegue compor quando está preocupada com as horas.

– A mãe vai ficar chateada – diz Josh, e ela empurra-lhe a cabeça para baixo com a palma da mão e sai da sala antes que ele lhe possa atirar uma almofada.

A mãe não está chateada, apenas distraída. Está ao telefone, na cozinha, e levanta um dedo a Rosie, a sua forma habitual de cumprimentá-la e de dizer ao mesmo tempo de forma subentendida: «Espera, estou a fazer uma coisa importante. Compreendes, não é verdade? Sabes como são as coisas.»

– Como correu a escola? – pergunta a mãe depois de desligar. Não estabelece contacto visual, virando-se antes para abrir o forno.

– Bem.

– E o ginásio?

– Foi duro.

– Ora, ainda bem. É assim que deve ser.

– Tenho tempo para tomar um duche?

A mãe olha para trás e avalia-lhe o rosto a brilhar e o cabelo despenteado.

– Acho que sim – replica. – Não podes sentar-te à mesa de jantar a suar dessa maneira, pois não, minha querida?

Rosie olha para ela um segundo a mais do que é suposto e depois acena com a cabeça e dirige-se para a escada.

Na casa de banho, abre a água tão quente que está praticamente a esquentar. A sua pele fica furiosamente vermelha, mas ela permanece imóvel e suporta o calor. A contar, desta vez não os passos, mas os segundos. A alongar os números vezes sem conta, da forma que lhe é peculiar: como sangue a fluir, incapaz de parar.

Quando sai do chuveiro, enrola o cabelo numa toalha, grata pelo vapor que esconde o seu reflexo no espelho. Depois, seca-se e vai até ao quarto, onde a secretária está coberta de partituras e as prateleiras, forradas de livros, esfrangalhados e amarelecidos de tão manuseados, passados a pente fino como mapas antigos. Patti Smith. Oliver Sacks. As Sylvias, tanto a Patterson como a Plath.

Depois de vestir umas peças de roupa, baixa o estore de tecido. Fica ali por um instante, com as mãos no peitoril. Está faminta, em todos os sentidos da palavra. Pensa em sair porta fora, com o cabelo molhado e a neve a aproximar-se, direita à noite de Norfolk.

– Como correu a escola? – volta a mãe a perguntar, depois de estarem todos sentados à mesa.

Ela serviu quadrados de lasanha de compra e passa os pratos ao pai e ao irmão de Rosie, dizendo-lhes para terem cuidado, que

está quente. Rosie agarra no prato com ambas as mãos e repara que o seu quadrado é mais pequeno do que os dos outros.

– Terra chama Joshua! – incita a mãe. – Como foi o teu dia?

– Bom – diz ele, por entre garfadas de massa.

– Rosie?

– Entreguei o meu trabalho de História. E terminei um ensaio para Línguas Clássicas.

– E como é que correu?

– Bem, acho eu.

– Linda menina.

Segue-se mais um minuto de silêncio, em que só se ouve o barulho das facas nos pratos. Rosie bebe um gole de água e depois a mãe começa a contar uma história do trabalho, algo acerca de um cliente seu ter capitulado frente à mulher e não ter entrado numa guerra cuja vitória ela tinha a certeza de lhe conseguir. Mais uma vez, ninguém fala. O relógio da cozinha faz tiquetaque. Há molho branco a escorrer nos pratos.

– Talvez seja demais para ele – arrisca Rosie.

– Hum?

– Para o seu cliente. Talvez sofra pelo facto de o seu casamento ter acabado assim. E talvez queira simplesmente pôr um ponto final no assunto.

A mãe volta a encher o copo de vinho e espeta um tomate com o garfo.

– Não vamos presumir que sabemos as suas motivações, Rosemary – diz ela, depois de engolir.

Josh chama a atenção de Rosie, perguntando-lhe silenciosamente porque é que se dá ao trabalho, e ela prega os olhos na mesa. O pai está a fazer as palavras cruzadas.

Quando a mãe se põe em pé para levantar a mesa, Josh rapa o resto da sua lasanha para o prato de Rosie e ela come rapidamente, antes de se levantar para ajudar, batendo com o seu ombro no de Josh.

É uma coisa de irmãos, ou uma coisa de gémeos.

Ela não sabe a diferença.

E é enquanto está a lavar a tigela da salada que surge uma nova melodia. Tal como o canto inicial de um pássaro, notas hesitantes que ninguém está por perto para escutar. Quando Josh menciona que no dia seguinte vai fazer revisões com Will White, da sua turma de Matemática Avançada, mal o ouve, porque está a tentar memorizar as notas.

A repeti-las, uma e outra vez, antes que elas desapareçam.

Marley telefona-lhe na manhã seguinte, bem cedo.

Rosie já está acordada e atende ao segundo toque.

– Estás acordada – diz Marley.

– Não conseguia dormir – replica. Por instantes, deseja que a amiga lhe pergunte porquê. Que alguém desse por isso ou que se importasse.

– Estava a pensar que podíamos fazer qualquer coisa hoje à noite – diz Marley, em vez disso.

– Era bom, mas tenho de fazer revisões da matéria dada.

– E depois? *Eu também!* Até podíamos fazer isso juntas, imagina só.

Rosie vira-se na cama. A luz da manhã é pálida através das cortinas, como água turva de tinta.

– Tu dizes isso, mas depois pões um filme e acabamos por não fazer nada – contrapõe.

– Suponho que seja inevitável – concorda Marley, e Rosie ouve o sorriso na sua voz, familiar e ligeiramente provocador.

– Era bom fazer uma pausa – pondera, passando o telefone para a outra mão.

Tem tinta nas palmas das mãos por ter estado a escrever música pela noite dentro, composições rasuradas e tentativas de refrão.

– Ótimo! – exclama Marley. – Sendo assim, que tal combinarmos alguma coisa para o fim de semana? Ir comer qualquer coisa e beber um copo no sábado à noite, ou algo igualmente trágico.

– Porque é que isso é trágico?

– Porque temos *dezassete* anos, Rosie. Não devíamos precisar dos sábados como pretexto para nos encontrarmos, ou para

sairmos, ou para fazermos alguma coisa minimamente entusiasmante.

– Nós saímos! Ainda no outro dia saímos, à noite!

– Sim, e tudo o que consegui com isso foi uma embalagem de batatas fritas e um beijo na boca que sabia a *Tic Tacs*.

Rosie desata a rir. Consegue ouvir a mãe a preparar-se para ir trabalhar, o zumbido da máquina de café lá em baixo.

– Quem é que beijaste? – pergunta.

– Não é da tua conta – retruca Marley.

– Está bem. De qualquer forma, para a semana já será outro.

– Estás a dizer que sou fácil, Rosemary Winters?

– Alguma vez faria isso?

– Suponho que não, mas só porque és do tipo virgem convencional.

– Aí está um nome para um azeite.

– É, não é? – E Marley desata a rir, com as suas gargalhadas tão fortes e envolventes que Rosie tem de afastar o telefone. – Então, fica para sábado. Vou comprar uma montanha de pipocas e uma embalagem daqueles caramelos de velhota que tanto aprecias.

– Os *Werther's* não são caramelos de velhota!

– E podemos rever as cenas em que entra o Leo as vezes que quisermos. Ou as do Patrick Swayze. Sinto que precisamos de alguma olaria excitante nas nossas vidas.

– Marl!

– O que foi?

– Oaria excitante?

– Não precisa de ser olaria. Pode ser marmelada ao som de Solomon Burke. Ou sexo em cima da mesa ao som de Berlioz.

– Vou desligar.

– És mesmo puritana!

– Até sábado.

– Sabia que Berlioz ia convencer-te – remata Marley.

No caminho para a escola, Rosie pensa no que Marley lhe disse. Josh saiu mais cedo, para os treinos de basquetebol, por isso vai

sozinha, com o fecho do casaco corrido até ao queixo para se proteger do frio. É virgem e convencional. Tenta não ser, mas não se importa o suficiente para ser mais do que é: basicamente, uma menina bem-comportada.

Nunca teve um namorado. Já beijou alguém, ou melhor, foi beijada, de forma desastrosa, com os ombros presos contra a porta de uma casa de banho, numa festa em casa de uma amiga. O puxador magoava-lhe o cóccix e o rapaz sabia a pastilha demasiado mascarada.

Nunca se embriagara. Nunca se escapulira de casa. Nunca fumara um cigarro e nunca mentira nem dissera palavrões diante dos pais, embora não soubesse ao certo se iriam notar ou importar-se com isso.

Mas há tempo para tudo isso, pensa, ao descer o passeio para atravessar a rua. Dezassete anos é só o início. Vai trabalhar com afinco, fazer tudo o que deve fazer e a sua vida será boa e preenchida, cheia de música, poesia, vinho e sexo, e momentos transformadores que duram mais de três minutos e não lhe deixam nódoas negras ao fundo das costas.

É esse o seu plano.

Tem de atravessar a rua uma, duas, três vezes no caminho para a escola, batendo com o pé no chão até conseguir parar, e é nessa altura que a neve começa a cair. Levemente, de início, parece mais uma chuva fina. Agarra-se-lhe às mangas como sal.

Josh diz-lhe que não compreende. Estão ambos a olhar para os manuais de Matemática Avançada, com a neve a rodopiar do lado de fora da janela da sala de aula.

São os únicos dois alunos da turma, os únicos dois do seu ano que têm aquela disciplina. Já se conheciam antes, tinham partilhado algumas aulas ao longo do percurso escolar, mas agora, no último ano do secundário, Will supõe que podem considerar-se amigos. Os seus outros colegas são mais conhecidos com quem passa os intervalos; não lhe fazem perguntas sobre a sua vida nem parecem importar-se, o que até lhe convém. Mas Josh é diferente.

– Qual é a tua primeira opção? – perguntara-lhe Josh na primeira aula.

– Primeira opção para quê? – indagara, e Josh tinha respondido «universidade», por isso tivera de lhe explicar que não ia prosseguir os estudos.

Ao ouvir isso, Josh levantara os olhos da folha de exercícios.

– Vá lá! – exclamara.

– Vá lá o quê? – perguntara Will.

– Tu és, tipo, muito inteligente.

– Obrigado.

– A sério. Se te esforçasses, amigo, conseguirias entrar onde quisesses.

– E se eu não quiser?

Nessa altura, Josh fitara-o com uma ruga na cana do nariz, como se não estivesse a perceber.

Mas, agora, estão os dois a olhar para uma página de funções hiperbólicas, na esperança de que aquilo faça algum sentido antes de a aula acabar. O professor, o senhor Brookman, já se foi embora. Ele usa frequentemente a aula deles como desculpa para um intervalo prolongado na sala de professores e, na cabeça de Will, isso funciona nos dois sentidos.

– Vamos acabar por hoje – diz Will.

Josh encosta-se para trás e equilibra a cadeira em duas pernas.

– Não posso, meu. Tenho de perceber isto antes do exame simulado.

– Porquê? – pergunta Will, ao mesmo tempo que guarda as canetas na mochila.

– Porquê o quê?

– Porque é que precisas de perceber isso para o exame simulado? Só tens de saber isso para o exame a sério, na primavera. Tens muito tempo.

– Os exames simulados são importantes – explica Josh, ainda com a cadeira inclinada para trás. – Para as ofertas provisórias e essas coisas.

– Certo.

– Não vais mesmo para a universidade?

– Não.

– E o que vais fazer?

– Trabalhar – responde Will, pondo a mochila ao ombro. – Talvez viajar.

– Isso é fixe.

– Não estou a tentar ser fixe – diz Will, porque sabe que é isso que as pessoas pensam dele, com a sua mota, o seu registo escolar e os sarilhos em que se meteu há uns anos. Foi há tanto tempo, mas as pessoas só se lembram disso. É a única coisa que querem ver.

– Sempre vais lá a casa, mais tarde?

– Ainda precisas que vá?

– Sem dúvida – diz Josh, deixando a cadeira assentar novamente as quatro pernas no chão. – Moro em Crescent

Gardens, podes estacionar na rua. É a casa branca com a porta azul.

Lá fora, Will atravessa o pátio, com flocos de neve a pousar-lhe no cabelo. A escola parece um desenho a giz e carvão, sem forma e esborratado.

Não pensa muito no facto de ir naquela noite a casa de Josh, para ajudá-lo a rever a matéria. Nem no facto de ele ser irmão da rapariga que não lhe sai da cabeça.

Isto não é invulgar, para ele. Pensa em raparigas com frequência. O que é invulgar é o teor dos seus pensamentos; não têm nada a ver com as partes macias e molhadas do seu corpo, nem com o peso das coxas dela à volta das suas. Têm apenas a ver com a sua voz e os seus olhos. A forma intensa como ela costuma escutá-lo e guardar tudo o que ele tem para dizer.

- Tens a certeza de que podes ficar para jantar?
- Sim, tenho.
- Tens mesmo a certeza? Não presumiste, simplesmente?
- Avó, o Josh *disse*: «Vem jantar.»
- E não vais ficar com fome?
- Duvido que tenham a despensa vazia.
- Não podes comer como um cavalo em casa de outra pessoa – diz Amber da mesa. – Como fazes aqui.

Está a baloiçar os pés, com as meias da escola calçadas, e a escrevinhar qualquer coisa num caderno.

- Obrigado pela dica, Ambs.
- É má educação – acrescenta ela com um floreado da sua caneta com um pompom.
- Quero-te em casa às dez horas – diz a avó.
- É capaz de ser às dez e meia. Depende do tempo que o Josh demorar a perceber.
- Lembra-me lá quem é esse Josh – pede a avó, seguindo-o até ao corredor.

Will suspira enquanto veste o casaco e apalpa os bolsos, à procura do telefone.

– Josh Winters – diz. – É o outro aluno da minha turma de Matemática.

– Matemática Avançada – corrige-o ela.

– Matemática *Avançada*. E precisa de ajuda com este módulo, por isso ofereci-me para lhe explicar, como já lhe disse. Come carne, provavelmente é do signo Gémeos e não fuma erva. Acho que calça o 46, mas não tenho a certeza. Oh, e ele...

A avó corta-lhe a palavra, açoitando-o com o pano da cozinha.

– Em casa às dez e meia, então, engraçadinho – diz ela.

– Sim, sim – diz ele, agarrando nas chaves do carro da avó e fechando a porta atrás de si.

A casa tem exatamente a mesma disposição que a dele. Geminada, mas pintada de branco, com um relvado perfeito e oliveiras envasadas a dizer coisas que o jardim da avó não diz, com os seus gnomos e relva demasiado crescida.

Não há sinal de Rosie quando Will chega. Lá em cima, todas as portas estão fechadas e ele não faz ideia de qual será o quarto dela, por isso tira-a do pensamento e centra-se na lógica da matemática, que é familiar e consistente, como um motor.

A noite é longa. Josh leva várias horas a compreender o sistema e a responder corretamente a quatro perguntas do exame simulado de seguida. Jantam no quarto dele, sentados à grande secretária de canto, quando John suplica à mãe que os dispense – *estamos quase lá, mãe, por favor* – e já são quase dez horas quando ele se recosta, esfrega os olhos e diz que finalmente percebeu.

– Já não era sem tempo – diz Will, e Josh dá-lhe um piparote com força no braço.

– É confuso – argumenta Josh.

– Eu nunca disse que não era.

– Mas agora começa tudo a fazer sentido – diz Josh, e a sua voz tem laivos de alegria enquanto se recosta na cadeira e estica os braços sobre a cabeça.

É alto e desengonçado, lembra a Will um desenho animado qualquer. Tem as pernas demasiado longas para o corpo, como se ainda estivesse em processo de crescimento.

– Vou fazer um brilharete naquele exame – diz Josh. – Entrar em Cambridge e *bum*!

– O que é *bum*?

– Não sei – responde Josh, e ri-se. – *Bum*, simplesmente. A forma como as coisas correm, percebes?

– Acho que sim – diz Will, embora não saiba nada sobre a forma como as coisas irão correr. Faz planos para o dia seguinte, para o fim de semana seguinte, para a próxima peça que precisa para a mota.

– Obrigado por teres vindo, meu – diz Josh depois de ele ter guardado as suas coisas. – Talvez possamos voltar a fazer isto, não? És melhor do que o velho Brookman.

– Isso não é difícil – comenta Will.

Acha que não é preciso responder a Josh, mas este continua a olhar para ele, como se estivesse à espera. Não desvia os olhos do seu rosto.

– Podes ir ter comigo à oficina, depois das aulas – sugere. – Estou atrasado no meu projeto de carpintaria, por isso estou lá às vezes. Sobretudo à quarta-feira.

– Matemática, Matemática Avançada e Carpintaria – enumera Josh com a ajuda dos dedos. – É uma combinação estranhíssima.

Will encolhe os ombros.

– Se quiseses ser engenheiro civil, não é assim tão estranha – discorre.

– E queres?

– Credo, não!

– O que *queres* fazer? – pergunta Josh.

– Já é tarde, amigo – diz Will, porque é verdade e também porque não lhe apetece falar disso. – É melhor ir andando.

Do lado de fora do quarto, no patamar das escadas, as paredes estão adornadas com fotografias de infância. Josh de jardineiras e Rosie a apanhar conchinhas. Uma dela ao piano. Will sente-se estranhamente alerta enquanto desce a escada atrás de Josh,

ciente de que ela está algures, por perto. Pergunta-se se a verá, se ela lhe dirá «olá».

Pergunta-se qual o motivo de tais pensamentos.

Lá em baixo, está tudo em silêncio; apenas o murmúrio da televisão vindo da sala. Mas depois de calçar os sapatos e dizer «até amanhã» a Josh, abre a porta da rua e é saudado por um mundo branco. O carro da avó está encostado ao passeio, coberto como um bolo de Natal, com a neve a parecer açúcar peneirado.

– Caramba! – exclama Josh, quando ambos espreitam da porta.
– Acho que não vais a lado nenhum.

A senhora Winters desfaz-se em desculpas. Diz que não tinha notado que o tempo estava tão mau, que as cortinas estavam todas fechadas. Que *lamenta imenso* ele ter de passar a noite ali. Will fica com a sensação de que lamenta mais por ela do que por ele; tem o rosto crispado, com duas manchas rosadas na parte superior das faces. Há nela qualquer coisa de felino, enquanto dá largas à sua preocupação no corredor. Está bem conservada e tem uma figura bem definida, e olha para ele com um ar vagamente reprovador, como se soubesse alguma coisa que ele não sabe.

Fazem-lhe uma cama no sofá e a senhora Winters diz-lhe para se servir da água filtrada que está no frigorífico; as suas palavras deixam implícito que isso é a única coisa de que se pode servir, e ele agradece-lhe antes de ela subir.

– Confortável? – pergunta Josh, batendo numa das almofadas.

Ele emprestou-lhe uma *T-shirt* sua e Will despe a camisa da escola e veste-a. Enquanto isso, Josh desvia o olhar, como que subitamente fascinado pelo tapete.

– Está tudo bem – diz Will.

– Fixe. Bem, boa noite!

Josh deixa-se ficar ali por uns instantes a mais, vai dizer alguma coisa, mas parece decidir não o fazer e apaga a luz ao sair da sala. Will ouve-o subir a escada e depois tira o telemóvel para fora e vê cinco chamadas não atendidas.

– Desculpe – diz ele, assim que a avó atende. – Não sabia que a neve estava a cair desta maneira.

– Vais ficar aí, presumo?

– Sim, no sofá.

– Porta-te como deve ser, William.

– Porto-me sempre, avó.

Faz-se silêncio. Ele olha para o brilho do poste de iluminação pública, obscurecido pelas ripas do estore.

– Sabes o que quero dizer. Nada de brincadeiras.

– Boa noite, avó – diz ele, e carrega no botão para terminar a chamada.

*

Rosie não consegue dormir. Esteve a rever matéria antes de se deitar e agora o seu cérebro anda numa roda-viva, a recuperar nomes e factos que não deve e não pode esquecer. Ao fim de uma hora, senta-se na cama. Verifica algumas coisas. Decide que tem a boca seca e precisa de beber um gole de água.

Desce a escada às escuras e dá um salto ao ver um rapaz sentado à mesa da cozinha. William White, o tipo da fogueira. O colega de escola distante e melancólico com quem não trocara uma palavra antes dessa noite.

– Desculpa – diz ela, embora a casa seja sua e embora tenha sido ele a assustá-la.

Ele levanta os olhos lentamente do telefone, com o rosto tingido de azul pela luz do ecrã.

– Pelo quê?

– Não sabia que te ia encontrar aqui.

– É por causa da neve. A tua mãe disse que eu podia ficar.

– Eu sei disso. Sabia que estavas cá, mas esqueci-me.

Ele levanta o queixo, como que para olhar melhor para ela. Rosie está perfeitamente ciente de que se encontra descalça, de que o seu pijama rosa está desbotado e é demasiado infantil para a sua idade. Mas depois lembra-se de que está escuro e que ele

difícilmente estará a olhar para os seus pés ou para a sua roupa. Ou para ela, em termos gerais.

– Desci para beber um bocadinho de água – explica Rosie, incapaz de expulsar o tom de desculpa da sua voz.

– Há água filtrada no frigorífico.

– Foi a minha mãe que te disse isso, não foi?

– Sim.

– Vá-se lá saber porque é que não podemos beber água da torneira, como toda a gente.

– Bem, poder até podes...

Ela pára junto à porta do frigorífico e olha para ele. No escuro, não consegue perceber se ele está a sorrir, mas acha que consegue ouvir isso na sua voz. Talvez uma ligeira provocação, o que é novidade para ela. Tal como ele a falar toda a noite, junto à fogueira.

– Está bem – diz. – Vou fazer isso.

Vai até à torneira, enche o copo e bebe um grande gole, olhando pela janela enquanto o faz. O jardim perdeu-se debaixo da neve. Tão bonito, pensa. Tão perfeito e intacto, por tão pouco tempo.

– E então? – pergunta Will.

– Então o quê?

– A água. Que tal é?

– Oh! – Ela olha para o copo. – Inteiramente comparável.

Ele ri-se ao ouvir isto, tão baixinho que podia estar simplesmente a respirar, e ela sente algo a vir ao de cima e a trespassá-la.

Tinha pensado nele uma ou duas vezes desde a outra noite. Para ela, era estranho ele ter ficado o tempo quase todo ao lado dela, e sentia-se constrangida pelo facto de ele ter estado sempre a fitá-la, mesmo quando ela desviava o olhar.

Sempre pensara em Will White como alguém distante e reservado, apesar da sua popularidade e da longa lista de namoradas. Cabelo castanho-dourado, olhos cinzentos e imperscrutáveis. Para ela, é ridículo pensar que este tipo de pessoas existe na realidade, sem ser só nos filmes que ela e Marley passam os fins de semana a ver. E, no entanto, ali está ele, a olhar novamente para ela, na sua cozinha.

– Bem, boa noite – diz Rosie.

Roda sobre os calcanhares descalços e dirige-se para a porta.

– Rosie.

O nome dela na boca dele.

– Sim?

Ele pousou o telefone, com o ecrã ainda iluminado no ponto da mesa onde o coloca. Isso adensa-lhe as sombras do rosto, os círculos sob os olhos.

– Não sei o que ia dizer – confessa.

Ela inclina a cabeça para o lado.

– Queria dizer qualquer coisa – corrige. – Mas não sei o quê.

– Está bem.

– Dorme bem, suponho.

– Eu nunca durmo bem – diz ela, porque pensa que deve ser sincera e porque ele está a agir de forma estranha, por isso talvez ela possa retribuir mostrando a sua própria maneira de ser estranha e brutalmente sincera.

– Eu também não – diz ele. – Pelo menos, na casa de outras pessoas.

Olham um para o outro, na cozinha, a luz prateada da Lua atenuada pela queda de neve. Ouve-se o quase impercetível respirar do frigorífico.

– Tens fome? – pergunta Rosie.

– Sempre.

Will recosta-se na cadeira e, por alguma razão, naquele momento ela lembra-se de que ele é fumador e também inegavelmente atraente. Duas razões para terminar aquela conversa de imediato, para deixá-lo entregue ao seu telefone e a uma noite de insónia. Ela tem um exame simulado na manhã seguinte e precisa de tentar dormir. A mãe não veria com bons olhos que ela estivesse levantada a uma hora tão tardia, nem seguramente aquele rapaz.

Rosie prepara tigelas com cereais para os dois.

Conversam até de madrugada. Rosie acendeu a luz por cima do forno, que banha a cozinha a ouro. O piso radiante aquece os

mosaicos e as solas descalças dos seus pés.

Comem flocos de milho com leite frio e ela vê-o deixar escorrer uma colherada pelo queixo. Isto fá-lo parecer menos intimidante, sobretudo quando ele nem parece dar por isso. Ela acaba por dizer-lhe, com uma risadinha, e ele limpa o queixo com as costas da mão, diz que é embaraçoso e, quando ela lhe pergunta porquê, encolhe os ombros e sorri, deixando ver os caninos pontiagudos.

Ele não tenta fazer conversa de circunstância. Não lhe faz perguntas sobre a escola ou as várias disciplinas, nem sobre o facto de ser gémea. Pergunta-lhe de imediato por que razão raramente dorme, e a magia é essa; é isso que a prende, que o coloca na sua esfera de uma forma para a qual não estava preparada.

– É só porque tenho coisas que me preocupam – replica. – Às vezes.

– Que coisas? – pergunta ele, e ela diz que são coisas estúpidas, ao que ele responde que com certeza não o são, uma vez que a mantêm acordada.

– São tudo coisas normais. A escola. As notas. A vida.

– Uma mesma e única coisa, certo? – diz Will, e ela fica a pensar se ele estará a fazer pouco dela.

– Eu disse-te que eram coisas estúpidas.

– Eu disse isso?

Ela permanece calada, levanta a colher imersa no leite.

– Somos ensinados a preocuparmo-nos tanto com tudo isso – diz Will. – Como se todas as decisões que tomamos nos levassem a trilhar um determinado caminho.

– E não achas que seja verdade?

– Não. Penso que temos um caminho, mas que ele não muda com base nas decisões que tomamos. No fim de contas, é um caminho que leva ao mesmo lugar.

Ela bebe o leite da colher. Está adocicado por causa dos flocos, faz-lhe lembrar as sessões de estudo pela noite adentro e o clube do pequeno-almoço na escola primária, os anos passados a levantar-se às cinco da manhã, para a mãe poder ir trabalhar.

– O que queres dizer com isso? – pergunta.

– O que pensas que quero dizer?

Ela deixa a pergunta dele pairar em resposta à dela e vê-o franzir ligeiramente o sobrolho.

– A morte – diz Rosie.

– Certo.

Will inclina-se para a frente na sua cadeira, como se o assunto não fosse problemático, coisa que ela supõe que não seja quando se tem dezassete anos. Quando se afigura tão distante, tão implausível.

– Acredito que morremos todos a cada dia que passa – diz ele. – Portanto, mais vale fazer o que se quer, antes que isso aconteça.

Ele está a olhar para ela enquanto fala, e ela prega os olhos na mesa. Há uma meia-lua de leite no fundo da sua tigela. Toca-lhe com o dedo e transforma-a numa linha.

– Isso é um bocadinho mórbido – replica ela.

Ele encolhe os ombros e diz que é verdade.

– E o que queres fazer, então? – pergunta-lhe ela. Não acrescenta *antes de morreres*, embora pense nisso.

– Suponho que hei de descobrir.

Rosie acena com a cabeça, com a ponta do dedo molhada de leite.

– E tu, o que queres, Rosie Winters?

Ela olha para ele. Está novamente a sorrir, mas de forma quase impercetível. Os cantos da boca estão levantados, os olhos suaves, como uma lamparina na escuridão. O uso do seu apelido parece ou agressivo ou afetuoso; ela não consegue perceber qual das opções é.

– Quero todas as coisas que disseste que não devia querer. Sair-me bem na escola. Ter boas notas e uma vida boa. Tudo isso.

– Achas que essas coisas te irão proporcionar uma vida boa?

– Creio que me irão ajudar a *chegar* às coisas que o farão.

Ele olha-a nos olhos. Não argumenta nem lhe volta a fazer perguntas sobre isso.

Ela baixa a colher e vê o leite fazer pequenas ondas.

São três e meia da manhã quando ela diz:

– Meu Deus, já é tão tarde!

Will segue o olhar dela até ao relógio do micro-ondas e diz que, tecnicamente, é muito cedo.

– Tenho de ir – diz ela, levantando-se da cadeira.

Passa as tigelas por água e Will observa-a enquanto ela o faz. O seu cabelo é escuro, tipo juba, e dá-lhe por baixo dos ombros. Ele consegue ver-lhe os tornozelos, muito pálidos debaixo das pernas do pijama.

Ele não quer estar interessado. Não tem tempo nem inclinação para isso, tanto mais que ela vai para a universidade. Tanto mais que é irmã de Josh. Tanto mais que talvez se venha a revelar demasiado desejável, coisa que ele já pressente como certa.

– Aquela canção que cantaste – diz-lhe ele, elevando a voz para ela conseguir ouvi-lo mesmo com a água a correr.

– O que tem? – pergunta ela.

Fecha a torneira, vira as tigelas ao contrário para escorrer.

Ele quer dizer-lhe que era linda. Que a voz dela, que ela, é linda. Mas é algo tão diferente daquilo que normalmente diria, tão ousado, mesmo em pensamento.

– Não consigo tirá-la da cabeça.

– Como um *earworm*.

Ela virou-se de costas para o lava-louça e está encostada à bancada. A fitá-lo com aqueles olhos dela.

– O que é isso?

– É uma música que fica no ouvido e está constantemente a vir-nos à ideia. Às vezes acontece-me, quando não consigo dormir. É como se o meu cérebro ficasse preso num determinado circuito.

Will pondera as palavras dela. Diz-lhe que é melhor do que isso.

Então, ela esboça um meio-sorriso feito só de lábios, sem mostrar os dentes. Ele interroga-se sobre o que ela diria se ele saísse da cadeira naquele momento e encostasse a sua boca à dela.

– Vou-me deitar – anuncia ela.

– Boa noite, então.

Ela fica no mesmo lugar. Ele também.

– Foi um prazer conversar contigo – diz ele.

– Tão formal – diz ela, ainda com um meio-sorriso, e depois deixa-o ali e sobe a escada em passo ligeiro.

Ele continua sentado durante um bocado, à luz do forno. Faltam tantas horas para o sol nascer...

Will finge estar a dormir quando Josh salta sobre as suas pernas, de manhã.

– Toca a acordar! – diz Josh, batendo-lhe de lado com o punho fechado.

Will resmunga, embora esteja contente por já ser dia, contente por poder levantar-se, ingerir alguma cafeína e talvez voltar a falar com Rosie.

– Pequeno-almoço? – oferece Josh.

– A neve desapareceu?

– Melhor do que isso. É um dia de neve, amigo.

– A sério?

– A sério! Não há escola. Louvado seja Deus ou qualquer divindade que possas, ou não, adorar.

– Não sei como não te atiram mais vezes contra a parede – comenta Will, sentando-se e massajando as têmporas com uma mão. A sala parece mover-se devido a não ter dormido e ao branco demasiado lustroso do papel de parede.

– Sou um sortudo, suponho – diz Josh. – *E também* uma pessoa cativante.

– É uma maneira de ver as coisas – diz Will, e geme quando Josh lhe dá uma cotovelada nas costelas.

– Panquecas – declara Josh. – Gostas de panquecas?

– Acho que sim.

– Sabes do que mais gosto em ti, Will? – pergunta Josh, enquanto se levanta de um salto do sofá. – É desse teu entusiasmo desmedido!

Will mostra-lhe o dedo do meio, ainda a esfregar a cabeça. Mas quando olha em volta, Josh desapareceu e a sua irmã gémea está à porta. Tem o cabelo solto sobre os ombros e está a segurar uma caneca nas mãos.

– Pensei que talvez quisesses um café?

– Oh, sim!

Levanta-se, tira-lhe a caneca das mãos e queima a língua quando bebe. De repente, toma consciência do seu cabelo desgrenhado. Tem restos de cereais nos intervalos dos dentes e consegue sentir o seu hálito fétido.

– Não sabia se querias leite...

– Simples está ótimo, obrigado.

– Dormiste alguma coisa? – pergunta ela.

Ele fica a pensar se será uma pergunta capciosa, se ela não estará a perguntar-lhe se ficou acordado, a pensar nela.

– Mais para o fim – responde.

Uma resposta capciosa.

Rosie cruza os braços como se estivesse com frio, embora ele tivesse ouvido os radiadores arrancar antes de amanhecer e a água a passar nos canos. Vê agora que ela tem olhos azuis. Sobrancelhas fartas e escuras que condizem com a rebeldia do seu cabelo. Ela abre a boca para dizer qualquer coisa, precisamente quando Josh espreita da porta da cozinha.

– Rosie, não há manteiga.

– Então, usa óleo – diz ela.

– Onde é que está? No frigorífico?

Ela abana a cabeça e diz que está no armário, e Will olha para a expressão de amor no seu rosto quando ela se vira para o irmão gémeo.

Ele nunca olhou para Amber daquela forma, nem mesmo quando se estão a dar bem. Retém o café na boca antes de o engolir. É amargo e continua demasiado quente.

– Queres ir dar um passeio? – pergunta-lhe ele, ainda antes de decidir dizê-lo.

Rosie olha para ele.

– Agora?

– Ou depois do pequeno-almoço, talvez.

O que está a acontecer, interroga-se, ao mesmo tempo que a vê fazer-se a mesma pergunta. As sobrancelhas dela unem-se e

mordisca o lábio inferior. Só por um momento, até o seu rosto voltar a ter uma expressão neutra.

– Talvez – diz ela.

Em seguida, Rosie vai até à cozinha e deixa-o ali especado, com as mantas amarrotadas, a *T-shirt* e os boxers com que supostamente dormiu. Will ouve-os a conversar, o estrépito de tachos e frigideiras, o deslizar de gavetas. É o som da rotina, da familiaridade. Distanciou-se dessas coisas na sua própria casa, passa a maior parte do tempo na garagem.

Quando se junta a eles, já vestido, Rosie está a misturar a massa e Josh a abrir armários, à procura de mel e xarope.

– Todos os dias de neve devem começar com uma boa dose de açúcar – diz Josh, enquanto pousa os condimentos na mesa.

Rosie está calada enquanto põe colheradas de massa na frigideira.

– Esta aqui fica toda stressada com os dias de neve – continua Josh, acenando com a cabeça em direção à irmã.

– Não estou stressada – riposta Rosie.

– Ela tinha um exame simulado de História hoje – diz ele a Will. – E preferia estar na escola, a fazê-lo, do que estar aqui sentada, a comer panquecas connosco.

– Não, nada disso – nega ela, e aumenta a temperatura do fogão. – São mais dias para me esquecer de tudo, só isso.

Veem-na virar a primeira panqueca sobre o lado não cozinhado. A cozinha cheira a óleo vegetal e a gema de ovo e as janelas estão embaciadas com o calor. Will oferece-se para ajudar, porque lhe parece errado deixá-la cozinhar para eles os dois e, para sua surpresa, ela chega-se para o lado. Ele coloca as colheradas de massa e vira as panquecas enquanto ela corta morangos que tirou do frigorífico e enche uma tacinha com um monte de açúcar. Ele tenta não reparar quando ela enfia um morango no monte e chupa os grânulos de açúcar.

Os rapazes saem de casa para fazer aquilo que os rapazes fazem na neve. Atirar gelo compactado um ao outro, sem dúvida, ensopar as calças de ganga e ficar por lá até os dedos ficarem dormentes e não conseguirem enfiar a chave na porta.

Ela está a tentar rever a matéria. A tentar meter factos históricos na cabeça e, quando não consegue, tenta praticar as suas escalas, mas elas saem na perfeição e ela aborrece-se em menos de uma hora. Relembra o pequeno-almoço, quando tem a certeza de que Will estava a tentar conseguir a sua atenção e, à luz do dia, decide que não compreende porquê. Ela não é interessante e ele não pode estar interessado. Tudo parecia diferente na penumbra, com o ambiente silenciado pela queda de neve lá fora. Com os pés de ambos quase a tocarem-se debaixo da mesa.

Ele contou-lhe que tinha um cão chamado *Dave*.

Que vivia com a avó.

Falaram sobre morte, violas e planos de viagem, sobre o medo que Will sentia de ratazanas e da aversão que ela tinha a algodão hidrófilo. Ele não falou uma única vez da sua mota nem da sua suspensão escolar, e ela também não se sentiu à vontade para o inquirir acerca disso.

Mas a parte que está a reviver, que a está a distrair agora, é aquela em que ele lhe disse que não conseguia tirar a sua canção da cabeça.

A sua canção. Que ela própria compôs, embora ele não tivesse como sabê-lo.

Vai ter com eles ao parque de diversões. Crianças vestindo macacões almofadados puxam trenós até ao cimo do outeiro que fica para lá do parque, deixando pegadas estriadas com as suas galochas.

Eles estão junto aos baloiços. Will está sentado num, com as pernas esticadas à sua frente. As botas são de cabedal preto, tal como o blusão, e tem neve no cabelo. Ela está tão perto dele que consegue ver que a neve parece orvalho, mas nessa altura Josh atinge-a na cabeça com uma bola de neve.

– Vieste! – exclama, enquanto a bola explode numa nuvem.

Sai do seu lugar junto ao gradeamento para vir ter com ela, com as orelhas cor-de-rosa do frio.

– Só por um bocadinho – diz ela, sacudindo a neve do cabelo. – Precisava de fazer uma pausa.

Nessa altura, o irmão toma-lhe os pulsos nas mãos e as suas luvas estão húmidas, como a pele de um réptil; as palmas salpicadas de almofadinhas de borracha antiderrapantes. Rosie esqueceu-se das suas luvas e o ar causa-lhe um formigueiro na pele.

– Ainda bem – diz Josh, e aperta-lhe os pulsos para mostrar que sabe o quão difícil é para ela escolher a diversão e a neve em vez do estudo. Relaxar, como tantas vezes ele lhe pede para fazer. Ela sente-se subitamente quente, sob o casaco, interrogando-se sobre o que Josh diria se soubesse que ela não tinha saído por ele ou por ela, mas sim por William White, sem sequer saber bem porquê.

Encostam-se ao gradeamento e conversam um bocadinho. Ficam a ver os miúdos brincar, um cão a correr atrás de uma bola. Josh deita-se de costas e faz um anjo na neve enquanto Will observa do baloiço e Rosie observa Will a observá-lo. Fixando o olhar para lá da cabeça dele, como se estivesse a contemplar as árvores.

– Adoro neve – declara Josh, quando pára de se mexer.

Perante esta afirmação, Will prende-lhe a atenção e partilham algo naquele olhar. Apreço, pensa ela, ou afeto, pela candura declarada, ou até pela inocência, do seu gémeo de dezassete anos.

– Eu não – diz Rosie.

– Então, vai para casa – retruca Josh, e agora é ela quem lhe atira uma bola de neve.

– Bom lançamento – comenta Will, e Rosie ri-se.

Continuam à conversa os três, durante quase uma hora. Josh recorda um boneco de neve que fizeram quando eram pequenos, numa altura em que ainda não tinham percebido que acabaria por derreter.

– Tu choraste – diz ele a Rosie.

– Eu acho que foste tu – diz ela, e é a vez de Will se rir, embora não partilhe aquelas memórias.

Quando a conversa abranda, Rosie diz-lhes que tem as mãos geladas.

– Enfia as mãos nos bolsos – sugere Josh.

A neve começou a brilhar sob a luz pálida do sol, que sai agora de trás das nuvens.

– Acho que vou para casa – diz ela.

– Eu também vou – diz Will, e entreolham-se brevemente, enquanto Josh lhes diz que não são nada divertidos.

Caminham lado a lado ao longo da neve que deixa entrever pedacinhos de relva. As árvores à volta do parque são pretas e esqueléticas, a neve já desapareceu dos seus ramos.

– Nunca dura – comenta Rosie ao saírem do portão para a estrada, agora salpicada de sal.

– Graças a Deus! – diz Will. – As estradas seriam um pesadelo.

– E a escola continuaria fechada – acrescenta ela.

A neve está prestes a ficar suja e meio derretida. Mais sal debaixo dos sapatos.

– Nunca conheci ninguém que gostasse tanto da escola como tu – diz Will.

Rosie cora ao ouvir isto, mas ele não parece incomodado ou divertido. Ela sente-se grata por não estarem sentados a uma mesa, desta vez; por ele não poder olhar-lhe para o rosto.

– Não gosto, na verdade – diz ela. – Gosto simplesmente de ter um plano.

Will fica calado. Aproximam-se de uma curva na estrada e têm de atravessar, para não serem apanhados por um carro que venha em sentido contrário. Atravessam novamente, sem discussão. Há uma canção feita de neve a pingar das árvores, esporádica e fora de ritmo, como chuva.

– Isso, para mim, é interessante – diz-lhe Will.

– Bem, estás a ser condescendente.

Nessa altura, ele olha-a de relance e ela continua a olhar em frente.

– Não pretendia sê-lo – replica. A neve continua a pingar e um carro passa por eles, salpicando-os de fiapos de neve. – Apenas quis dizer que é bom que sejas assim tão... não sei.

– Ingénua? – pergunta Rosie, e ele abana a cabeça.

– Segura de ti.

Josh segue-os a alguma distância. Ela sente o impulso estranho e quase irreprimível de dar a mão a Will, só para ver o que ele faria, para perceber se está a interpretar bem a situação, o que não será certamente o caso. Mas não pode fazer a experiência, pelo menos com o irmão à vista, atrás deles.

Continua a caminhar ao lado dele e enfia as mãos nos bolsos.

É ao aproximarem-se da esquina da rua dela que um camião os encharca aos dois com água da estrada. Está gelada, é um choque. Will solta um brado ao mesmo tempo que Rosie arfa, viram-se um para o outro de olhos arregalados e furiosos e depois desatam a rir.

– Filho da mãe! – reclama Will enquanto Rosie limpa o rosto.

Ela já tinha os dedos dormentes há muito tempo e a água parece ainda mais fria e difícil de suportar ao sacudi-la.

– Caramba, doem-me as mãos! – queixa-se ela.

Will diz-lhe para as pôr debaixo das axilas.

– O quê?

Nessa altura, Will detém-se, abre o fecho do blusão, pega-lhe nas mãos e coloca-as debaixo dos seus braços, no interior das dobras do casaco.

Há carros a passar por eles. A neve torna-se movediça debaixo dos seus pés. Will aproxima-se mais, para que as palmas das mãos de Rosie fiquem prensadas, com as suas mãos ainda fechadas sobre as dela. Tem a camisa húmida, ela não sabe se será da água do camião ou uma leve camada de suor. Olha para ele e observa pela primeira vez o comprimento das suas pestanas. São mais compridas do que as dela.

– Também tens as mãos frias – diz ela, porque sente o coração paralisado e não tem mais nada para dizer, e tudo derrete e congela em simultâneo.

– Isto vai ajudar – diz Will.

As mãos doem-lhe ainda mais quando o sangue volta a circular.

Consegue sentir o seu pulsar nas pontas dos dedos.

Sobre a pele dele.

Quando Will pára o carro no caminho da entrada de sua casa, fica sentado, a olhar para lá do tabliê e a pensar. A pensar especificamente na curva dos tornozelos de Rosie e na forma como ela comia com a colher.

Abana a cabeça e ri um bocadinho daquela loucura. Aquela rapariga, com as suas notas perfeitas e orelhas de elfo, em quem nunca reparara antes da fogueira. Esfrega os olhos e depois fica a ver a neve a cair das árvores. Decide que precisa de dormir um bocadinho e está prestes a sair do carro quando o telemóvel toca. É Darcy, o que o surpreende. Não falavam há semanas.

– William White – diz ela, como se tivesse sido ele a telefonar-lhe.

– Darcy. Olá.

– O que estás a fazer?

– Nada de especial.

– Já calculava. Estando a nevar e tudo isso...

– Pois.

– Então.

– Então.

– Queres vir cá a casa? A minha mãe saiu.

Ele pensa nisso durante dois segundos e depois diz-lhe que, na verdade, não pode.

– Porquê? – pergunta ela.

A sua fúria é grande e imediata, e ele suspira, sem se importar com o facto de ela poder ouvir.

– Não posso, Darce. Estou exausto.
– Porquê? – volta ela a perguntar. – Com quem é que estiveste?
– Passei a noite em casa de um amigo. A fazer exercícios de matemática.

Ela emite um som incrédulo, um ruído desdenhoso que vem lá do fundo, e ele fica a pensar por breves momentos porque é que toda a gente espera o pior dele, quando ele se limita a dizer a verdade.

– Vai-te foder, Will.
– Sim, claro. Isso querias tu.
– O quê?
– Foder-me. Foi só por isso que me ligaste.

Ela desliga nessa altura e ele sai do carro, com as botas a chapinhar na neve derretida.

Dorme toda a tarde, acorda ao som dos cliques repetidos do botão de ignição do fogão. Há meses que prometeu à avó que ia tentar arranjá-la. Acha que deve ter alguma coisa a ver com a humidade, porque o barulho desaparece quando chega a primavera.

Levanta-se da cama, toma um duche e depois desce para a cozinha, onde a avó está a servir conchas de sopa para tigelas e a irmã está debruçada sobre os trabalhos de casa.

– Estás vivo – diz a avó, quando ele se senta e distribui os talheres.

Têm um cesto ao centro da mesa: colheres com motivos decorativos, folhas enroladas em torno das facas e garfos.

– Eu disse «olá» quando cheguei – recorda-lhe ele.
– Tens razão. És o rei dos dissílabos.
– O que são disse-labos? – pergunta Amber, sem levantar os olhos do papel.
– Dissílabos. – diz Will. – Significa «o rei de tudo».
– Não, não significa.
– Como foi a tua noite? – pergunta a avó, colocando as tigelas em cima da mesa. Moeu pimenta e esfarelou queijo azul por cima da sopa dele.

– Não dormi. Mas o Josh ficou a perceber os exercícios de matemática, por isso foi bom.

– O que comeste? – indaga ela, porque é sempre isso que lhe pergunta, independentemente de onde esteve ou com quem.

Quando o foi buscar à esquadra, daquela vez, tinham ficado sentados em silêncio no carro durante nove longos e difíceis minutos, e depois ela perguntara-lhe se ele tinha jantado.

– Qualquer coisa com beringela. Não sei, comemos no quarto dele.

– No quarto dele? – pergunta Amber.

– Pousa a caneta, Amber – diz a avó. – Agora, vem jantar.

– Porque é que não posso comer no *meu* quarto?

– Porque precisas de fazer companhia à tua velha avó, é por isso. Então correu tudo bem? Sem complicações?

– Tudo ótimo.

Ele pensa em Rosie ao dizer isto, enquanto mergulha a colher na sopa vermelha.

– Talvez pudesses pensar em dar explicações – arrisca a avó.

Will come outra colherada, com cuidado, a língua ainda queimada do café daquela manhã. O café que Rosie fizera e lhe oferecera com as suas mãos macias como seixos.

– Não preciso de dar explicações. Tenho a garagem.

– Mas não é um plano a longo prazo, pois não?

– Outra vez essa história, não, avó!

– Está bem, está bem. Era apenas uma ideia.

– Eu vou ser advogada – diz Amber. – A menina Brown diz que eu daria uma boa advogada.

– Tenho a certeza disso – diz a avó.

– Os advogados são desonestos – diz-lhe Will. – Não vais querer ser um deles.

– Ora, porque é que lhe disseste isso?

– Porque é verdade.

– Nem todos os advogados são desonestos, Willyum.

A avó pronuncia o nome dele assim, cortado em duas sílabas, quando está tensa ou muito cansada. No dia da morte do avô, ele é Willyum. No dia de aniversário da mãe, também. Em todas as

reuniões de pais e nos dias em que lhe entregam o registo de avaliações, é Willyum, acrescido de um suspiro e de lábios apertados.

– Podia ser dentista – diz Amber.

– Muito melhor – concorda Will, sem se dar sequer ao trabalho de compreender a mudança repentina. – Mas não precisas de decidir agora, Ambs.

– Tem de ser – diz ela.

– Como assim?

– Para o meu diário – explica. – Tem um capítulo inteiro sobre desejos e sonhos, e o que quero ser quando crescer. Tenho estado a poupar as canetas douradas para isso.

Ele olha-a por cima da tigela.

– Tu só tens dez anos!

– E tu bem podias que podias copiá-la – diz a avó.

– Mas eu estou a escrever num diário – diz Amber. – Não estou a fazer uma cópia de um texto.

Will reprime um sorriso e a avó ri-se, um som suave, como pombos a arrulhar, e depois corta um bocadinho de pão para todos.

*

Rosie está deitada ao lado de Marley, no chão do quarto da amiga, com uma cena que já viram dezenas de vezes a passar na televisão. Desembrulham rebuçados, mastigam pipocas com caramelo e os seus dentes ficam cobertos de açúcar.

Enquanto veem Jack a olhar fixamente para Rose no convés superior, Rosie pensa em contar a Marley sobre William White e o encontro de ambos na cozinha. E depois aquilo que se passou, no dia seguinte, quando ele tomou as suas mãos nas dele.

«E depois?», perguntaria Marley, com um rebuçado a caminho da boca.

E depois... nada.

Ele tinha-a largado e perguntado se estava melhor. Rosie dissera que sim com a cabeça e tinham regressado a casa, com a neve já

transformada numa fina camada de gelo sobre o passeio. Josh tinha-os alcançado e agradecera novamente a Will pela ajuda a Matemática. E depois Will tinha-se metido no carro e ido para casa.

No ecrã, Leo continua a fitar, e Rosie tira outro rebuçado de caramelo e segura-o debaixo da língua.

Decide que não há nada de interessante para contar acerca do seu encontro à meia-noite com um rapaz que mal conhece e do momento em que ele lhe aqueceu as mãos, porque teve pena dela. Talvez ele estivesse a fazer um joguinho que ela não estava interessada em jogar.

Mas o que a surpreende é o facto de continuar a pensar nele enquanto ali está sentada, com os joelhos puxados para cima e a amiga a remexer nas pipocas, ao lado dela.

Pensa no cinzento dos seus olhos.

Imagina-o a encostá-la à parede da cozinha, com o rosto próximo do dela.

Isto é interessante, pensa, enquanto Marley boceja. Isto, em si mesmo, é algo de novo.

– Adoro esta parte – diz a amiga, endireitando-se enquanto Rose passeia pelo convés com o seu vestido vermelho e cintilante. – Quem me dera que as nossas vidas fossem assim tão dramáticas!

– Porque diabo hás de querer tal coisa?

– É só porque... eu e tu, Rosie. Somos umas autênticas secas. Estou ansiosa para que a vida seja mais do que ensaios de orquestra e notas previsíveis, entendes?

Rosie volta a olhar para o filme porque entende, mas tem a sensação de que poderá haver mais alguma coisa para ela, agora. Alguma coisa que mudou. Desembrulha outro rebuçado de caramelo, embora já esteja enjoada e com sede, e vagamente preocupada com a possibilidade de ficar com os dentes cariados.

Quando chega a casa, empanturrada de açúcar, mas cheia de fome, Rosie prepara uma tosta. Aquece feijão no micro-ondas e fica a ver o prato girar, de forma lenta e hipnótica, através da porta de vidro.

Nessa altura, vem-lhe à cabeça a letra de uma música, que fala do mundo a girar em uníssono, e fica a pensar se a terá roubado de algum lado ou se será mesmo sua. Regista-a no bloco ao lado do frigorífico, dobra a folha e guarda-a no bolso. Por via das dúvidas.

– Aqui está ela – diz Josh, passando a porta quando o micro-ondas apita.

– Aqui estou eu – replica Rosie.

– Como está a Marley?

– Bem. Acha que somos uma seca.

– Quem? Nós os dois?

– Não, eu e ela.

– Bem, provavelmente teria de concordar com isso.

Rosie revira os olhos enquanto o irmão se encosta ao frigorífico, a vê-la deitar o feijão em cima do pão parcialmente queimado.

– A mãe está com uma enxaqueca – diz ele.

– Outra vez?

– Sim. Anda cheia de trabalho, com a Josie de licença de maternidade.

– Pois. Tem-me parecido um bocadinho... tu sabes.

– Tensa.

– Com os nervos à flor da pele.

– Aterradora?

Partilham uma gargalhada silenciosa e ela leva o prato para a mesa e agarra no garfo enquanto Josh se instala à frente dela. Ele tira uma laranja do cesto da fruta e rola-a entre as mãos, como que a tentar decidir se está com vontade de comê-la.

– Ela vai ultrapassar isso – diz Rosie, cortando a tosta ao meio.

– Super-advogada.

– Mulher de aço.

– Inflexível Samantha – diz Josh, e começa finalmente a descascar a laranja. – Inflexível, seguramente. Ela e o pai parecem tão infelizes, ultimamente, não achas? Sobretudo ela.

– A mim, não me parecem diferentes.

– Então, isso ainda é mais triste – diz Josh. Levanta um gomo da laranja, para o ver melhor à luz do candeeiro da cozinha. – Tantos caroços!

– Não há problema nenhum.
– Com os caroços?
– Não, com os nossos pais. O Natal trará um recomeço. Como sempre.

– Ah, o Natal – diz Josh, e a sua voz tem um tom sonhador. – *Adoro* o Natal!

– Eu sei – diz Rosie, revirando novamente os olhos. – O Natal, a neve e a boa disposição.

– E laranjas – remata ele, inclinando a que tem na mão em direção à irmã, como que a fazer um brinde.

Ela abana a cabeça e enfia mais uns feijões na boca. Está calor na cozinha. O vento uiva lá fora, fustigando o vidro da janela com alguns pingos de chuva. Enquanto mastiga, Rosie está a pensar se haverá alguma forma de introduzir Will na conversa, mas, antes mesmo de conseguir formular as palavras, o irmão fá-lo primeiro.

– Acho que vou conseguir passar a Matemática Avançada agora.

– Ah, sim?

– Graças ao Will.

– Isso é ótimo.

Conserva os feijões na boca tempo demais, parecendo estar com dificuldade em engolir. O irmão está a observá-la e interpreta erradamente a sua hesitação, fruto do desejo de parecer desinteressada, como reprovação.

– Ele não é como toda a gente diz.

– Não? – contrapõe ela, mantendo os olhos pregados no prato. Vestígios de molho de feijão e migalhas espalhadas.

– Sei que ele tem má reputação. Por causa da mota e de ser baldas, e essas coisas. Mas é boa pessoa. É inteligente e um tipo decente, acho eu.

– Ainda bem.

– De que é que vocês falaram, a caminho de casa?

– Hum?

– Tu e o Will? O que é que ele te disse?

– Na realidade, nada – responde ela, e sente um baque ao dizê-lo porque se apercebe de que é verdade.

Josh fica calado durante um bocado, a olhar para ela. Abandonou metade da laranja.

– Nada?

– Ele é um homem de poucas palavras – diz ela, e ele ri-se disso, concordando.

Estica então o braço para tirar uma côdea que ela deixou no prato.

Ela olha para o irmão. Conhece o rosto dele melhor do que o seu, cresceu ao lado dele antes de ambos existirem. Conversaram sobre isso, quando costumavam fazer fortes a partir de capas de edredão ou acampar debaixo do beliche, de lanternas acesas e cobertores empilhados em volta, como sacos de areia. Em que altura se tinham tornado humanos. Eram gémeos antes disso? Ou apenas depois de terem desenvolvido o cérebro ou o coração?

É coisa de gémeos, justificava Josh, sempre que sabiam o que o outro estava a pensar. Mas Rosie nunca tivera certezas sobre isso. Conhece outros gémeos que parecem irmãos normais, e não é normal sentir uma câibra quando o irmão se lesiona no campo de basquete, nem acordar à noite quando a respiração dele se altera. Às vezes, dá voltas na cama, aparentemente sem motivo, e sabe que ele também está acordado, do outro lado da parede.

– Acho que ias gostar dele – diz-lhe Josh agora.

– E quem te diz que não gosto, já? – riposta Rosie, e deixa a frase pairar entre eles, à espera de que o irmão entenda.

Isso não acontece.

– Queres um? – É a única coisa que ele lhe pergunta, mostrando-lhe um gomo de laranja, e ela aceita. Cospe os caroços para o prato.

*

Will está a correr.

Tem corrido dia sim, dia não nos últimos quatro anos, desde que esteve suspenso da escola, desde que o mandaram encontrar uma forma de canalizar a sua raiva. Nunca se tinha considerado uma

pessoa colérica; nunca levantara a voz a ninguém, nunca esmurrara uma parede, nunca perdera as estribeiras com um professor ou no recinto desportivo. Mas um especialista de meia-idade com um consultório revestido a painéis de pinho fez-lhe algumas perguntas depois do que aconteceu, tirou alguns apontamentos, e disse à avó que era, com toda a certeza, um problema de raiva.

«Com soluções», dissera, fazendo sibilar o «S» através do intervalo nos dentes. E parecia que correr era a única solução que Will conseguia aceitar.

Não é fácil, por causa dos cigarros. Ele agora fuma menos, quase não lhes toca hoje em dia, mas o mal já está feito, mesmo tendo apenas dezoito anos.

Apesar disso, corre durante horas. Não controla a velocidade nem a distância. Não olha para o relógio, nem tenta prolongar a sua capacidade de resistência. Corre, simplesmente. Sem música, porque gosta de ouvir o sangue a pulsar nos ouvidos. O som do mar e as gaivotas.

Corre até não poder mais. Até sentir a ilharga queimar e os joelhos gritar, e pensar: *está bem, já chega!*

Hoje está a correr ao longo da praia. Não tem frio, embora seja dezembro; tem a pele com manchas vermelhas devido ao esforço e a *T-shirt* molhada de suor. Passa pelas barracas de praia, pelo banco de areia com duas focas deitadas ao sol. O farol, outrora branco e castigado pelo tempo, fica mesmo na orla da floresta.

Quando chega a casa, toma um duche de água fria para descontrair os músculos, seca o cabelo com uma toalha, vai até ao quarto e deixa-se cair sobre a cama, com o corpo ainda húmido. Olha para o teto, para os contornos das velhas estrelas que brilhavam no escuro. Tinha-as arrancado aos sete anos, quando decidira que era demasiado crescido para aquelas coisas.

Demasiado crescido para estrelas.

Demasiado crescido para a escola.

Já demasiado crescido para tudo aquilo.

E, enquanto ali está deitado, aquela sensação invade-lhe o peito, algo que lhe acontece de tempos a tempos. Um ligeiro aperto, como

uma válvula a fechar-se. Dói um bocadinho, mas é melhor do que o que lhe acontecia antes: o desejo ardente de reagir.

Will esfrega agora distraidamente o peito e entretém-se a pensar na voz de Rosie. Consegue ouvir a avó a movimentar-se lá em baixo, os estalidos repetidos do fogão. Fecha os olhos e começa a trautear aquilo que recorda da canção junto à fogueira.

Pára, porque sente que está a estragá-la.

Quando a campainha soa e as estudantes começam a sair das salas de aula, com as suas vozes estridentes, saias subidas e mangas de blazer enroladas até aos cotovelos, Will avança contra a maré. Não se dirige para a saída; decide arriscar e vai até ao cacifo dela.

Rosie está lá, com a amiga de cabelo encaracolado. Ela está a ouvir o que a amiga está a dizer e depois desata a rir, levantando a cabeça de tal forma que o seu pescoço fica esticado para a luz. Apodera-se dele um abrupto desejo vampírico e volta a perguntar a si mesmo o que é que aquela vulgar rapariga de pele suave tem de especial.

– Olá! – diz, quando fica ao lado dela.

Ela olha para ele ao mesmo tempo que a amiga; quatro olhos a fitar-lhe o rosto.

– Olá! – responde ela, e o tom da sua voz parece cauteloso.

Ele nunca tinha falado com ela, na escola. E também nunca tinha falado com a amiga, e sente o efeito de alguma bizarra etiqueta social ao aperceber-se disso, sabendo que as raparigas se preocupam com esse tipo de coisa.

– Olá! – diz, inclinando-se por trás de Rosie e levantando a mão.

A amiga limita-se a olhar para ele, mas depois parece cair em si e retribui a saudação.

– Sou o Will – diz ele, e ela diz que sim, que já sabia, e não lhe diz o seu nome.

Eu tentei, pensa ele, antes de se focar em Rosie.

– Vais a pé para casa? – pergunta-lhe.

– Sim – replica Rosie vagarosamente, como se fosse uma pergunta com rasteira.

Tem uma das mãos na porta do cacifo e a outra lá dentro, a guardar os livros. Ele vê-a recuar, fechar a porta e o cadeado.

– Eu acompanho-te – diz ele.

– Tu vives do outro lado da cidade!

– Sim, mas tenho de ir buscar uma coisa.

A mentira sai-lhe com facilidade. Ele quer que seja óbvia.

Rosie não diz nada. Olha para a amiga, que está de olhos arregalados, e há entre elas uma troca silenciosa. Will assiste e aguarda. Há mais alunos a passar por trás deles, a arrastar os sapatos sobre o chão de linóleo.

Rosie não lhe responde propriamente, mas diz «até amanhã» à amiga – chama-lhe Marley e Will anota mentalmente o nome – e esta baixa o queixo em sinal de concordância e fica a vê-los afastar-se, em direção às portas abertas.

Já estão do lado de fora, no parque de estacionamento dos professores, quando Will puxa a mochila mais para cima no ombro e lhe diz que, afinal, não vai para os lados dela.

– Então? – diz Rosie, olhando-o de viés.

– Vou estar no farol, mais tarde. Corro às segundas-feiras, à tardinha, e fica no meu trajeto.

– Está bem.

– Vou passar por lá por volta das cinco, creio eu. Se não for demasiado lento.

– Está bem – volta ela a dizer.

– É só para saberes. É um lugar bonito. O sol parece pairar ali, sobre o oceano. Ias gostar de ver.

– O que estás a perguntar-me, Will?

Ele volta a sentir a mesma emoção diante da sua sinceridade, da sua franqueza. Nunca conheceu uma rapariga como ela. Pensava que as raparigas gostavam de mistério e de convites implícitos, longas pausas sonhadoras e insinuações veladas.

– Estou a perguntar-te se queres ir ter comigo ao farol.

Ela detém-se. Estudantes mais novos passam por eles, um rapaz com a gravata à volta da cabeça e a fazer girar a mochila

como se fosse um laço de corda.

– Porquê? – pergunta Rosie.

Nessa altura, ele olha para ela. Para aqueles seus olhos de um azul tão profundo. E decide optar igualmente pela verdade.

– Não sei bem, para ser sincero.

E isto parece fazer sentido para ela.

– Vou tentar – diz Rosie, de forma tão descomprometida como quando dissera «talvez», anteriormente.

Mas ele aceita; na verdade, está habituado a isso, do tempo em que via a mãe. Quando era um miúdo cheio de esperança e ansiava por muita coisa; quando tinha estrelas coladas ao teto do quarto.

Mais tarde, o farol está à sua espera, mas Rosie não. Brilha uma luz suave sobre o horizonte, o mar está negro e imóvel como ferro.

Will encosta-se à parede caiada, a recuperar o fôlego. Hoje em dia, é uma edificação degradada, uma atração turística usada simplesmente como ponto de referência nas cartas topográficas. Ele sabe que as igrejas desativadas são apelidadas de redundantes, um conhecimento inútil que o tem acompanhado ao longo dos anos. Fica a pensar se haverá um termo para os faróis desativados. Desocupados ou que passaram à história. Abandonados.

Pára de fazer alongamentos e inspira o ar do mar. As ondas de crista branca formam-se e rebentam, pacientemente. Ele tem o cabelo húmido do suor e está a começar a sentir frio. Vai esperar mais dez minutos e depois correr para casa, como se nada tivesse acontecido.

O que seria a mais pura verdade, apercebe-se.

Mas eis que ela surge. Com o casaco fechado até acima e um gorro puxado sobre os olhos. Hoje está a usar luvas. Sem dedos e cheias de lantejoulas.

– Olá! – diz ele, e a sua voz soa um bocadinho descontrolada, mesmo aos seus próprios ouvidos: ansiosa, surpreendida e demasiado aguda.

– Olá também para ti! – diz ela.

Olham-se mutuamente e ele toma consciência de que não tem nenhum plano. O sol está a pôr-se, que era a única coisa de que ele estava à espera. Brilha como uma folha de ouro sobre a água escura.

– Não sei por que razão te pedi para vires aqui – admite Will.

– E eu não sei porque vim – riposta Rosie.

Ele experimenta sorrir-lhe e ela retribui o sorriso. Dois sulcos, ao lado da boca.

– Mas é lindo! – exclama Rosie, olhando para a vista.

O ocaso espraia-se com suavidade. Ondas que avançam e recuam, e voltam a avançar.

– Pois é – diz Will.

Não olha para o mar ao dizê-lo, e ela fica corada, voltando a fitá-lo antes de desviar o olhar. O vento assobia em torno das paredes do farol.

– Não estás a morrer de frio? – pergunta ela finalmente, acenando com a cabeça em direção aos braços dele, em pele de galinha.

– Não – responde ele, e é verdade; sente todo o seu corpo a arder. – Quer dizer, não falta muito, mas ainda não.

– Então?

– Então.

– Isto é estranho.

– Mas é uma estranheza boa, certo?

– Uma estranheza boa – concorda ela.

Ele pergunta-lhe se tem fome, mas ela abana a cabeça e diz-lhe que quer ver o mar. Senta-se de pernas cruzadas no chão, por isso ele faz o mesmo, deslizando até ficar sentado, encostado ao farol. Veem o crepúsculo passar de rosa a negro, tão gradualmente que mal dão por isso.

– O Josh diz que vai passar no exame agora – diz Rosie. – Graças a ti.

– Eu não quero falar sobre o Josh.

– Porquê?

– Porque passo pelo menos uma hora por dia com ele.

– Bem, nesse caso, de que falamos?

– Diz-me tu. O que te vai na cabeça?

Estão sentados, mais longe um do outro do que quando estavam junto à fogueira, e ele não consegue ver-lhe o rosto, nem mesmo de perfil; ela tem o gorro enterrado na cabeça e virou o queixo para a floresta. Só consegue ver a curva da sua orelha, por baixo do gorro, e uma madeixa de cabelo escuro.

– Interessa-te saber o que me vai na cabeça? – pergunta ela, passado um momento.

– Sim, interessa-me.

Ela não diz nada durante algum tempo. O mar respira contra as rochas e uma gaivota levanta voo da areia.

– Falas assim com todas as raparigas? – pergunta, quando a gaivota desaparece de vista.

– Quais?

– Tu sabes, as Ashleighs, as Keiras e as Darcys.

Então, ela sabe sobre elas, pensa Will, e alguma coisa se afunda nele, a dor no peito transformada subitamente numa pedra. Mas, depois, percebe que isso quer dizer com certeza alguma coisa. Que ela deu por isso ou que se importa com ele.

– Eu não falo com nenhuma dessas raparigas.

– Claro que falas. Levaste a Darcy ao baile de inverno, no ano passado.

– Ela é que me arrastou, para dizer a verdade.

– Bem, é impossível teres ficado sentado sem dizer nada a noite inteira.

– Mais ou menos – diz. E, em seguida, antes de poder pensar melhor, acrescenta que estar com Darcy não requer propriamente muita conversa.

– Oh!

– Pois.

Rosie faz um barulhinho, como se percebesse e não se importasse. Um ligeiro «hum», como se ele lhe tivesse dito simplesmente em que dia estão. Agora, Will já está com frio. Não sente os dedos dos pés.

– Mas não – diz ele.

– Não o quê?

– Podemos parar de responder às perguntas com mais perguntas?

– Se deixares de ser tão enigmático, sim.

Ele nunca tinha sentido este impulso ascendente; como se tudo dentro dele, as solas dos pés, o diafragma e os seus deltoides estivessem a ser puxados em direção ao céu.

– Não, eu não falo assim com nenhuma dessas raparigas.

– Oh!

Ele apercebe-se de que esta é uma das palavras que ela usa de forma recorrente. Esta rapariga com aquela voz, e todos os seus «oh!» e «talvez».

– Tive de mentir aos meus pais para vir aqui – diz-lhe Rosie. – Eu não saio sem motivo, por isso tive de inventar alguma coisa.

– O que lhes disseste?

– Que ia pedir um livro emprestado a uma amiga.

– Que original!

– Foi o que eu pensei. E verosímil, também.

– Imagino que sim.

– A sério? – diz Rosie, e muda de posição para o encarar. Agora, está escuro, o sol desapareceu e as nuvens parecem um derrame de petróleo sobre as suas cabeças. – Será que *percebes* isso? Que gosto de livros e da escola, e de música, e não estamos a falar de música fixe, uma vez que toco flauta, viola e piano? E flauta de Bisel também. Sinceridade total. E quero muito ir para a escola de Música, mas provavelmente vou acabar a estudar História, e estou a pensar ir para Oxbridge* e não tenho tempo para nada disto. Para estar com alguém. Se é disso que se trata.

Ela toma fôlego e ele fica espantado com ela, uma vez mais.

– Por que razão vais estudar história, se queres aprender Música? – pergunta passado um instante.

O vento sopra do mar e levanta-lhe o cabelo, e o dela também, por baixo do gorro.

– Foi isso que retiveste de tudo o que eu disse?

– Ah-ha! Isso não será responder a uma pergunta com outra pergunta?

Ela ri-se, e é como o rasto deixado por fogo de artifício; cintila e desaparece, o silêncio que se segue ao crepitar.

– Está bem – concede ela. – Só achei que te devia avisar.

– Considera-me avisado – diz Will.

Ela descruza as pernas e estica os pés à sua frente. As botas de caminhada parecem limpas e pouco usadas, e ele quase lhe pergunta que livro pediu emprestado, mas depois lembra-se de que isso foi uma mentira que ela contou. Por ele.

Will acompanha Rosie a casa quando o frio se torna insuportável, quando a escuridão lhes infiltra os ossos. As pedras da calçada brilham sob os postes de iluminação, as janelas dos restaurantes estão embaciadas por dentro. Passam pela loja de peixe e batatas fritas local. Cheira a batatas descascadas e a óleo requentado, mas a fila vem até à rua.

– Da próxima vez, compramos batatas fritas – diz Will.

– E tu trazes um casaco – diz Rosie.

– E eu trago um casaco.

– Não é o blusão de *motard*, é um casaco a sério.

– O que é que o meu blusão de *motard* tem de mal?

– Não parece quente.

– E depois? Sou eu que vou usá-lo.

– Mas eu não vou conseguir relaxar, se estiveres com frio. Vou estar sempre a pensar nisso, e tu também vais estar a pensar no frio que sentes. E isso pode fazer-te querer voltar para casa.

Ele pára ao ouvir isto, por alguns passos apenas.

– Estou sem casaco agora, não estou?

– Sim. E aqui estamos nós, a voltar para casa.

Will não tem resposta. Não sabe ao certo o que se passa entre eles; nenhum deles o disse de forma explícita. Não houve beijos nem contacto físico; não desnudaram a alma ou a pele. Ficaram simplesmente ali sentados, encostados ao farol, e conversaram. E, por vezes, remeteram-se ao silêncio até voltarem a falar.

Alguma coisa passa entre eles, agora. Ele sente os pelos dos braços eriçados como agulhas e o suor seco nas costas.

Pensa em dar-lhe a mão, e quase o faz.

Mas, nesse preciso momento, Rosie enfia as mãos nos bolsos do casaco.

– Não é prático – diz ela.

– O quê? O meu blusão de *motard*?

– Não, não é isso. Aquilo de que falámos há pouco, sobre estudar Música. Eu pensei nisso, até arranjei um impresso de candidatura à escola de Música, mas cheguei à conclusão que devia fazer alguma coisa com mais saídas profissionais.

A Will, aquilo soa a conversa de pais, mas decide não lhe dizer isso. Ficam em silêncio enquanto saem da rua principal e iniciam a ligeira descida em direção à via circundante, com as lojas e os *pubs* a darem lugar a casas de campo com muros em pedra e ao tremeluzir dos televisores visível através dos cortinados. Sombras de vida através das janelas. Vasos de plantas. Molduras. Figuras a mover-se como recortes.

– Interrogo-me sempre sobre o que farão as pessoas a esta hora da noite – diz Rosie.

– O que queres dizer com isso?

– Bem, é uma hora estranha, não é? Mesmo antes de jantar. Depois da escola ou do trabalho. É como um período de não-tempo, em que não se pode fazer nada de concreto.

– Concreto?

– Tu sabes. Coisas importantes.

– Quais são as coisas que tu consideras importantes?

– Caramba! És mesmo cusco!

Will ri-se porque nunca ninguém lhe chamou aquilo. Fica a pensar se será como a raiva; se será alguma coisa latente, que só aparece quando a vida chama por ela. Quando uma rapariga com mãos esguias lhe pergunta onde pensa que a mãe está e o olha nos olhos enquanto fala.

– Cantar. E escrever – diz ela.

– Ah, sim? E o que escreves?

– Sobretudo canções. E poemas.

Ele acena com a cabeça. Há grinaldas de luzes penduradas sobre eles e as lâmpadas badalam com o vento, batendo umas nas

outras como colheres numa gaveta. Will considera que este tipo de conversas é perigoso, pois pode levá-la a perceber rapidamente que ele tem cicatrizes antigas e problemas de raiva e um historial de coisas indizíveis.

– E quais são as tuas? – pergunta-lhe ela.

– A minha mota, suponho. E talvez correr.

Dobram a esquina para as ruas residenciais. Carros estacionados nos caminhos de entrada, reposteiros pesados corridos na cara deles.

– E viajar – diz Will, apercebendo-se de que, uma vez mais, está a partilhar algo que nunca disse em voz alta.

– Uau! – exclama Rosie, e a sua voz sobe de tom, interessada. – Onde é que já foste?

– Bem, a lugar nenhum, fora de Norfolk – confessa. – E é por isso que quero ir, quando puder.

– E onde é que queres ir?

– A qualquer lado. A todo o lado.

– Isso são muitos lugares – replica Rosie, e ele diz-lhe que ela tem razão.

*

– Rosemary Winters, és cá uma caixinha de surpresas!

Rosie não consegue evitar e ri-se para o telefone. Sente-se como se estivesse cheia de balões, uma pressão agradável sob a pele.

– Não aconteceu nada – diz.

– Não *aconteceu* nada? – grita Marley. – O que aconteceu foi que o rapaz mais fixe da escola te convidou para sair.

– Não acho que seja o rapaz mais fixe da escola.

– É *sexy*, melancólico e tem uma mota, por amor de Deus!

– Eu sei. É um problema.

– Um problema? Rosie! – Marley parece ligeiramente alucinada, como se tivesse tomado demasiadas bebidas energéticas. – Achas que ele te dá boleia nela?

– Eu não me sentava lá em cima, nem que me pagasses – diz Rosie, e Marley suspira.

– Mas ela faz parte do seu poder de atração – insiste Marley. – A sua mota, os seus olhos *tristes*, o seu passado sombrio e perigoso. Sabias que ele foi suspenso por espancar alguém na casa de banho da escola?

– Isso não passa de um boato estúpido, Marl.

– Talvez, mas podemos voltar atrás, por favor? O Will White veio ter contigo e queria acompanhar-te a casa. Agora, diz-me: o que aconteceu antes disso?

– Estava a falar contigo, junto ao meu cacifo.

– Não, não, não – diz Marley, e Rosie consegue senti-la a abanar a mão, frustrada. Não precisa de vê-la para imaginar a cena: a amiga, de pernas para o ar em cima da cama, com os pés apoiados na parede.

– *Antes* disso.

– Ele veio cá a casa uma noite. Para ajudar o Josh com a Matemática.

– E?

– E começámos a conversar. Só isso.

Não sabe por que razão está a desvalorizar o sucedido, quando lhe apetece cantar, correr, deixar extravasar o sol que tem no coração.

– Ele tentou alguma coisa?

– Não.

– E tu? Querias que ele tentasse?

– Não sei, Marl. Não sei ao certo o que ele quer. Sabemos o tipo de rapaz que ele é, certo? Nunca me dirigiu a palavra e depois, naquela noite, junto à fogueira...

– A fogueira! Tinha-me esquecido de que ele estava lá!

– Pois, precisamente. Mal disse uma palavra a quem quer que fosse. Mas depois de te ires embora, não sei, começámos simplesmente a conversar.

– E ele apaixonou-se por ti. *Ficou completamente caidinho*. E porque não haveria de ficar, Rosie?

– Pensava que era uma virgem convencional...

– Bem, e és. E essa é a tua arma secreta.

– Ser uma seca?

– Seres inocente e doce e a pessoa que és – responde Marley, e Rosie não pode deixar de rir uma vez mais perante a excitação na voz da amiga.

– Parece que estás a escrever um belo guião de cinema. Mas o *timing* não é bom, Marley. A sério. Tenho coisas mais importantes em que pensar. Preciso de me concentrar em Oxbridge.

– Precisas é de te concentrar no tamanho dos seus bíceps.

Elas continuam a espicaçar-se na brincadeira durante mais um minuto e depois a porta de Rosie abre-se, sem que tivessem batido previamente. É a sua mãe. Tem o cabelo enrolado numa toalha e o rosto macilento agora que está sem rímel e o *eyeliner* foi removido.

– Desliga o telefone, Rosie – diz ela, acenando com a cabeça para o espaço onde o seu relógio costumava estar.

Rosie tinha pedido ao pai para o tirar quando deixara de dormir; quando o barulho dos ponteiros, outrora tão calmante, começou a retesá-la como o dente de uma roda. – Vá, despede-te da Marley.

Fecha a porta e Rosie vira novamente o queixo para o auscultador.

– Ouviste?

– Sim. Mas, antes de ires, Rosie, deixa-me perguntar-te uma coisa.

– Está bem.

– Gostas dele?

Segue-se um silêncio sem relógio e iluminado pelo candeeiro.

– Porque, se gostares – prossegue Marley –, nada mais importa. Nem a mota, nem os cigarros, nem Oxbridge, nem as outras raparigas, nem o que a tua mãe pensa ou deixa de pensar, nem a data do teu exame de Línguas Clássicas.

A voz da amiga mudou. Agora, é a Marley séria que está a falar; a Marley que gosta de debater ética e que chega cedo para os ensaios da orquestra. Que responde com a máxima concentração quando o pai a interroga sobre doenças à mesa da cozinha, porque vai ser médica, como ele.

– Não posso – diz Rosie.

– Mas gostas? – pergunta Marley.

Rosie não o diz, não consegue falar. E sabe que isso, por si só, já é uma resposta, assim como uma reação espetacularmente inconveniente.

Toma uma decisão durante a noite.

Não pode fazer aquilo, agora. Sente-se lisonjeada. Sente-se cheia de ar quente, mas confusa em relação ao motivo que o leva a querer que seja ela, precisamente ela, a pessoa que vai ter com ele ao farol e a pessoa com quem ele partilha batatas fritas junto ao porto. E ela quer ser essa pessoa. Quer ouvi-lo falar sobre viagens e corridas, sobre todos os planos que não faz. E quer que ele a ouça, como mais ninguém o faz; como quem está a absorver realmente todas as suas respostas.

Mas tudo isso pode esperar.

Há outras coisas a exigir a sua concentração. Coisas mais importantes para as quais trabalha há demasiado tempo. Não pode cometer um deslize, agora. Nem mesmo por Will White, com as suas mãos frias e confiantes e os seus olhos sombrios.

Tão cinzentos e tão sérios.

Tem dificuldade em sair do quarto na manhã seguinte, verificando tudo sequencialmente, e voltando a verificar. A roupa, os cortinados, colocar a cadeira no ângulo perfeito, assegurar-se de que tudo parece estar bem. Em seguida, vai a pé para a escola com Josh, não diz uma palavra sobre isso e passa o dia na escola com a concentração de uma estudante que aspira a ingressar em Oxbridge. Depois, a campainha toca e ela espera ao pé do cacifo, e ele vem ter com ela, tal como ela tinha esperança de que ele fizesse.

Há demasiadas pessoas por perto. Sapatos a chiar no chão, *blazers* a passar por eles num atropelo de azul. Livros que caem, portas que batem.

– Podemos ir para outro lugar? – pergunta Rosie.

Ele ergue as sobrancelhas. Como se não estivesse à espera daquilo, da parte dela. Como se pensasse que ela estava a querer dizer outra coisa.

– Um lugar qualquer, aqui na escola – diz ela, para esclarecer.

– A biblioteca? – sugere Will.

– Ou o pavilhão de Música – contrapõe ela, porque não consegue encarar a possibilidade de estar em silêncio com ele, no meio de livros e tapetes que abafam o som dos passos, num lugar onde tudo é reservado e tem a suavidade do papel. Ela precisa de chão em pedra. Das arestas dos pianos, do metal escovado das estantes de partituras.

Quando lá chegam, Will abre a porta do pavilhão. É pesada, com painéis de madeira, e ele tem de esticar o braço todo para a deixar passar. Lá dentro, está escuro, pois ninguém se deu ao trabalho de acender as luzes da entrada. As vozes desencontradas do ensaio do coro chegam-lhes de uma sala de aulas ali perto. Lá em cima, ouvem-se pancadas surdas, alunos que se arrastam para as aulas com os seus oboés e violas.

– Odeio este edifício – diz Will.

– Eu adoro-o – diz Rosie.

– Não te provoca arrepios?

– Faz parte do seu charme – responde Rosie, levando-o pelo corredor, para lá da sala de professores, até chegarem à sua sala de ensaio preferida, nas traseiras, que normalmente se encontra vazia. A janela está tapada por uma sebe demasiado crescida, por isso não há luz do sol, nem mesmo ao meio-dia. Ela adora as sombras sarapintadas sobre os tapetes antigos e o leve cheiro a humidade que nunca desaparece.

– Acho que precisamos de reformular a tua definição de charme – comenta Will, enquanto ela o faz entrar.

O piano está ao canto. Pilhas de partituras forram as estantes de madeira: Debussy, Gershwin e Strauss. O relógio dela também lá está, sobre o banco do piano, depois de ela se ter esquecido dele, uma vez mais. Senta-se e põe-no no pulso. Will está a olhar em volta, para a música, para as notas escritas no quadro. Para todo o lado, menos para ela, segundo parece.

- Então, é este o teu poiso habitual.
- Mais ou menos.
- Está um gelo.
- Normalmente, fico com o casaco vestido. No inverno.
- Tem sempre este cheiro?
- Receio que sim.
- Nesse caso, porque vens para aqui?
- Gosto do silêncio – explica ela, e ele acena, como se percebesse, e está a tornar aquilo mais difícil pelo simples facto de ser ele, e de compreender.

Rosie nunca conheceu ninguém como ele. Nunca sentiu que conhecia uma pessoa há muito tempo, sem que isso fosse verdade.

- Queria conversar contigo sobre uma coisa – diz ela, pois foi para isso que o levou ali.

- Sou todo ouvidos.

Will continua a olhar para o quadro. Vai até lá e toca na clave de sol, passa os dedos pela espiral da sua cauda.

- Não sei se isto é boa ideia.

Ele não diz nada. Não pergunta o que ela quer dizer, não riposta com uma das suas perguntas habituais. Ela consegue ver estudantes a passar pelo pavilhão de Música, lampejos de azul através da sebe lá fora. A neve desapareceu. O seu exame de História foi reagendado. Sente o coração a bater com força no peito.

- Tu e eu – diz, caso ele não tenha percebido.

Will continua sem responder. Apaga a clave de sol com dois dedos e deixa uma nuvem de pó no seu lugar.

- Porquê? – pergunta ele descontraidamente, como se não estivesse verdadeiramente interessado na resposta.

- Por muitas razões.

- Dá-me uma.

- Está bem. Tu és tu. E eu sou eu.

- Preciso de uma razão plausível, Rosie.

- Não sou o teu tipo de rapariga. Não quero andar pendurada em ti no baile de inverno, ou sentar-me na parte de trás da tua mota, ou chumbar nos exames simulados por estar a pensar em ti.

- Nesse caso, não o faças.

- Não faço o quê?
- Não penses em mim.
- É isso que estou a tentar dizer.
- Então é porque estás, certo?
- Estou o quê?
- A pensar em mim.

– Bem, sim – replica Rosie, e está a ficar atrapalhada, por uma fração de segundo arrepiante pensa que talvez tenha interpretado tudo mal. – Tu não?

Ele não diz nada. Vira-se para a encarar e encosta-se ao quadro.

– Vais ficar com giz na camisa – diz Rosie.

Ele cruza os braços, como que a instalar-se para alguma coisa longa e suscetível de discussão.

– Preciso de outra razão – diz-lhe ele.

– Está bem. Preciso de me concentrar nos meus exames, percebes? Já fui tão longe. Preciso de obter classificações suficientemente elevadas para me oferecerem uma vaga condicional, e depois, mesmo que a consiga, vou-me embora em setembro, de qualquer forma.

– E então?

– Bem... – diz ela, e olha em volta da sala, como se a resposta estivesse escrita nas paredes, suspensa das teias de aranha no teto. – Será que faz sentido começar alguma coisa?

– Diz-me tu.

– Estou a dizer-te, Will – replica Rosie, e há agora um calor na sua voz, o riscar de um fósforo a acender-se. Fala de forma clara e decidida. – De qualquer maneira, haverias de te fartar. Eu importo-me com a escola, com as notas e com tudo aquilo que deixaste muito claro não significar nada para ti. E não vais querer esperar por mim.

– Isso é opção? – pergunta ele, ainda de braços cruzados.

– O quê?

– Esperar por ti. É opção?

– O que queres dizer com isso?

– Se fizeres os teus exames e conseguires a tal vaga condicional, ou o que quer que precisas, isso altera as coisas?

– Vou-me na mesma embora. Em setembro.
– Mas tínhamos o verão.
– Sim – replica Rosie após uma curta pausa.
– E até lá, quais são as regras? Não nos podemos ver? Tenho de me esconder de ti nos corredores, deixar de ajudar Josh com os exercícios de matemática?

– Não estou a estabelecer regras estúpidas.
– Ora, Roe – diz Will, com um meio-riso preso na garganta, e é a primeira vez que lhe chama aquilo, a primeira vez que abrevia o nome dela para algo que nunca ninguém lhe chamou, nem chamará.

– Faz os teus exames – diz Will. – Consegue as notas de que precisas. E eu espero.

Está a olhá-la nos olhos. A sua boca forma uma linha bem definida, o nó da gravata está afrouxado e o botão do colarinho desabotoado. Rosie ouve o trabalhar do seu próprio relógio. Um minúsculo metrónomo, a marcar o tempo.

– Tu esperas – repete ela.
– Sim.

Ela olha para ele, para o ouro queimado do seu cabelo, para a penugem que lhe cobre o queixo. Ele está a mexer-se, em silêncio, e ela volta a sentir aquele calor dentro de si.

– Porquê? – pergunta-lhe.

Ele olha diretamente para ela.

– Disseste que pensas em mim – diz ele.

Ela acena com a cabeça, quando se apercebe de que é uma pergunta.

– Acontece que eu também penso em ti. Quando ando de mota. E quando estou na garagem. E quando estou a cozinhar, a correr, a tentar adormecer.

Os olhos dele são como fumaça; embaciam a sala.

– E isso é novo para mim – diz ele.

A garganta de Rosie está tão seca que não conseguiria falar, mesmo que quisesse. Está a pensar que aquilo também é novo para ela. Que o que fez na noite anterior, debaixo das mantas e com ele

no pensamento, era novo e parecia perigoso e bom, e só um bocadinho errado.

– Portanto, eu espero – repete Will.

O coro começa a cantar do outro lado do edifício, um cântico sobre a neve no inverno. Ficam os dois a ouvir até a música terminar. Um verso sobre a aurora e o amanhecer. Ele escuta as palavras e observa o rosto dela, e ela, por sua vez, também o observa a ele.

* Termo usado para designar as universidades de Oxford e Cambridge, fundindo os dois nomes. (*N. da R.*)

Ela não disse que não podiam ser amigos. Apenas que não se queria sentar na mota dele, nem ir ao baile de inverno. Que ele não podia interromper-lhe os exames.

Por isso, trocam mensagens de vez em quando. Ele espera que ela tome a iniciativa. Ela envia-lhe canções, ou o nome de um lugar que viu *online*, uma ilha, uma cordilheira ou uma cidade que julga que ele iria gostar, e Will anota os nomes e guarda-os na sua gaveta.

Ele envia-lhe mensagens logo de manhã ou ao final da noite.

Pergunta-lhe como está, como dormiu.

Ele dorme com Darcy uma vez, uma semana depois da conversa que tiveram na sala de Música, e leva o tempo todo a pensar em Rosie, e o episódio é desconfortável e atribulado e ele demora demasiado tempo a ter uma ereção. «O que se passa contigo?», grita Darcy, com as unhas cravadas nas costas dele, e Will faz a mesma pergunta a si próprio enquanto veste as calças de ganga.

*

Quando Rosie diz a Marley que ela e Will não estão juntos, ela parece entender aquilo como uma afronta pessoal.

Mal lhe dirige a palavra durante dias.

Rosie fica magoada com esse comportamento, mas não diz nada, e no final da semana já se falam outra vez. Fazem planos para se encontrar no sábado e ver *The Beach* ou *Jack and Sarah*.

Rosie diz que leva as pipocas, desta vez; uma oferta de paz, embora não saiba exatamente a que se deve a guerra.

E estuda com afinco. Revê tudo o que pode aparecer nos exames simulados, ficando acordada até tarde, acompanhada por um chá herbal, páginas de anotações e a ligeira sensação de ter iniciado uma maratona, com toda a agitação que isso implica, um tremor de stresse e satisfação.

Will envia-lhe mensagens, às vezes. Ela olha para o telefone antes de se deitar, depois de fechar os livros e escovar os dentes, e de ter tirado os tampões para os ouvidos da gaveta da mesa de cabeceira. Tenta ser inteligente nas suas respostas; mais interessante do que julga ser. E, quando apaga a luz, sente-se bem.

A controlar a situação e no caminho certo, com alguém que reparou nela e se importou.

Adormece sem tensão nos maxilares. Acorda a sentir-se mais leve e preparada, como se todos os minúsculos grãos da sua vida estivessem bem empilhados.

– Tenho par para o baile de inverno – anuncia Marley durante um intervalo.

Rosie está a comer um pãozinho e pára com um bocado a meio caminho da boca.

– Eu sei que dissemos que não íamos com ninguém – diz Marley. – Que íamos juntas, como sempre. Mas isso foi só porque nunca ninguém nos convidou, certo? E agora convidaram-me, por isso...

Parece estar na defensiva, embora Rosie não tenha dito nada que a levasse a reagir assim. Baixa o pão e tenta manter uma expressão neutra.

– Quem te convidou?

– O Tom Dellow, da minha turma de Artes.

– É simpático.

– Eu sei. Temos falado, de vez em quando.

– Ah, está bem.

– Pois.

– E então? Hum... Gostas dele?

– Logo se verá, depois do baile – responde Marley, e há uma nota de fim na sua voz, a encerrar a conversa.

Isto afigura-se injusto a Rosie, tendo em conta que estava apenas a repetir a mesma pergunta que ela lhe tinha feito. Mas come o seu pãozinho e bebe um gole da sua garrafa de água.

– Acho ótimo – diz Rosie, quando Marley chega ao fim do iogurte e rapa a embalagem com a colher. – Continuamos a poder arranjar-nos juntas, certo?

Marley amolece ao ouvir isto e volta a estabelecer contacto visual.

– Claro! Vou pôr as nossas músicas favoritas enquanto misturamos as sombras para os olhos e frisamos o cabelo.

Era assim que se preparavam para as festas da escola quando eram mais novas; quando os bailes de inverno significavam unicamente a «Macarena» e tigelas de batatas fritas de pacote, e rapazes a deslizar de joelhos pelo chão. Rosie diz que lhe parece perfeito. Se a amiga quer ir com Tom Dellow, por ela tudo bem, embora sinta alguma coisa a puxar dentro de si, um fio invisível, como se Marley estivesse de alguma forma a marcar uma posição.

– Eu vou com o Josh – diz ela, para desvalorizar o sucedido, e Marley ri-se e diz que lhe parece bem.

*

Na semana antes da pausa letiva para o Natal, a mãe de Rosie chama-a ao quarto dela. Isto acontece logo de manhãzinha, à hora a que normalmente já está vestida e a fazer café, a falar ao telefone ou a trabalhar no computador portátil.

Rosie abre a porta e o quarto cheira a sono, ao almiscarado da respiração dos pais. O pai é um monte que ressona debaixo do edredão, ao passo que a mãe está deitada ao lado dele, pequena e direita, de olhos abertos.

– Rosie – volta a dizer a mãe. Está a sussurrar, o que significa que não está em si.

- Sente-se bem? – pergunta Rosie, avançando sobre a alcatifa.
- A minha cabeça.
- Precisa de água?
- E de Imitrex.

Rosie volta com um copo e com os comprimidos, tira-lhos da embalagem. Fica a vê-la tomá-los e pensa como é que ela consegue continuar tão bonita quando está doente e acabou de acordar. O cabelo cai-lhe em cascata sobre a almofada e as maçãs do rosto recortam-se na sombra.

– Não vá trabalhar hoje – diz Rosie.

– Não me parece que consiga – diz a mãe. Fecha os olhos e tenta pôr o copo em cima da mesa de cabeceira, mas Rosie tem de equilibrá-lo.

– Posso trazer-lhe mais alguma coisa?

– Podes ficar a conversar comigo durante um bocadinho?

Rosie puxa as pernas para cima, para ficar sentada de lado, na cama dos pais. Começa por pousar a mão sobre os nós dos dedos da mãe, mas ela afasta-se.

– Estás demasiado quente – justifica-se, e Rosie acena com a cabeça.

É errado admiti-lo, por isso ela nunca o fez, mas gosta mais da mãe quando ela está com enxaqueca. É a única altura em que parece precisar da companhia de Rosie; a única altura em que abranda e quer saber coisas, coisas a sério, e não sobre a escola ou os exames ou a perda de peso.

«Não se trata de *perder peso*, Rosie», dissera-lhe a mãe, quando lhe estabelecera o novo regime. «É um ajuste do *estilo de vida*. Quero apenas que sejas saudável, feliz e a melhor versão de ti própria.»

«Quer que me convidem para o baile de inverno», comentara Rosie com Josh a meia-voz, e ele rira-se como se tivesse graça, embora ela não estivesse minimamente a brincar.

A mãe fica na cama o dia inteiro; ainda lá continua depois das aulas. Rosie e Josh improvisam o jantar juntos e o pai leva o prato

para o escritório, optando por ouvir o jogo de críquete no rádio, com os pés em cima da secretária.

– Olha, tenho andado a pensar – diz Rosie, enrolando o esparguete no garfo.

Está a chover lá fora, e as gotas batem como sementes ao cair sobre o telhado da marquise.

– Parece-me inquietante – graceja Josh, por entre uma garfada de comida demasiado grande.

– Não sei se hei de comprar um vestido para ir ao baile.

Josh olha-a por cima do copo de água, ainda a mastigar.

– Então?

– O do ano passado não me assenta assim muito bem, com a perda de peso e isso tudo.

– Como é que isso está a correr?

– Otimamente. São só uns quilinhos.

– Nesse caso, provavelmente podíamos apertá-lo com alfinetes.

Se não queres ir às compras.

– Mas eu quero.

– Queres ir comprar roupa?

– Bem, uma peça de roupa. Uma.

– Está bem. – Josh pousa o garfo. – Porquê?

– O quê?

– *Nunca* compraste nada sem a mãe ter de te arrastar até às lojas. Ou eu.

– Eu sei. Nem todos podemos gostar de andar sempre a desinfetar as mãos, como tu.

– Golpe baixo – diz ele.

– Apenas pensei que seria agradável – diz ela, levantando-se e tirando-lhe o prato, ainda antes de ele ter terminado. Rapa a massa de novo para dentro do tacho e arruma a loiça suja na máquina de lavar.

– E é – diz Josh, e ela sente-o a observá-la.

– Eu vou sozinha, se é assim tão complicado.

– Mana, não é nada complicado.

– Nesse caso, porque é que estás a dar a ideia de que é?

– Caramba, Rosie, só te fiz uma pergunta! Pensei que podia haver alguém para quem te quisesse pôr bonita, só isso. Não é uma ideia assim tão descabida, agora que temos dezassete anos, ou é?

– Não venhas tu *também* com essa conversa.

– Hum?

– A Marley está sempre a dizer que pareço mesmo uma virgem e que nunca ninguém me convida para o baile. Isto quando ela também nunca andou a sério com ninguém. E tu também não tiveste propriamente uma longa lista de namoradas, Josh.

Segue-se um silêncio que os espanta a ambos. A garganta de Rosie contrai-se, e ela sente algo a infiltrar-se nela, um calor líquido e formigante.

– Desculpa – diz ela, e volta a sentar-se à frente dele.

De repente, sente-se fisicamente exausta, como se pudesse adormecer ali, à mesa.

– Porque é que estás com as garras de fora? – pergunta Josh.

Estica o braço e levanta-lhe a mão, fingindo examinar-lhe as unhas.

– É apenas stresse – suspira ela. – Exames.

Ela pede desculpa uma segunda vez, e ele diz que não faz mal e volta a pousar-lhe a mão sobre a mesa.

– Como é que estás com os teus rituais de verificação?

– Já estive pior.

Ficam a ouvir a chuva. Rosie deixa o calor desaparecer e espera que os seus sentimentos se tornem menos exacerbados. Pensa em contar a Josh o seu segredo; que tem alguém, que podia ter tido alguém. O melhor, talvez. E que, por razões que lhe faziam sentido na altura, disse que não, e ele disse que esperava, e agora ela quer estar bonita para ele, mesmo que ele não seja dela, e isso é irritante e perturbador, e talvez ela devesse ficar em casa, afinal. Sem par para o baile, como sempre.

– Vou ajudar-te a encontrar um vestido – diz Josh, porque é claro que o fará: é gentil e indulgente, e aquele que se importa com essas coisas.

– Talvez azul-bebé – diz ele, tocando-lhe no pé com o dele.

– Talvez – diz ela, e sente vontade de chorar, embora não saiba porquê.

Ele é o único que sabe, e pergunta, sobre aquilo que cunharam como *verificação*.

É algo que ela começou a fazer tão cedo que não se consegue lembrar de um tempo em que não o fazia. Pensa que foi na noite antes do primeiro exame de piano. Tinha sete anos. De repente, sentiu a necessidade de verificar que tinha guardado a partitura na mochila. E fê-lo vezes sem conta, como se, por mais que verificasse, não fosse capaz de confiar que a tinha lá.

Isto alastrou a outras situações. Ajustar os cortinados. Tocar no puxador da sua porta e na sua cadeira de secretária. Hábitos irracionais, necessários e cansativos que eram compulsivos e secretos, realizados apenas à noite ou quando estava sozinha, antes de se deitar.

Josh conseguia ouvi-la através da parede. Viu-a, uma ou duas vezes, e aceitou a situação, sem tentar alterá-la ou fazer troça dela, ou perguntar-lhe o que estava a fazer. Mas pergunta-lhe, de vez em quando, se ela está bem. Algo que ela se esquece de perguntar a si própria.

*

A oficina da escola, depois das aulas terminarem, é um dos lugares favoritos de Will. Tal como a garagem do avô, é um lugar tranquilo e funcional, um lugar onde pode usar as mãos e o cérebro, sem que ninguém o chateie.

Normalmente.

– Olá, Will – diz Josh, entrando com a mochila a bater nos joelhos, a gravata afrouxada e o blazer torcido.

Will endireita-se no sítio onde se encontra, junto ao torno mecânico. Tem autorização para trabalhar ali, sozinho, porque tem uma boa relação com o técnico. Oficialmente, não é permitido porque, como Will bem sabe, a maior parte dos estudantes são

estúpidos ou têm a mão pesada, ou derretem coisas na máquina de embalagem a vácuo e fazem disparar os alarmes de incêndio, chegam mesmo a serrar as pontas dos polegares.

Will nunca fez nenhuma dessas coisas. Mas também nunca teve um colega insistente a distraí-lo enquanto trabalha.

– Continuas a não te importar que venha ter contigo aqui? – pergunta Josh, notando claramente alguma coisa no rosto de Will. – Disseste que podia vir fazer revisões aqui, às quartas-feiras...

– Disse, não disse? – replica Will, e Josh faz um ar tão desolado que ele volta atrás e dá uma gargalhada, para lhe mostrar que está a brincar. Mais ou menos. – Só não podes distrair-me em demasia. Tenho de acabar estes castiçais e já estraguei dois pares.

– Está bem – diz Josh com ar sério enquanto tira os livros da mochila. Agarra nas fichas de trabalho e espalha-as sobre a bancada. – Nada de distrações. Entendido.

Will abana a cabeça e agarra nas bases que aplainou na semana anterior. Continua a precisar de lixá-las, mas a forma é satisfatória e a furação está no sítio certo. Volta-se novamente para o torno e monta um dos corpos no carro transversal. Um passo de cada vez, como quando se repara um motor. Uma coisa a seguir à outra.

– Em que é que estás a ter dificuldades? – pergunta Will a Josh, enquanto põe o cabeçote no sítio.

– Em tudo – diz Josh, e Will suspira.

Leva o cinzel à madeira, uma única vez, e o som é áspero, incisivo e breve. Estragou os conjuntos anteriores ao deixar resvalar a mão ou com a falta de concentração; sentindo-se demasiado confortável antes de tempo e desbastando mais do que pretende.

Passa uma hora a trabalhar assim, cuidadosamente e por fases, orientando Josh por cima do ombro. Às vezes, quando se vira para responder a uma pergunta ou para pegar numa goiva diferente, vê Josh a observá-lo. Como se estivesse mais interessado no torno, ou nas mãos dele, do que na matemática que veio tentar aprender.

– Então e vais ao baile, amanhã? – pergunta Josh, depois de ter concluído alguns exercícios, esticando os braços sobre a cabeça.

Will solta o ar dos pulmões, numa negação sem se comprometer, enquanto troca para a fresa. Não está a planear ir. A Darcy não o

convidou desta vez, e aquilo é sempre uma grande confusão e muito enfadonho, e ele prefere passar a noite com a sua mota ou a lixar aqueles castiçais.

– A Rosie vai arranjar-se a casa da Marley – continua Josh –, por isso vou primeiro a casa do Jack, para bebermos um copo antes de ir. Creio que devemos chegar todos por volta das oito.

Ele fala com uma certa displicência, como que a testá-lo, e Will interroga-se fugazmente sobre se ele saberá de alguma coisa; se pressentirá, ou se Rosie lhe terá falado sobre a não-relação deles. Sobre aquele quase nada em suspenso.

Mas depois ele muda de assunto e faz mais perguntas sobre os números que tem na ficha. E Will finge que aquilo não muda nada, porque ele tem de esperar, e porque ela lhe disse especificamente que não queria ir ao baile com ele.

Mas ele não vai *com* ela se aparecer simplesmente por lá.

Troca os castiçais, trabalhando agora de forma mais veloz, confiante de que consegue reproduzir o trabalhado do primeiro. Não serve de nada ter um que não condiz com o outro; precisam de ser exatamente iguais. Quando estiverem prontos, vai lacá-los. Da próxima vez. Quando Josh não estiver ali, a fazer-lhe perguntas sobre matrizes ou a observar cada movimento seu.

Quando a noite chega, Will veste uma camisa e calças de ganga. Encontra um pouco de *aftershave* no fundo do armário para disfarçar o cheiro a óleo de motor, e pergunta a si mesmo por que razão se considera sensual o cheiro a fruta desidratada e a cedro. Não sabe para que se está a dar àquele trabalho. Na cozinha, a sua avó também não sabe.

– Pensava que detestavas os bailes da escola – diz ela, mexendo o guisado que está ao lume.

Will inclina-se e põe uma colher do cozinhado na boca, com cuidado para não a deixar pingar na roupa.

– E detesto.

A comida está quente, por isso abre os lábios e deixa o vapor sair como se fosse fumo.

- Vais com a Ashleigh?
- Há dois anos, talvez.
- Então, quem é a rapariga com *piercings* nas orelhas?
- A Darcy. Mas não. Esta noite, vou sozinho.
- Ah, sim?
- É a última vez, não é? – replica, encolhendo os ombros, enquanto tira mais guisado da caçarola. – Antes de todos desandarem para a universidade.
- Todos, menos tu.
- Sim. Acaba à meia-noite, avó, está bem? Por isso, não fique à minha espera.
- Não vais conduzir.
- Como é que hei de chegar lá, então?
- Presumo que haja bebidas alcoólicas...
- Sim, mas eu não vou beber nada.
- Não, que não vais!
- Avó!
- Eu vou buscar-te. Estarei à porta da escola, à meia-noite em ponto. Se te atrasares, Will, vens a pé.
- Avó, eu vou estar em condições de conduzir. A avó é que disse que não posso andar de mota à noite, por isso levo o seu carro e não vou...
- Diverte-te à grande, Willyum. Evita contrair uma DST, se puderes.
- O que é uma DST? – pergunta Amber, que acaba de entrar na cozinha. Ainda está com o uniforme da escola e tem calçados os seus chinelos de panda.
- *Dragonpox** Sexualmente Transmissível – responde Will.
- *Blhec!*
- Eu sei – concorda Will. – Não toques em nenhum rapaz, Ambs, até teres trinta anos, pelo menos, caso contrário podes apanhar a doença.
- Põe-te a andar – diz a avó.
- Então, tenho de ir a pé?
- Não vais morrer por causa disso, pois não?

– Tens um cheiro esquisito – informa-o Amber quando ele passa por ela em direção à porta, e ele agradece a ambas pelo seu constante apoio moral.

O baile está movimentado e barulhento, uma confusão de correntes de papel, bolas de discoteca e refrigerantes abandonados nos copos. O nome de Will é riscado numa lista e, como tem dezoito anos – um ano mais velho do que os seus pares, por causa do ano que repetiu – dão-lhe uma ficha para beber cerveja. Ele guarda-a no bolso e vai buscar uma *Coca-Cola*. Vai ter com a primeira pessoa conhecida que vê.

Durante uma hora, anda de grupo em grupo, a conversar ou não, a beber ou não. Dá a sua ficha a uma rapariga de vestido vermelho que insiste em aproximar-se demasiado, de tal forma que a sua voz lhe faz cócegas no pescoço. Como se isso fosse sedutor. Como se ele não lhe pudesse resistir. Como se o desespero dela, a sua ânsia de ser olhada, fosse em si mesmo excitante.

– Vai buscar uma cerveja – diz-lhe, entregando-lhe o seu passe.

E ela olha para ele, já tocada pelo álcool que bebeu antes do baile – cheira a licor de pêssigo – e pestaneja devagar, como se ele lhe tivesse feito um elogio.

– Não saias daqui, William White – diz ela em voz arrastada, antes de se esgueirar.

Ele vai imediatamente em sentido contrário, em direção à pista; encosta-se ao palco da escola, no recanto mais escuro que consegue encontrar.

Ela não está ali.

O salão cheira a cera de chão, a suor recente e a bebidas alcoólicas derramadas, doces e peganhentas. Aquele espaço é usado para as festas e aulas de teatro, concertos de Natal e palestras de visitantes, horas passadas num ambiente sufocante, a ouvir orações, fábulas e regras. Não vai ter saudades, nem por um minuto.

– *Wiiiiiiiiiiiiiiii* White!

Uma cotovelada súbita arranca-o aos seus pensamentos; sente um braço à volta do pescoço e um corpo caído sobre o seu. É Josh, e está embriagado.

– Endireita-te, amigo – diz Will.

– Desculpa, desculpa – diz Josh, e tira o braço de cima dos ombros dele. – Só não estava à espera de te ver.

– Estava escondido, para dizer a verdade – diz Will, sorrindo, mesmo sem querer.

Neste estado, Josh parece-se ainda mais com um desenho animado; as suas pernas estão flácidas, o cabelo desalinhado, como se tivesse estado debaixo de um aspersor.

– Acabaste de sair do duche ou coisa do género? – pergunta-lhe Will.

– Do duche?

– O teu cabelo está todo molhado.

– Estive apenas a dançar, amigo! – grita Josh, e agarra nas mãos de Will para tentar puxá-lo para a pista de dança, mas ele oferece resistência.

– Acho que precisas de apanhar ar – diz-lhe Will.

– E eu acho que *tu* precisas de dançar – diz Josh.

– E que tal irmos buscar uma garrafa de água – sugere Will, e Josh atira a cabeça para trás, levanta os punhos fechados no ar e faz um movimento bizarro que Will tem a certeza de que ele não vai querer recordar quando estiver sóbrio.

– Diverte-te, então – diz ele, a rir.

Recua, a pensar em ir buscar água para ele, quando encontra uma rapariga de vestido azul na escada junto ao palco. Fica onde está para a deixar passar, e ela hesita, como se tivesse percebido quem ele é.

Will está habituado àquilo.

Às raparigas a agirem com nervosismo ao pé dele, como se quisessem dizer alguma coisa.

Não estabelece contacto visual, propositadamente. Por momentos, receia que a rapariga a cheirar a licor de pêssego regressasse com as bebidas e prepara-se para seguir em sentido oposto, quando a rapariga de azul pronuncia o seu nome.

Ele olha para trás e depois fica boquiaberto.

Porque é Rosie.

Só que não parece Rosie. Tem o cabelo apanhado, um efeito sombreado nos olhos e enverga um vestido de noite em seda que lhe desliza sobre a pele e vai até ao chão.

– Roe. Pensava que não estavas cá.

– E eu pensava o mesmo de ti.

– Tu estás... Quer dizer...

Ela baixa os olhos e ele vê o sangue afluir-lhe às faces, mesmo na semiobscuridade. Ele bebe-a com os olhos; os ombros desnudados, os pulsos cheios de pulseiras.

– Queres uma bebida?

– Acabei de tomar uma. Na verdade, andava à procura do Josh.

Ela ergue um copo de água e ele sorri, abanando a cabeça.

– Acabei de vê-lo. Boa sorte para conseguires fazê-lo parar de dar aqueles passos de dança!

– Oh, meu Deus! – exclama ela, e Will diz que bem pode invocá-lo, e ela desata a rir, e é novamente como fogo de artifício, o acender do rastilho e as pequenas explosões nas suas entranhas.

– Queres ir apanhar ar? – pergunta ele.

A noite está amena para dezembro. Quase sem vento, com nuvens leves a esconder as estrelas.

Há uns quantos casais lá fora, no jardim, por isso Will e Rosie esgueiram-se para trás dos barracões das bicicletas e dão por si nos degraus de cimento que levam ao salão de festas. Ali é mais calmo. As luzes de discoteca veem-se através das janelas e fazem padrões na estrada alcatroada.

Will encosta-se ao corrimão e estende a mão para ajudar Rosie a subir os degraus, de saltos altos.

– Esse vestido... – diz ele.

Rosie não diz nada; baixa a cabeça e alisa a franja, como que a tentar esconder o rosto.

– Estás a ter uma boa noite?

– Sim – responde ela, e encosta-se ao corrimão, ao lado dele. – Na verdade, não. Eu odeio estas coisas.

– Então, por que razão vieste?

– Podia perguntar-te a mesma coisa.

– Vim porque pensei que ias estar aqui – afirma Will.

Rosie inclina a cabeça para o lado e as suas pálpebras brilham com a sombra prateada.

– Bem, eu vim porque venho sempre – diz ela.

– Embora detestes isto – diz Will, e ela acena afirmativamente.

– É uma loucura, não é? Para começar, não gosto de álcool. A propósito, esse é outro facto curioso acerca da minha pessoa – diz, olhando de relance para ele ao dizê-lo. – Detesto estar embriagada.

– Parece-me sensato.

– Eu sou sensata. O que é uma *seca*, eu sei.

Ouvem a música estridente através da parede. Os tejadilhos dos carros estacionados brilham ao luar e algumas raparigas riem-se ao longe, no pátio.

– Posso perguntar porque é que dizes essas coisas sobre ti?

Estão a dois centímetros um do outro. O mindinho de Rosie está próximo do dele.

– Porque são verdade?

– O problema é que não são. Se fosses mesmo uma *seca* ou te importasses com o facto de não gostares de álcool, farias alguma coisa em relação a isso, certo?

Aquilo soa-lhe a acusação, e Rosie fica calada.

– E de que mais não gostas no baile? – pergunta-lhe Will, depois de passar tempo suficiente.

– De dançar.

– Isso já é um bocadinho problemático – diz ele, e ela ri-se, e é o melhor dos sons e o coração de Will salta atrás das costelas e ele vira-se para a encarar e põe-lhe as mãos na cintura.

Ela deixa imediatamente de rir.

– Posso fazer isto? – pergunta ele, e ela acena uma vez com a cabeça, embora os seus olhos pareçam os de uma corça encandeada por faróis.

– Dançar pode ser bom.

Ele sempre dançou *slows* naqueles eventos ou, pelo menos, naqueles onde foi obrigado a marcar presença. Normalmente, são as raparigas que tomam a iniciativa, aninhando-se no seu peito enquanto vão rodando no mesmo sítio. Mas Rosie não. Limita-se a olhar para ele, como se não soubesse o que fazer. Como se estivesse com medo.

- Pensa menos – diz ele.
- Não consigo.
- Tenta.
- Will.
- Sim?
- Não devíamos estar a fazer isto.
- O quê? A dançar, num parque de estacionamento?
- Tu sabes o que quero dizer.

Ela acompanha-o nos movimentos, apesar do que diz. Will tem a testa próxima da dela e consegue sentir o cheiro do céu e do frio. O perfume outonal do seu cabelo; maçãs e erva-doce. Ela sente-se simultaneamente um pouco tensa e suave por baixo do cetim do seu vestido.

- Rosie. Descontraí.
- Isso é o mesmo que dizer: «Will, não sejas atraente».

Ele ri-se, diz-lhe que é muito engraçada. Continuam a dançar nos degraus e o coração de Will bate-lhe no peito como cascos.

- *Rosie!* Rosie Winters!

Aparecem duas pessoas ao virar da esquina e Rosie pára e vira-se. São Marley e Tom, um tipo que ele conhece da sua turma. Marley está a acenar e ele ouve Rosie suspirar, um sopro que mal se ouve, e depois ela sorri e retribui o aceno.

– Olá – cumprimenta ela, quando Marley e Tom se juntam a eles, junto ao corrimão.

– Olá, olá, olá – crocita Marley, antes de beber um gole da sua cerveja. – Que tal estamos nesta noite fantástica?

– Ótimos – replica Rosie ainda a sorrir. Os seus dentes brilham como pérolas no escuro.

– Pensava que vocês não estavam juntos – diz Marley, brandindo a garrafa de cerveja em direção a eles.

Will percebe que ela está ligeiramente embriagada, consegue vê-lo nos seus olhos.

– Depende do que queres dizer com isso – diz ele.

O olhar de Marley desliza em direção a ele e, nesse preciso momento, Tom apresenta-se e Rosie cumprimenta-o. Fazem conversa de circunstância durante algum tempo, sobre temas como a cerveja, quando é que os hambúrgueres estarão prontos, como todos teriam preferido piza...

– Nesse caso, vamos comprar piza – diz Will.

Viram-se os três para ele.

– Agora? – pergunta Marley.

– Se estão com fome, sim.

– Não podemos ir embora assim – diz Tom.

– É o nosso último baile – lembra-lhe Marley.

Will solta uma pequena gargalhada. Marley franze o sobrolho e Tom também olha para ele, com uma cautela que Will já viu em rapazes da idade dele.

– O que foi? – pergunta Marley.

– Não consigo perceber porque é que as pessoas são tão sentimentais em relação a este lugar – responde Will.

– Referes-te ao lugar onde passámos os últimos sete anos da nossa vida?

– Adoro esta canção – diz Rosie, de repente.

Afastou-se do corrimão e dele. Uma madeixa de cabelo soltou-se do seu apanhado.

– Eu também – diz Marley, embora continue a olhar para Will durante mais um segundo.

Em seguida, Marley passa a cerveja a Tom, segura as mãos de Rosie e dançam juntas sobre o asfalto. Não propriamente bem, mas sem esforço. Como se o tivessem feito nos seus quartos durante anos.

– Queres uma? – pergunta Tom, oferecendo uma garrafa de cerveja a Will.

Este agradece e aceita, mas não bebe. Observa Rosie a rir, enquanto Marley a faz rodopiar.

– Está um bocadinho de frio aqui – comenta Tom.

– Sim – concorda Will, pouco interessado em conversa fiada.

Tom bebe um gole de cerveja e Will dá por si a fazer o mesmo, sem pensar. O primeiro gole é morno, pouco satisfatório.

Quando a canção termina, Marley põe os braços à volta do pescoço de Rosie e olha para eles os dois. Rosie diz-lhe qualquer coisa, qualquer coisa que Will não consegue perceber, e Marley volta a rir-se com as suas gargalhadas estridentes. Falcões, em voo picado, triunfantes.

– Vocês estão juntos? – pergunta-lhe Tom, enquanto as raparigas voltam para o pé deles.

– E vocês? – pergunta Will.

Tom pára, com a garrafa de cerveja junto à boca.

– Eu e a Marley?

– Sim.

Tom continua sem beber. Fica a vê-las vir ter com eles.

– Na verdade, não sei – diz.

– Nesse caso... – replica Will, e depois as raparigas já estão ao pé deles, a cheirar a brisa noturna e a transpiração; o calor de rodopiar com os braços no ar, o cabelo agora húmido junto ao pescoço.

– Vamos voltar lá para dentro – diz Marley, puxando Rosie pela mão.

– Vou ficar um bocadinho cá fora – diz Rosie.

– Oh, vá lá! – insiste Marley. – Vem dançar.

– Acabámos de dançar.

– É o último baile!

– Eu sei, mas...

Ela olha para Will, e depois novamente para Tom. Marley faz beicinho e agarra Rosie pelos pulsos.

– Uma dança – acaba por dizer Rosie.

Por isso, Rosie dança, embora não lhe apeteça fazê-lo. Tem a cabeça noutro lugar, lá fora, nos degraus, com Will, que ficou a fumar um cigarro, mas os anos de lealdade a Marley e os seus sentimentos por aquela escola mantêm-na no salão vibrante e

apinhado de estudantes, com o roçar contínuo, o barulho, os berros, as bebidas entornadas e o chão peganhento.

É estranhamente difícil escapulir-se dali, embora ninguém lhe esteja a prestar atenção. Sente-se encurralada, como se aquilo que quer e aquilo que deve fazer fossem duas coisas totalmente distintas; como se o facto de estar ali, com Marley e as suas amigas, fosse o mais correto e houvesse uma barreira invisível que faz com que continue a sê-lo.

Quando chegam os hambúrgueres, o pessoal começa a dirigir-se em bando para o refeitório, em busca do pão barato e do *ketchup*, e do calor da carne tenra na boca. Esbarra em Josh ao pé dos guardanapos. O irmão gémeo está ensopado em suor e a sua expressão tem qualquer coisa de maníaco; bebeu demasiado, apesar de não ter idade suficiente para lhe ser dado acesso ao álcool. Supõe que se tenha tornado uma espécie de jogo e que as pessoas lhe fossem dando mais para beber, quanto mais embriagado ficava. Porque é divertido e inocente. E porque Josh também o é.

Leva-o para o pátio, agora deserto, uma vez que todos os pares regressaram à pista de dança e estão a esvaziar os pulmões ao som de Bon Jovi.

- Que noite! – exclama Josh, e Rosie fá-lo sentar-se num banco.
- Parece que te divertiste – comenta ela.
- Diverti-me *imenso*. Tu não?
- Claro que sim.
- Mentirosa – diz ele, e tenta despenteá-la; falha e acaba por lhe fazer uma festinha no ouvido. – Mas estás linda, mana. Com esse vestido.

Tinham passado uma hora agradável no centro comercial durante o fim de semana, com Josh a escolher as cores e a ver se condiziam com a sua tez. «Aquele!», dissera ele, mal vira o azul. «Para os teus olhos de Lorelai Gilmore.»

Os dele estão agora fechados, o que ela supõe ser uma coisa boa.

- Tinhas ficado de levar o carro para casa – recorda-lhe.
- Eu sei – geme ele. – Ups!

E depois ri-se e adormece de imediato.

Fica de boca aberta, com o cabelo puxado para o lado e Rosie interroga-se uma vez mais sobre como será viver longe dele. Quando ele estiver em Cambridge e ela em Oxford, ou Durham ou York. Onde quer que vá parar.

Precisamente um minuto após a meia-noite, a música termina e as luzes do salão voltam à intensidade normal. Os estudantes saem para o pátio, a rir e a guinchar; Josh acorda e vomita de imediato em cima dos sapatos.

Rosie resmunga. Há uma multa para quem vomitar.

Manda-o levantar-se e leva-o para o fundo do pátio, para lá dos campos de ténis, longe das multidões e dos professores.

– És um chato, Josh – reclama, enquanto o apoia e vacila nos seus saltos altos, sob o peso do irmão.

– E tu és a melhor pessoa que conheço – diz Josh em voz arrastada. – E seria dessa opinião, mesmo que não fosses minha irmã gémea, sabias?

– Isso é muito querido, mas continuas a ser um chato.

– Estou a falar a sério – diz ele, arrastando os pés. – Tu vês coisas, Rosie-Roo. Tu sabes coisas porque observas. Todas as coisas importantes.

Está a dizer coisas sem sentido, e ela mal o ouve. Dirige-se inconscientemente ao parque de estacionamento, porque Will poderá lá estar ainda. Josh segue como um peso morto ao seu lado, encostando a cabeça à dela.

– Tu sabes – volta ele a dizer.

– Eu sei – diz ela, embora não faça ideia do que ele está a falar.

– Sabes mesmo? – pergunta Josh, e parece falar a sério, agora. A Lua está cheia e deixa uma luz cremosa no céu, e Rosie ignora-o.

Passam pelos barracões das bicicletas e viram para o parque de estacionamento, onde duas raparigas estão a tirar fotografias de última hora uma à outra. Há um grupo de rapazes a fumar erva; ela consegue sentir o fedor adocicado e desagradável. Will desapareceu há muito, ao que parece.

– Vou vomitar outra vez – informa-a Josh.

– Fantástico – diz, e passam pelos fumadores quase a correr para ela o tirar do recinto escolar.

Quando estão a uma distância segura, ela encosta-o a um poste de iluminação e ele resvala até ao chão.

– Vou ligar à Marley – diz Rosie. – Para ver se a mãe dela nos pode levar a casa.

Josh acena com a cabeça e esconde o rosto entre as mãos.

– Tenho de te contar uma coisa – diz ele. – Uma coisa que decidi.

– Sim?

Ela está a premir os botões do telefone, para o nome de Marley aparecer no ecrã.

– Na verdade, não decidi. Estas coisas não se decidem.

Ela prime o botão verde para ligar e aguarda enquanto ouve o sinal de chamada.

– Tu não me estás a ouvir – diz Josh, e parece zangado e ainda muito embriagado.

– Estou a tentar arranjar uma forma de voltarmos para casa – diz ela. – Coisa que tu estavas encarregado de fazer, lembras-te?

– Tu não percebes! – diz Josh. Murmura mais qualquer coisa para as suas mãos e depois diz que quer ir para a cama.

– Estou a tentar levar-te para lá – diz Rosie, tentando o número de Marley uma segunda vez.

Mais uma vez, ninguém atende. E Josh volta a vomitar. Ela faz uma careta, deixa-o terminar e depois diz que parece que vão a pé para casa.

*

O carro da avó está estacionado a poucos passos da estrada, perto do ginásio da escola, no lugar onde ela costuma esperar nas poucas vezes em que o vai buscar. Porque está a chover ou está a voltar para casa do cemitério. Ele percebe quando é essa a razão,

pelas suas unhas, cheias de terra; e também pelo ligeiro descair dos seus lábios.

Ele entra e espera enquanto ela completa a sua lenta e trémula inversão de marcha e inicia a descida pela colina. Passam vagorosamente pela entrada da escola, onde os estudantes saem do átrio em grupos, a transpirar e a brilhar com maquilhagem esborratada e creme de corpo com purpurinas, e com uma dose excessiva de gel no cabelo.

– Divertiste-te? – pergunta-lhe a avó.

Agarra o volante na posição de dez para as duas, de olhar fixo em frente enquanto o carro passa sobre as muitas lombas de abrandamento.

– Sim – responde ele. Espreita pela janela, para a limusina branca estacionada ao lado do pavilhão de Música. – O costume. Música péssima e hambúrgueres péssimos.

– Nesse caso, o que foi diferente?

– O quê?

– Alguma coisa está diferente. Na tua voz.

Ele olha-a de relance e sente o impulso de um sorriso indesejado.

– Nada – diz.

– Alguma coisa foi – diz ela, mas desiste, e ele volta a espreitar pela janela enquanto ela faz sinal e vira para uma avenida sem movimento.

Prefere cortar caminho pelos bairros residenciais do que conduzir na rua principal. É um trajeto mais longo e mais noturno, mas ela não gosta de rotundas nem de semáforos; faz tudo para evitar usar a embraiagem mais do que o necessário.

– Eu podia conduzir – oferece ele. – Só bebi uns goles de cerveja.

– Pensava que tinhas dito que não ias beber nada!

– E não ia, mas depois a avó disse que me vinha buscar, por isso...

Ela expira pelas narinas. Will prepara-se para dizer que não é crime nenhum, mas é refreado pela escolha das palavras, e é aí que os vê aos tropeções no passeio; um rapaz alto e desengonçado que

mais parece um desenho animado e uma jovem cujo vestido de seda vem a rojar no passeio.

– Pare!

– Desculpa?

– Pode parar o carro, por favor? Aqueles dois são meus amigos – diz, acenando com a cabeça em direção ao par.

– Amigos – repete a avó.

– Deixe-me só ver se estão bem – diz, e baixa a janela enquanto a avó abrandando, com o motor a trepidar devido à baixa velocidade.

– Vocês estão bem? – pergunta, quando o carro pára ao pé deles.

Rosie tem um braço à volta da cintura do irmão e com a outra mão agarra o pulso do braço que ele lhe pôs por cima dos ombros. Tem de se esforçar para olhar para Will, virando-se para o lado sobre os saltos altos.

– Mais ou menos – diz ela.

– O que aconteceu?

– Alguém abusou – responde.

É nessa altura que Josh vê o carro e exclama:

– Will! Rosie – diz, puxando-lhe pela mão –, é o *Will*!

– Bem vejo! – replica Rosie.

– Olá, Will – diz Josh, levantando a voz e dizendo adeus.

– Olá, Josh – responde Will.

Segue-se um momento de indecisão cómica em que não há mais cumprimentos, quebrado pela avó, que pergunta num sussurro demasiado alto:

– Ele não joga com o baralho todo, é?

– Está apenas embriagado – diz-lhe Will. – É o Josh. Da turma de Matemática Avançada.

– Oh! – exclama ela, subitamente interessada. – Aquele que precisa da tua ajuda, com frequência?

– Sim.

– E que vai estudar para Cambridge?

– Sim.

– O rapaz que vai para Cambridge e que precisa da ajuda do meu neto – diz ela, mais para si própria do que para ele.

Will revira os olhos e põe a cabeça de fora da janela.

– Ele está bem? – pergunta a Rosie.

– Vai ficar. Só precisa de dormir.

– Entrem – diz ele. – Depois, pensando melhor, volta-se para a avó. – Se não fizer diferença...

A avó está a olhá-lo de uma forma estranha, mas acena afirmativamente, sem dizer nada.

– Nós levamo-vos a casa – diz ele a Rosie.

– É muita amabilidade da vossa parte, mas ele já vomitou duas vezes.

– Então, é pouco provável que volte a fazê-lo.

– Tu não sabes isso.

– Este carro já viu pior. Certo, avó?

– Infelizmente – diz ela, e inclina-se para a frente, para observar melhor os dois jovens que estão no passeio.

Will sente que a avó está a avaliar a situação e o risco envolvido, se é que existe.

– Há um saco de plástico no porta-bagagens – diz ela. – Se não se importarem.

– Claro – diz Rosie. – Obrigada.

Will ajuda Josh a sentar-se no banco de trás e Rosie abre o porta-bagagens e volta com um saco de compras velho, que enfia entre os joelhos do irmão.

– Algum vestígio de vômito nestes bancos e vais a pé, meu rapaz – diz a avó de Will, mirando-o através do retrovisor.

Josh acena com a cabeça; o seu rosto está branco como leite. A excitação inicial ao ver Will desvaneceu-se, substituída por um estranho mutismo.

Rosie instala-se ao lado do irmão gémeo e prende os cintos de segurança de ambos.

– É muita amabilidade da vossa parte – repete.

– É o mínimo que posso fazer, depois de terem deixado o Will passar a noite lá em casa, durante o nevão – diz a avó, e o carro dá um solavanco depois de ela meter a segunda demasiado tarde.

Will olha Rosie nos olhos pelo espelho lateral por breves instantes.

– A noite foi boa? – pergunta-lhes a avó, e Will vê-a olhar para trás, para a rapariga que não conhece. – Desculpa, mas não percebi o teu nome.

– Rosie – diz ela. – Rosemary.

– Bonito nome.

– Obrigada. Nunca gostei muito dele. Faz-me lembrar aquela boneca de trapos que anda de barco pelo canal...^{**}

– Não tens nada de boneca de trapos – diz a avó de Will, e Rosie sorri-lhe, e é como o Sol a aparecer por entre as árvores.

Nesse momento, Will sente alguma coisa a mexer-se no seu íntimo, se é que não estava já; parece uma âncora a fixar-se no lugar.

– O baile foi bom – diz Rosie. – Não foi, Will?

– Já lhe disse que foi o mesmo de sempre – replica.

Segue-se uma curta pausa quando os seus olhos se voltam a encontrar. Ouve-se o trabalhar do motor enquanto as casas escuras passam rapidamente pelas janelas.

– Para mim, não! – diz Rosie, num impulso audacioso diante da avó dele, conseguindo surpreendê-lo uma vez mais.

Ele desvia o olhar e vê a noite a passar no espelho lateral. Passeios e relvados, açafraão manchado nas luzes de rua.

*

A avó de Will pára o carro em frente da casa dela, onde há luzes douradas a piscar nas sebes da entrada. Rosie consegue ver a árvore de Natal pela janela, o brilho suave da lareira refletido nos ornamentos. Os pais decoraram finalmente a casa, quatro dias antes da véspera de Natal.

– Que linda árvore! – diz a avó de Will, estacionando junto ao passeio.

– Obrigada – diz Rosie, embora não tenha nada a ver com ela.

É o pai quem compra a árvore de Natal todos os anos e a mãe tem uma disposição específica para as decorações. Ela e Josh aprenderam muito cedo que era melhor não interferir.

– Vão passar o Natal em casa? – pergunta Will.

O carro parou, mas parece mal sair tão repentinamente, e Josh continua tranquilo e parece confortável.

– Sim – diz ela. – A nossa mãe é sempre a anfitriã. Fazemos uma festa na véspera de Natal e depois há sempre alguns familiares que passam cá a noite. É bom. Comemos muito e fazemos jogos.

E também mergulhamos em discussões alimentadas pelo vinho, pensa Rosie, mas não o diz, pois com certeza que é normal isso acontecer no seio familiar, pelo Natal, e não é algo que valha a pena ser partilhado.

– Parece o nosso – diz Will. – Sem a festa.

– Olha, devias vir – diz Rosie.

– À festa?

– Sim! É um evento de porta aberta. Aparecem vizinhos, familiares, até a Marley vem, às vezes. A comida é boa. Compramos umas tartes de maçã na pastelaria, com que sonho *o ano inteiro*. Por isso, sim. Mas só se quiseres e não tiveres nada para fazer.

Refreia-se um pouco, subitamente embaraçada com o seu entusiasmo irreprimível. Vê-o olhar para a avó, que acena com a cabeça, inclinando-a de forma quase impercetível.

– Talvez – diz ele.

– E tu tens de vir à nossa – contrapõe a avó de Will.

Segue-se um silêncio ligeiramente intrigado, com Will e Rosie a tentar perceber o que quer ela dizer com isso. A luz da porta de entrada de Rosie acende-se naquele momento; a mãe deve ter visto o carro pela janela.

– Somos só os três no dia de Natal – continua a avó dele. – Mas faço comida suficiente para um batalhão.

– É verdade – corrobora Will.

– Terás os teus compromissos, é claro – diz a avó. – Mas, se quiseres vir tomar chá connosco no dia de Natal, bem, serás muito bem-vinda. E o teu irmão também. Se estiver consciente.

Olham todos para Josh, que está novamente a dormir, com a cabeça encostada à janela.

– É muito amável – diz Rosie, e o ar dentro do carro parece adensar-se, demasiado cálido.

Não lhe parece normal ser convidada para algo tão íntimo como o dia de Natal em casa de uma pessoa praticamente desconhecida. Mas também é muito especial. Raro. Mais luzes douradas a brilhar dentro dela.

*

A avó de Will estaciona no caminho da entrada e desliga o motor. O carro cheira ligeiramente a maçãs.

– Vai dizer-me o que foi aquilo? – diz ele, enquanto ela roda a chave e a retira da ignição.

– Ia perguntar-te a mesma coisa.

– O que foi? O que é que *eu* fiz?

– Estás sempre na defensiva, William.

– A avó faz-me sempre sentir que preciso de estar!

Ela ri-se e parece que tem gravilha na garganta.

– Os teus amigos – diz ela, de forma delicadamente enfática.

– O que têm?

– Só isso. São amigos.

– Não estou a acompanhar o seu raciocínio.

– Tens dezoito anos, Will, e nunca te ouvi referir a *ninguém* como «amigo». Nem mesmo quando andavas na escola primária. Tê-los-ias, seguramente, mas nunca os identificaste como tal.

– Tem a certeza de que não está simplesmente a dedicar uma atenção freudiana à linguagem que uso? – pergunta ele, e ela volta a exhibir o seu riso asmático.

– Foi agradável, só isso. E eles parecem bons miúdos.

– E são.

– Os dois – diz ela maliciosamente.

– Avó, diga lá o que tem a dizer.

– Não estou a dizer nada.

– Está a insinuar.

– Pois estou – confirma a avó. – E gostei dela.

Ele sente-se subitamente acanhado; passa as palmas das mãos pelas pernas das calças de ganga. A rua continua tranquila e

silenciosa. A irmã tem a luz do quarto acesa. Deve estar à secretária, com as suas canetas de gel, a traçar um plano para dominar o mundo.

– Também gosto dela – admite Will em voz baixa.

– Nesse caso, porque não vais à festa?

– Sabe muito bem porquê.

– Não, não sei.

– Não é a minha onda, pois não? Champanhe e canapés. Os pais de uma rapariga.

– William White – diz ela, e a sua voz prende-o de repente, como a esquina do tampo de uma mesa. – Não te atrevas!

– O que foi?

– Não deixes escapar uma coisa boa apenas por ser diferente. Não te eduquei para pensares dessa forma, pois não?

– Não.

– Bem, então vai. Come canapés e tartes de maçã. Apaixona-te por uma boa menina, para variar.

– A avó gostou dela simplesmente por não ter *piercings*.

– Gostei de vê-la olhar-me nos olhos quando falámos – diz ela. – E do facto de ela de ter feito o mesmo contigo.

Ficam ali sentados os dois, como já fizeram tantas vezes. A avó é baixa e atarracada, mas sempre lhe pareceu enorme, sobretudo naquele carro. Apesar de ter menos três palmos do que ele, ocupa de alguma forma imenso espaço, com as suas camisolas tricotadas e os pensamentos não expressos.

– A Amber está acordada – diz ele, por fim.

– Eu sei. Está a abusar da sorte, aquela miúda.

– Por estar a escrever em diários à meia-noite?

– Tudo começa por algum lado – diz ela ao abrir a porta do carro.

– A seguir, vai começar a ficar na rua até tarde e a surripiar xerez da garrafeira. A vadiar em parques de estacionamento e a ser detida por causa disso... Demasiado cedo? – pergunta ela quando Will não diz nada.

Ele encolhe os ombros. Descobre que as palavras ainda lhe escapam em relação àquela noite, ou àquela altura da sua vida, em geral.

Ele não tinha razão.

Agora vê isso.

As coisas tinham-se avolumado desde que a mãe se fora embora – depois de ter saído porta fora e não ter regressado. Coisas que ele reprimira nas linhas finas a separar o que o magoava ou não, para conseguir chegar ao final do dia.

Ele adorava os avós. De qualquer forma, tinham sido sempre os bons da fita, com refeições quentes, lençóis lavados e um guia da programação televisiva, o que significava que ele podia saber quando é que ia dar filmes de *cowboys*. Por isso, na realidade, não sentira a falta dela. Nem sequer se interrogara sobre ela, ao fim de tantos anos sem notícias. Depois de os postais de aniversário e telefonemas terem ficado cada vez mais espaçados até deixarem de chegar.

Mas as coisas começaram a ficar mais nebulosas depois de ter entrado para o terceiro ciclo. Passava os dias a avançar a custo no que lhe parecia ser águas profundas, com tudo a acontecer em câmara lenta, e só o álcool, um copo de qualquer coisa para lhe aguçar as faculdades, conseguia fazê-lo sentir-se melhor.

Não sabe como descobriu isso.

Talvez o avô tivesse deixado um resto do uísque que bebia todas as noites. Talvez se tivesse deparado com a garrafeira simplesmente por estar entediado. A única coisa que sabia era que, se não conseguisse dormir ou caso se sentisse atormentado, um gole de uma bebida de adultos não tardaria a deixar tudo bem.

Tinha doze anos, na altura.

Começou a beber cada vez mais, a andar com más companhias e a fazer péssimas escolhas.

Aos treze, faltava à escola e ficava fora durante dias e noites de cada vez, com grupos de rapazes muito mais velhos do que ele, que consumiam coisas mais fortes e tinham passados muito mais duros do que ele. Descobriu que isso também ajudava a suavizar a dor. O perigo. O fio da navalha em que caminhava todas as noites em que os acompanhava, com os seus cigarros, os seus saquinhos de cocaína e a sua propensão para o roubo. Ele também roubava coisas, quando lhe pediam. Quando o álcool deixou de ser

suficiente, o pico de energia – a *sensação de estar vivo* – tinha de ser encontrado de outras formas.

Fez e viu coisas em que já não pensa.

Coisas que enterrou bem lá no fundo.

Mas aquela noite, no parque de estacionamento – aquela sobre a qual a avó gosta de gracejar, para fingir que já é passado e não algo que lhe suscita uma profunda vergonha de si mesmo –, isso já é outra história.

É como um objeto sujo e pontiagudo que traz debaixo da pele; uma lasca de madeira ou uma unha encravada.

Algo que pode arrancar e revirar nas mãos, se e quando sentir necessidade disso.

*

Rosie leva um copo de sumo de laranja e uma torrada com manteiga a Josh, bate-lhe à porta com o pé. Ao passar a soleira, vê-o enrolado debaixo do edredão e sente o cheiro desagradável da respiração de um rapaz adolescente.

Pousa o pequeno-almoço e abre os cortinados, e ele resmunga e diz:

– Não, por favor!

– Sim, vais chegar atrasado à escola.

– Não consigo ir à escola. Estou demasiado doente.

– Não creio que a ressaca conte como doença – contrapõe Rosie.

– O último dia não conta – diz ele, zangado. – Vamos ficar simplesmente lá sentados, a ver filmes de Natal.

Embora saiba que é verdade, Rosie agarra num triângulo de torrada e estende-lho, para ver se o tenta, mesmo assim.

– A mãe está em casa? – pergunta Josh.

– Não. Está no escritório.

– E o pai?

– Acaba às duas. Disse que ia tentar chegar cedo a casa.

– Nesse caso, vou ficar aqui – anuncia ele, e volta a enfiar-se debaixo das mantas, deixando a torrada intacta ao seu lado.

– Josh.

– Hum?

– O que se passa? Tu nunca bebes daquela maneira. E nunca queres faltar à escola.

– Há uma primeira vez para tudo – diz ele, em voz abafada.

Ela olha para o monte inerte do irmão e para as rugas dos seus lençóis.

– Mas estás bem, não estás? – pergunta.

Há uma pausa longa e desusada até ele dizer que sim. Depois, Rosie levanta-se e deixa-o dormir. Tira uma torrada ao sair.

* Termo cunhado nos livros de Harry Potter, literalmente «varíola de dragão», uma doença contraída pelos feiticeiros. (N. da T.)

** Personagem do programa televisivo infantil *Rosie & Jim*. (N. da T.)

A véspera de Natal chega ligeiramente brumosa, com um céu que parece berilo e os relvados cobertos de geada, um nevoeiro que se dissipa como fumo. A mãe de Rosie pediu-lhe para ir buscar as tartes, como sempre, por isso ela veste-se cedo e tira o casaco do roupeiro. O quarto de Josh está em silêncio, como se ainda estivesse a dormir. Desde o baile que ele tem dormido até tarde todos os dias.

– Feliz véspera de Natal – diz ela aos pais, na cozinha.

Há canções natalícias a tocar baixinho na aparelhagem e uma cafeteira de café em cima da mesa. Do fogão, vem o cheiro a alho francês com natas. A mãe já está vestida, a colocar argolas nos guardanapos de linho.

– Feliz Natal, querida – diz ela, e sorri-lhe.

Rosie guarda mentalmente a imagem por um instante antes de dar os bons dias ao pai com um beijo. Ele dá-lhe o dinheiro de que ela precisa e a mãe diz-lhe para voltar depressa, que o pequeno-almoço é às nove horas.

Lá fora, ainda está tudo tranquilo.

O sol da madrugada, puro, frio e alpino.

Vai até à pastelaria e levanta a encomenda, depois pára na loja da esquina e compra um ramo de flores naturais; vermelhos e verdes espraçados como ramos da floresta. Pensa no farol, na vista do mar numa manhã como aquela. Pergunta a si mesma se Will já estará acordado, a correr. Ele não lhe envia mensagens desde que

a avó os levou a casa. Não confirmou se aparecerá na festa, esta noite.

Ela devia ir diretamente para casa, para a refeição cuidadosamente planeada pela mãe, mas o relógio diz-lhe que tem tempo para isso, portanto dirige-se para a praia. Pousa a caixa dos bolos na areia, juntamente com as flores, e descalça os sapatos, enfiando as meias lá dentro.

Há um único corredor à beira-mar.

Uma pessoa corajosa e louca a nadar de fato de mergulho e touca.

Rosie vai até à água e entra, inspirando fundo ao sentir a rebentação da onda sobre as pontas dos pés, e tem um daqueles raros momentos de lucidez em que tudo parece real, harmonioso e sereno, e o mundo está aberto, e sente um profundo alívio durante algum tempo.

A caminho de casa, decide enviar-lhe uma mensagem.

«Feliz Natal (véspera). Já tenho as tartes de maçã.»

Cara a piscar o olho: um ponto e vírgula e um parêntese final. *Demasiado*, pensa, e apaga, antes de voltar a adicioná-la e carregar no botão de enviar.

*

Will levanta a aldraba de latão na porta azul e bate.

É o pai de Rosie quem vem abrir. É um homem alto, com cabelo ralo, e veste uma camisa às riscas de colarinho aberto.

– Conheço-te? – pergunta, e antes que Will possa responder desata a rir da sua própria pergunta e recua para o deixar entrar.

Diz que a malta nova estava na casa de jantar, da última vez que viu. Aceita o casaco de Will, diz-lhe para se divertir e depois vai-se embora a trautear e deixa-o na entrada.

Will fica ali especado por instantes. É como se tivesse entrado no filme que Amber estava a ver quando ele saiu de casa. Há grinaldas enroladas nos corrimãos, todas feitas de folhas e luzes a piscar, não há um único resquício de ouropel à vista. Tudo tem um ar sóbrio e

luminoso. De onde está, consegue ver a mesa de jantar, uma grande variedade de miniaturas em bandejas, os convidados a brilhar frouxamente sob as luzes reduzidas, com bolhas douradas nas suas *flutes*.

Não consegue ver os amigos, por isso dirige-se à comida. Pega num copo de qualquer coisa enquanto o faz e dá de caras com a senhora Winters. Ela enverga um vestido preto que a favorece e tem o cabelo apanhado num coque. Ombros quadrados, rugas de expressão. Como uma *prima ballerina*.

– Will – diz ela, e sorri.

Tem dentes pontiagudos, pensa Will; mas ele também.

– Olá, senhora Winters. Obrigado pelo convite.

– Não tenho a certeza de te ter convidado.

– Foi a Rosie – explica ele.

Ela diz que sim, que sabe disso, e deseja que ele se divirta. Diz-lhe também que há muita coisa para comer e beber, embora ele pareça já ter descoberto o champanhe. Vai-se embora antes que ele possa responder, antes que ele possa pedir desculpa ou bebê-lo intencionalmente diante dela; Will não sabe ao certo qual destas duas coisas teria feito.

Tira um gressino e vai para a sala de estar, onde os encontra, felizmente; Josh e Rosie, sentados no banco do piano, lado a lado. Ela tem um vestido de veludo. Brincos compridos que cintilam com as luzes da árvore de Natal.

As suas faces estão coradas e está a rir. Passa de séria a alegre tão rapidamente... Depois, os seus olhos encontram os dele, o reconhecimento perpassa-lhe o rosto, e Will avança na sua direção, por entre a confusão de gente. Josh está a conversar com alguém que está do outro lado, por isso têm dois segundos sozinhos.

– Olá! – diz ele.

– Vieste.

Ele prepara-se para responder quando Josh se vira e o vê ali. O rosto dele abre-se num sorriso deliciado, como o de uma criança.

– Will!

– Olá, meu.

– O que estás a fazer aqui?

– A tua irmã convidou-me – diz Will, depois de uma curta pausa.
– A sério que ela fez isso? – pergunta Josh, olhando para um e para outro, e batendo com o joelho no de Rosie.

– O que foi? – diz Rosie, e fica vermelha que nem um tomate.

Will desvia o olhar e passa a língua pelo lábio inferior. Bebe um grande gole do seu copo.

– O que estás a beber? – pergunta-lhe Josh.

– Nada a que esteja habituado – replica Will.

Josh levanta-se de um salto e diz que vai buscar *Coca-Cola* ou cerveja e que há *pale ale* no frigorífico.

– Isso seria fantástico – diz Will, pensando que não fará mal beber umas quantas, por uma noite.

Josh sorri e abre caminho por entre as pessoas.

– Mais um vestido incrível – diz ele a Rosie, ocupando o lugar de Josh ao lado dela.

– Oh! Obrigada.

– Desculpa não te ter dito que vinha – diz ele.

Bebe outro gole de champanhe, embora deteste aquilo; a forma como lhe pica na parte de trás do nariz.

– Não faz mal – diz ela. – Gosto de *suspense*.

– A sério?

– Não.

Nessa altura, ambos se riem e ele oferece-lhe a sua *flute*. Por um breve segundo, pensa que ela vai dizer que não, mas depois alguma coisa muda e ela aceita-a e bebe pelo sítio onde os lábios dele estiveram.

– Efervescente.

– Tal como esta casa. É uma festa e tanto.

– É tudo obra da minha mãe, na realidade.

– Tu não ajudas?

– Um bocadinho. Às vezes. Mas ela gosta das coisas de uma determinada forma.

– Tal mãe, tal filha, nesse caso.

É uma piada; uma delicada tentativa de se meter com ela, mas Rosie não diz nada. Bebe o resto do champanhe e depois diz:

– Sim, creio que sim.

Ambos observam a sala. Mulheres vestidas de lantejoulas e cetim. Homens a rir a bandeiras despregadas, todos de barba aparada, punhos abotoados e testa vermelha e brilhante.

– Então, vais-me mostrar as tais tartes de maçã, ou não? – pergunta-lhe Will.

– Já jantaste?

– Não.

– Nesse caso, vamos buscar um prato. As tartes de maçã são a seguir.

– Porquê?

– Porque são uma sobremesa.

– E?

– A sobremesa come-se depois do jantar.

– Quem disse?

– ... O mundo?

– Não há ninguém a fiscalizar, pois não?

Ela vira-se para ele e os seus olhos estão enrugados pelo riso, e ele sente as suas entranhas contraírem-se com algo diferente de desejo. Gosta da sensação, mas assusta-o.

– Queres comer primeiro as tartes de maçã, e só depois o salmão ou lombo de porco?

– Quero a coisa mais louca que consigas imaginar – diz-lhe Will.

Rosie mostra a língua ao sorrir, enrolando-a ligeiramente enquanto pensa.

– A coisa mais louca na festa da minha mãe. É difícil.

– Tu és uma pessoa criativa, não és?

– Comer a sobremesa primeiro é uma boa ideia.

– Não podes ficar com essa. É minha.

– És tão mandão.

– Parece-me que tu és mais – diz ele, e ela vira-se para ficar de frente para a sala e diz *hummm*, agora com a coxa a roçar a dele.

Ele não ouve o que ela diz a seguir, por causa disso.

– Will?

– Sim?

– E que tal *apenas* sobremesa?

Ele fita-lhe o rosto. Conta as sardas, como noz-moscada polvilhada sobre o seu nariz.

– Apenas sobremesa – repete. – Tu não eras capaz!

– Apenas tartes de maçã – diz ela. – Não, não! Espera! *Todas* as tartes de maçã.

– Passaste dos limites – diz ele.

E ela ri-se novamente e aquela sensação regressa e consome-o como o álcool costumava fazer. Infiltrando-se em todo o seu ser.

Levam a bandeja das tartes de maçã – na realidade mais parecem uns pastelinhos, do tamanho de ameixas – e abrem caminho até à marquise. Rosie detém-se para estender o prato aos convidados, depois chega à porta das traseiras e esgueira-se lá para fora. Will segue-a pouco depois, como planeado.

O jardim é longo e estreito; maior do que o dele, porque estão na periferia. Estende-se até tão longe que não consegue ver-lhe o fim, apenas a relva a dissolver-se em sombra e sebes engolidas pelo céu.

Rosie leva-o para um *deck* quadrado emoldurado por treliças, com mais luzes enroladas ao longo da madeira. Há uma mesinha e quatro cadeiras, e eles sentam-se, com o ar de dezembro a fustigar-lhes a pele.

– Não podemos continuar a fazer isto – diz Will.

– A fazer o quê?

– A encontrarmo-nos apenas em sítios onde está um frio de rachar, ou em salas de Música antigas e lúgubres.

– Ou a meio da noite, na cozinha.

– Exatamente. Não posso levar-te a sair, como uma pessoa normal?

– Não. Tenho os meus exames, lembras-te?

– Tens os teus exames, certo. E, no entanto, aqui estamos nós. Com tartes de maçã.

Aponta para a bandeja à frente deles.

– Juntos – acrescenta.

– As regras ficam todas suspensas no Natal – diz ela, tirando uma tarte.

– Pensava que não havia regras...

– Come uma tarte de maçã e cala-te, está bem?

Ela tira outra da bandeja e estende-lha. Por um segundo, ele pensa em comê-la diretamente dos dedos dela e interroga-se sobre qual seria a reação de Rosie, se o fizesse.

– São mesmo incríveis – garante ela.

– Publicitaste-as em demasia, sabes?

– Sei.

– E as coisas raramente merecem tanta propaganda.

– Discordo. Os Beatles. Led Zeppelin. Beyoncé.

– Tens um gosto musical muito eclético...

– Mozart – continua Rosie, enumerando com a ajuda dos dedos.

– Monet. Paris. Manteiga de amendoim.

– Cremosa ou crocante?

– Sempre crocante.

– Vês? Agora confio um bocadinho mais em ti em relação às tartes – diz Will, e tira-lha da mão e dá uma dentada.

A massa desfaz-se como deveria e a maçã tem uma textura suave como a seda entre os seus dentes. Compota de fruta que se funde com uma camada finíssima de creme. Sabe-lhe a canela e a gengibre. À noz-moscada das sardas dela.

– Então? – quer saber Rosie.

– Preciso de outra, para ter a certeza.

– Adoraste.

– Vamos testar novamente.

– Diz que adoraste e pronto!

– Isto é claramente importante para ti – diz Will, tirando outra da bandeja. – E quero certificar-me de que dou uma resposta com base numa investigação minuciosa.

Rosie ri-se nessa altura e dá uma dentada na tarte dela, deixando escapar um barulhinho delicioso.

Ele estremece ao ouvi-la.

Ficam lá fora o máximo de tempo que conseguem suportar; quatro tartes e meia cada, mãos frias e dedos dos pés dormentes.

– Até gosto – admite Rosie, quando comparam a perda de sensação. – Sabendo que há uma casa quentinha mesmo ali e que podemos ir lá para dentro.

– É por isso que gosto de duches frios – comenta Will enquanto ela se levanta e agarra na bandeja quase vazia.

– Meu Deus! A sério?

– Não é tão mau como parece. Uma pessoa habitua-se.

– Mas como é que descobriste tal coisa? O que te levou a pensar, um dia, em abrir a torneira de água fria e ver qual era a sensação?

Ele segue-a de volta a casa, satisfeito por ela não lhe poder ver o rosto.

– Ficámos sem água quente, um fim de semana. A caldeira avariou.

– Oh! Nesse caso, suponho que faça sentido.

Ele diz que sim, mas acontece que não lhe contou a verdade. Não lhe contou que tinha deixado de sentir fosse o que fosse durante um mês inteiro da sua vida. Que experimentara umas coisas, sendo que o duche de água gelada era a menos radical.

Lá dentro, alguém está a tocar músicas de Natal ao piano e a casa de jantar está deserta. A mesa parece ter sido atacada por gaivotas: há côdeas de pão nas bandejas e nódoas de molho na toalha. Will agarra num folhado de salsicha enquanto Rosie pousa a bandeja com as tartes que sobraram no mesmo local que ocupava antes.

– Quem é que está a tocar? – pergunta ele, inclinando a cabeça em direção à música.

– Deve ser o meu pai. Foi ele que me pôs a estudar piano. Mais ou menos.

– Tu és melhor, suponho.

– Ele só toca por diversão – diz Rosie, encolhendo os ombros.

– E tu não?

– Eu toco porque tenho de o fazer – diz ela. – Porque não me sinto bem se o não fizer.

Ela passa os dedos pelo linho da toalha enquanto fala.

– Desculpa. A Marley diz que eu sou um bocadinho veemente, por vezes.

Ele pega-lhe na mão sem pensar e vê que ela também tem uma constelação de sardas aí. Os dedos dela fecham-se sobre os seus e ele puxa-a suavemente para si, quando Josh entra e exclama:

– Oh!

Rosie recua como se se tivesse queimado, precisamente quando Will olha para cima e vê qualquer coisa perpassar o rosto de Josh.

– Olá – diz ele, mas Josh não responde.

Tem o ar embaçado de alguém que esteve novamente a beber. Não tanto como antes, mas o bastante para o deixar diferente. Ampliado.

– Onde diabo se meteram? – pergunta ele.

– Andámos por aí – diz Rosie. – Deves ter-nos perdido de vista...

Ela esboça um pequeno sorriso, mas Josh limita-se a olhar fixamente para os dois. Tem uma cerveja na mão. Pousa-a de lado e diz sem olhar para a irmã que a mãe andava à procura dela. Que quer que ela toque para os convidados, agora.

Rosie acena com a cabeça.

– Josh – diz. – Tu estás...

Mas ele já saiu dali.

– Bem, acho que tenho de ir – diz Rosie, fazendo um gesto em direção à música.

– Claro – diz Will.

– Vem ouvir.

Ele diz-lhe que o fará, assim que tiver comido qualquer coisa sem açúcar.

Rosie sorri-lhe e deixa-se ficar onde está, como se fosse dizer mais alguma coisa. Mas depois vai-se embora sem uma palavra e Will vira-se para o que resta das sanduíches. Agarra numa e abre o pão.

– *Pâté* – informa-o uma voz. A senhora Winters está à porta, com uma *flute* recém-servida na mão.

– De que tipo? – pergunta Will.

– Javali – diz ela. – Ou talvez Bruxelas. Havia dos dois.

Claro que sim, pensa ele, e dá uma dentada, mastigando devagar diante dela. Ela tem um ar extraordinariamente apurado para uma hora tão tardia. Como se não tivesse passado tempo nenhum desde que apanhou o cabelo e aplicou a maquilhagem cheia de traços grossos, tons bronze e arestas direitas.

– Onde estão os gémeos? – pergunta-lhe ela.

– A Roe foi tocar piano e o Josh...

– Roe? – indaga ela com um sorriso tenso nos lábios.

O champanhe silva no copo.

– Rosie – diz ele, encolhendo os ombros.

– Gostas da minha filha, então.

Will encosta-se à mesa e espera. Não tem a certeza se é uma pergunta. Ou se é coisa que lhe diga respeito. Tem a sensação de que aquela mulher está habituada a arrancar justificações às pessoas e ele não tem nenhuma para lhe dar.

– Ela é uma boa rapariga – diz ela, e ele diz que sabe disso.

– Não andas a fazer nenhum tipo de joguinho, pois não?

– Que tipo de joguinho?

– O tipo de joguinho que rapazes como tu gostam de fazer, Will. Vamos ser sinceros e portar-nos como adultos.

– Rapazes como eu?

– Não namoras com ela por causa de alguma aposta ou coisa do género, pois não?

– Não namoro com ela, ponto final.

O tom da sua voz é rude e o coração petrificou. O *pâté* é denso e oleoso no céu da sua boca. Odeia-o.

– Ah! Mas planeias fazê-lo?

– Planeio fazer apenas aquilo que a Rosie quiser – diz ele, e ela sorri convenientemente e bebe um gole da sua *flute*.

O batom é vermelho-escuro e não esborrata, nem mesmo quando ela bebe.

– Muito bem, então. Era tudo o que eu queria ouvir.

O pianista amador parou de tocar.

– Feliz Natal, então – diz ele.

– Sim. Feliz Natal, Will – diz a senhora Winters, sem desviar os olhos dele.

O piano recomeça e a música é diferente e mais suave, e ele sabe que deve ser Rosie quem está a tocar agora. A mãe dela vai-se embora para assistir, deixando-o entregue às sanduíches e aos *blinis* mornos e com um gosto a cogumelos na boca.

*

Rosie perde-se nas músicas que compôs especificamente para aquela noite.

Começa sempre a fazê-lo no outono, inspirada por pequenas coisas. Gansos de pés rosados que voam para casa, para passar o inverno. A empregada de limpeza da escola, com as suas mãos cheias de cicatrizes e o plástico a descascar do crachá com o seu nome.

Ficam a fumegar como brasas dentro de si, durante algum tempo. Em novembro, já as tem escritas. Em seguida, revela-as, e são ouvidas pela primeira vez ao piano na festa da mãe, como sempre fez, e como tem a certeza de que sempre fará.

E as pessoas escutam. As coisas acalmam e a conversa esmorece. As suas mãos movem-se sobre as teclas como se fosse cega e estivesse a ler em Braille; sem esforço e como se fizesse parte dela. E quando termina, há aplausos. O relógio sobre a armação da lareira marca onze horas e o pai deseja Feliz Natal a plenos pulmões, e há copos a tilintar, beijos no ar, agradecimentos e boas noites.

Esta noite, quando termina, vira-se no seu banquinho e observa os convidados, à medida que vão saindo. Espera pelo irmão gémeo ou por Will, mas nenhum deles aparece.

Depois de toda a gente se ter ido embora e de a casa ficar às escuras, quando já tem o pijama vestido e os dentes escovados, e depois de ter verificado o seu telefone pela vigésima vez, Rosie apaga a luz da mesa de cabeceira.

Fica ali deitada durante três minutos, a ouvir o matraquear do coração. Tem uma bigorna sobre o peito e isso obriga-a a sair da

cama e a entrar no quarto do irmão.

– Josh – sussurra.

Ele espera, como se não fosse responder. Mas depois abre o edredão e ela deita-se ao lado dele. A cama está quente com o calor do corpo e ela encosta os pés descalços aos dele.

– Santo Deus! – exclama Josh, empurrando-a. – Os teus pés estão gelados!

– Desculpa – diz ela, mas nem acredita que está a pedir desculpa por aquilo quando ele não a foi ver tocar piano. E isso nunca tinha acontecido.

– Estás bem? – pergunta, uma vez que ele não diz mais nada.

– Sim – responde Josh para a escuridão.

– Não pareces.

– Dorme, Rosie.

Ele vira-se de lado, mas não lhe pede para se ir embora. Ela fica a olhar para o teto, mas depois vira-se para o outro lado, de forma que ficam costas com costas, numa simbiose quente, sólida e imóvel.

*

Will acorda perto das cinco da manhã.

Sente-se nauseado por causa do açúcar e do champanhe. E meio aturdido com tudo o resto.

Tinha ouvido Rosie a tocar do lugar onde se encontrava, junto à mesa de jantar. Canções que fluíam como água do mar de um verso para o outro. Canções que ele não reconheceu, por isso soube que deviam ser dela.

Não sabia o que lhe dizer acerca da música.

Por isso, foi-se embora.

Foi mais fácil assim. Antes que ele estragasse as coisas, como sempre parece acontecer.

Levanta-se, embora ainda esteja escuro, calça os ténis e sai de casa. Está um frio cortante lá fora, mas ele aquece ao correr pela rua, cingindo-se aos passeios para ter a luz dos candeeiros.

Concentra-se na sua respiração e no batimento dos seus pés.

Dá por si a pensar na mãe.

Ela gostava do Natal. Havia muita coisa de que não gostava, mas a manhã de Natal era diferente, conferia-lhe uma espécie de flexibilidade. Permissão para abrandar, para estar por perto em vez de passar o tempo fora, a fazer o que quer que fosse que fazia. Antes de Amber nascer, quando eram só os dois, ela comprava-lhe uns cereais especiais, caros e de marca, e comiam-nos na cama diretamente da caixa, a ver desenhos animados na televisão.

Ela gostava dos da Disney, mas não dos Looney Tunes. Dizia que eram demasiado barulhentos e tresloucados.

Depois, iam para casa da avó a meio da manhã e ela sentava-se no sofá a beber sumo de laranja. Era o único dia do ano em que ninguém discutia: comiam, abriam alguns presentes e talvez fossem ao parque com o avô.

«Nada de arrependimentos», dizia ela, quando faziam brindes ao jantar, e todos repetiam as suas palavras, até mesmo Will, que era uma criança e não fazia ideia do que era o arrependimento.

Mas quando Amber nasceu, as coisas mudaram. Começaram a passar a véspera de Natal, a noite e a manhã em casa dos avós, sem a mãe, e a caixa de cereais partilhada tornou-se uma coisa do passado. Passar as noites em casa também, mas nunca lhe disseram porquê, e ele nunca perguntou.

Lembra-se dos brincos que ela tinha em forma de flocos de neve.

Uns pendentes irregulares que tirou uma vez de um presente de Natal e usava todos os anos, sem exceção.

Pergunta-se se ainda os terá. E como será ela agora.

Corre mais depressa, até lhe doerem os pulmões.

– Feliz Natal, William – diz a avó quando ele desce mais tarde, nessa manhã, de duche tomado, vestido e cheio de sede.

– Para si também – replica, e enche um copo com água, que bebe junto ao lava-loiça.

– Isso é que foi levantar cedo, mesmo para ti – diz ela, ao mesmo tempo que espreita o forno, onde o peru já está a assar. A

cozinha cheira a sucos e a caldo de carne.

- Acordei às cinco. Não conseguia dormir.
- Como foi a tua noite?
- Boa. A comida era aceitável.
- Ainda bem.

E não lhe pergunta mais nada, embora Will esteja ciente de que ela está a manipulá-lo, porque, se não fizer perguntas, ele há de acabar por lhe contar tudo. É o que faz sempre.

- Gosto mesmo dela, avó.

Enche uma chávena de chá do bule que está ao lado. Junta um quadrado de açúcar e depois outro.

– Isso é muito óbvio – diz ela, e descalça as luvas de forno, tira a sua própria caneca da bancada e vira-se para ele. Bebe um gole de chá, que é forte, preto e doce.

- Não tenho tempo para raparigas.
- Desde *quando*?

– Como deve ser, quero eu dizer. Tenho a minha mota e planos para viajar, sabe? E ela vai para a universidade no outono.

Will bebe outro gole de chá. Sente o coração a pulsar lentamente nos ouvidos.

– Ela disse-me que tenho de esperar até ela terminar os exames. Bem, *eu* disse-lhe que esperava, não sei muito bem porquê. Não quero importar-me com ela, entende?

A avó espreita-o por cima da caneca e, por uma vez, ele não consegue ler o que lhe vai na alma. Tem os olhos enrugados, como tâmaras. Escuros como melaço.

– Talvez não tenhas tempo para raparigas, mas terás seguramente tempo para *a rapariga*.

Ele tem vontade de revirar os olhos, mas descobre que não é capaz de fazê-lo.

- Hás de perceber isso, meu rapaz – diz ela, virando-se novamente para o fogão. – Ela vem tomar chá connosco, mais logo?
- Na verdade, não sei. Ela não disse.
- Bem, logo se vê, não é verdade?
- Logo se vê.

*

Rosie vê a mensagem dele, ao final do dia, a desejar-lhe um Feliz Natal e a dizer que adorou as tartes de maçã. Fica a olhar para aquilo durante três segundos e depois pergunta à mãe se pode ir a casa da Marley.

– Agora? – pergunta a mãe, com os olhos vidrados pelo vinho.

Há música clássica a tocar no velho gramofone; o tio e o pai estão a jogar às cartas nas poltronas junto à janela. A prima bebé está a gatinhar ao longo da alcatifa, com a tia a olhar por ela.

– Normalmente não lhe pediria isso. É só porque ela recebeu um jogo de *karaoke* novo e o Josh ainda está na cama, por isso...

– *Karaoke*?

– O *SingStar*. Recebeu o novo no Natal.

– Vocês... – diz a mãe. – Formam um duetozinho, não é verdade?

– Sim – responde Rosie, com o estômago embrulhado por estar a mentir e nem sequer ter a certeza de haver necessidade disso. Mas não consegue dizer a verdade sobre aquilo. Sobre ele. Ainda não.

– Desde que não abuses. Os pais dela não se importam?

– Disseram que não fazia mal.

– Leva alguma coisa, então. Uma das garrafas que estão no refrigerador de vinho. Ou aquele bolo de Natal que não chegámos a abrir. Não vás de mãos a abanar.

– Nunca faria uma coisa dessas – diz Rosie, e a mãe sorri-lhe, com a sinfonia de fundo a embalar-lhe os olhos num lento pestanejar.

– Rosie – chama-a a mãe quando dá meia-volta para ir embora.

– Sim?

– A música que tocaste ao piano, ontem à noite.

– Sim?

– Foi sublime – diz ela, e Rosie fica de coração cheio com aquelas palavras, e as suas dúvidas sobre aquela noite e a aversão

que sente pelas suas mentiras, tudo isso desaparece por um instante, como vapor de uma chávena no ar.

Ela bate à porta de Josh antes de se ir embora. Desentrançou o cabelo, que lhe cai agora sobre os ombros. Trocou o vestido de cerimónia por calças de ganga e uma blusa macia com a qual gostaria que lhe tocassem.

Não que esteja à espera de que lhe toquem, em casa da avó de Will.

Mas quer estar bonita. Sentir-se bonita.

Tê-lo a olhar para ela como no baile de inverno, como se quisesse beber as palavras que saíam da sua boca.

Quando Josh não responde, empurra a porta e a luz do corredor raia as tábuas do soalho. Os cortinados estão fechados. Das colunas do seu computador, sai música *indie* em tom suave e baixo.

– Josh.

Ele não responde, mas ela sabe que não está a dormir.

– Sentes-te melhor?

Esteve todo o dia com dores de estômago; nem parecia ele, na altura em que trocaram os presentes ou quando se sentaram para o almoço natalício; não a olhou nos olhos quando ela lhe pediu para passar o molho.

– Vou sair.

Ele fica calado, mas ela sente uma mudança na sua atenção.

– Vou a casa da Marley – diz, usando os dedos para fazer aspas no ar. – Se alguém perguntar.

O irmão levanta a cabeça da almofada e ela vê que ele tem os olhos molhados.

– Josh – diz ela, e a sua voz mudou. – Fala comigo.

E di-lo na sua voz de gémea; na voz calma e séria de quem está à inteira disposição do irmão, e desta vez parece chegar ao destinatário. Ele senta-se na cama e abre o edredão em jeito de convite. Rosie fecha a porta, acende o candeeiro e senta-se de pernas cruzadas ao lado dele, de forma que ficam os dois a olhar para a parede.

– Há uma coisa – diz Josh, e Rosie diz-lhe que sabe disso.
– Estás bem? Estás mesmo doente?
– Não.
– É a universidade? Já não queres ir para Cambridge? Ou ficaste simplesmente para trás em relação aos outros? Eu posso ajudar-te...

– Não é nada disso – diz ele, por isso ela cala-se e dá-lhe tempo.
– O que se passa contigo e com o Will? – pergunta-lhe ele, como que para preencher o tempo de que precisa para encontrar uma forma de avançar.

Ela passa a palma da mão pela capa do edredão, em diferentes tonalidades de azul-marinho.

– Nada.
– Não é o que parece.
– O que parece, então?
– Parece que não consegui encontrar nenhum dos dois durante uma hora, na noite passada. E depois, quando vos encontrei, tu mentiste sobre isso. Deste a entender que não queriam privacidade, apesar de ser tão óbvio que a desejavam, estando tão próximos um do outro.

Rosie expele o ar que tem na boca.

– Eu sei – diz. – Meu Deus, desculpa! Não tinha intenção de fazer isso.
– E então?
– Então o quê?
– Vais contar-me a verdade?

Rosie considera que ele está a ser demasiado severo com ela por um crime relativamente inofensivo. Não pensava que ele se importasse tanto com o facto de ela poder gostar do seu amigo. Mas talvez pense que aconteceu mais alguma coisa do que na realidade aconteceu; talvez esteja magoado por ela não lhe ter contado todos os pormenores e a origem do seu sofrimento seja esta: ela parecer ter segredos durante o último Natal que passam juntos antes de irem viver longe um do outro e de se tornarem versões diferentes de si mesmos. E eles nunca tiveram segredos um para o outro. Nunca.

– Está bem. Passámos algum tempo juntos. Não aconteceu nada, juro! Não se passa nada, mas eu gosto dele. E talvez ele também goste de mim, não sei.

Outra mentira, pensa Rosie, por isso corrige o que disse.

– Pediu-me para ir ter com ele uma noite. Ao farol. E conversámos durante um bocado e foi muito agradável. E ele gosta realmente de mim, creio que deixou isso bem claro.

Josh não reage, nem sequer olha para ela. Continua a olhar em frente.

– Por isso, sim. Mas não vai passar disso, Josh. Pelo menos, não antes de termos feito os nossos exames. Já lhe disse isso. Logo, não precisas de te preocupar, o Will pode continuar a dar-te explicações de Matemática. E quem sabe? Quando chegar o verão, é provável que ele já tenha perdido o entusiasmo... Portanto, talvez isto nunca chegue a um ponto em que as coisas se tornem constrangedoras ou algo do género.

Ela continua a falar porque não sabe ao certo o que o mantém tão calado e, quanto mais fala, mais se apercebe do que poderá ser, aquilo de que sempre suspeitou, porque o conhece até às suas células, movimentos e estados de espírito, mas ele nunca o disse, nunca o partilhou, e por isso ela continua a dizer coisas para lhe dar tempo, para prolongar o momento em que tudo parece o mesmo que na noite anterior, quando pensou que ele apenas estava zangado por ter sido excluído.

– Está tudo bem – diz ela, porque quer desesperadamente que assim seja.

Josh acena com a cabeça uma única vez, devagarinho. Desloca as palmas das mãos em direção aos joelhos, como se estivesse a fazer um alongamento. E expira ao mesmo tempo que o faz.

– O que se passa é o seguinte – começa ele.

Rosie aguarda. Lá em baixo, a música clássica muda de faixa; há uma pausa e depois começa uma nova canção, que flutua escada acima até eles.

– Isso é tudo fantástico. Para ti. A sério.

– Obrigada – replica Rosie.

Sente-se tão aliviada, tão intensa e subitamente aliviada por ele ter dito apenas aquilo.

– É só porque eu também gosto dele.

– Eu sei que sim. Mas prometo que as coisas não vão ficar estranhas, se não der certo. Vocês podem continuar a ser...

– Não, Rosie. Eu também gosto dele.

Há um silêncio em que os corações de ambos batem em uníssono. É como se algo se tornasse claro, ao mesmo tempo que o quarto abranda; como sombras a migrar para a luz, no soalho. É despertar para um dia pelo qual esperava.

– Oh! – exclama ela.

– Pois.

Ele continua sem olhar para ela. Agora, está a observar as suas próprias mãos, os panarícios ao lado das unhas.

– Josh – diz ela num sopro.

– Eu sei. É um choque.

E depois começa a chorar, grandes soluços sincopados que ela nunca lhe ouviu em toda a sua vida, e estende-lhe os braços e ela abraça-o assim, com as notas de Whitacre a subir pela escada, pequenas árvores, florestas verdejantes e muitas lágrimas, como o sal do mar na sua camisa. Uma camisa que ela escolhera pela sua suavidade minutos antes, como se isso fosse importante de alguma forma.

As aulas recomeçam demasiado cedo. As correntes de papel de dezembro continuam penduradas nas janelas e os flocos de neve recortados presos aos vidros.

Will vai às aulas e à oficina de carpintaria e passa o intervalo na biblioteca com os colegas, sem estudar, sem falar baixo, sem fazer nenhuma das coisas que os cartazes nas paredes lhes pedem para fazer. A bibliotecária ralha com eles da secretária.

Não teve notícias de Rosie depois da festa. Passou o resto das férias de Natal a correr muitos quilómetros e mais depressa do que o habitual. E também a andar de mota, a abusar do acelerador e a fazer as curvas mais inclinado do que devia.

Quando a campainha toca para assinalar o fim da hora de almoço, dirige-se para a aula de Matemática.

Está preocupado com o facto de voltar a encontrar-se com Josh.

Na cabeça de Will, não é coincidência ele tê-los descoberto na sala de jantar, ter parecido estranhamente perturbado com isso e Rosie ter deixado de lhe enviar mensagens desde então. Era óbvio que Josh tinha problemas com isso, o que nem sequer constitui surpresa para Will, porque conhece muitos rapazes e tem a certeza de que, apesar das brincadeiras e do aparente respeito mútuo, nenhum deles ia querer que namorasse as suas irmãs.

Uma pequena parte dele pensara que talvez Josh fosse diferente, que soubesse que Will não era o rapaz que todos pensavam que fosse. Sente-se irritado, mas também um bocadinho

mal com isso. Não sabe bem o que dizer enquanto partilharem uma secretária durante a próxima hora.

Mas Josh não está lá.

É só o Will e o senhor Brookman, que fica na sala por uma vez que seja, a abordar todas as matérias que podem surgir no exame. A perguntar-lhe se quer ter aulas de revisões naquele período, como se fosse uma pergunta importante; como se fizesse alguma diferença para o que quer que fosse.

Naquela noite, é o seu primeiro turno de volta à garagem. Varre o chão, ajusta alguns cabos de travão e depois volta para casa de moto, com o ar a cortar-lhe o rosto como chapa metálica.

Nas noites em que trabalha, a avó deixa-lhe o jantar para aquecer no forno. Quando ele chega, ela está muitas vezes a ler no quarto, pois vai para a cama cedo no inverno. Mas, esta noite, está lá em baixo. Sentada à mesa a ler o jornal local, com *Dave* enroscado ao lado da sua cadeira.

– Ainda está acordada?

– Parece que sim.

– Porquê? – pergunta-lhe ele, enquanto tira o prato do forno.

Consegue tocar-lhe, se for rápido. Fá-lo deslizar para cima da mesa, agarra num garfo e deixa-se cair numa cadeira.

– Doem-me as ancas – responde a avó. – Velhice, suponho.

Ele come uma garfada e olha para ela enquanto mastiga.

– A avó não é velha.

– Estou lá perto, receio.

– Os sessenta são os novos cinquenta.

Ela ri-se e diz:

– Fiz sessenta há quase sete anos, lembras-te?

Will pestaneja. Não quer acreditar que passou tanto tempo desde a festa dos sessenta anos. Havia balões, um bolo de gelado e o avô ainda era vivo.

– Tens saudades dele? – pergunta ela, como se lhe tivesse lido o pensamento.

Ele tem a boca cheia de batata quente e esta queima-lhe a garganta ao engolir.

– Na verdade, não penso nisso – responde ele.

Ela olha-o nos olhos.

– Mas a avó sim, obviamente.

– A toda a hora – diz ela, e ele pára de comer ao ouvir isto. Ela dobra o jornal ao meio e põe-no de lado. – Mas isso é sinal de um bom casamento, creio eu.

– Eu que o diga.

Segue-se um curto silêncio, em que só se ouve o som do seu mastigar e o zumbido das lâmpadas por cima deles.

– Por falar nisso... – começa ela, e ele prepara-se.

– O que se passa com a tua vida amorosa?

– Nada de especial, avó.

– Bem, isso é óbvio.

Ele encolhe os ombros, perguntando a si mesmo se todos os adolescentes estarão sujeitos a tal escrutínio por parte das avós, e prepara-se para lhe dizer isso mesmo quando ela lhe pergunta o que aconteceu naquela noite, na festa.

– Nada – diz ele.

– Nada – repete a avó.

– Não.

– Porque vinhas feliz que nem um passarinho quando voltaste. E tens andado chato e rabugento desde que a Rosie não apareceu no dia de Natal.

– Muito obrigado.

– Estou apenas a dizer a forma como vejo as coisas, meu rapaz.

Ele volta a pegar no garfo e empurra o jantar à volta do prato.

– Ela nunca mais contactou comigo – diz.

A avó olha para ele, diz que é uma pena, mas que acontece.

– Eu sei – replica Will. – Pouco me importa.

– Oh, Will! – exclama ela a rir, o que ele considera completamente injusto, tendo em conta a situação. – Não posso ver-te assim infeliz, por aí. A sair como se estivesses metido em sarilhos e a regressar com cara de zangado. Vamos fazer alguma coisa em relação a isso, está bem?

– Não posso fazer nada em relação a isso.
– Que disparate! Podes sempre fazer alguma coisa.
– Ser adolescente é isto – diz ele, espetando uma batata com demasiada violência, de tal forma que os dentes do garfo batem no prato. – Umas vezes ganha-se, outras vezes perde-se.

– Eu lembro-me. E também me lembro de que, quando queria alguma coisa, mesmo que fosse uma simples resposta, ia buscá-la.

O relógio de cuco dá as horas, fazendo ouvir a sua música a partir da sala. Will come uma batata, com algo a crescer dentro dele.

– E isso não se aplica apenas aos adolescentes – prossegue ela passado um bocado. – A minha mãe costumava dizer: «Recebes o que pedes e consegues o que procuras.»

– Nesse caso, a avó procurou esta vida, não é verdade? – pergunta-lhe Will.

É uma única frase, mas a insinuação é suficiente. A avó recosta-se na sua cadeira.

– Eu dou muito valor à vida que consegui, sim – diz ela.

Will expele algum ar pela boca e pousa o garfo.

– Vou para a cama – anuncia.

A avó anui e Will sobe a escada, todo ele em brasa. Porque ele quer mais. Porque não quer ficar sentado numa casa com tapetes velhos e filhos de terceiros e uma triste rotina em que todos os dias parecem iguais, e detesta ter sido ele a razão para que a vida dela tenha sido assim. E não vai procurar algo que quer quando ainda não sabe exatamente o que isso é, quando a única coisa que sabe é que não é aquilo, certamente.

Naquela noite, envia uma mensagem a Rosie. São três e meia da manhã, a mesma hora em que se separaram na cozinha dela, e ele está acordado e em ebulição.

«Por onde tens andado?», escreve, e depois apaga.

«Farol, amanhã», experimenta, em alternativa. «Às cinco.»

E prime o botão de enviar.

Rosie corre na passadeira até ter a sensação de que as ilhargas estão prestes a rasgar-se.

Ganhou peso durante o Natal, como toda a gente, de certeza. Mas aquele peso oprime-a como um desafio que tem de superar; um erro que cometeu e precisa de ser corrigido.

E, enquanto corre, a sua cabeça está cheia. Não com as revisões da matéria, nem com os trabalhos de casa ou a música, mas sim com o irmão gémeo e com o quanto ele chorou e como mal fala com ela desde então.

Aumenta a velocidade da máquina e sente todos os seus sentimentos a queimar nas suas pernas, ao mesmo tempo que vai perdendo calorias como pele a descamar.

O farol parece mais solitário do que antes. Recorda o pôr do sol da última vez, as riscas de néon do céu. Esta noite, tudo é cinzento e sem graça. Uma gaivota debica alguma coisa morta à beira-mar.

Rosie está a morrer de frio. O suor da passadeira já secou na pele e ela tiritia debaixo do casaco.

Will aparece pouco depois, envergando o seu equipamento de corrida, com o cabelo húmido de suor, mas as faces pouco ou nada ruborizadas.

– Eu fico tão vermelha quando corro. – É a primeira coisa que ela lhe diz. – Mas tu não. Parece que acabaste de sair de um anúncio da *Adidas*.

– Ficar vermelho é saudável – diz ele, encostando-se ao gradeamento, ao lado dela. – Eu tenho este ar macilento por causa do tabaco. E porque bebo muita *Coca-Cola*.

– A sério? – diz ela, e amaldiçoa-se por ter começado a conversa daquela maneira; por dizer coisas tão irrelevantes.

– Obrigada por teres vindo – diz ele.

– Claro que sim. Desculpa-me por... tu sabes. Por não ter dito nada.

– Não faz mal – diz ele, mas o olhar que lhe lança não diz isso.

– Não posso fazer isto.

– Outra vez essa conversa?

– Não, a sério! – reitera Rosie, e abana a cabeça com força, como que para se livrar do seu próprio cabelo, cujas madeixas lhe fustigam o rosto. – Não sei o que temos andado a fazer, Will. Na realidade, temos sido amigos, acima de tudo. E é ótimo. E devíamos continuar a ser apenas isso, creio eu.

Ele continua a olhar para ela. A barba incipiente está mais comprida desde a noite de Natal.

– Porquê? – pergunta Will.

– Mundos diferentes – responde Rosie, encolhendo os ombros. – Objetivos diferentes.

– Eu não tenho objetivos.

– Tu sabes o que quero dizer.

– Na verdade, não sei, Roe.

Ela vai ter de fazer aquilo; vai ter de mentir, para fazer parar as perguntas, para fechar a torneira de onde ambos têm bebido durante semanas.

– Não gosto de ti dessa maneira – diz ela. – Desculpa.

Ele parece tão surpreendido, por um instante, que ela quase se ri; duvida que alguma vez o tenham rejeitado. Mas odeia dizer isto, odeia engolir todas as coisas que realmente quer dizer. *É melhor assim*, relembra a si mesma. *É a coisa certa*.

O vento é forte e fustiga-lhes as pernas; o cabelo de Rosie continua a esvoaçar-lhe pelo rosto e pescoço e o ar tem aquele cheiro intenso e pesado que se faz sentir antes de chover. Ela sabe que há uma palavra especial para isso. Ou talvez seja para depois de chover, não se consegue lembrar. Will desviou o olhar em direção ao mar, mas nesta altura dá um passo em frente e os seus olhos colam-se aos dela. Cinzento-tempestade sobre azul. E depois segura-lhe o rosto entre as mãos e indaga simplesmente:

– A sério?

Rosie não se mexe. Não é capaz. E os olhos dele perscrutam os seus, para ver se está tudo bem, se ela estava a mentir ainda agora, e depois ele beija-a e ela esquece o frio e que foi ali para acabar com aquilo, porque o seu corpo começa todo ele a derreter... Will tem as mãos no seu cabelo, acaricia-lhe o contorno das orelhas, e ela não consegue pensar em mais nada senão naquilo, que é assim

que um primeiro beijo devia ser e que nunca ninguém lhe tocou daquela maneira no pescoço.

Tudo em brasa.

Um fogo incontrollável no seu íntimo, com o mar, as árvores e o ar húmido, coisas que suavizam e queimam num momento que perdura e termina.

Em seguida, ele recua e larga-lhe o rosto.

– Bem me parecia que não – diz Will.

Ela diz-lhe que ele é insuportável, e ele ri-se. Encosta a testa à dela.

Deixam a frente marítima por causa do vento; reconstituem os passos de Will através da floresta, que os abriga da chuva.

Estão a falar sobre álbuns, os que receberam pelo Natal, o que parece demasiado normal, depois do que acabou de acontecer na praia; demasiado cortês e um pouco tímido. Mencionam Bright Eyes e The Shins. Mazzy Star, que Rosie aprecia tanto como o sono e de que Will nunca ouviu falar.

Ele vai à frente dela, as costas manchadas pelo suor da corrida. Rosie tem coisas para dizer e outras que não pode, por isso limita-se a segui-lo por ali fora, calada, a não ser quando ele a interpela diretamente.

Mantém as suas respostas curtas e básicas.

Ele parece feliz e falador, até parece mais alto do que antes. E ela está cheia de tudo, borboletas e desejos e aquilo que acabou de acontecer.

Mas tem um nó na garganta.

Agora, só quer ir a correr para casa, com os seus ténis cansados, para contar ao irmão gémeo tudo o que se passou. Mas é constantemente assolada pelo pensamento de que não o pode fazer.

– Roe? – Will pára de andar.

– Hum?

– Perguntei o que vais fazer amanhã, ao jantar.

– Oh, não tenho a certeza.

– Creio que a minha avó sente que ficou a perder qualquer coisa por não te ter conhecido como devia ser no Natal.

– Está bem.

– Então, queres ir lá a casa? Ela é boa cozinheira.

– Tenho a certeza de que sim.

– Roe?

– Sim?

– O que se passa? Estás com um ar assustado.

Ele virou-se para a encarar. Atrás dele, as árvores são altas e o cheiro a pinheiro, a terra e a escuridão envolve tudo. Ela recua um passo.

– Eu vim aqui para acabar com tudo – recorda-lhe.

– Por causa dos teus exames – diz ele.

– E por causa de outras coisas, também. Não está certo, pura e simplesmente.

– *Aquilo* não te pareceu certo? – pergunta Will, e sacode a cabeça em direção à praia.

Rosie morde o interior da bochecha e diz-lhe que não. Foi muito agradável e sente-se lisonjeada, mas não é a altura certa, para ela.

– Já falámos sobre isso. E eu disse que esperava por ti.

– Convidar-me para jantar não é esperar.

– Está bem! Vem jantar em maio ou junho. Quando os teus exames terminarem, caramba!

– Will.

– O que foi?

– Não faças isso. Não fiques zangado. Eu disse tudo isto desde o início.

– E ainda agora correspondeste ao meu beijo. E, se bem me lembro, *tu* convidaste-*me* para a tua sofisticada festa de Natal. Não me faças sentir que sou eu que estou a confundir as coisas!

– Eu nunca disse que estavas a...

– Será que me podes dizer qual é o verdadeiro problema? É a tua mãe?

– A minha mãe?

– Estás mesmo preocupada com o facto de ela não gostar de mim? Porque eu não estou.

- Onde é que foste buscar essa ideia?
- Também não pode ser simplesmente por causa das notas. Eu vi as do ano passado, Roe, no quadro de resultados. Duvido que precisas de mais para entrar em Oxford.
- Isso não é verdade.
- É o Josh? Ficou zangado?
- Não – diz Rosie, um pouco mais alto do que pretendia. – Não tem nada a ver com o Josh.
- Nesse caso, o que te preocupa tanto?
- Nada.
- É o facto de eu fumar? É a mota? É a suspensão da escola que aconteceu *há séculos*?
- Sim – diz ela, aproveitando o ensejo. – Sim, é tudo isso, Will. Todas essas coisas. És o tipo de pessoa errado para mim, está bem?

Will está de boca aberta, como se estivesse a preparar-se para argumentar. Mas não lhe sai nada. Rosie observa-o enquanto ele processa aquilo que ela acabou de dizer, o que isso significa, e o seu coração fecha-se como uma concha.

Ela fica à espera. Apetece-lhe estender os braços, aninhar-se nele, retirar o que disse. Mas está feito. O brilho no rosto de William e nos seus olhos tempestuosos desapareceu. Volta a ser o rapaz que Rosie conhecera antes de o conhecer realmente, frio e distante, e permanece calado, apesar do enorme ruído que ela consegue ouvir no silêncio entre os dois: a mentira, a mágoa de ambos os lados... Porque não é justo, isto não é justo, e ela quer contar-lhe a verdade, mas não pode, e sente um nó na garganta à medida que o vê acreditar em tudo o que ela disse. Quer que ele grite com ela. Quer que a desafie. Em vez disso, ele limita-se a acenar com a cabeça, engole tudo aquilo e ficam ali especados, a perder a luz do dia.

Os exames terminam em maio. Está uma tarde invulgarmente quente e os desgraçados que têm provas no último dia são recebidos com borrifos de refrigerantes e serpentinas lançadas sobre a sua roupa. Will é um deles. Ele e Josh fizeram o exame de Matemática Avançada a seguir ao almoço e, depois disso, saem da escola juntos pela última vez.

As coisas entre eles estão diferentes, agora. Durante semanas, Josh falou com Will unicamente sobre matemática, como se ele tivesse ultrapassado um limite qualquer, como se o tivesse traído de uma forma complexa que nenhum dos dois discutira. Isto incomodou Will durante algum tempo, mas, depois, telefonou a Darcy, começou a passar a maior parte das noites em casa dela e voltou aos encontros com amigos à volta de fogueiras, na praia. Aumentou os turnos que fazia na garagem, dava longos passeios de mota pela costa. As coisas estavam bem. Estava tudo ótimo. A escola terminaria em breve. Ficaria livre no dia em que recebesse aquela tirinha de papel, independentemente da nota que tivesse.

Mas, naquele dia, ao saírem do átrio e percorrerem o caminho enquanto eram pulverizados de refrigerante, a tensão abandona-os a ambos. Riem juntos. Há pessoas a despir os blazers, a livrar-se dos uniformes. O sol é da cor da manteiga e derrete-se sobre tudo: os passeios, os carros estacionados, os finalistas que saem pelos portões da escola.

- Está feito – diz Josh, esfregando as mãos.
- Pronto! – diz Will, e Josh atira a cabeça para trás e ri.

– Pronto! – repete. – Tu sabes como é.

– Meninos – diz uma voz atrás deles.

É Darcy, e os ombros de Will descaem. Passaram semanas a fazer sexo em casa dela, quando a mãe dela estava fora, e na garagem dele, sobre o chão de cimento, quando não estava. Darcy não se queixara uma única vez até decidir querer alguém que a levasse a jantar. Alguém com quem ir a Norwich aos fins de semana, para ir ter com os seus amigos barulhentos, e que lhe comprasse *lattes* cheios de espuma em cadeias de cafés.

Will não era esse alguém.

Não falavam há semanas, mas, naquele momento, com o sol a brilhar, o fim das aulas para todo o sempre e toda a gente ensopada de limonada, isso não parece importar.

– Há uma grande festa em casa da Jessica, esta noite – diz ela.

– Fixe – diz Josh.

– Eu não te vou tocar com um dedo que seja, Will White – diz ela, mas olha-o fixamente, como se pelo facto de dizer isso ele fosse ficar com mais vontade de lhe tocar.

– Entendido – diz ele.

– Mas estão os dois convidados, está bem? Digam a toda a gente. Quanto mais gente, melhor.

– O que é que se passou entre vocês? – pergunta Josh quando Darcy se afasta, e continuam a andar.

– Nada – responde Will. – Curtimos juntos, depois parámos.

– Mas que drama! – exclama Josh.

– Josh, amigo.

– Sim?

– Está tudo bem entre nós?

Ele não sabia que ia dizer aquilo; não planeava perguntar tal coisa. Saiu-lhe, simplesmente. O seu coração fica mais leve e aberto com o sol, ou com a liberdade, e Will percebe que precisa de saber.

Josh olha-o de lado, como se fosse denotar ignorância, talvez perguntar-lhe o que quer dizer com aquilo. Mas não o faz. Continuam a andar. Os pássaros gorjeiam sobre eles, celebrando o azul do céu.

– Claro – diz Josh, e bate com o ombro no dele. Depois pergunta-lhe se está a pensar ir à festa, à noite, e o que acha de ele usar a sua camisa havaiana.

*

O verão chega. É o mais longo que já tiveram e, no entanto, passa tão depressa. O ano académico recusa-se a esperar. Semanas de cafés com gelo partilhados no parque, palhinhas transparentes, bebidas azuis que lhes mancham a língua e os deixam zonzos, estridentes e felizes. Listas de compras para a universidade; talheres, caçarolas, fotografias impressas de amigos da escola que têm a certeza de ir amar para sempre e cujo contacto nunca hão de perder, mas que irão ver no Natal e depois nunca mais.

Rosie encontra-se com Marley. Dão passeios ao longo do rio com granizados na mão e ela ouve a amiga falar sobre Tom. Rosie finge estar interessada e tenta não a interromper com a sua própria história: o beijo junto ao mar cujo gosto ainda sente na boca. A sensação ainda a assalta por vezes, quando menos espera, à noite, deitada em cima dos lençóis, ou quando está a lavar o cabelo, no banho, e está nua, molhada e sozinha.

Mas não. Não é permitido.

Não é justo para ninguém.

Quando não está com Marley, ela e Josh passam longas tardes no seu jardim, a ouvir o *iPod* dela, cada um com um auricular, para poderem conversar ou ouvir a tesoura de poda do vizinho, o zumbido das abelhas que voam baixinho.

Não falam daquilo que ele lhe contou.

Ela ainda tenta tocar no assunto uma ou duas vezes, para ver se ele está pronto para falar mais sobre isso, mas Josh limita-se a aumentar o volume da música.

Nunca tinha acontecido ele não a deixar invadir o seu espaço íntimo e isso perturba-a, mas, apesar das férias de verão, com os exames terminados e as novas vidas à sua espera, estão sempre

ambos ocupados. Por sugestão da mãe, dão explicações a estudantes mais jovens para manter a acuidade mental e continuam a frequentar as aulas de Música. Josh treina com a sua equipa de basquetebol duas vezes por semana e Rosie continua com o seu programa no ginásio. Por isso, as semanas passam e o dia das colocações na universidade está cada vez mais próximo. E isso distrai-a. Significa que aquilo que é importante, aquilo em que deviam estar realmente empenhados, é mantido à distância, como alguma coisa na sua lista de afazeres de que se lembra, às vezes, e sabe que terá de tratar em breve. Quando ele estiver pronto.

*

E eis que chega a última terça-feira de agosto, uma terça-feira que por acaso coincide com o dia em que Will faz anos. É o prelúdio da mudança de vida dos seus amigos, em setembro, por isso o seu aniversário assinala algo de importante; é uma última desculpa para todos se juntarem, rirem, beberem e comportarem-se como jovens que são.

– Tens de comemorar a data, meu – disse-lhe alguém. – Eu levo um barril de cerveja.

– Eu não bebo – recordou-lhe Will, o que não pareceu importar.

É assim que dá por si a fazer dezanove anos, sentado de pernas cruzadas sobre a relva no topo das falésias de Burwood Bay. A beber uma única cerveja, a pensar como o tempo passou e como as duas pessoas com quem gostaria de passar o aniversário são as que não estão presentes, porque na verdade não falaram durante todo o verão.

Tinham entrado os dois em Oxbridge, é claro. Dois dos três que se tinham candidatado. Tinha-os visto a abraçarem-se no dia das colocações, Rosie em lágrimas e Josh a levantá-la no ar como um troféu.

Will também se tinha saído bem. Tinha guardado a carta no bolso e regressado ao seu turno na garagem. Tinha-os visto a ambos numa festa em casa de alguém, pouco depois. Passara por

Josh na rua principal, na semana anterior, e mantinha Rosie o mais longe possível dos seus pensamentos.

Mas há qualquer coisa na luz daquela noite.

Nuvens de algodão-doce, o Sol a pousar na linha do mar e a derreter-se em ouro líquido, e incomoda-o que nenhum deles esteja ali, para ver aquilo. Por isso, envia-lhes uma mensagem. Diz que sabe que há muito que não se veem, mas é o seu aniversário e toda a gente está fora. Ela é a primeira a responder, pergunta onde é que ele está.

Ele responde e não digita o ponto final, por isso é uma resposta em aberto e o início de alguma coisa, embora nenhum dos dois saiba disso quando ela diz que sim, que vão lá estar, e Will guarda o telefone e, pela última vez durante muito tempo, tem a sensação de que fez a coisa certa.

*

– Já o esqueci, sabes?

É isto que Josh diz à irmã enquanto passam pelos pantanais, em direção ao topo das falésias de Burwood Bay. O céu está pintado de rosa-*marshmallow* e avistam uma coruja-das-torres com as suas asas silenciosas, a precipitar-se sobre os campos.

– A sério? – pergunta Rosie.

– Mais ou menos. Tanto quanto é possível esquecer a nossa primeira paixoneta *gay*.

É a primeira vez que o ouve dizê-lo. A primeira vez que ele se identifica como tal, em voz alta.

– Josh – diz ela, porque não sabe o que dizer; não lhe parece que ele esteja tão bem como quer aparentar.

Estão a caminhar lado a lado, mas ele está meio passo adiantado, por isso não lhe consegue divisar o rosto, apenas o ângulo do seu malar.

– Há dois grandes problemas com ele, sabes? – prossegue Josh.

– Está bem.

– Por um lado, ele não é gay. E isso é um bocadinho problemático.

– Pois – replica Rosie, com medo de dizer alguma coisa mais.

– Além disso, ele gosta de outra pessoa.

– Oh! Certo.

Sente o coração disparar e algo se avoluma na sua garganta, porque não sabe ao certo se ele se está a referir a ela ou a outra rapariga e, de uma forma ou de outra, isso fá-la sentir-se péssima.

Não há vento, apenas o peso do verão, o cheiro a relva, a sementes e a terra. Tinham saído às escondidas de casa naquela noite, porque ambos tinham de dar explicações no dia seguinte, depois das madrugadoras aulas de Música.

Primeiro, tinham pedido. Explicado que era o aniversário de Will e que todos os seus amigos estariam lá.

«*Podem* ir», respondera a mãe, «mas acho melhor estarem frescos para as vossas aulas, não vos parece?» E quando ela se foi deitar cedo, Josh dissera: «Que se lixe, Rosie! Agora, somos estudantes universitários.» Por isso, tinham saído pela janela do quarto dele para o telhado da garagem, como faziam em miúdos, para ir observar as estrelas juntos quando Rosie não conseguia dormir.

Ele ajudara-a a descer com os seus braços compridos e tinham-se posto a caminho, estonteados com a sua rebeldia e com Rosie a sentir-se ligeiramente nauseada.

– Tu continuas a ser essa pessoa, caso não saibas.

O nó na garganta afrouxa ligeiramente, mas sente as bochechas a arder.

– Pois – diz ela, inspirando e expirando. E depois diz: – Vá-se lá saber porquê.

– Não faças isso – diz Josh.

– O quê?

– Não sejas tão modesta. É irritante.

– Não estou a ser modesta, Josh! Ele é... bem, é o Will White e podia ter a rapariga que quisesse.

– E sempre teve, segundo reza a história.

– Bem, pois – gagueja ela.

– Até tu teres aparecido.

– O que queres dizer com isso?

– Bem, vocês não estão juntos, pois não? Provavelmente, isso deve ser bastante excitante para ele, o facto de não te poder ter pelo simples facto de te querer.

Rosie não responde. Sente aquilo como uma espécie de elogio invertido, eivado de agressividade, e prega os olhos no chão.

– Mas também és a melhor – diz Josh, em voz firme. – Por isso, talvez ele tenha bom gosto, afinal.

– Obrigada – diz ela, embora continue a sentir-se algo castigada.

As coisas entre ela e Josh têm estado mais ou menos normais, desde o dia dos resultados. Mas há momentos em que ele fica distante ou pouco amigável; horas em que se deita no seu quarto ou se mostra pouco interessado quando ela tenta falar-lhe sobre uma nova canção ou sobre alguma coisa divertida que Marley disse.

– Por isso, podes sair com ele, se quiseres – diz Josh enquanto abre um portão, puxando o trinco para trás.

Passam para o outro lado e voltam a fechá-lo com força.

– Sair com ele? – repete Rosie.

– Sim. Não deixes que eu te atrapalhe.

A voz dele não está em sintonia com as suas palavras; a ela, cada sílaba soa como um obstáculo, sólido e com arestas duras. Fá-la lembrar-se de quando batera com a coxa no canto da cama, naquela manhã. A nódoa negra triangular com que ficara.

– Não foste tu a razão – diz ela.

Josh acelerou. A sua passada é tão larga que Rosie precisa de dar umas corridinhas para o acompanhar. Mas ele abrandava, ao ouvir isto, e fita-a com os seus olhos de avelã.

– Houve muitas razões – continua ela. – Para não termos ficado juntos.

– Uma delas será por teres medo?

– Sim – replica, porque ele é seu irmão e sabe disso, e porque não sabe ao certo por que motivo ele está a ser tão bruto com ela esta noite. – Na verdade, estou apavorada – confessa, e isto parece eliminar o despeito que ele sente.

Josh detém-se e vira-se para encará-la convenientemente.

– Não podes ter medo de tudo o que não consegues controlar, Rosie.

Ela encolhe os ombros e cruza os braços.

– Podia dizer-te o mesmo. Porque é que estás a ser assim?

– Queres dizer porque é que estou a comportar-me como um ser humano normal, em vez de um raio de luz permanente?

– Isso!

– Porque tenho coisas para resolver, Rosie, está bem?

– Eu sei que sim. Mas porque é que não me deixas ajudar-te?

– Porque é uma coisa minha – responde ele, recomeçando a andar.

– É o que estás sempre a dizer – replica Rosie, voltando a estugar o passo para o acompanhar. – Mas tu és meu irmão! E não suporto ver-te sofrer!

– Rosie – diz ele, e ri-se, mas não é um riso bom; arde na pele, como o borriço das ondas. – Concentra-te na tua própria felicidade, por uma vez que seja, está bem? Consegues fazer isso?

Ela segue atrás de Josh, trilhando a erva pisada pelos seus sapatos. As chaves de casa dele tilintam no bolso dela; pede-lhe sempre para as guardar quando saem à noite, porque ela é de confiança e toma conta das coisas para ele não ter de fazê-lo. Ela nunca tivera a sensação de estar a interferir ou a apaparicá-lo até este momento.

– Vou tentar – diz ela. – Se fizeres o mesmo.

– Estou a trabalhar nisso – diz-lhe Josh. – Juro!

As últimas palavras soam mais como ele: são mais suaves, como a erva alta ao lado deles.

Ele tinha partilhado mais com ela na noite de Natal. Contara-lhe como nunca soubera, ao contrário do que é costume, de todas aquelas pessoas que sabem simplesmente, no seu íntimo, desde crianças... Ele não. Nunca se sentira atraído por ninguém, fosse rapaz ou rapariga, e não ficara preocupado, calculando que isso chegaria com a idade.

E chegou. Primeiro, apenas lampejos, quando estava a ver um filme ou a passar por alguém na rua. E depois o rapaz ao lado do qual se sentava, em Matemática, que tornou tudo subitamente real.

Rosie ouviu tudo isto e abraçou-o e disse-lhe que lamentava, lamentava não ter estado lá, não o ter interrogado sobre isso mais cedo. Sempre suspeitara, é claro. Da mesma forma que se suspeita de que alguém irá ser um grande cozinheiro ou que tem uma boa tolerância ao álcool. Algo que faz parte dessa pessoa, mas, na realidade, não significa nada; nada que mude alguma coisa, para os outros.

– Porque é que não contas simplesmente aos nossos pais? – aventa ela agora, enquanto caminham.

– Outra vez essa conversa, não, Rosie!

– Penso que poderia ajudar.

– Neste momento, o que vai ajudar é beber muita sidra, conviver com os meus amigos e esquecer-me de tudo o resto até às primeiras horas da madrugada, está bem?

– Isso não é saudável, Josh.

– Oh, e o facto de verificares tudo constantemente é, queres ver? Não penses que não te ouço a andar pelo quarto a meio da noite, a fazeres aquelas coisas estranhas que tu fazes.

É como se ele a tivesse esbofeteado; alguma coisa encolhe dentro dela com a vergonha de ouvir aquilo dito assim, em voz alta. Dito por ele.

A coruja-das-torres volta a sobrevoá-los. Asas cor de areia à meia-luz.

– Desculpa. Desculpa, Rosie.

– Não faz mal – replica, e não voltam a falar enquanto sobem pelo caminho da falésia e a erva alta dá lugar à poeira calcária e começam a sentir o cheiro a fogo e sal.

No cimo da falésia, a fogueira eleva-se e crepita. Há restos de bolo de aniversário comprado feito, demasiado seco e ainda na sua embalagem plástica. O som de alguém a tocar bateria e baixo sai de uma coluna, e ela vê um casal a rebolar na relva. «Arranjem um quarto!», grita um tipo, recebendo o dedo do meio como resposta. Josh faz o que pretendia e emborca três sidras durante a primeira meia hora e a luz não tarda a desaparecer do céu.

É como na noite em que conheceu Will.

Escura como breu e íntima.

Ao instalar-se ao lado de Marley, Rosie chama a atenção de Will, do outro lado das chamas, e ele ergue uma mão de forma quase impercetível, como se estivesse simplesmente a levantar a sua bebida. Ela sente vontade de ir ter com ele, mas não sabe o que dizer, por isso bebe vinho tinto de um copo de plástico, ouve as pessoas falar e tenta fingir que não o vê, mesmo ali, a fazer questão de não olhar para ela.

Rosie está de vestido, sem collants. Quem lhe dera, agora, ter vestido calças de ganga, uma vez que os seus joelhos nus estão apontados em direção a ele.

Passada uma hora, vai até à beira do precipício e olha para a vastidão do oceano, que não passa de uma massa negra, agora que o sol se pôs. Um mergulho de dezoito metros até aos rochedos, lá em baixo. Há uns anos, a família costumava fazer piqueniques ali em cima, e ela pergunta a si mesma se Josh se lembrará de quando apanhavam joaninhas nas suas lancheiras e fugiam do perigo das vespas. Havia tantas, na altura. Gostava de saber para onde foram.

– É mais bonito à luz do dia – diz ele.

Will veio pôr-se ao lado dela.

Rosie vira a cabeça e tenta sorrir-lhe, mas ela não sabe bem em que ponto estão; não tem a certeza se ele lhe perdoou as coisas horríveis que disse.

– Eu até gosto disto às escuras – replica.

Will bebe um gole de *Coca-Cola* e continua a olhar para o mar.

– Feliz aniversário – diz-lhe ela.

– Obrigado.

– Tiveste um dia bom?

– Bastante normal.

– Que decepção!

Ele ri-se ao ouvir isto e ela também cede e esboça um sorriso tenso.

– Os aniversários devem ser tudo menos dias normais – diz ela.

– No teu mundo, talvez.

É subtil, mas suficiente. O reconhecimento de tudo o que ela lhe disse na floresta: que ele não é o rapaz certo para ela; que são de dois mundos diferentes, *demasiado* diferentes. Aquela mentira que disse pelo irmão é como uma tempestade que a assola. Uma mentira em que Will acreditou tão facilmente.

– Fico satisfeito por teres vindo – diz ele, depois do maior silêncio que alguma vez partilharam.

Alguém guincha atrás deles; ouve-se o jorro de cerveja cheia de espuma, as pessoas a afastar-se para evitar que transborde.

– Eu também – diz ela.

– Boas notícias em relação a Oxford – diz ele.

– Oh, sim! São mesmo.

– Não te sentes nem um bocadinho desalentada por causa da escola de Música?

O cérebro de Rosie abrandava, ao ouvir isto. Passa em revista os pequenos pormenores das últimas semanas: o andar às voltas no quarto, à noite; o tamborilar das unhas; a contagem interminável numa divisão, e depois noutra. A sua candidatura à escola de Música, ainda em branco, mas guardada por alguma razão na gaveta da secretária.

– Não.

– Então, ótimo – diz Will. – Vem beber qualquer coisa, sim? Achas que podemos tentar ser amigos?

– Isso depende – diz ela.

– De quê?

– De conseguires esquecer todas as coisas horríveis que te disse.

Will encolhe ligeiramente os ombros, como se estivesse a sacudir alguma coisa, mal reconhecendo aquilo que ela quebrou entre eles.

– Era tudo verdade – diz.

– Não, não era – contrapõe Rosie, e a sua voz treme de emoção, o que não parece passar despercebido a Will pela forma como olha para ela.

– Quer isso dizer que...

É a vez de Rosie encolher os ombros. Insinuar alguma coisa sem palavras.

*

E, de repente, já passa da meia-noite, ao fim de horas a conversarem como amigos. Will não sabia se iria conseguir estar tão próximo dela, mas é surpreendentemente fácil; um alívio, até. E está a pensar no que queria ela dizer, à beira da falésia. Se, para Rosie, seria apenas uma questão de *timing*, como sempre dissera.

As pessoas afastam-se, regressam e depois vão-se embora de vez. Alguém vomita por ter bebido demasiada sidra; o celofane do bolo acaba na fogueira e derrete, a cheirar a acre e a más decisões. Josh vai ficando cada vez mais barulhento, com o passar das horas. Está a cair de bêbedo; pior, até, do que na noite do baile de inverno. Ao princípio, foi divertido, mas em breve as pessoas começam a revirar os olhos ou a sacudir-lhe as mãos que ele pousa nos seus ombros; Will sente Rosie a observá-lo do outro lado das chamas.

– Gosto tanto de vocês todos – diz Josh, de braços bem abertos.
– Há tanto amor em mim, pessoal.

Alguém se ri; um amigo abre a boca de espanto e tenta puxá-lo pela manga para o fazer sentar-se. Ele afasta-o à sapatada e está um bocadinho trôpego.

– Como é que o amor pode ser errado? – pergunta aos poucos que restam junto à fogueira. – Como é que algum tipo de amor pode ser mau?

Começa a andar de um lado para o outro, com o rosto a arder como o pôr do sol ainda há pouco; o mesmo pôr do sol que fez com que Will enviasse uma mensagem a Rosie.

– Josh – chama Rosie baixinho.

– Eu *amo* o amor – diz ele, ainda mais alto, e ri-se da sua escolha de palavras.

Alguém desliga a música, por irritação, desconfia Will. Este observa com um distanciamento divertido enquanto Josh serpenteia por entre os poucos que ainda ali se encontram: velhos amigos da

escola, pessoas das oficinas e aulas de ciências, todos a olhá-lo com carinho ou cansaço.

Marley está ao colo de Tom e diz:

– Nós também gostamos de ti, Josh.

Ele olha para ela e começa a andar para trás, com uma lata de sidra na mão.

– Pensam que gostam. Pensam que conhecem uma pessoa.

– Josh – volta a dizer Rosie, e há um tom de advertência na sua voz.

Will consegue captá-lo e endireita-se, em vez de estar apoiado nos cotovelos.

– Nunca se sabe – diz Josh. – Mas não faz mal. Vocês fizeram-me ver isso esta noite. *Todos* vós.

Agora, está a abanar a cabeça e Will pergunta a si mesmo se ele estará a tentar não chorar. Não consegue perceber se Josh está sob o efeito da euforia do álcool ou extremamente triste. Duas coisas que tantas vezes são uma só.

Josh bebe mais um gole da lata e deixa-a cair. Cai com um baque surdo sobre a relva.

– Afasta-te da beira da falésia, Josh – diz-lhe Rosie, mas ele não o faz.

Continua a recuar e depois gira sobre si mesmo com os braços esticados, como se estivesse a abraçar o céu noturno. As pessoas estão agora a levantar-se dos lugares que ocupavam junto à fogueira. O riso dá agora lugar a exclamações como «Meu Deus!» e «Merda!». A ligeira curiosidade transformada em terror.

Alguém grita pelo nome de Josh e Will levanta-se, com o sangue a fluir como um rio, e caminha em direção a ele com a mão esticada.

– Amigo, vá lá, já bebeste mais do que a conta.

Olham-se nos olhos por um brevíssimo segundo.

E depois Josh abre a boca para dizer alguma coisa, mas o pé de apoio resvala e isso acontece tão depressa que Will nem tem a certeza de que tenha acontecido, embora esteja ali, mesmo ali, e pudesse ter saltado para o agarrar, se tivesse tentado. Há pessoas a gritar. As raparigas estão a gritar. E os rapazes estão à beira da

falésia, a chamar por Josh e a bradar impropérios, fala-se em chamar uma ambulância. O choque abrandou tudo por um instante: as estrelas; o mar calmo, parado e vigilante. E Will espreita lá para baixo e vê, mesmo às escuras, o ângulo daquelas pernas compridas e algo tão semelhante a vinho e tão errado a infiltrar-se na areia. Vira-se e bloqueia a passagem a Rosie, porque esta vem a correr para a beira da falésia a gritar pelo nome do irmão.

– Não – diz ele, abrindo os braços e estreitando-a contra o peito.

– Não. Tu não queres ver isto. Tu não queres ver isto.

E ela está a soluçar e a gritar e continua a chamar pelo nome do irmão e Will ajoelha-se com ela e mantém-na ali, assim, como se aquele fosse o seu único propósito: impedi-la de ver a cena, como se isso pudesse de alguma forma, um dia, fazê-la desaparecer.

DEPOIS

Will sabe que nunca mais será capaz de comer salada de batata depois de hoje.

É fria e viscosa e transforma-se em papa na sua boca. Sabe a coisas abafadas, como as palavras pronunciadas a custo pelos amigos dele, no púlpito. O ar também estava abafado enquanto saíam em fila para o parque de estacionamento do cemitério e partilhavam carros para seguir até à casa da família, sem dizer nada.

Estão todos juntos na sala de estar de Rosie, de vestidos e blazers pretos, apesar do calor do final do verão. De olhos secos, agora. Com canapés nos pratos.

Will observa enquanto as pessoas comem. Enfia uma garfada na própria boca, embora não lhe apeteça.

As vozes são baixas e solenes, e há muito movimento, mais ainda do que durante a festa que deram no Natal, mas as pessoas dão mais espaço umas às outras, conversam e tocam-se muito menos. O pai de Rosie parece perdido, como se não conseguisse lembrar-se do porquê de estar ali, naquela sala, com todos aqueles desconhecidos, amigos e familiares. A mulher está lá em cima, ninguém a viu desde o serviço fúnebre.

E Rosie. Rosie está sentada junto à janela com Marley, que lhe segura a mão e não sai da sua beira. Outro vestido preto. Mangas compridas, cabelo entrançado seguramente por outra pessoa naquela manhã.

Tem o ar que seria de esperar de um irmão gémeo que assiste ao funeral do outro. Prostrada interiormente, mas conseguindo de alguma forma manter a sua postura ereta.

Desde a queda que o mundo tem girado de forma lenta e isenta de gravidade. Como se nada se aguentasse, permanecesse ou funcionasse por qualquer motivo. Sentiu um distanciamento semelhante quando o avô morreu – quando teria de dizer algumas palavras no funeral e depois, chegado o momento de o fazer, não foi capaz.

Ele sabe que desiludiu toda a gente.

Alcatrão na boca. O mundo submerso.

Passada uma hora, Marley leva Rosie para o jardim. Ele vê-as levantar-se do lugar à janela e uma rapariga conduzir a outra por entre a multidão silenciosa. Um dos maiores amigos de Josh está a chorar baixinho no seu grupo e duas raparigas começam também a chorar, porque é como o bocejar, involuntário e contagioso. Will leva os pratos deles, fingindo amabilidade, e leva-os para a marquise, onde pode ver Marley e Roe através do vidro, a percorrerem o jardim.

Lá fora, a tarde doura-lhe a pele e o céu é de um azul suave e sem nuvens.

Há uma macieira, um trampolim. Uma fonte que não está a correr. Segue-as até onde as sebes se separam, com vista para terras de cultivo. Há gansos a grasnar nos campos, enquanto Marley continua a segurar a mão de Rosie.

Ele hesita atrás delas, mas depois diz o nome dela. A cabeça de Marley vira-se de repente, mas Rosie não se mexe. Ele quer tocar-lhe. Segurar-lhe a outra mão ou, para ser sincero, vê-la segurar a dele com força.

– O serviço fúnebre foi lindo – comenta Marley, ao fim de imenso tempo.

– Só que não foi, pois não? – diz Will.

Marley vira-se novamente para ele, mas Rosie continua sem olhar para trás.

– O quê? – diz Marley.

– Foi devastador – diz ele. – E estagnado, como todos os funerais. Só que ainda é pior quando se trata de uma pessoa jovem e brilhante.

Marley está a mexer a boca, como que a ranger os dentes; como quem não quer acreditar no que está a ouvir.

– Porque ele *era* brilhante – diz Will. – E interessado. E atencioso.

Sente as mãos a tremer e prende os polegares nas presilhas do cinto.

– E também divertido – prossegue. – Mas não de forma intencional. Era simplesmente demasiado ingénuo, quase demasiado simpático para um rapaz daquela idade, sabes? E *isso* era divertido para muita gente. Mas eu achava que ele era simplesmente... tão diferente de toda a gente. Sentia-me tão... aliviado, ao pé dele.

– O que estás para aí a dizer? – pergunta Marley, mas Rosie levanta a mão, quase involuntariamente, como se não quisesse que ela o interrompesse.

– Não posso crer que ele morreu – diz Will. – Não posso crer que fomos a uma porcaria de um funeral convencional onde ninguém disse nada verdadeiro sobre ele.

– Will – diz Marley, e parece chocada.

– É verdade – insiste ele. – Ninguém fala a verdade nestas coisas. Foi assim no do meu avô e acontecerá o mesmo no meu. Roe – volta ele a dizer. – Roe, podes olhar para mim?

Mas ela não pode; baixa a cabeça e ele fica sem saber se estará a chorar ou simplesmente a tentar não o fazer.

– Não quero que essa seja a forma como o recordas – diz-lhe Will. – Ou penses que essa é a forma como todos o irão recordar. Ele era muito mais do que esses poemas e essas leituras. E a tua canção foi fantástica, Roe, a sério que foi. Ele tê-la-ia adorado. Mas ele teria adorado um álbum inteiro de canções tuas, certo? Talvez tivesse preferido *karaoke*, para tu cantares ao vivo. E teria querido

frango frito, não canapés. E música de Natal a tocar quando saímos, apesar de estarmos em setembro.

– Pára! – diz Marley.

– Não – riposta ele, e não sabe por que razão é tão importante dizer aquilo, mas sente o peito a rebentar, por isso continua. – Os funerais são tão relevantes como... o quarto de hospital em que nascemos. Não têm importância. Mas o Josh *tem*. Ele era cativante e idealista e um bocadinho desajeitado, e sabia os versos em falta do *Príncipe de Bel-Air* e desenhava estrelas quando estava a tentar resolver equações, e isso tem mais importância, Rosie, do que um estúpido serviço fúnebre.

– Cala a boca, Will!

Ele faz de conta que Marley não falou e eleva a voz para se sobrepor à dela.

– Recorda as tuas próprias coisas, Roe. As coisas verdadeiras. Consegues fazer isso?

Ele está a pedir-lhe algo que ela não pode dar, porque Will sabe que o mais provável é ela querer morrer também, ali mesmo, junto ao campo. Metade dela desapareceu, transformada em cinzas, enquanto eles estão ali, e Josh não.

– Por favor, Roe.

E quando ela continua sem dizer nada e sem se mexer, ele volta para casa, deixando Marley a segurar a mão de Rosie e o Sol a afundar-se nos terrenos agrícolas. Ele sente o coração rasgado, exposto. Há pássaros ainda a cantar nas árvores.

– Ele passou das marcas – diz-lhe Marley.

O pôr do sol segura-se mais um instante e depois cai, deixando vestígios de garras no céu. Vermelho coral e flamejante. Sombras suaves de crepúsculo.

– Não, não passou – diz Rosie, e foi a primeira coisa que disse durante todo o dia.

Marley vira-se para ela nessa altura e agarra-lhe o braço com a mão que não segura a dela.

– Bem, podia ter sido mais agradável – comenta Marley.

– É sempre possível ser-se mais agradável – diz Rosie. A sua voz não lhe soa bem, mas continua a falar. – Quero lembrar-me de todas aquelas coisas. Das coisas que ninguém disse, a não ser ele.

E depois algo acontece no seu íntimo, algo que receava e passara o dia a reprimir, e deixa escapar um som gutural e é como se a rasgassem ao meio.

– Mas não consigo. Não consigo lembrar-me de nada, a não ser de ele a cair.

O seu único grito transforma-se em soluços sem lágrimas, um amafanhar ruidoso de si mesma. Marley tenta acalmá-la, como uma mãe faria, e ela desaba no jardim, perto das árvores que ambos tinham trepado, sobre a relva onde tinham procurado trevos e dentes-de-leão trazidos pelo vento e feito bonecos de neve e colares de margaridas e observado as nuvens... E a verdade é que naquele momento não consegue recordar nada disso, mas Marley garante-lhe que há de vir a recordar.

De volta a casa, Will não se pode ir embora, como pretendia; tem de ficar na cozinha, enquanto outros convidados permanecem no vestíbulo. A mãe de Rosie desceu claramente apenas para se despedir deles; está especada junto à porta, como que incapaz de se mexer, incapaz de enfrentar os restantes que se encontram na sala.

Will vê as pessoas agarrar as mãos do senhor e da senhora Winters, murmurar-lhes palavras bem-intencionadas e inúteis. O pai de Roe sai para o caminho da entrada com alguns deles, talvez para apanhar ar ou porque já não consegue suportar as paredes da sua própria casa.

Quando vê a última pessoa sair, Will também se dirige para o corredor, preparando-se para dizer alguma coisa igualmente oca. Mas quando a mãe de Rosie o avista, o seu rosto faz algo que nunca lhe tinha sido dado a ver. Relaxa e depois contorce-se. Na verdade, vê aquilo a duplicar, porque ela está junto ao espelho da entrada, que reflete toda a sua fúria.

– Sai! – diz ela quando ele se aproxima.

– Já estava de saída – replica.

– Como te atreves? – indaga ela, e é como se o seu rosto fosse esculpido em madeira e mal conseguisse mexer a boca.

– Como te *atreves*? – diz novamente. – Depois da tua festa delinquente e patética a que eu *lhe disse* para não ir? O Joshua não faz estas coisas. Ele ouve o que eu digo. E depois conhece-te e começa a precisar de ajuda a Matemática e a sair de casa à noite às escondidas em dias de escola.

– Não era dia de escola – retruca Will, e não sabe porque o faz quando ela está a tremer da cabeça aos pés e continua a falar do filho no presente.

– *Foda-se!* – diz ela, e é tão chocante ouvir uma pessoa adulta, uma mulher serena como ela, a praguejar com ele daquela maneira que Will fica siderado.

Sente os ânimos esfriar.

Prepara-se para pedir desculpa, mas nessa altura ela inclina-se para ele e Will tem de recuar um passo.

– Não tens um pinga de decência – diz ela. – Vir aqui, hoje. E depois falar comigo dessa maneira. Como se tivesses um problema.

– Não tenho um problema – contrapõe ele, esforçando-se por manter a calma e deixá-la transparecer na sua voz. – Mas o Josh era meu amigo, senhora Winters. E eu sou...

Mas ela solta uma gargalhada horrível.

– Pessoas como tu não têm amigos. Tens pessoas que usas para subir na vida ou para lhes mancharas a reputação. Conheci pessoas como tu na escola. Pensas que não sei o motivo da tua suspensão? Achas que ia deixar-te aproximares-te dos meus filhos, por um segundo que fosse?

Há um bocadinho minúsculo de saliva na sua face. O batom continua perfeitamente vermelho.

– Tu és *mau* para ele, Will – sibila. – E para a Rosie. Sai! Agora! Quero-te fora da minha casa!

Está a olhar para ele como se Josh não tivesse caído. Como se Will o tivesse empurrado.

– Sai! – exclama ela uma última vez.

– Que se lixe! – solta ele, mas baixinho, e passa por ela com as entranhas presas na garganta.

Racionalmente, sabe que aquilo são palavras de uma mãe enlutada. Mas o seu lado mais negro, a parte que gosta de beber e ficar tensa e arrastá-lo para os lugares agitados e obscuros onde não sente nada, essa parte ouve o que ela diz e vem ao de cima. Porque ele podia tê-lo agarrado. Podia não os ter convidado, naquela noite. Josh podia ter ficado em casa e Will podia ter feito alguma coisa, ou não, e tudo seria completamente diferente.

O amigo podia continuar ali, a resolver equações.

A desenhar estrelas com a esferográfica.

*

Depois de toda a gente se ter ido embora, Rosie deita-se e fica acordada, com o coração a mil, receosa de como será o mundo na manhã seguinte.

A mãe não geme, como nas outras noites. Está simplesmente calada. O pai está anestesiado; parece aturdido com tudo aquilo, como se não conseguisse acreditar que aconteceu. E embora não possa compreender a dor de perder um filho, Rosie consome-se com o facto de eles não serem seus gémeos. Eles podem tê-lo criado, mas não cresceram a partir das mesmas células; não partilharam corações e cromossomas e uma casa ainda antes de serem humanos.

Na escuridão da noite, Rosie imagina que também ela irá morrer, que é impossível viver com aquilo a corroer-lhe as entranhas.

Por isso, muda-se para o quarto dele e dorme na cama do irmão gémeo durante dias. Dorme como se estivesse a recuperar de todas as noites de insónia de que sofreu desde pequena; desde que o relógio começou a mantê-la acordada e ela começou a contar, a verificar e a fazer promessas a si mesma, para que não acontecessem coisas más e as pessoas não morressem.

Mas ele morreu na mesma.

Ele morreu, ela está cansada e os pais seguem de alguma forma com as suas vidas, vestem-se e deixam-na em paz até a coisa se tornar absurda, deixar de ser razoável ou normal; o pai abre os cortinados e diz:

– Vá, Rosie! Está na altura de voltares para a tua cama.

Ela concorda até escurecer, quando volta sub-repticiamente para o quarto do irmão e encosta o rosto à sua almofada. Ainda tem um bocadinho do seu cheiro. Mas está a desvanecer-se a cada noite que passa.

Na manhã em que vai partir para a universidade, verifica e volta a verificar até ser tão automático que nem tem a certeza de ter verificado bem.

As malas já estão no carro. O pai está no lugar do condutor e a mãe está a chamá-la para descer, pois está na hora de ir embora.

Não resta nada, a não ser os cortinados e algumas fotografias.

Enviou uma mensagem a Will, no dia anterior, a pedir-lhe que fosse ter com ela ao farol, depois de amanhecer. Ele não respondeu, mas ela foi na mesma e ele não apareceu. Já era de prever, depois de semanas sem qualquer contacto. Depois de ela não ter olhado para ele no funeral.

Agora, de volta a casa, verifica tudo uma vez mais. Para quê, não sabe. Toca no peitoril da janela, posiciona a cadeira da secretária no ângulo certo. O ângulo certo. Certo. Certo. Um bocadinho mais para a esquerda e está bem.

Nessa altura, a mãe volta a chamar por ela, e isso obriga-a a ir embora e a descer a escada.

– O que estavas a fazer? – pergunta a mãe, como se tivesse um prazo a cumprir; como se tivesse de voltar para algo mais importante.

– Nada – diz Rosie.

– Não te atrases, então – replica a mãe e dá-lhe um beijo no alto da cabeça.

Há um momento em que se agarram; Rosie sente a mão da mãe nas suas costas, a puxá-la para si, enquanto ela lhe agarra o

cotovelo. Não têm o costume de se abraçar e aquilo não se parece com um abraço de despedida; parece mais que estão a conversar através do tato, com os longos dedos que ambas têm a dizer coisas por elas.

– Vais ficar bem – diz a mãe e, pelo facto de ela ter sentido necessidade de dizê-lo, Rosie não acredita nessas palavras. Pensa em dizer-lhe, naquele momento, com os rostos refletidos no espelho da entrada, que não quer ir.

A mãe volta a beijá-la, desta vez de forma mais brusca, e largaa.

– Porta-te bem – diz ela.

– Sempre – replica Rosie, um ritual que mantêm desde a infância.

A mãe sorri sem sorrir realmente e Rosie sai de casa.

*

Na noite do funeral, Will passa por casa de Darcy, no regresso.

Faz sexo com ela no jardim, porque a mãe dela está em casa e porque ela quer tanto quanto ele.

– Não senti a tua falta – diz ela enquanto lhe morde o lábio. – Mas estou tão triste, Will.

Ele vira-a de lado, raspa-lhe a face no crespido granitado da casa e pensa, enquanto se vem, em como gostava de poder dizer aquilo em voz alta; admitir que também está triste e usar isso para justificar tudo. Todo o mal.

– Tu conhecia-lo bastante bem, não era? – pergunta Darcy, ao mesmo tempo que desenrola a saia à volta da cintura.

Ele corre o fecho das calças e diz-lhe que tinham Matemática juntos.

– E não foi na tua festa que ele morreu?

Ela diz aquilo de forma casual, como se não lhe interessasse; como se estivesse simplesmente a confirmar algo que já sabe. Ele olha para ela, mas não responde. Continua a olhar até ela ficar vermelha e lhe perguntar o que foi.

Essa resposta fica por dar, ele guarda-a na sua boca enquanto corre, toma duche e faz os seus turnos. Ao jantar, quando engole a comida a custo sob o olhar atento da avó. Pesa-lhe, agora, enquanto arranca as ervas daninhas do seu próprio jardim, sente-a pendurada e inconveniente na garganta. A relva está molhada. Choveu durante a noite.

Tinha ignorado a mensagem de Rosie no dia antes de ela se ir embora. E isso parece-lhe urgente e incontornável; assombra-o, pulsando nas suas veias enquanto enfia as mãos na terra.

Alinha as ervas daninhas no chão e depois apanha-as de uma só vez e atira-as para o caixote do lixo do jardim. Está a transpirar e a ofegar e tem as unhas pretas com terra. Depois, vira-se e dirige-se para a garagem. Remexe atrás da caixa de ferramentas, levantando os montes de trapos sujos de óleo que guarda debaixo da bancada de trabalho.

Tira para fora uma garrafa da bebida transparente e forte que o ajudava em tempos. Bebe uns quantos goles às escuras porque não se deu ao trabalho de acender a luz.

Em muitos aspetos, a universidade é aquilo que Rosie esperava.

Parques relvados e bibliotecas circulares, seminários em que às vezes se sente perdida e, outras vezes, interessada. Aulas, com copos de café levados para o auditório e uma confusão de papéis. Pessoas inteligentes e observações estúpidas. Moedas largadas em copos de meio litro, para que a cerveja tenha de ser bebida de seguida, como água da torneira.

Ela gosta da sala dos computadores, por baixo da biblioteca da sua faculdade. Da forma como está sempre quente e zumbe com o trabalhar da impressora. As pessoas vão lá com um objetivo. Chegam, vão embora, e ela fica ali a digitar os seus ensaios, com os pés dos colegas a passar por cima dela, enquanto ela trabalha no subsolo, como se estivesse escondida.

Noutros aspetos, não é nada como imaginava.

Pensava que as coisas ficariam bem, de alguma forma, quando ali chegasse. Mesmo depois da morte de Josh, uma parte dela continuava com esperança de que os seus velhos problemas pudessem desaparecer; de que a sua verificação compulsiva e as noites de insónia pudessem desvanecer-se em virtude de um novo lugar, graças a novos amigos e rostos e aos factos com que preencheria os seus dias.

Mas, na realidade, o sono profundo que se seguira ao luto desapareceu e ela passa o tempo ávida e dolorosamente acordada.

Nos clubes, no bar, no quarto de uma amiga a fazer leituras de última hora. E quando tem de estar sozinha, acaba por andar às

voltas no seu quarto, a tocar na sua roupa e chaves com apenas dois dedos e da maneira certa, antes de conseguir ir deitar-se. E se vai à casa de banho a meio da noite, tem de fazer tudo outra vez.

Não sabe porquê.

Mas fez amigos. E bons. Um grupinho de pessoas com quem vê filmes e dança em discotecas, e para quem se encarrega de chamar táxis quando decidem, já toldados pelo álcool, que não querem ir a pé para casa, ao frio.

Começa a beber café, porque toda a gente bebe.

Experimenta o seu primeiro *kebab*, bebe a sua primeira *Jägerbomb*.

Tem de reformular um dos seus ensaios pela primeira vez na vida e chora ao telefone com Marley por causa disso, mesmo depois de tudo. Embora aquele género de coisas nunca mais devesse voltar a ser importante para ela.

Não diz a ninguém que o irmão gémeo morreu.

Nem que dorme duas ou três horas por noite, ao longo de todo o primeiro período.

Estuda. Bebe. Deixa de escrever canções. Come muito pouco e passa a vestir um número abaixo, coisa que sabe que vai deixar a mãe maravilhada quando for a casa, no Natal.

Quase envia uma mensagem a Josh, para lhe dizer isso.

Mas, nessa altura, volta a lembrar-se de tudo.

É início de dezembro – «Oxmas»^{*}, como lhe chamam – quando ela decide parar de andar em círculos no quarto e, em vez disso, sair do edifício onde se encontra assim que amanhece. Dá a volta aos terrenos da faculdade de casaco comprido, vendo a neblina elevar-se dos relvados.

Às vezes, acompanha o curso do rio até sentir as mãos enregeladas e é por isso que repara nele pela primeira vez.

Ele está na água, a remar, sozinho, e ela não pensa nada sobre isso, a não ser que é estranho haver mais alguém acordado àquela hora. Vê-o passar por ela, a deslizar na água, com os seus grandes braços e o cabelo curto, o maxilar forte e determinado.

Volta a vê-lo algumas vezes. Ele olha uma vez para ela, mas continua a remar; continua a deitar fora o ar, a soprar por causa do esforço, com um nível de concentração que ela nunca viu em ninguém.

Ela esquece-o.

Volta a casa, para passar o Natal.

Passa um mau bocado, mergulhada num silêncio quase total, e soçobra quando regressa para o segundo período, porque tudo o que já era difícil antes torna-se ainda mais difícil. Deixa de dormir, as verificações aumentam e mantêm-na acordada toda a noite, de tal modo que não consegue lembrar-se do que surgiu primeiro, se a verificação ou a insónia, porque uma é a causa da outra e o seu cérebro entra num circuito interminável, tanto de noite como de dia, nas aulas a que assiste, enquanto come com os amigos no refeitório, isto é, a mexer a carne de um lado para o outro no prato e a ingerir sobretudo os hidratos de carbono, as cenouras, as coisas macias e fáceis de engolir. Sente-se fria e agitada o tempo todo, como um globo de neve virado de pernas para o ar. A andar à roda, vazia e cheia.

*

Will comeu até ficar sóbrio. São duas da manhã e está na cozinha, a tirar pão diretamente do saco de celofane e a esmigalhá-lo na boca com dois dedos.

A fome tinha-lhe parecido real e surgira de forma repentina. Por isso, desceu a escada, começou a comer e o mundo tornou-se mais nítido.

O pão é da marca *Hovis Best of Both*^{**}, ao que parece.

Na realidade, não é o melhor em nada.

Mas termina a sua quarta fatia, volta a enfiar o pão no saco e bebe alguma água. Ele sabe que a chave é essa: se beber uma quantidade improvável de água, tudo ficará bem.

E as coisas *têm* estado mais ou menos bem. Tem trabalhado e corrido, não tem sentido saudades da escola, da rotina das

matrículas, das aulas e das revisões que na verdade não fazia, dos professores que tinham pena dele, que gostavam dele ou que o tratavam com desconfiança. Pontualmente, faz turnos na Moe's Motors e corre para se livrar de Josh e daquela noite e da sensação de náusea que nunca o abandona. Quando bebe, os pensamentos tornam-se mais suaves, como quando se reduz o volume ou se baixa a chama no fogão. Continuam lá, mas abafados com gim, vodka ou rum. Inicialmente, bebia fora de casa. Na sua garagem ou depois do trabalho, na praia ou em vielas, como o traste que desconfia ser.

Depois disso, ouve música *rock*.

Acorda, esfomeado e ainda nauseado, sem vontade de fazer nada diferente.

Agora, na cozinha, prepara-se para abrir a torneira para beber mais água quando o seu telefone vibra sobre a bancada. Violentemente, como se alguém estivesse a perfurar a parede.

Vê o nome dela. Depois de ter tentado não pensar nela, durante semanas. O álcool também ajuda nesse aspeto, como um velho amigo que nos consola e sabe sempre o que dizer. Distrai e adia as coisas durante um tempo até alturas como esta, em que a vida real aparece a bater à porta ou a telefonar às duas da manhã.

Não abre a torneira. E não pensa demasiado.

– Roe – diz ele quando atende.

Ela diz «olá», depois de uma longuíssima pausa. Will fica a pensar se ela queria mesmo ligar.

– Estás acordado.

– Sim.

– Não sabia se estarias.

Outra pausa, ainda mais longa, desta vez. Leva o telefone para a sala, fecha a porta e senta-se na poltrona do avô. *Dave* levanta-se da sua cama, ao canto, e fareja-lhe os joelhos em jeito de cumprimento, antes de voltar para a cama.

– Estás bem? – pergunta ele.

– Sim – replica Rosie, embora a sua voz sugira o contrário.

– Como vai tudo, então?

la perguntar-lhe como estava a correr a universidade ou como foi o seu Natal, mas nenhuma das duas parecia mais relevante do que a outra. Há tanta coisa entre eles, agora. Tantos meses e tantas coisas. Não falam desde o velório.

– Bem. Otimamente.

– Rosie.

– Sim?

– Porque é que estás a ligar?

Segue-se novo silêncio, tão carregado como uma cidade à noite. Não consegue ouvi-la respirar; não há roçar de roupa de cama, nem suspiros ou som de passos.

– Não consigo dormir – diz ela. – Já tentei tudo e mais alguma coisa.

– Está bem.

– E não sei o que fazer.

A voz de Rosie fraqueja nessa altura e ela deixa sair a respiração, superficial e sincopada.

O coração de Will fica inundado. Todo ele, bramindo.

– Está bem – replica. – Está bem. Estamos a falar de quanto tempo? Só esta noite?

– Não.

– Uma semana?

Mais silêncio, e depois ela diz que é desde que ali chegou, e ele fica sem saber se ela está a referir-se ao primeiro dia de faculdade ou ao primeiro dia do segundo período, mas, seja como for, é mau.

Will levanta-se, vai até à janela e acalma-a com coisas despropositadas. Fala sobre a montagem de cabos de embraiagem na garagem e sobre a repentina fixação de Amber em ser vegetariana. Sobre as árvores que consegue ver, como estão nuas sem as suas folhas. Sobre o inverno, que tem sido tão chuvoso.

Continua a falar, porque ela não responde, e tenta imaginar o sítio onde ela está e como será o seu quarto; uma cama de solteiro e uma janela, os livros em pilhas altas sobre a secretária.

Fala sobre um manual que está a ler. Sobre uma banda que descobriu e de que ela era capaz de gostar, do ruído branco das faixas.

A dada altura, ela deve ter adormecido, porque a sua respiração torna-se regular e, por fim, quando a madrugada leitosa passa pelas persianas, ele também adormece.

– Estás com um ar cadavérico – diz-lhe a avó ao pequeno-almoço.

– Obrigado.

– O que se passa? Estarás a chocar alguma?

Antes que possa responder, ela encosta-lhe a palma da mão à testa e tira-lhe o cabelo dos olhos.

– Também estás com suores frios.

– Tive uma noite agitada, só isso – diz ele.

– E também estás com mau hálito – continua ela, abrindo o frigorífico.

Ele finge não se importar, mas fecha a boca, não vá ela sentir o cheiro a etanol.

– Dormiste cá em baixo? – pergunta a avó, acenando com a cabeça em direção à porta da sala.

Depois, põe a manteiga e o doce na mesa, e também uma embalagem de sumo, e ele tem um lampejo importuno daquele dia de neve em que Josh foi buscar as guarnições para pôr nas panquecas.

– Will?

– Sim?

– Perguntei se tinhas dormido cá em baixo.

– Na verdade, não dormi. Mas sim, estive cá em baixo.

A avó faz um som de assentimento, mas não pergunta mais nada. Tem sido muito meiga com ele desde a morte de Josh e ele sente-se grato por isso, mas também um bocadinho furioso. É como se precisasse de ser tratado com cuidado. Como se aquilo mudasse tudo. Como se ele não preferisse receber as suas habituais críticas intransigentes e ter a vida de volta ao que era.

– Esta noite, vou sair – diz ele, e ela enfia panquecas no forno.

– Outra vez?

– Sim.

– Com quem é que andas por aí, agora?

– Pessoas.

– Não há raparigas?

– Há muitas raparigas.

Ela suspira e, de forma quase inacreditável, aproveita esse preciso momento para mencioná-la, ao fim de meses de silêncio e de muito tato, sem arriscar fazer perguntas.

– Perdeste o contacto com a tal Rosie, foi?

– Depois de o seu irmão gémeo ter morrido no meu aniversário?

– riposta ele de forma acalorada, mas depois disso a sua pele fica gelada. – Sim, perdi.

– Willyum – diz ela, e a sua voz é simultaneamente compreensiva e reprovadora. Ele levanta-se e diz que não tem fome.

Rosie começa a telefonar-lhe todas as noites.

Por volta das onze horas, quando ele já está deitado ou a voltar de beber na praia. Quando o vento sopra mais forte e as estrelas estão visíveis. Com o mar a bramir, algures, atrás dele.

Will fala e ela replica, de vez em quando, mas o mais frequente é adormecer e ele continuar a falar durante algum tempo, para se certificar de que ela continua ali.

Ele conta-lhe tanta coisa. Gosta de fazer aquilo; gosta do tempo que passa a falar com ela, embora ela esteja lá e ele ali e tudo aquilo seja uma grande embrulhada. Descobre que leva o dia inteiro à espera do momento em que o seu telefone irá tocar. Causa-lhe tristeza, mas também um profundo alívio, porque significa que ela continua a precisar dele.

Ao fim de algumas semanas, quando a geada de fevereiro enfeita a relva de manhã e ele consegue ver a sua respiração ao acordar, ela quebra a rotina e telefona-lhe ao nascer do dia.

– Onde estavas? – pergunta-lhe.

Ele ainda está meio a dormir, não acompanha o raciocínio.

– Fiquei à tua espera – diz ela. – No dia em que me vim embora.

Ele olha fixamente para o teto, para os contornos das estrelas antigas. *Artex*^{***} a redemoinhar sobre ele.

– E porque é que não te despediste? – pergunta Rosie. – No funeral.

Will continua imóvel. Nunca pensou ter de responder àquelas perguntas; pensou que fosse uma coisa entre eles que pudessem compactar, como terra.

– Falas comigo até eu adormecer, todas as noites – diz ela –, mas há outras coisas que precisam de ser ditas. Coisas sobre as quais que devíamos falar.

Ele continua a olhar para o teto, para a sombra de sol nas pinceladas. Quando ele não lhe responde, ela incita-o:

– Não achas?

Por isso, tem de abordar o assunto.

– Aconteceu demasiada coisa, Roe. Quero estar aí, ok? Quero ajudar-te a ultrapassar isto. Mas não te consigo ver. Não consigo falar contigo sobre coisas normais.

– Coisas normais – repete Rosie. – Tu só falas de coisas normais!

– Normal seria reconhecer o elefante na sala! – exclama Will, e volta a sentir aquela raiva, tão abundante e de um branco quente.

– Está bem. E qual é?

– O facto de o teu irmão ter *morrido*, Roe. E de eu ter de viver com isso!

Um inspirar muito subtil.

Consegue ouvir a Amber a escovar os dentes na casa de banho. O jato da torneira, o raspar das cerdas na sua boca.

– Que *difícil* que deve ser para ti – diz Rosie em tom viperino, que nem parece dela, e a raiva dos dois confronta-se como ondas a rebentar na areia; de forma necessária e inevitável.

O silêncio que se segue prolonga-se e persiste.

Nenhum deles desliga a chamada.

O relógio dele, a fazer tiquetaque. O som da caldeira ao fundo do corredor.

– A culpa não foi tua – diz finalmente Rosie, cedendo.

– Estou farto disso – riposta Will, e a sua voz treme com esse cansaço. – Não tentes fazer-me sentir melhor, por amor de Deus!

– Está bem, está bem.

E agora é Rosie quem está a tentar acalmá-lo e ele não quer isso. Fica súbita e insaciavelmente furioso com ela.

– Não me despedi e não fui ao farol porque não quis – diz.

– Está bem – volta ela a dizer.

– Será que está? *Está* mesmo bem? Porque parece que também achaste que estava bem brincar comigo, Roe, e decidir quando e onde me querias, ou nem sequer olhar para mim naquele dia, mas agora ligas-me a horas impróprias e interrogas-me sobre essas mesmas decisões.

Ela não responde, por isso ele continua.

– Penso, muito simplesmente, que isto já não é uma coisa boa. Se é que alguma vez o foi. Tinhas razão, Roe. Concentra-te em Oxford e no teu sofrimento, sim, talvez devas procurar ajuda especializada e eu voltar à vida que fazia antes.

Está agora sentado na cama, com o corpo a pulsar.

– Está bem – diz Rosie, e agradece-lhe sabe-se lá o quê. Ele fica a olhar para o telefone depois de ela desligar, a perguntar a si mesmo o que diabo aconteceu e por que razão disse tudo aquilo.

Vai correr, para tentar afastá-la do pensamento.

E, nessa noite, ela não telefona.

*

Rosie conhece o rapaz do remo numa saída à noite.

É uma noite normal e desinteressante, em que acabam sentados ao lado um do outro, num *pub*, e ele oferece-lhe uma bebida e comenta:

– Ah! És a miúda madrugadora!

Ele viu-a a reparar nele nos seus passeios junto ao rio. É grande, de forma quase inquietante; braços e pernas talhados para enfiar os remos na água, nariz fraturado uns anos antes no campo de rãguebi.

É mais velho do que ela. Está no segundo ano.

Ele pede-lhe o número de telefone e saem os dois passada uma semana, para tomar um café entre as aulas. É uma quarta-feira e ele chama-se Simon.

Faz-lhe lembrar um urso, com a sua grande cabeça e as mãos enormes, e tem um riso vindo lá do fundo, seguro e cheio. Não bebe álcool, come muito frango e claras de ovo, fala-lhe sobre o amor às regatas e à água. Fala sobre a facilidade que tem em levantar-se antes de amanhecer, diz-lhe que se deita às nove da noite e que todos os seus amigos se riem dele por causa disso, mas que a vida é assim e que, quando se faz parte da equipa, tem mesmo de ser assim.

Interroga-a sobre os seus interesses e estudos. Tira-lhe o casaco e pendura-o na cadeira dela, como um adulto. É ele que paga os cafés. Volta a convidá-la para sair; desta vez, para jantar, num restaurante que ele pensa que irá ser do seu agrado.

Com ele, as coisas são fáceis. Rosie dá por si a integrar-se na vida dele da mesma forma que um passarinho se aninha debaixo da asa da mãe; em busca de conforto e abrigo e por necessidade.

Marley telefona-lhe sensivelmente de quinze em quinze dias. Está a estudar Medicina, como sempre quis, trabalha muito e festeja ainda mais. Parece estar resfriada sempre que falam.

Terminou com Tom antes de irem para a universidade e não teve um cheirinho a romance desde então, a menos que as relações ocasionais com rapazes no bar de estudantes contem, mas ela diz que isso é a coisa menos romântica de sempre.

– Como é que ele é? – suplica, quando Rosie lhe conta sobre Simon.

– É simpático – diz Rosie.

– Uma mais-valia – diz Marley.

– Melhor do que simpático – emenda. – Muito atencioso. E bom para dialogar. Mas não faz muitas perguntas, sabes? É o oposto de intenso. Simplesmente muito doce. E atencioso.

Disse «atencioso» duas vezes.

– Parece ser ótimo. – É tudo o que Marley diz.

Rosie concorda e espreita pela janela do quarto, para os terrenos da faculdade. Há um pombo pousado no peitoril da janela da velha biblioteca; encurralado, com as asas dobradas. Como se estivesse à espera de alguma coisa.

– E como está tudo o resto? – pergunta-lhe Marley.

Rosie fica a pensar na pergunta. Ainda no dia anterior, na Bodleian, viu um rapaz que se parecia um pouco com Josh. Sentira o coração disparar em direção à boca, regressara à sua secretária e escrevera uma linha do ensaio antes de ir chorar em silêncio para a casa de banho, trancada num cubículo.

– Está tudo bem – diz a Marley.

– Sim? Andas a dormir melhor?

– Sim – responde Rosie, porque é verdade e porque teria dado a mesma resposta, mesmo que não fosse.

Tinham sido tantas as pessoas, incluindo Marley, que se tinham mostrado preocupadas com ela desde a morte de Josh – amigos de escola, os pais e até parentes distantes a quererem saber como estava... Sabe que devia sentir-se amada e reconhecida. Em vez disso, o ressentimento espalha-se a partir do seu umbigo, como aquele pombo a abrir as asas.

– Fixe – diz Marley. – Isso é bom.

– Em que ponto vais com o teu cadáver? – pergunta Rosie, querendo mudar de assunto.

Não se inscreveu para uma única aula de Música na «Feira do Caloiro». Passou pela bancada do coro, pela da orquestra, pelas chamadas para cantar *a capella*, para a Philharmonia e para a banda de *swing*.

Ninguém na sua nova vida sabe que ela canta ou toca.

Que a música fazia parte dela, antes.

Quando Will deixou de falar com ela para a adormecer – deixou de falar com ela, ponto final –, Rosie teve de encontrar outra forma de aguentar as noites. Recomeçou a escrever poesia, pela primeira

vez desde a morte de Josh; apenas na cama e apenas a estranhas horas da noite.

Descobriu que conseguia combater ambas as coisas dessa forma; as insónias e a asfixia de cada dia, pegando na caneta e escrevendo as coisas indizíveis. Coisas que não eram feitas para a música nem para olhos humanos; coisas que nem acredita que está a pensar e a sentir e a encontrar de alguma forma palavras para expressar.

Manchas de tinta nos seus lençóis.

Enquanto escreve, não consegue fazer verificações compulsivas ou sentir-se angustiada.

Não consegue pensar em mais nada.

*

Will começa a trabalhar mais horas na garagem, porque pede para fazê-lo e porque precisa do dinheiro. Substitui baterias, troca cabos, mas quando pede para Moe fazer dele um mecânico a sério, este diz que isso não seria justo.

– Não posso pagar-te o salário de um mecânico – explica Moe.

– Porquê?

– Porque tenho um negócio para gerir.

– Mas recebo a mesma coisa desde há três anos.

– E nunca te prometi mais do que isso, pois não?

Por isso, durante todo o ano, Will limpa lubrificante das motas novas, prontas a levantar. Vai buscar fatos-macaco à lavandaria. Cumprimenta clientes, varre o chão, lava canecas e faz tantos cafés que quase pede a Moe para cortar na cafeína, vendo como só isso poderia justificar um aumento de salário.

Deposita todos os seus salários, exceto uma pequena parte que dá à avó, na sua conta bancária para comprar um bilhete de avião. Porque ele vai, este verão.

Aliás, metade dele já foi.

Arranja trabalhos esporádicos pela cidade, a consertar coisas, a limpar caleiras, a cortar relva e a pintar paredes. Aprende a lixar

soalho, a envernizar rodapés, a forrar sótãos, a instalar tomadas e a fazer o que for preciso para preencher o tempo e conseguir os meios para sair dali. À noite, faz o que sempre fez: corre, cozinha um pouco quando a avó não quer fazê-lo, lê, conduz e bebe.

Não há telefonemas. Não há mensagens ou convites para festas.

A verdade é que nenhum dos seus antigos amigos continua por ali. Até mesmo Darcy foi para uma universidade, algures; conseguiu notas para estudar Saúde e Assistência Social. Ele desdenhou quando ela lhe contou isto, sobretudo da ideia de Darcy ser capaz de cuidar de alguém.

Quase todas as semanas envolve-se sexualmente com mulheres como ela: uma funcionária da lavandaria, empregadas de bar, baristas e auxiliares de educação que conhece no *pub*.

Esforça-se imenso por se concentrar nessas raparigas enquanto está com elas.

Tenta ouvi-las enquanto falam.

Nos dias maus, permite-se imaginar Rosie. Quando está com uma rapariga ou simplesmente deitado na cama com elas, depois, de janelas abertas e com os cortinados a esvoaçar com a brisa.

Deitar-se-iam assim, pensa, antes de conseguir refrear-se. Roupa pelo chão, nuvens a passar pelas persianas. A boca dela impressa no seu copo de água.

Ridículo.

Numa noite de verão, regressa do seu passeio de mota, com o cabelo puxado para trás devido à velocidade e o coração aquietado pelo risco e pelas estradas longas e vazias.

Decide comer antes de tomar um duche. Pergunta a si mesmo o que a avó lhe terá deixado, uma vez que raramente comem juntos, agora; ele nunca está em casa às horas certas para isso, apesar de ela lhe pedir para tentar. Normalmente, está deitada quando ele chega e as luzes já estão todas apagadas.

Mas, esta noite, ela está na cozinha. Sentada à mesa, com as mãos entrelaçadas.

– Está tudo bem? – indaga ele, e ela levanta os olhos.

Prepara-se para lhe perguntar o que se passa, porque é que ela está a olhar para ele assim, quando ela baixa o braço ao lado da cadeira e traz uma garrafa para cima da mesa.

Fá-lo mais uma e outra vez, até haver cinco garrafas parcialmente bebidas alinhadas à sua frente. Soldados de vidro com pescoços altos e ossudos, que refletem a luz da cozinha.

– E *tu*? – pergunta-lhe ela, olhando-o fixamente. – Estás bem?

De repente, Will sente a cabeça cheia e lenta, como se alguém tivesse expelido fumo nos seus ouvidos e o tivesse deixado embaciado por dentro.

– Quando é que recomeçaste a consumir bebidas alcoólicas? – pergunta-lhe ela.

Ele ainda pensa em negar, como teria feito a sua versão mais jovem, mas depois encolhe os ombros e contrapõe:

– Isso importa?

– Sim, importa – replica a avó, e a sua voz vacila por uma vez.

– Depois do funeral.

– Que funeral?

– Qual havia de ser?

– Que funeral, Will? – insiste ela, cada palavra como um buraco aberto em papel ao soco.

– O do Josh.

A avó permanece imóvel, mas ele vê alguma coisa a libertar-se no seu rosto. *Há pouco menos de um ano*, estará a pensar. Não é um hábito irreversível, como talvez fosse se ele tivesse andado a beber às escondidas durante anos, desde que o coração do avô deixara de bater na casa de banho, uma manhã, com a escova de dentes ainda na boca.

– Quero que despejes isto tudo – diz a avó. – Agora mesmo.

– Posso sempre comprar mais – diz ele.

– Não faças isso! – diz ela, cerrando os dentes para não chorar.

Ele sofre ao ver aquilo, com cada célula do seu corpo a destilar vergonha, ódio e fúria, por ela, por ele e por aquilo que ela se prepara para o obrigar a fazer.

– Não te atrevas a fazer esse tipo de ameaças, Will! Promete-me. Pelo meu coração cada vez mais fraco. Agora!

– Isso não mudará nada.

– Nesse caso, vamos procurar ajuda – diz ela, fitando-o com os seus olhos enrugados como passas. Encolhem, quando ela está triste. Tudo nela se torna mais duro e maior, exceto os olhos.

São os olhos que ela usava com a mãe dele.

– Não preciso de ajuda.

– Nesse caso, despeja isto.

– Avó.

– O que é?

– Isso não fará diferença.

– Fará, sim, Willyum.

– Não, não fará! Porra! A avó não faz a mais pequena ideia!

– Não *ouses* falar comigo assim na minha própria casa – diz ela.

Levanta-se e de repente fica enorme e a falar alto, como a mulher que o criou, e bate ao de leve numa das garrafas com o braço da cadeira.

– Então, levamos a discussão lá para fora, é?

– Como é que podes *gracejar* neste momento, William? Como?

– Porque sim – responde ele, encolhendo os ombros.

Continuam a olhar fixamente um para o outro. Ela está a respirar fundo, o que para ele é estranha e perturbadoramente calmamente. É como se os sentimentos verdadeiros o tivessem abandonado. Como se tivesse recuado para fora do seu próprio corpo, para observar o desenrolar da cena.

– Se não queres deixar de beber por ti, fá-lo por mim, então.

– Isso também não vai resultar, avó.

– Não estou a falar-te ao coração. Estou a ser prática.

– Ah, sim?

Ele encosta-se agora à ombreira da porta. Deixa a dobradiça enterrar-se na base da coluna.

– Sou capaz de precisar que me leves a algumas consultas no hospital. Muito em breve.

– Porquê? O que se passa?

– Digo-te quando souber.

– Mas por que razão marcou as consultas?

– Promete-me simplesmente que estarás em condições de me levar, se eu precisar.

– Está a mentir.

Custa-lhe a crer que ela tenha feito aquilo, que tenha jogado sujo. Ela não nega. Ele vira-lhe as costas e sobe a escada, e ela deixa-o ir. As garrafas continuam alinhadas em cima da mesa.

*

Rosie ficou sem papel.

Tem estado a escrever em pedaços de papel descartados pela impressora, mas já não resta nenhum, e ela tem mais coisas para dizer, por isso agarra na esferográfica e escreve o resto no pulso e ao longo de todo o braço.

A ponta faz-lhe cócegas.

É fina e leve, como a ponta de uma pena, e isso desencadeia outra memória, outra frase, uma altura em que ela e Josh descobriram que havia penas de aves a sério nas suas almofadas. De pato, sabe agora, e escreve uma canção inteira sobre isso, pela primeira vez desde que Josh morreu, sobre a suavidade e as arestas cortantes, a chuva de penugem branca roubada a coisas que outrora tiveram vida.

Quando amanhece, não esfrega o braço para o limpar.

Vai às aulas com mangas compridas, para esconder a pele repleta de histórias que, na verdade, não consegue esquecer.

Uma noite, depois de um encontro romântico – embora ela se pergunte se será mesmo isso quando se é um casal e os dois entraram discretamente na vida um do outro sem discussão –, Simon interroga-a sobre as canções que ela traz na pele.

Tinham ido jantar e ver um filme. Um sucesso comercial qualquer, com um grande orçamento e péssima qualidade; Rosie não consegue recordar grande coisa. Agora, estão no quarto dele, com as cortinas corridas e o candeeiro de secretária dobrado para baixo, ao canto.

Ela está em cima da cama, de pernas cruzadas. Ele vê as palavras a espreitar pela abertura da manga, a pequena lágrima de pele por baixo do botão do punho.

– O que é isto? – pergunta-lhe ele, acenando com o rosto grande e amável em direção às mãos dela, que agarram o chá. Camomila. Já não ingere cafeína.

Rosie retrai-se, mas ele estende a mão e levanta-lhe o antebraço em direção à luz, virando-o para poder ver. Ela fica à espera de que ele sorria. Que enrugue o rosto com curiosidade e perguntas, mas ele limita-se a encolher os ombros e diz: «Alunos de Artes...», antes de lhe devolver o braço.

*

Está a chover quando Will esbarra na irmã, no corredor.

A avó está a ver televisão na sala. O lamento de um clarinete de uma das suas telenovelas sobe pela escada, ao mesmo tempo que os pingos de chuva batem com força nas janelas.

– Oh! – exclama Amber. – Estás em casa.

– Sim – diz Will.

Ele ia descer para ir buscar água; ela está no degrau mais alto, a bloquear-lhe a passagem.

– Pensávamos que tinhas saído – diz ela.

– Bem, não saí.

Ela continua sem se mexer, e isto é pouco habitual. É o maior período de tempo que passam juntos desde há praticamente um ano. Têm um acordo tácito: nunca entram no quarto um do outro e mantêm sempre uma distância salutar. Funciona bem.

– A avó está triste.

– Porquê? Morreu alguém em *Emmerdale*?

– Não. É por causa de andares a beber vodca, outra vez.

Ele sente o coração rebentar, como um elástico, contra as suas costelas. O barulho da chuva nas janelas é ensurdecedor.

– Eu... não sabia que tinhas conhecimento disso.

– Tenho.

Ele olha para ela, nessa altura. Com olhos de ver, pela primeira vez desde há muito tempo. Parece mais velha do que os seus onze anos. Tem um pouco de acne no queixo e uma intensidade no olhar que nunca viu em ninguém; nem nas raparigas da escola, nem na avó, nem na mãe deles.

– Ela não te devia contar essas coisas – diz ele, quando nenhum deles faz menção de se mexer. – És demasiado jovem.

– A avó nunca me conta nada. Mas eu não sou estúpida.

Ele ergue as sobrancelhas, ao ouvir isto.

– Não, não és.

– Mas tu és – diz-lhe ela, e ele cruza os braços e fica à espera de saber porquê. – Na verdade, és muito inteligente, Will. E atraente, ao que parece. Todas as minhas amigas o dizem.

– O que tem uma coisa a ver com a outra?

– Significa que poderias fazer coisas. Se quisesses.

Ela parece a avó a falar e ele sente vontade de lhe dizer isso mesmo, mas Amber continua a falar, elevando a voz para se sobrepor à chuva.

– Podias fazer mais do que limpar motas e afogar a tristeza na bebida – diz ela, e ele olha-a fixamente por causa da última parte.

– Eu sei que gostavas daquela rapariga e que ela se foi embora. E sei que aquele rapaz morreu no teu último aniversário.

Uma nuvem negra, para lá do vidro.

– E é por isso que estás triste. Mas embora possas *sentir* que essas coisas te estão a matar, Will, aquilo que *na verdade* acabará por te matar é a bebida. Eu li sobre isso. Posso mostrar-te fotografias.

– Não é preciso – diz Will, quando percebe que se trata de uma oferta genuína.

– Está bem. Se tens a certeza...

– Tenho a certeza.

– Acredita na minha palavra, então – diz ela. – E faz as pazes com a avó, está bem? – acrescenta, ao mesmo tempo que sai finalmente do seu caminho. – Quero ir dormir a casa da Abbie, mas ela precisa de estar mais bem-disposta antes de eu lhe pedir.

– Certo – diz Will, porque, apesar de tudo o que ela disse, de todas as coisas que ela viu sem ele saber que estava a ver, ela tem apenas onze anos.

Tenta parar de beber.

Tenta mesmo.

Despeja o conteúdo das garrafas no lava-loiça, como a avó lhe pediu. Atira-as para a reciclagem e estremece quando elas se partem. Faz corridas mais longas que lhe deixam os pulmões sem ar e os glúteos a arder, bebe muita água e fuma um cigarro quando sente necessidade disso, para ter alguma coisa para fazer com as mãos.

Aguenta durante três dias.

Depois disso, leva o salário para a loja de conveniência, compra a bebida alcoólica mais barata que consegue encontrar e bebe-a na viela, atrás da loja, odiando-se pelo facto de lhe saber tão bem.

Em seguida, anda às voltas, incapaz de voltar para casa, e acaba no parque de estacionamento. O que fica no centro, onde as coisas correram tão, mas tão mal, quando ele era miúdo e se dava com gente de má índole, fazendo coisas que não devia, porque os pais o tinham abandonado e o avô tinha morrido e, agora, depois de tudo isso, o Josh também morrerá.

Começa a correr. Dá uma volta aos lugares de estacionamento vazios, parecendo um idiota com os seus sapatos baratos e com a sua camisa demasiado justa em tecido não respirável. As luzes estão acesas na loja de esquina, do outro lado. Ele sabe que a câmara de videovigilância está a captar os seus movimentos. E sabe que está diferente, mais velho, do que da vez anterior.

Acaba num bar, com uma caneca de cerveja e uma base para copos que rasga em bocadinhos.

Uma rapariga faz-lhe olhinhos, mas, por uma vez, ele não retribui os olhares. Percebeu que não consegue parar de beber. Antes, tinha sido sempre capaz de fazê-lo. Não queria, mas tinha sido capaz. Desta vez, a coisa parece diferente, mais desesperada e

pesada. Como se ele precisasse de sair daquele buraco antes que aquilo o esmague; e, como não consegue parar, tem de agir.

Por isso, no dia seguinte, compra o seu bilhete de avião.

Primeiro, a Ásia. Tailândia. Ele gosta de *pad thai* e os voos eram baratos, e são essas as únicas coisas que tem em consideração. Compra a passagem usando o computador da biblioteca municipal e imprime-a na impressora enorme e com a luz vermelha a piscar. Empurra a bandeja do papel para trás e para diante umas quantas vezes e ali está o bilhete, pronto e à espera, ainda morno ao toque.

Durante o caminho a pé para casa, apercebe-se de que vai embarcar no dia a seguir ao da morte de Josh. No dia a seguir a fazer vinte anos.

Uma coincidência, tem a certeza. Um mundo antigo, estúpido e estranho.

* Isto é, Natal (*Christmas*) em Oxford, uma vez que o primeiro período termina nessa altura. (N. da T.)

** Marca de pão comercializada no Reino Unido, cujo nome (em português, «o melhor de ambos») é uma alusão ao facto de ser feito com farinha de trigo e farinha de trigo integral em partes iguais. (N. da R.)

*** Marca inglesa de um tipo de estuque que dá um acabamento estruturado às paredes e tetos. (N. da T.)

O dia do aniversário da morte de Josh nasce cinzento e molhado, como se soubesse.

Will tinha-se preparado para a dor no peito e, por causa disso, ela está ausente. Levanta-se, acaba de arrumar a mochila, certifica-se de que tem o passaporte consigo, assim como o bilhete e os óculos de sol.

Já se despediu da avó e da irmã. Amber está de volta à escola, num programa de verão para fanáticos da ciência. A avó saiu à hora de almoço para o seu clube de leitura, beijou-o bruscamente na face e segurou-o durante um difícil e estranho meio minuto. Não costumam abraçar-se. Nem mesmo quando o avô morreu ou quando a mãe se foi embora.

Mal falaram desde que mentiram um ao outro, desde que puseram tudo em pratos limpos na cozinha. Desde que ela disse que precisava dele para as hipotéticas idas ao hospital. Desde que ela descobriu a sua reserva secreta de bebidas alcoólicas e o envergonhou, forçando-o a abrir-se.

Por isso, deram aquele desconfortável não-abraço no corredor, ela pediu-lhe que a avisasse quando chegasse ao destino e ele disse que ia tentar. Já da porta, ela exclamara «Feliz aniversário, Willyum!», antes de deixá-lo à entrada.

Ele passa uma hora à espera.

A olhar para o relógio e para a mochila.

Vai viajar para Londres naquela noite, apanhar um comboio para ficar num hotel barato, ao lado do aeroporto. Devia sair às três e

estava a pensar ir a pé até à estação com a mochila às costas, mas começa a chover, por isso chama um táxi. Volta a verificar a bagagem. Senta-se à mesa da cozinha, a mexer no telefone, sem ninguém com quem falar.

Há um bolo de aniversário por cortar em cima da mesa.

Um único cartão, da avó e da irmã, aberto junto à fruteira.

E depois, quando falta um quarto para as duas, alguém bate à porta. Duas leves batidas da aldraba. Continua a chover, a água escorre em lençóis pelos vidros das janelas e, quando ele abre, ela está ali especada e ensopada, com o cabelo encharcado e a camisa transparente devido à chuva.

– Não consegui ir para casa – diz ela.

Ele olha-a fixamente, como que para verificar se é real, e depois puxa-a para dentro pelo braço e tira-lhe o saco das mãos, fechando a porta com o pé.

– Não consegui ir – diz ela outra vez, forçando as palavras por entre o seu respirar.

E ele larga o saco e puxa-a para ele, sente a calidez do seu corpo através da sua roupa molhada. Parece mais pequena, quase como uma carriça. Toda ela pulsos e espinha e asas dobradas.

Faz-lhe macarrão com queijo. Ela precisa de sal e laticínios; alguma coisa densa e firme, alguma coisa que lhe dê consistência. Dá-lhe uma *T-shirt* velha e umas *leggings* da irmã para ela vestir e ela senta-se à mesa da cozinha, a vê-lo cozinhar. Ele rala noz-moscada, corta cubinhos de *bacon* e deita leite com todo o cuidado, como se estivesse a tocar nela.

Rosie para de chorar algures entre o ponto em que ele junta a mostarda e rala o *cheddar*. Rala mais queijo do que a receita diz e vê-o amontoar-se como aparas de madeira no prato.

– Queres beber alguma coisa? – pergunta ele, mas ela abana a cabeça.

De qualquer forma, ele serve água para os dois e põe a chaleira ao lume, para fazer chá. Não lhe disse mais nada e, de certa forma,

não consegue acreditar que ela está ali, na sua cozinha, e logo hoje, mas a verdade é que lhe parece inevitável e de alguma forma justo.

Põe o macarrão ao forno às três da tarde; precisamente a hora a que devia sair para apanhar o comboio e o voo do dia seguinte. O seu coração vira e revira no peito, como uma pedra entre as mãos, a ponderar a situação. Mas já não lhe parece uma escolha. Ele não quer ir. Não agora. Interroga-se vagamente sobre se irá arrepender-se, mas vira-se para ver Rosie à mesa, com o cabelo molhado pela chuva e os olhos inchados, e sabe que trocaria a Tailândia por ela no dia seguinte e no próximo. De qualquer forma, sabe fazer um *pad thai* aceitável e o mundo não vai a lado nenhum, portanto tira isso da cabeça.

Ficam sentados em silêncio enquanto a massa está no forno. Quando fica pronta, ele leva o tabuleiro para a mesa e dá-lhe um garfo. Comem juntos, diretamente do pírex, com o queijo a esticar-se, branco e quente, da massa até às suas bocas.

– Não te queimes – diz-lhe ele, e ela acena afirmativamente e começa pelas bordas.

A cozinha está quente, parece quase húmida. As janelas estão embaciadas do calor.

– Desculpa – diz ela.

– Não peças desculpa.

– Disseste que não me podias ver e eu vim na mesma.

Will enfia o garfo na comida, que parece simultaneamente suave e densa.

– As coisas mudam – diz-lhe.

Ela não lhe pergunta se pode ficar lá, mas, depois de comerem, ele leva-a para o piso de cima e deixa-a sentar-se aos pés da sua cama.

– Então, é este o teu quarto – diz ela.

– Impressionante, certo?

– Eu gosto. Sempre imaginei como seria.

– E estiveste lá perto?

– Sabia que haveria CD – diz ela, acenando em direção às pilhas por baixo da janela. – E desarrumação.

– Não está *desarrumado*. Todas as coisas têm o seu lugar.

– O seu lugar no chão?

– É um lugar tão bom como qualquer outro.

– Gosto do teu cato – diz ela, mudando de posição na cama e encostando-se à parede.

É uma coisa pequena, num vaso, e que, por mais que ele tente, continua viva.

– Foi a Amber que mo ofereceu no último Natal. Disse que lhe fazia lembrar a minha pessoa.

Rosie franze o sobrolho, como se não fosse capaz de ver a semelhança.

– Um filho da mãe cheio de espinhos... – diz ele, encolhendo os ombros, e isto desconcerta-a e fá-la soltar um arremedo de riso, como que a perguntar-se se conseguirá fazê-lo.

– Tenta descansar – diz ele, e ela anui.

Quando chega à porta, ela diz o seu nome e ele vira-se para trás, com a mão na ombreira.

– Feliz aniversário!

– Obrigado – replica, e olha para ela no quarto da sua infância, tão pequeno um como o outro, um inesperado, o outro tão vulgar.

O cabelo dela, ainda húmido, brilha com a luz.

*

Quando Rosie acorda, ao princípio não sabe onde está.

Um quarto pequeno. Cheira a pinhal. Há roupa no chão: uma camisola de capuz e umas meias enroladas numa bola.

Parou de chover. A manhã entra sob os cortinados e ela não quer levantar-se, não quer deixar aquele espaço acolhedor e imóvel, onde nada acontece. Deixa-se ficar ali deitada, debaixo do edredão de Will White, durante imenso tempo. Depois, batem suavemente à porta. Esta abre-se e a avó dele entra no quarto.

Pousa uma caneca de chá na mesa de cabeceira e abre os cortinados.

– Bom dia, minha menina – diz ela, e Rosie senta-se na cama, mantendo o edredão junto ao corpo.

– Senhora White.

– Elsie. A menos que prefiras que te trate por menina Winters...

– Não. Rosie serve lindamente.

– Dormiste bem?

– Sim – responde Rosie, e parece surpreendida, quase assustada por admitir tal coisa.

– Bem, não te vou perguntar isto por não seres bem-vinda – começa Elsie. – Nem por querer que te vás embora ou por ter algum tipo de problema em te ter aqui. Pela minha parte, não me incomoda nada que fiques cá em casa.

Rosie espera, porque há por ali um «mas», e Elsie senta-se na cama.

– Os teus pais sabem que estás aqui?

Rosie abana a cabeça.

– Não achas que seria melhor dizer-lhes?

– Eles pensam que fui passar as férias de verão a casa do meu namorado.

Elsie acena uma vez com a cabeça, de forma tão pronunciada que o seu queixo quase lhe toca no peito. Rosie fica a ruminar aquela palavra. Namorado.

– Nesse caso, não vão ficar preocupados, nem chamar a Polícia ou pôr a tua cara numa embalagem de leite, certo?

E quando Rosie parece confusa, Elsie explica-lhe que era o que se costumava fazer com as crianças desaparecidas.

– Tenho dezanove anos – protesta Rosie.

– E continuas a ser filha deles – diz Elsie, pondo a mão no joelho de Rosie, por cima do edredão.

É uma mão coberta de sinais, anos de intempérie, trabalho duro e provações. Enrugada, como um tronco de árvore que mostra a sua idade.

– Não vou ficar aqui muito tempo – diz Rosie, embora não faça ideia de quanto tempo irá ficar.

Não tinha planeado estar ali. Apeara-se do comboio para ir para casa, para fazer a coisa certa e estar com os pais no aniversário da morte do irmão.

Não conseguiu fazê-lo.

– Podes ficar aqui o tempo que quiseses – assegura-lhe Elsie. – Não fará mal nenhum ao Will dormir no sofá durante uns tempos.

Rosie quer agradecer e perguntar-lhe porquê. *Nem sequer me conhece*, pensa em dizer. Mas a anciã olha para ela como se fosse sua neta e aperta-lhe o joelho através das mantas.

– Bebe o teu chá – diz.

E ela assim faz.

Rosie passa os dias longos com Will, em casa da avó dele. A ver televisão e a ler os seus livros, a comer ovos, torradas e frango assado. A sala de estar cheira a cera para móveis e também se sente o cheiro a terra e ar livre das patas de um cão. *Dave* afeiçoou-se a ela e senta-se muitas vezes aos seus pés ou deita-se em cima dela no sofá.

– *Dave* é um nome engraçado para um cão – comenta ela, fazendo-lhe festas na cabeça crespa.

– Davidstow – diz Will, sem levantar os olhos do telefone.

– É um lugar?

– Um queijo. O *cheddar* favorito do meu avô.

Rosie sorri e sente que perdeu a prática; sente os dentes desalinhados, os lábios gretados e tensos. Falam sobre queijo durante um bocado. Debatem sobre o *stilton* e se a casca é ou não para comer.

A chuva é contínua, mas saem para dar curtos passeios sempre que podem. Cingem-se às áreas mais recuadas e aos trilhos florestais, sem terem de dizer em voz alta que precisam de evitar o centro da cidade, para não correrem o risco de esbarrar nos pais dela. Eles pensam que ela ainda está em Oxford, num trabalho de verão. E a passar os fins de semana em casa de Simon.

– Como está a tua mãe? – pergunta-lhe Will uma manhã, enquanto passeiam por entre as árvores, com a terra molhada sob

os pés.

Rosie leva algum tempo para responder. Olha para a parte de trás dos ténis de Will, com uma massa de terra e folhas agarrada ao rebordo das solas.

– Está como sempre foi. A multiplicar por cem.

– Está bem.

– É uma pessoa fria – explica ela. – E está ainda mais fria e mais distante. É uma questão de sobrevivência, sabes?

– Sim.

Continuam a andar, fazendo estalar pequenos galhos sob os seus pés.

– E o teu pai?

– Está destroçado. Toma antidepressivos.

– E isso está a ajudar?

– Não me parece.

– Meu Deus!

– Deus não existe – riposta Rosie.

Ela sabe que é dramático, mas também é verdade, e Will não discorda, não lhe chama a atenção, nem diz «Vá lá, Roe», e ela ama-o naquele momento, como se não o amasse já; é o momento em que tem a certeza.

Mas guarda aquilo nas gavetas do seu íntimo. Lembra-se de Simon, enquanto segue Will pelo caminho florestal. Separa isto daquilo e de todas as coisas que aconteceram antes.

– Fala-me sobre os teus amigos – pede Will, uma noite.

Estão no quarto dele, encostados à parede, a jogar cartas. Ou a fingir jogar, enquanto falam.

– Os meus amigos da universidade?

– Sim. Quero saber.

– Isso surpreende-me.

– Estão na tua vida – diz ele, encolhendo os ombros. – E eu gosto de estar a par da tua vida.

– Está bem – replica Rosie, e vê-o recolher as cartas e começar a baralhá-las. – Há a Lydia, do meu curso. Muito inteligente, muito

despistada, viciada em leite com chocolate. Usa-o nos cereais.

– Que estranho!

– Eu sei. Mas eu até gosto disso nela. E também há o Henry, que reside no nosso piso. Está a estudar Bioquímica e tem mesmo ar de quem anda em Bioquímica, sabes?

– Óculos?

– Sim! E uma expressão facial muito pensativa.

– Não tem nenhuma preferência por leite com chocolate?

– Não propriamente. Come torradas todas as manhãs.

– Adoro que avalies as pessoas pelo que comem ao pequeno-almoço.

– Isso diz muito sobre uma pessoa – explica Rosie, e há uma leveza no seu estômago quando ele brinca com ela e lhe pergunta sobre a vida que construiu, sem saber.

Ela fala-lhe sobre os amigos da universidade e sobre os professores e quase não lhe conta sobre Simon, mas tem de fazê-lo. Há um momento de silêncio enquanto ele distribui as cartas, em que ela se pergunta como cairá a notícia e se será boa ideia.

– E o Simon – diz, finalmente.

– Sim?

– É um doce de pessoa. Um bocadinho mais velho do que eu. Pratica remo.

– Isso é fixe.

– Sim, ele é fixe. Bem, na verdade, não é fixe. Até é um bocadinho enfadonho. Não, não é essa a palavra. O que quero dizer é que faz tudo de acordo com as regras, mas no bom sentido. Deita-se cedo. Come muito bem e faz exercício todos os dias, é um grande ouvinte e sabe o que quer. E isso é ótimo, não é? Saber-se o que se quer. Ter tanta certeza, mesmo agora.

Está nervosa, a falar pelos cotovelos. Will também se apercebe disso e abrandando a distribuição das cartas.

– Cuida de si e de todos os que estão à sua volta. Ias gostar dele. Tem mãos limpas e bom cabelo. E ele é... hum... Bem, estamos juntos.

Pronto. Já disse.

Aquilo fica a pairar de forma tangível no ar do quarto, que cheira ao seu próprio sono, hálito, pele e roupa emprestada.

– Certo – diz Will, e não está certo, não lhe parece certo, e ela arrepende-se de imediato, arrepende-se de todas as escolhas que fez durante aquele ano tortuoso e difícil de suportar.

– E tu? – pergunta, desesperada por se redimir.

– Eu o quê?

– Há alguém em cena?

Ele olha para ela e depois volta a concentrar-se na distribuição das cartas.

– Tu conheces-me, Roe.

Conheço e não conheço, pensa Rosie. Seja como for, isso não responde à sua pergunta.

*

A visita já dura há algumas semanas quando Rosie diz a Will que quer estar noutro lugar. Will compreende que não é porque não queira estar ali com ele, mas sim porque viver a sua própria vida está a custar-lhe tudo o que tem.

– E para onde queres ir? – pergunta-lhe ele.

Estão sentados na sala, como têm o hábito de fazer à noite, enquanto a avó cozinha e Amber está na sua vidinha, lá em cima. Will está sentado na cadeira do avô e Rosie com *Dave*, no sofá, a olhar para o quadro na parede. Um moinho antigo e um rio. Juncos entrelaçados em primeiro plano.

– Apenas para longe – diz ela. – Para qualquer lugar.

– Então, vamos embora.

– Não estou a referir-me ao farol ou à floresta.

– Eu também não.

Ela tira os olhos do quadro e olha para ele.

– Podemos estar no aeroporto de Norwich em duas horas – diz ele.

Ouvem uma porta a fechar-se lá em cima; é a irmã que vai à casa de banho, ou talvez tenha sido o vento a entrar por uma janela

aberta. Ela solta uma risadinha que mais parece um respirar arrastado.

– Não podemos fazer isso – diz ela, ao ver que ele não está a sorrir.

– Porquê?

– Porque não.

– Porquê?

– Não tenho nada comigo.

– Tens o passaporte, certo?

– Sim. O passaporte, os cartões bancários e a escova de dentes.

– Nesse caso, podemos ir.

– Onde? – pergunta-lhe ela, depois de o ter olhado nos olhos e percebido que ele não está a brincar.

– Para longe – repete ele. – Para qualquer lugar.

Reservam cinco dias no Montenegro porque é o voo mais barato que ainda tem dois lugares e porque ambos sabem mais ou menos onde fica.

Rosie pode ter trazido o passaporte impelida pela ansiedade – é demasiado precioso para deixar para trás, mesmo num quarto fechado à chave num *campus* –, mas pouco mais tem. Nada para o sol abrasador nem para a tenda infernalmente quente que Will leva na bagagem. Abastece-se no aeroporto: havaianas de cores vivas, *T-shirts* estampadas com corações que exibem bandeiras, uns óculos de sol pontiagudos e que, segundo Will, a fazem parecer um inseto.

Ela devolve-os ao sítio de onde os tirou, mas Will diz que não, que fizera a observação no bom sentido, e ela pergunta-lhe como é que parecer um inseto pode ser uma coisa boa. Ele lista todos os insetos maravilhosos de que se lembra, ali mesmo, no corredor da Sunglass Hut: borboletas, abelhas-mestras e libelinhas. E ela diz «Está bem, está bem» e leva-os para a caixa registadora.

O voo é tranquilo e Rosie dorme enquanto Will espreita pela janela oval. Só tinha andado de avião duas vezes: numa visita de

estudo à Escócia e durante umas férias em família, em Portugal, de que mal se lembra. Recorda um mercado de peixe e uma desagradável camada de protetor solar no rosto. Comeu muito esparguete e viu alguns barcos com o avô.

Na altura, também ficara fascinado com a vista do avião. Aquela sensação de estar tão alto e a andar tão depressa, quando na realidade não se estava a mover.

Quando aterram, alugam um carro pequeno e cheio de riscos e conduzem durante quase cinquenta quilómetros até chegarem a uma aldeia onde Will leu que havia um parque de campismo junto ao lago, que na realidade não passa de um campo coberto de matagal partilhado com três ovelhas ranhosas. Há uma casa de banho com um cubículo a funcionar, insetos esborrachados no espelho e uma única torneira de água potável que, segundo a informação manuscrita constante de um aviso, também serve de lugar para lavar os pés. «SEM AREIA NOS PÉS», diz na porta.

– Nesse caso, deve haver uma praia algures – conclui Rosie, enquanto Will desenrola a tenda e começa a prender as estacas.

– Do outro lado da montanha – diz ele, e acena em direção às colinas.

*

O mar chama-os; concordam que é isso que parece. Leem junto ao lago e comem os biscoitos que compraram numa loja, pelo caminho. Depois, preparam uma mochila e fazem o trajeto longo e sombrio até ao outro lado da colina para chegarem ao Adriático. É quase meio-dia. Will explica que, dessa forma, irão passar a parte mais quente do dia abrigados do sol. Rosie fica surpreendida por ele ter pensado em tal coisa e deixa-o indicar o caminho porque nunca teve essa oportunidade; nunca teve alguém a planejar as coisas para ela. Foi sempre ela quem planeou tudo. Que se preocupou com tudo. A organizadora que se preocupa com as queimaduras solares. Gosta do facto de estar ali inesperadamente, num país europeu que nunca pensou ver. Gosta de não ter de pensar. Gosta

da sombra das árvores e da roupa comprada no aeroporto que não lhe assenta bem e da forma como volta a sentir fome em alturas não programadas do dia.

Ocorre-lhe que devia enviar uma mensagem a Simon, a dizer-lhe onde está, mas então teria de lhe contar que não está em casa, com os pais.

Que está na companhia de um velho amigo.

Não quer preocupá-lo. Além disso, tudo parece tão distante ali, tão estrangeiro, tão longe de tudo lá em casa. Ela não é mentirosa, mas sente-se exausta e aliviada, e tão quente e apaziguada à sombra das árvores que parecem tão diferentes, ali. Inspira o perfume da caruma e das pinhas. Desliga o telemóvel.

Na praia, há uma barraca onde compram limonada, figos e sanduíches. Comem, bebem, nadam e às vezes falam, mas a maior parte do tempo não o fazem, deixando o Sol percorrer o céu e confiando nele para saber que horas são e quando se devem mexer. Ela deixa o calor secar o sal na sua pele e nos pelos finos dos braços.

Está tanto calor. Na tenda, mal corre uma brisa, mas ela consegue respirar.

*

Vão de carro até um miradouro na montanha, passam por uma aldeia de ruas empedradas com um parque de estacionamento e um monte de ruínas antigas. Não falam sobre isso, mas alteram instintivamente o seu plano; Will estaciona, paga o parque e sobem a colina a pé, vendo as bancas do mercado, com as suas bugigangas, especiarias e lenços pintados.

É como se tivessem saído da Europa e entrado no Médio Oriente. O calor é mais próximo, lá em cima, e não tardam a sentir o lábio superior perlado de suor, bem como o aroma dos cozinhados vindo das tabernas, tão inebriante quanto o sol. Will vê Rosie tocar num colar de metal e turquesa, um adorno artesanal e imperfeito, e

ela sorri para a senhora que lho estende, abana a cabeça, agradece, mas diz que não.

Deambulam pelas ruínas da aldeia desaparecida e depois sentam-se na esplanada de uma taberna e pedem água com gás, que vem com hortelã e gelo. Há fatias de pão fresco num cesto de verga. Rodelas de limão, saleiros. Pedem tomates que brilham como rubis, pepino em cubos afogado em iogurte.

– Gosto disto aqui – comenta Rosie.

– Ainda bem – diz ele.

– Tu não?

– Gosto, pois.

– Ótimo. Nesse caso, este teu plano espontâneo resultou.

– Não sei se poderá haver um plano espontâneo – diz ele. – Há uma certa contradição, não achas?

Rosie levanta o copo em sinal de concordância e bebe um gole de água.

– Bom, ainda bem que o não-plano resultou – diz ela.

– Eu nunca planeio as coisas – replica Will. – E a vida vai correndo mais ou menos bem.

Não dizem nada durante um bocado, porque estão ambos a pensar em como isso não é inteiramente verdade. Em como a pior coisa, a coisa menos boa na vida de ambos ocorreu porque o mundo é cruel e imprevisível e as coisas, por vezes, acontecem simplesmente e é essa compreensão que os volta a juntar, uma e outra vez, apesar de tudo.

– Eu penso nele – diz Rosie.

Diz aquilo sem emoção. É um facto, como o tempo estar a ficar de chuva, naquela noite.

– Todos os dias, imagino – contrapõe Will.

– Todos os segundos, é o que parece. A não ser quando estou contigo.

Will levanta os olhos e fitam-se mutuamente durante muito tempo. Depois, ela fica ruborizada, com as faces inundadas de cor. Como uma ameixa ou um pêssego.

Ele tem uma oportunidade aqui, neste momento, com a luz e os limões e esta abertura entre eles, e não a aproveita.

– Oxford não é uma distração? – indaga.

E Rosie também opta pela saída mais fácil, porque aconteceram demasiadas coisas para conseguirem desfazê-las. Por isso, responde mais ou menos, mas que isso também lhe dá muito tempo para pensar, muito tempo sozinha na biblioteca e no quarto e a ver teatro estudantil de muito má qualidade.

– Fico numa espécie de transe, às vezes – confessa. – Sei que devia concentrar-me no ensaio ou na peça, mas dou por mim a visitar as coisas, a pensar como seria se ele estivesse aqui. Ou a pensar apenas em coisas que ele disse, em coisas que nunca lhe contei.

Uma mosca-das-flores zumbe sobre o cesto do pão e o calor parece aumentar um grau, apesar da sombra da esplanada. A luz do sol passa através das trepadeiras e reflete-se no jarro de água sobre a mesa.

– Não pode haver muita coisa que não lhe tenhas dito – diz Will.

Rosie já não está a fitá-lo; o seu olhar é agora vago.

– Não muita – concorda. – Mas há... algumas coisas.

– Que coisas? – pergunta Will, e ela sorri, embora esteja triste e não lhe responda de imediato.

– Ele teria gostado disto.

– Sim?

– De estar aqui sentado, contigo.

A sua voz é estranha; longínqua, como os seus olhos. Will encolhe os ombros, sentindo o peito relaxar enquanto ela lhe serve mais água.

– Falar-lhe-ia sobre o meu TOC.

A mosca está de volta e Will segue-a enquanto escuta cada palavra sua.

– Dir-lhe-ia que é disso que se trata. Aquilo que ele sabia que eu tinha. Aquilo que piorava e melhorava, mas era mais ou menos constante, desde que éramos miúdos.

– Como lavar as mãos? – pergunta Will, mantendo um tom de voz neutro.

– Não. Nada disso. É mais subtil.

– Interruptores de luz?

– Não.

– Está bem.

– Muitas contagens. Endireitar coisas, verificar se as coisas estão lá, ou se estão fechadas, ou fora do lugar, ou como as deixei. Às vezes, isso mantém-me acordada durante a noite. Fui a um médico na universidade para falar sobre isso. E ele disse que era TOC, transtorno obsessivo-compulsivo.

– Sim. Na minha escola primária, havia um miúdo que tinha.

– A sério?

– A sério.

– Pois – diz ela. O seu rosto continua corado, as mãos entrelaçadas no colo, como se receasse que ele lhe tentasse agarrar uma delas.

– E é... – tenta ele. E depois volta a tentar. – E é... stressante?

Ela bebe outro gole de água e pousa o copo.

– Presentemente, nem por isso – replica.

Não corre nem uma brisa. Há condensação a escorrer pelos copos.

– Mas ao longo dos anos tornou-se desgastante – continua.

Will acena com a cabeça, porque não precisa do quadro completo para entender. Pensa em falar-lhe dos seus dias de torpor e hábitos de bebida, da dor latente no peito, até mesmo do que aconteceu na casa de banho da escola e em que tenta não pensar, mas em vez disso diz-lhe outra coisa qualquer, algo que não é tão mau, mas não deixa de ser horrível.

– Eu roubei uma mulher – diz.

Os olhos de Rosie procuram os seus, devagarinho, como se não conseguisse ligar aquelas palavras à sua pessoa.

– Bem – corrige. – Estava presente quando roubaram uma mulher, num parque de estacionamento. Eu sabia que ia acontecer. Os tipos com quem eu estava tinham planeado fazê-lo. E não fiz nada para os impedir. A Polícia chegou e eles fugiram todos. Eu não.

– Porquê? – pergunta Rosie, depois de uma pausa.

Will leva tempo a responder, mantendo-se anormalmente imóvel.

– Merecia ser apanhado.

– Mas não fizeste nada!

– Exatamente. Eu não fiz *nada*. Nem sequer tentei ajudá-la. Eles levaram-lhe a mala e a dignidade, Roe, e não importa se tinha apenas catorze anos, devia ter dito que não ou ido ajudá-la, ao invés de ficar simplesmente a vigiar, como eles pediram.

– Quem eram eles?

– Uns tipos com quem me envolvi.

– Gente má?

– Gente muito má.

Uma brisa rara concentra-se na rua e levanta as pontas do cabelo de Rosie. Os seus pratos vazios reluzem sobre a mesa.

– Tu não és mau, Will – diz Rosie, e volta a pôr as mãos em cima da mesa, como que num ato de rendição, para ele poder segurar uma, se quiser.

Bebem ambos mais água, com partes de si mesmos deitadas cá para fora e a flutuar no ar cada vez mais pesado. Quando o empregado traz os tomates, estes têm um sabor incrivelmente doce.

– A mala e a dignidade – diz Rosie com um ligeiro sorriso. – Quem é que fala dessa maneira?

*

À noite, dormem juntos sem fazer sexo e é a coisa mais íntima que ele alguma vez fez com uma rapariga. Consegue sentir o calor que emana dela no colchão de campismo ao lado do seu. Ela dorme a noite inteira e isso, para ele, é um triunfo silencioso que não reconhecem. Ela ressona um bocadinho e range os dentes.

– Eu ressono? – pergunta Will, e ela fica com uma expressão de pânico e diz que não.

– E eu?

Ele mente e diz-lhe que não. Que fala um bocadinho, às vezes.

– O que é que eu digo?

Ele sorri e abana a cabeça. É melhor deixá-la imaginar.

O duche não passa de um gotejar e o cubículo está em grande parte ocupado por insetos, por isso tomam banho no rio.

– Não olhes – diz-lhe ela, e ele promete não olhar e finge não o fazer enquanto estende as toalhas de ambos na relva.

Ela levanta a camisola e fica na água de roupa interior, a lavar as axilas, as pernas e a zona à volta do pescoço.

As ovelhas também a observam, enquanto mastigam a sua erva.

Will entra depois, com os calções de banho vestidos, e não há chapinhar ou nadar em conjunto, nenhuma ideia romântica daquilo se transformar em algo mais do que é.

Lavam-se, caminham, adormecem e acordam.

Existem em paralelo e não pedem mais nada um ao outro.

*

Uma tarde, abusam e apanham um escaldão tão grande que têm dificuldade em sentar-se nas cadeiras do café da praia. É como se a parte de trás das suas coxas estivesse em carne viva, o que é irónico, segundo Will, uma vez que eles estiveram a «assar».

Tinham passado o tempo a ler, deitados de barriga para baixo, e embora tivessem tido o cuidado de aplicar o protetor solar no início, tinham sido negligentes, estavam demasiado absortos nos seus livros, demasiado bronzeados e demasiado relaxados para se importarem com isso. A dada altura, Rosie ainda se apercebera fugazmente de que tinha a parte de trás das pernas dorida, que talvez tivesse uma sensação de ardor na parte inferior dos glúteos. Mas não conseguia lá chegar e não ia pedir a Will que lhe tocasse ali, embora ele o fizesse, com certeza, se ela lho pedisse.

Teve de reler a mesma página do livro por três vezes, depois disso. Teve de se concentrar para seguir em frente e sair de onde os seus pensamentos a levavam.

Tinha-se tornado muito boa nisso, durante o verão. Desligar as coisas e pensar em Will como sendo mais do que um amigo, mas sem romantismo associado, quase como um primo em segundo grau muito atraente. Alguém que lhe era interdito, mas bonito de se ver. E isso era permitido, seguramente. Tem a certeza de que Simon terá passado o verão no clube de remo, a reparar nas raparigas de

vestido curto e óculos de sol a torcer por ele, a namoriscá-lo por cima dos seus copos de Pimm's e piqueniques, com as suas pernas bronzeadas e sardentas.

É normal, pensa, enquanto vê Will dobrar a toalha de praia e colocá-la no assento de plástico. Perfeitamente aceitável, decide, enquanto ele faz a mesma coisa por ela e ambos se sentam cautelosamente, sentindo que a dor é mais suportável agora, em contacto com o algodão.

– Vamos ter de comprar aloé vera ou algo do género – diz Will, depois de terem pedido as bebidas. – Para pormos nas queimaduras, mais tarde.

Rosie está a pensar como é que irão aplicar loção um ao outro em tais zonas quando o *barman* chega e pousa as bebidas em frente deles.

– Querem comer? – pergunta ele no seu inglês macarrónico.

Rosie diz que querem sempre comer e o *barman* ri-se com a mesma gargalhada vibrante que ouviram todos os dias desde que ali chegaram. Pedem uma salada de atum para partilhar e o *barman* pergunta:

– Estão aqui em lua de mel? Ou são apenas férias de verão?

Rosie engasga-se e percebe que o *barman* está a meter-se com eles; queria apenas uma reação. Will bebe um gole da sua bebida. O seu cabelo está mais claro por causa do sol.

– De certeza que ele não tarda a casar consigo – diz ele, virando-se depois para Will enquanto aceita as ementas. – Raparigas assim? Não há muitas, pois não?

– Hum... – diz Rosie, ao mesmo tempo que Will sorri e diz que, infelizmente, ela não é para o seu bico. O *barman* ri-se novamente, mas depois parece compreender o que Will acabou de dizer.

– Vocês não são... – diz o *barman*, apontando para os dois – ... ah, como é que se diz?

– Não estamos juntos – diz Rosie.

– Não no amor? – indaga o *barman*.

– Não no amor, não – responde Will e ri-se.

Rosie sente qualquer coisa chispar no seu íntimo ao ouvir o som ou a frase que o precedeu.

– Isso, para mim, não faz sentido – remata o *barman* e desanda em direção ao próximo cliente.

Will e Rosie entreolham-se.

– Bem – diz Will.

– Pois – replica Rosie.

– Não fazes o meu género – diz-lhe ele.

Ela olha-o fixamente, mas depois desata a rir; faz uma bola com o guardanapo e atira-lha.

*

– Acho que és o meu melhor amigo – diz-lhe Rosie, na última noite.

Estão deitados lado a lado, na tenda. Está um calor sufocante e têm a pele retesada por causa do sol e da transpiração.

– Não digas à Marley – diz ela, passado um bocado.

Will resfolega, diz que não se atreveria, que tem um bocadinho de medo dela. Isto fá-la rir e depois chorar, sem saber porquê, e ele senta-se para lhe tocar, mas ela diz-lhe para não fazer isso e pede-lhe o favor de ir buscar um pouco de água. Por isso, ele sai da tenda e faz o que ela lhe pede. Enche uma garrafa de plástico, a mesma que têm andado a reutilizar desde o voo para ali, com as estrelas espalhadas pelo céu como pedras de sal.

Will dá-lhe um momento e depois regressa à tenda.

Rosie está deitada de lado, virada de costas para ele, e quando ele se instala lá dentro, ela diz que se divertiu imenso, que não sabia que ainda conseguia fazê-lo e que isso fá-la sentir-se tão aliviada e tão culpada... Como é possível sentir essas duas coisas em simultâneo?

Ele compreende e diz isso mesmo, ao mesmo tempo que se volta a deitar ao lado dela.

– Está tudo bem – diz Will.

E, mesmo antes de adormecer, Rosie diz-lhe que ele está a mentir, que a faz sempre sentir que está tudo bem quando não é isso que se passa.

Ele pede desculpa, apesar de não se sentir culpado, e a respiração de Rosie não tarda a mudar. Não ressona, para variar. Não tocou na água que ele lhe trouxe. Will ouve a sua respiração e pensa nela desperta e a andar às voltas, obsessiva e em sofrimento, a tentar lidar com tudo aquilo, e o amor que ele sente é maior do que tudo o que alguma vez sentiu, maior do que a sua raiva e a sua dor, do que o seu desejo e a sua fúria, e isto é algo inteiramente novo para ele e sabe que o mais acertado é guardar segredo.

Continua a chover quando regressam a casa de Will; choveu durante os cinco dias que estiveram fora, informa-os a avó dele. E depois, uma manhã, pouco antes de ela ter de voltar para Oxford, deixa de chover.

Rosie está acordada na cama de Will, a ouvir a chuva a cair nas pedras do pavimento lá fora, quando se faz um súbito silêncio.

É nessa altura que decide que não vai voltar. É tomada pela certeza, como se alguma coisa estivesse a sair dela e, antes de poder reconsiderar, telefona à mãe.

– Querida – atende ela, como sempre.

– Olá, mãe. Como está?

– Ocupada.

– Pois.

– Estás a ligar apenas para conversar, Rosie? Porque, nesse caso, é melhor eu ligar-te à noite, se for possível.

Rosie imagina-a na cozinha lá de casa, a fazer café. A correr os *emails* que chegaram durante a noite com as suas longas unhas.

– Só queria dizer-lhe que não vou voltar para Oxford – diz Rosie. Não há emoção na sua voz.

– Mas tu estás em Oxford – diz a mãe.

– Na verdade, não estou – replica Rosie, porque quer que ela se importe; quer que ela saiba durante uma cruel e inesperada fração de segundo que foi uma má mãe durante todo o ano.

Há uma pausa. Um reavaliar da situação.

– Onde estás, então?

– Com um amigo.
– Não estás com o Simon?
– Não.
– Rosie – diz a mãe, e ela parece ter conseguido finalmente a sua atenção. – O que aconteceu?
– Nada. Fiz amigos. Estudei, e correu tudo bem.
Mas está a matar-me, e isso ela não diz.
Segue-se um silêncio pesado do outro lado, tão quieto e nítido que, por um instante, Rosie chega a pensar que a chamada caiu.
– Estás a ser ridícula – acaba por dizer a mãe, e Rosie sente um nó na garganta, com tudo o que quer dizer a afluir e a ficar ali represado.
A mãe fica à espera de que ela ceda.
– Mãe. – É tudo o que consegue dizer.
– Onde estás? – volta a perguntar-lhe a mãe.
– Em casa de um amigo – repete Rosie, porque não sabe que palavra usar para aquela casa, aquele lugar, aquele rapaz para quem está sempre a voltar.
– Certo – diz a mãe, e também lhe diz para esperar, o que é irónico, porque isso é tudo o que Rosie tem feito ultimamente: esperar por alguma coisa, embora não saiba bem o quê.

*

Will acorda com a luz de setembro a incidir obliquamente no chão da sala.

Tem dormido no piso de baixo desde que Rosie ali chegou, embora aquilo que mais queria fosse dormir ao lado dela.

Quase o fez, umas quantas vezes.

Pensou em levantar-se, de boxers e *T-shirt*, subir a escada e entrar à socapa no seu próprio quarto. Ela já estaria acordada ou talvez se agitasse na cama. Vê-lo-ia e chegar-se-ia para junto da parede, para ele se deitar ao lado dela e pôr assim termo à sua fantasia, porque isso, só por si, seria suficiente.

Mas tinha ficado no sofá, sobretudo porque a avó matá-lo-ia, se não o fizesse. E porque a Rosie tem um Simon.

Simon. Um nome tão bíblico, como um suspiro enfadado e irreprimível.

Ele detesta-o, sobretudo na calada da noite, quando tenta imaginar o seu aspeto. Luta imaginariamente contra ele, em parques de estacionamento vazios.

Mas, à luz do dia – de manhã, depois do café e dos dentes lavados, quando as sombras do candeeiro lá fora desaparecem –, faz sentido que ela tenha alguém.

Alguém atencioso e bom, com instrução universitária, que não tenha convidado o irmão para ir às falésias, naquela noite. E se ele e Rosie estiverem destinados a nunca ficar juntos – e destinados antes à amizade, aos jogos de cartas e às visitas anuais e inesperadas por volta do seu aniversário – talvez não haja mal nenhum nisso.

Talvez seja melhor, para ambos.

Will está a estrelar ovos para o pequeno-almoço quando alguém toca violentamente à campainha: três ou quatro vezes, de tal forma que fica a ressoar durante muito tempo na entrada.

Ouve a avó arrastar os pés até à porta e depois voz tensa e inconfundível que reconheceria em qualquer lugar.

Desliga o fogão. Espera para ver se consegue ouvir o que estão a dizer; ainda pensa em esgueirar-se pela porta das traseiras. Mas prepara-se mentalmente e vai ter com a avó, cujos ombros estão arqueados, na defensiva.

– Onde é que ela está? – pergunta a senhora Winters, assim que o vê.

– A senhora sabe mais que eu – riposta Will, e a avó lança-lhe um olhar de censura.

– Está lá em cima – diz a avó.

– Quando ela disse que estava em casa do *namorado*, não pensei que estivesse a referir-se a este lugar – diz a senhora Winters.

Enverga um casaco comprido, apesar do calor do final de verão.

– Senhora Winters, porque é que não entra? – convida a avó. – Podemos ir buscar a Rosie e...

– Não preciso que vá *buscar* a minha própria filha – interrompe ela. – Ela pode descer com as suas coisas e eu levo-a para casa. Diz-lhe que estou aqui, Will. Por favor.

– Como pediu com bons modos...

Ele ignora cruelmente por um instante que ela é uma mãe que perdeu o filho; quer que ela o odeie ainda mais, porque é brutal e gratificante e ele não tem nada a perder.

– Faça o favor de entrar – repete a avó, enquanto ele dá meia-volta e sobe a escada, ouvindo-a recusar novamente.

Sente-se estranhamente calmo e controlado enquanto sobe. Não bebe uma gota de álcool desde a noite em que Rosie chegou; não sentiu necessidade de fazê-lo.

Abre a porta do quarto sem bater e pára ao ver a barriga de Rosie e a curva do seu seio esquerdo. Ela está a vestir-se. Tem os braços esticados para cima, a camisola subida na barriga.

– Merda! – exclama ele, desviando o rosto. – Desculpa.

– Não faz mal – diz Rosie, parecendo não se importar com o facto de ele poder ter visto coisas que não devia.

Está a apanhar o cabelo enquanto olha para ele, com a manhã a jorrar pela janela por trás dela. Um céu drenado e branco. Não há pássaros nem brisa.

Will esquece momentaneamente o porquê de estar ali e depois lembra-se, como um aguilhão espetado.

– A tua mãe está aqui.

Ela baixa as mãos, com o cabelo puxado para cima num apanhado por terminar.

– A minha mãe?

– A própria.

– Como é que ela soube que eu estava aqui?

– Presumi que lhe tinhas dito.

– Pois, mas não disse.

– Talvez fosse o seu sexto sentido – graceja, mas Rosie acena com a cabeça.

– Suponho que tenha de ir, então.

– Queres ir?

Rosie levanta o queixo e não o olha nos olhos. Em vez disso, olha pela janela, para o grande jardim com o seu relvado raquítico.

– Não – responde ela.

– Então, fica.

– Não posso.

– Porquê?

– Porque... Não sei, Will, talvez porque estás a dormir no sofá? Porque a tua avó precisa de ter a sua casa de volta?

– Não nos importamos com essas coisas.

– Hão de acabar por importar-se. Já se passaram semanas, Will. Desculpa, já me devia ter ido embora há muito tempo.

– Tens outro sítio onde preferisses estar?

– Não foi isso que quis dizer.

– O que quiseste dizer, então?

– Que não está certo, ou está? Esconder-me aqui, desta maneira.

– É isso que estás a fazer? Estás a esconder-te?

Rosie desvia os olhos da janela e encolhe os ombros, como se não soubesse. Está com melhor aspeto do que quando lhe bateu à porta, debaixo de chuva. Tem o rosto mais cheio e um ar repousado, mais parecido com ela.

– Tenho de ir.

– Então, vai.

*

O trajeto de casa de Will até à sua própria casa é curto, mas parece-lhe muito comprido. Oito longos minutos de um pesado silêncio, com os limpa-para-brisas da mãe a andar de um lado para o outro.

Quando param, a mãe sai sem dizer uma palavra e percorre o caminho da entrada. Rosie fica sentada no carro e olha para a sua casa. Está praticamente igual a quando se foi embora, há um ano.

Uma porta azul. Oliveiras em vaso, um relvado perfeito e a janela do seu próprio quarto ao lado da do irmão gémeo a fitá-la do primeiro andar.

Lá dentro, cheira à sua casa.

As mesmas fotografias nas paredes.

– Tranca o carro, está bem? – grita a mãe, e Rosie tira as chaves do prato ao lado dela, aponta e prime o botão para trancar as portas.

Depois, a mãe diz o seu nome.

O tom não é zangado, nem impaciente ou aliviado. Parece quase uma pergunta, por isso ela entra na sala e senta-se.

– Estás bronzada – comenta a mãe.

– Um bocadinho.

– Duvido que seja do sol de Norfolk...

– É da casa da Lydia, em França – replica, porque Montenegro é o seu segredo, algo que nunca irá partilhar.

Por isso, mente por omissão, uma vez mais, um hábito que adquiriu desde que Josh morreu. Desde que as coisas correram mal e ninguém conseguiu emendá-las.

– Porque é que estavas com ele? – pergunta a mãe.

Rosie não estava à espera daquela pergunta. Estava preparada para que ela lhe perguntasse porque é que não queria voltar para Oxford, ou porque é que não tinha vindo para casa este verão, ou porque é que tinha estado durante semanas a oito minutos dali e nem sequer lhe dissera.

Tudo isso e, no entanto, ela interroga-a acerca de Will White.

– Ele é meu amigo.

– Rosemary.

– O que foi?

– Vamos ser adultos – diz ela, e é a sua frase preferida, uma deixa que usa desde que Rosie estava longe de ser adulta; talvez tivesse uns oito anos quando lhe pediram que crescesse e fosse razoável.

– Está bem – diz Rosie. – Será que não é possível duas pessoas de sexo oposto serem amigas?

– Oh, Rosie! Eu não sou idiota.

– Não sei o que quer que diga.

– Quero que me digas porque é que estavas com ele – diz a mãe, e a sua voz agora está alterada, cheia de sentimentos que tanto se esforça por não mostrar. – Porquê, Rosie, depois de tudo? Depois daquela noite? Depois de teres seguido com a tua vida e conhecido o Simon, e de estares a lidar tão bem com tudo?

Rosie olha para o rosto tenso da mãe. Para os seus malares, tão pronunciados.

– Ele não tem a culpa de o Josh ter morrido – diz, e a mãe limita-se a olhar para ela durante tanto tempo que ela se vê obrigada a falar outra vez. – O Josh estava... não estava em si.

– Achas que eu não sei disso? – pergunta a mãe. – Achas que eu não estava ciente?

Rosie sente um nó na garganta. Os dedos a formigar. Tem vontade de lhe perguntar «Sabe?», mas não consegue formar a palavra.

– Andava distraído – diz a mãe. – E infeliz, desde que começou a estudar com aquele rapaz. O Joshua antes de Will White não se teria esgueirado de casa, bebido até perder a consciência e caído da borda de uma falésia. Tenho a certeza.

A voz dela continua alterada.

O coração de Rosie está em brasa.

– Ele era *gay* – diz em voz alta.

O rosto da mãe afrouxa por meio segundo.

– O quê?

– Ele era *gay*, mãe. Ele disse-me. E estava só a adaptar-se à situação. Era por isso que andava a comportar-se de forma tão diferente. Não tinha nada a ver com... isto é, a sua morte e o abuso de álcool não tiveram nada a ver com o Will.

– Porque é que estás a defendê-lo? – pergunta, e Rosie nem quer acreditar que ela lhe está a perguntar isto, após o que acabou de lhe contar.

Depois, ficam sentadas na sala durante demasiado tempo. O pai não está em casa; Rosie apercebe-se disto ao fim de um período embaraçosamente longo e, ainda assim, não pergunta onde é que

ele está. Sente-se quente e nauseada, como se tivesse traído o irmão de uma forma colossal.

Pergunta-se se será possível trair alguém que está morto.

– Gay – repete a mãe, por fim, num tom menos feroz.

– Sim – diz Rosie.

– Ele estava infeliz – diz a mãe. – Eu estava... certa, em relação a isso.

– Sim – diz Rosie.

E depois, porque quer responder por ele, pelo seu irmão imperfeito e divertido, diz que ele não teria ficado infeliz por muito tempo. Teria ficado bem. Teria contado às pessoas, quando soubesse o que dizer, e teria encontrado o amor e sido feliz e ainda mais ele próprio.

– Eu pensava que ele *era* ele próprio – diz a mãe.

Rosie lembra-se da forma como as paredes pareceram brilhar com uma nova luz, dobrando-se sobre si mesmas, com as sombras a encolher, quando Josh lhe contou a verdade. Não importava nada, mas ela queria que ele soubesse disso, que o sentisse. Da mesma forma, neste momento, inclina-se para a frente e agarra a mão da mãe.

– Foi mau *timing*, mãe. É isso que eu penso. E pensei muito sobre isso.

A mãe tem uma pose rígida. Aguenta-se como uma rocha.

– Não podes deixar Oxford – diz ela, finalmente.

Rosie nem quer acreditar. É como se o chão tivesse cedido sob os seus pés e houvesse alguma coisa a abrir-se, para lá da janela, com uma sensação de espaço a correr entre elas.

Parece que não irão voltar à questão da homossexualidade ou à questão do Will, nem a nenhuma das questões que precisam de ser revisitadas.

– Pensa em todas as coisas que ele não pode ter, Rosie. Trabalhaste *tanto*, durante tanto tempo. Não podes deixar que nada te atrapalhe.

Rosie olha-a nos olhos, reconhecendo a verdade do que ela diz.

– Mas não deixarás. Conhecia o meu filho e conheço-te a ti. Mesmo depois deste último ano, soube que estarias em casa

daquele rapaz, se não estivesses onde tinhas dito que estarias. Devia estar zangada contigo por causa disso, Rosie. Mas não estou.

Rosie engole em seco, embora seja ela quem está zangada e tem vontade de dizer isso mesmo, de deitar tudo cá para fora, mas não sabe por onde começar.

– Passaste por muito – continua a mãe, num tom mais suave; um tom que faz lembrar o das enxaquecas. – Eu sei disso. Tenho tanto *orgulho* em ti, Rosie, e sei que não o digo muitas vezes, mas é um facto, e estás a sair-te tão bem. Sabes uma coisa? Quando faço um grande esforço para me levantar, de manhã, lembro-me simplesmente da forma como estás a lidar com tudo isto, da pessoa madura e diligente que és. E depois visto o meu fato e vou trabalhar.

Rosie pestaneja. Sente-se apanhada entre duas conversas diferentes com a mesma pessoa. Tão esgotada e magoada, mas cheia de um tal amor e ternura que podia derreter.

– A mãe tem de se esforçar para sair da cama? – pergunta, passado um instante.

A mãe levanta um dos ombros.

– O meu filho morreu – diz.

E Rosie vê-a desabar à sua frente, pela primeira vez desde o funeral. O rosto da mãe enruga-se durante um momento surreal e depois recupera a impassibilidade e olha-a fixamente, como que a tentar manter a compostura.

– Mãe – diz Rosie, e faz menção de abraçá-la, mas a mãe abana a cabeça tão depressa que é como se a tivesse magoado.

– Não! Não faças isso, Rosie, por favor!

Por isso, Rosie não o faz. Recosta-se e espera que a mãe se recomponha, sentindo a sua própria garganta estreitar-se com lágrimas. Perguntara muitas vezes a si mesma como é que a mãe teria conseguido gerir tudo aquilo, porque, sempre que tentara interpelá-la sobre isso, ela limitara-se a mudar de assunto ou a dizer alguma coisa vaga e cáustica, como se a filha a tivesse insultado ao perguntar. Mas Rosie sempre tivera esperança de que ela estivesse a conseguir lidar com aquilo, de alguma forma. Esperança de que ela permitisse que pelo menos o pai cuidasse dela. Que a

abraçasse à noite e a tranquilizasse, que lhe mostrasse que não estava sozinha.

Mas a verdade é que está, pensa Rosie, passando o polegar sobre o punho da mãe. Quando se trata da única coisa que importa, está inteiramente por sua conta. Tal como Rosie é metade de um gêmeo agora; ali está uma mãe, sem o seu filho.

– Que estupidez! – diz a mãe, passado um bocado, a tocar no rosto com as pontas dos dedos.

Nem sequer chorou, pelo menos como devia, mas a cor afluiu e tem as faces manchadas de rosa.

– Não é estupidez nenhuma – diz Rosie.

– O que estávamos a dizer? – pergunta-lhe a mãe.

– Nem sequer sei – replica Rosie, e partilham um raro momento de paz, com a luz aveludada refletida na parede.

Ela continua a segurar a mão da mãe.

– Faz o que precisas de fazer, Rosie – diz a mãe, e a sua voz voltou ao normal.

O coração de Rosie pula de incerteza ou triunfo; não sabe dizer.

– Podes *pensar* que não queres voltar para Oxford – prossegue a mãe, sem olhar para ela. – Se é disso que precisas, durante algum tempo. Mas hás de voltar. Porque tu fazes a coisa certa. E é a coisa certa, Rosie, tu sabes disso.

Rosie assimila as palavras da mãe e depois retira lentamente a sua mão.

Sente algo a afundar dentro de si, como uma pedra.

Telefona a Marley naquela noite e diz-lhe que está em casa. Ela vem ter com ela de imediato, deitam-se na cama dela e conversam, com os pés levantados contra a parede, como costumavam fazer. Rosie fica espantada por o cabelo da amiga estar agora pintado de azul-elétrico, mas, fora isso, continua a ser reconfortantemente a mesma pessoa que era.

A mãe pára à porta, a caminho da cama, e pergunta a Marley como vai a faculdade de Medicina.

– Vai indo – responde Marley, encolhendo os ombros.

– Não estás a gostar?

– Adoro – replica ela –, mas há muito para aprender. Não consigo parar de pensar que vou matar mais pessoas do que as que vou ajudar.

Segue-se um silêncio fluido e estranho entre as três.

– É a natureza da profissão – diz a mãe de Rosie, após inspirar de forma subtil. – Boa noite, meninas!

– Merda! – exclama Marley quando voltam a ficar sozinhas, depois de a mãe de Rosie ter fechado a porta do quarto. – Falei sem pensar!

– Não faz mal – tranquiliza-a Rosie.

– Brinquei com o facto de matar pessoas diante de uma mãe que acabou de perder o filho – diz Marley. – Faz mal, faz. Sou uma idiota.

– Não, não és – contrapõe Rosie. – E ela não acabou de perder o filho. Já passou um ano.

Marley vira a cabeça para olhar para ela. Tem um chupa-chupa na boca, o que a faz parecer mais jovem e vulnerável, como uma criança que chucha no dedo.

– Um ano não é assim tanto tempo, Rosie – diz ela, com a língua à volta do pauzinho. – Ainda deve doer como tudo.

Rosie sente a réplica subir-lhe à garganta, mas deixa-a lá ficar porque é mais fácil e está demasiado cansada para se zangar. É claro que dói. É claro que cada hora sem ele vai arrancar células à sua pessoa, mas ela está a tentar, caramba! Quem lhe dera que o mundo a deixasse fazê-lo.

– E então? – diz Marley, depois de um momento constrangedor e pesado, quando ela puxa o chupa-chupa para fora numa longa fita, como se fosse pastilha elástica. – Vou conhecer o Simon, em breve?

– Se fores a Oxford, claro que sim.

– Podias levá-lo a Edimburgo. Podia levar-te a todos os restaurantes que servem um bom caril e podíamos ouvir música *folk* e comer chocolates *Mars* fritos.

– Eles fazem mesmo isso na Escócia?

– Não, mas podíamos fazer, se quisesses.

Ouvem a chuva bater na janela. É tarde e parece mais ruidosa agora que os pais já estão deitados; agora que o resto da casa está às escuras. A luz do seu abajur banha-as de cor-de-rosa e deixa os contornos indistintos.

– Música *folk* parece-me bem – comenta Rosie.

– Vamos a isso, então. Mas eu também vou a Oxford. Gostas de lá estar, não gostas? Tens amigos porreiros e estás... sabes?

Rosie fica à espera, porque não sabe. Marley pigarreia e volta a enfiar o chupa-chupa na boca.

– Tão feliz como pensavas que ias ser? – pergunta. – Depois de tudo?

– Tão feliz como pensava que ia ser – repete Rosie, e di-lo em voz alta para ver se consegue compreender o que Marley queria dizer com isso, mas a amiga entende a frase como uma afirmação.

– Ótimo – diz Marley. – Isso é bom.

– Sim – diz Rosie.

A chuva bate nas janelas, como pés.

Simon telefona-lhe na manhã seguinte, enquanto Marley ainda está a dormir, de lábios entreabertos e com os caracóis espalhados sobre a almofada. Rosie está acordada desde as quatro, a ouvir a respiração profunda da amiga.

Salta da cama e sai do quarto antes de atender, perguntando-se porque estará ele a ligar tão cedo. Normalmente, falam antes de se irem deitar; uma conversa carinhosa e sonolenta sobre a forma como passam os dias, antes de desejarem boa noite um ao outro. Simon presumiu que ela tem passado as últimas semanas com os pais, e Rosie não conseguiu arranjar coragem para explicar o que sucedera.

– Olá! – diz ela, depois de aceitar a chamada.

– Bom dia, alegria! – diz ele, e a sua voz é demasiado alta para aquela hora e para o silêncio da casa. – Sabes que dia é?

– Não – sussurra ela, numa tentativa para o obrigar a fazer o mesmo.

– É o dia antes de voltar a ver-te.

– Ah, certo! Iupi!

Ela nunca disse «iupi» na vida, mas pareceu-lhe apropriado, embora se sinta estúpida depois disso. Simon não parece notar.

– A que horas chegas? – pergunta ele. – Vou ter contigo, para te ajudar a tirar as coisas do carro.

– Não terás de fazer o mesmo com as tuas?

– Já fiz. Cheguei aqui ontem. Queria treinar um pouco antes de as aulas começarem.

– Tens a semana «zero» para isso. As aulas só começam no dia «um».

– Obrigado por me explicares como funcionam os nossos períodos académicos, Rosemary – diz ele. – Tinha-me esquecido, porque ainda estou no quarto ano...

– Desculpa.

– Estou a brincar, Rosie.

– Eu sei.

– Então? A que horas?

– A que horas o quê?

– A que horas chegas amanhã?

– Ah! Não sei. Ainda não pensei nisso.

– Bem, quando pensares, podes fazer o favor de me dizer? Quero ver-te e impressionar os teus pais com o meu charme inegável.

– Certo – replica Rosie, porque se esqueceu de que ele ainda não conhece os pais dela.

– Rosie – volta ele a dizer.

– Sim?

– Estás com a cabeça na Lua – diz ele, e o corpo dela transforma-se em água porque isso era algo que Josh costumava dizer.

*

Will não volta a beber quando Rosie se vai embora. E também não compra outro bilhete de avião. Em vez disso, arranja emprego

noutra garagem da cidade e Moe fica tão aborrecido que lhe telefona, a oferecer uma progressão na carreira, com mais dinheiro.

– Devias ter dito que estavas a pensar em ir embora – diz, e Will abana a cabeça, incrédulo.

Mas aceita a proposta de Moe e faz finalmente formação para ser mecânico. Ele sabe muita coisa, é claro, sabe mais do que alguma vez deu a entender, porque o avô lhe ensinou e porque monta motores desde que tinha idade suficiente para fazer chá e, antes disso, já via o avô fazê-lo.

Não tarda a ganhar um salário suficientemente bom para poder sair de casa da avó. Vai ver um apartamento sem lhe dizer. Mais perto da costa, num quarteirão que parece degradado, visto de fora. Se se debruçar bastante na janela da cozinha, consegue ver a ponta do porto. Há caca de gaivota nas vidraças e latas de *Coca-Cola* enfiadas na caleira. O apartamento não é mobilado, mas tem um fogão a funcionar e um frigorífico antigo, todo estalado.

Will diz que fica com ele.

Fala com Rosie mais ou menos uma vez por semana. Ele acha que ela fala muito sem conseguir dizer nada, na verdade, de modo que lhe cabe sempre a ele preencher as lacunas. Conta-lhe histórias sobre a garagem e ela fala-lhe dos seus amigos e fins de semana, e ele finge estar contente e interessado e nem um pouco ciumento.

Tem saudades de ouvi-la cantar e diz-lhe isso uma noite, depois de ela ter voltado de uma saída com Simon e de estar a encher um copo de água na cozinha partilhada pelos estudantes. Ele ouve a água a correr e o barulho dela a cair no copo.

– Já não faço isso, hoje em dia – diz ela, e Will ouve-a sair da cozinha para o corredor.

– Em minha casa, fazias – diz ele, recordando a sua voz calma no chuveiro, o trautear que passava entre as divisões.

– Não como devia ser. Eu não... eu já não canto como deve ser.

– Eu sabia – diz ele.

– Como é que sabias? – pergunta Rosie, e ele pensa que ela está a sorrir, embora deva ser desconfortável o facto de ele a ter

apanhado. De ela ter feito uma escolha errada e de ele não estar a tratar do assunto com gentileza.

– Dava para perceber.

– Sim, mas como?

– Não vais acreditar em mim, se eu disser.

– Diz lá.

– Eu digo-te se cantares para mim.

– Não, Will.

– Porquê?

– Em primeiro lugar – diz ela, baixando a voz para ele saber que chegou à porta, que está no patamar do quarto de outra pessoa.

Ele ouve o tilintar das chaves e o estalido forte da fechadura.

A porta fecha-se e a voz regressa.

– Em primeiro lugar – repete –, é quase meia-noite e está toda a gente a dormir.

– Canta baixinho, então.

– Em segundo lugar – continua ela, como se não o tivesse ouvido –, seria estranho cantar para ti pelo telefone. Como uma daquelas mulheres patéticas que tratam os gatos como filhos e pedem a alguém para encostar o telefone à orelha dos seus animais de estimação para lhes poderem cantar uma canção de embalar.

– Mães de gatos – diz Will, e ri-se porque é ridículo e porque percebe mais ou menos o que ela quer dizer.

Rosie fica calada do outro lado da linha, mas ele tem a certeza de que consegue ouvi-la sorrir agora; sente os lábios dela a distenderem-se através do auscultador.

– Essas razões não são suficientemente boas – contrapõe ele, e o silêncio que se segue é indecifrável desta vez. Aguarda.

– Não quero, muito simplesmente.

– O quê? Cantar para mim?

– Seja para quem for.

Ele ouve o suave pousar do vidro sobre a madeira. E também o corpo dela a cair na cama.

– Bem, se mudares de ideias... – diz ele, e depois falam de outra coisa.

Conversam assim, agora. Como amigos. E no tempo que medeia entre as chamadas, ele esforça-se ao máximo por esquecê-la, por viver uma vida de que ela não faz parte, rotineira, coisa que Rosie não é. Ela escolheu regressar. Escolheu ficar com Simon, o tipo por quem ele pergunta, para parecer interessado na vida dela e desinteressado nela, e ela não lhe diz quase nada, apesar de responder de alguma forma às suas perguntas. Enviam fotografias, canções e mensagens um ao outro a horas normais do dia. Ela dorme, ao que parece. Às vezes, no quarto de Simon. E Will leva mulheres para o seu apartamento, com um frigorífico cheio de *Coca-Cola* e *ketchup* e batidos de proteína. Percorre os canais de televisão e às vezes vai até ao centro à noite, para ver as gaivotas e fingir que tem algum lugar para ir, algum lugar onde tem de estar.

*

Rosie namora Simon há dois anos. Dois anos de aulas e trabalhos e almoços ignorados. De noitadas, almofadas partilhadas, filmes vistos pela metade.

Dois anos sem ele saber sobre Josh.

É domingo quando ela lhe conta. Estão os dois deitados na cama e é o dia de descanso de Simon, o que significa que não está na água, por uma vez. Ele está a abraçá-la, a segurá-la junto ao peito. Sem pelos e liso, como o casco de um barco.

Ela teve um pesadelo. Acordou e pensou momentaneamente que Josh ainda estava vivo. Simon pergunta-lhe o que se passa e ela conta-lhe tudo.

Ou, pelo menos, tudo o que consegue contar.

Que tinha um irmão gémeo. Que o amava como nunca amara ninguém, e que ele morreu uma noite, pouco antes de ela ter vindo para ali. Morto antes de chegar ao hospital. Morto assim que o seu crânio embateu nas rochas, tão longe da maré.

Ela fala como se fosse a única coisa que consegue fazer. Sem emoção e sem pausas; um rio a jorrar do seu íntimo até parar.

Simon deixa-a esgotar as palavras e depois diz:

– Meu Deus, Rosie! Que coisa horrível! – E abraça-a sem fazer perguntas e é nessa altura que ela pensa que é capaz de se casar com ele.

*

A avó de Will passa lá por casa sem aviso prévio quase todas as semanas, levando consigo mantimentos, juízos de valor e uma desculpa qualquer para ver como ele está.

– Eu posso comprar o meu almoço, avó – diz-lhe ele quando a vê tirar latas de sopa para cima da bancada.

– Embalagens de *noodles* não são almoço.

– Eu não como disso.

– Comes, sim. Vi a embalagem no lixo da última vez que aqui estive.

– Pronto, comi uma vez. Depois de uma noitada.

– Ora aí tens.

– Também fumei erva uma vez. Será que isso faz de mim um drogado?

– Will – diz ela com um suspiro. – És tão teimoso, sabias?

– Já ouvi dizer.

– Foste sempre assim. Tal qual a tua mãe.

Há um silêncio tenso depois disto; um dos lapsos acidentais que ela comete, por vezes, depois de terem mais ou menos acordado nunca falar dela. A avó abre um armário e começa a guardar as latas de sopa lá dentro, fingindo que não disse nada.

– Estás ocupado na quarta-feira à tarde? – pergunta-lhe, passado tempo suficiente para a sua voz soar normal e com as latas de sopa já todas dispostas em fila.

– Estou a fazer um turno na garagem do Moe. Porquê?

– Há alguma hipótese de trocares?

– Provavelmente. O que se passa?

– Sou capaz de precisar de ti, para uma coisa.

– Está bem.

– Então, reserva essa tarde.

– Vai ter de dizer-me mais do que isso, avó. Não creio que o facto de a minha avó precisar de mim para uma missão secreta caia muito bem junto do meu patrão.

– O Moe sabe que quem manda sou eu – diz a avó piscando-lhe o olho e pondo a chaleira ao lume. Começa a chiar quase de imediato, tem pouca água para ferver depois de ele ter tomado o seu café matinal.

– Vou ter a minha primeira sessão de quimioterapia – diz ela, como se estivesse a apontar simplesmente para a gaivota pousada no telhado.

Will está a tirar uma colher de chá para as suas bebidas. Há de pensar mais tarde que, se houvesse uma altura certa para deixar cair talheres, seria aquela. Dedos dormentes, o estridor do metal sobre os mosaicos. Mas segura-a simplesmente na mão, com o cabo de plástico barato contra a sua pele.

– Quimioterapia – repete.

– Receio bem que sim.

– Para quê?

– Oh, Will, tu sabes para que é a quimioterapia!

– Que tipo de cancro? – insiste, e a avó volta a suspirar, como se ele estivesse a dificultar as coisas.

Ele percebe que ela não quer falar sobre isso, que todo o seu corpo se fechou como costuma fazer quando está triste, cansada ou a pensar na mãe dele.

– Pulmão. O que, se queres saber, é o mais ridículo de tudo.

– Mas a avó nunca fumou!

– Eu sei. É por isso que é ridículo.

– Eu nunca fumo em casa – diz Will, e o terror é tão real, vermelho e envolvente que ele tem de se sentar, puxar a cadeira da sua mesinha dobrável e deixar-se cair sobre ela, com tanta força que a madeira range sob o seu peso.

– Pois não – diz a avó carinhosamente.

Segue-se outro momento de silêncio – não tenso desta vez, mas esticado, colado ao corpo. A gaivota do lado de fora da janela levanta voo com as suas asas enormes, tipo pterodáctilo.

– Há quanto tempo sabe?

– Há pouco tempo. Sabia que alguma coisa não estava bem, por isso fiz uma série de exames. Na verdade, andei de Herodes para Pilatos durante meses. Mas, agora, já sabem.

Will acena com a cabeça, sente a sua culpa abrandar e depois aumentar.

– Pode ter sido dos charutos do avô? – pergunta ele.

Ela volta a suspirar, mas desta vez sem emitir qualquer som. Ele vê-lhe os ombros descair um pouco mais e, nessa altura, ela vira-se para ele com um olhar resignado.

– Pode ter sido – responde ela. – Mas o mais provável, Willyum, é que seja simplesmente uma daquelas coisas.

Ele engole em seco.

– Ninguém tem culpa – diz ela.

Quando Will não se mexe, ela vai ter com ele e tira-lhe a colher das mãos. Pergunta-lhe se quer açúcar no chá.

*

Rosie adiou as apresentações por demasiado tempo. Os pais dizem-lhe isso sempre que falam com ela, e Simon também trouxe o assunto à baila.

– Começo a pensar que tens vergonha de mim – diz ele, com um piscar de olho brincalhão, e ela ri-se e entra simultaneamente em pânico.

Por isso, quando vai a casa por altura do Dia da Mãe, leva Simon com ela.

Fizeram a mala e apanharam um comboio. Deram a mão no caminho da entrada, ao aproximarem-se.

Ele tem sido cortês, afável e elogioso em relação à casa da infância dela, aos cozinhados da mãe e à coleção de romances policiais do pai, e ela tem vontade de gritar ao ver aquela delicadeza toda e, por alguma razão estranha e inexplicável, apetece-lhe ter sexo violento com ele no chão do seu quarto.

Este pensamento ocorre-lhe durante o jantar. Ao mesmo tempo que Simon lhe sorri por cima do moinho do sal e da pimenta e lhe

passa um prato de cenouras.

Ela empurra a cadeira para trás.

– Tenho de ir – diz.

– Querida? – A mãe levanta os olhos, com o garfo a meio-caminho da boca.

– Encomendei uma coisa para a sobremesa, e acabei de perceber que me esqueci de a ir buscar.

– Mas eu tenho sobremesa – diz a mãe. – Comprei um bolo de três camadas.

– Sim, mas... é Dia da Mãe e eu pensei em fazer uma coisa especial – diz Rosie, enquanto se encaminha para a entrada e tira o casaco do bengaleiro junto à porta.

– Querida – volta a mãe a dizer. – Estamos a comer.

– Isso não pode esperar?

Desta vez, é o pai. Parou de encher o copo de vinho de Simon.

– Não – responde Rosie. – Não demoro. De qualquer forma, já comi o suficiente.

– Mal tocaste na carne.

– Até já.

Vai até à porta e ainda ouve o riso nervoso de todos e o pai a dizer:

– Ela sempre foi assim, Simon. Quando mete uma coisa na cabeça, não há como dissuadi-la.

Rosie vai à pastelaria, porque mentiu e agora tem de voltar com alguma coisa, para encobrir a mentira. A sua raiva, as suas águas quentes e impetuosas amainaram novamente e quase ri de si mesma. Não há ar naquela casa. A bem dizer, nunca houve, mas a conversa fiada, o tilintar dos garfos e a cadeira vazia de Josh deixam-na agora quase louca sempre que vem a casa.

Acha que ama Simon e sabe que ele a ama, mas às vezes gostava que ele olhasse para ela como se a quisesse comer; gostava que ele lhe tocasse de forma a sentir-se desejada, e não apenas protegida. Mas ele beberica o vinho, conversa, sorri com os dentes todos e passa o prato das cenouras à mesa.

Agora sim, ri-se de si própria. Fica a pensar se será das hormonas e também no que Marley diria, se lhe contasse. Eu queria que ele me possuísse no piso de cima, enquanto os meus pais comiam a sua carne assada no serviço dos dias de festa, dir-lhe-ia. Sobre o tapete florido da minha infância.

Tenta agarrar-se àquela imagem, agora que está lá fora.

Ele nunca o faria. E ela também não.

O dia está ameno, até mesmo quente; há árvores em flor e nuvens dignas de ilustração, famílias a passear enquanto ela se dirige à série de lojas mais próxima. Um cabeleireiro e um café que raramente está aberto, com os menus plastificados e desvanecidos presos à porta. Pára junto à pastelaria, para avaliar a montra. *Cupcakes* cor-de-rosa. Pães artesanais. Bolos de festa cobertos de rosas, o tipo de coisa que a mãe nunca escolheria.

Entra e compra um.

E quando sai com a caixa do bolo, quase o deixa cair porque Will White está ali mesmo, encostado à parede de tijolo entre a pastelaria e o salão de cabeleireiro. Ele não a viu e ela não consegue perceber por que razão ele ali estará.

Diz o nome dele antes de poder refrear-se e ele olha para cima, tão surpreendido quanto ela. Ela nunca o viu com tal expressão. Costuma ser sempre tão calmo e impassível, tão pronto para o que der e vier.

– Roe – diz ele, e ela sente-se invadida por uma sensação de calor. – Olá!

– Olá!

– O que estás a fazer aqui?

– Vim passar uns dias a casa. Dia da Mãe – replica, apontando para a caixa do bolo, e ele ergue uma sobrancelha.

– Não pensei que a tua mãe fosse do tipo de comer bolo – diz.

– As pessoas não são todas do tipo de comer bolo?

– Ela pareceu-me alguém que prefere abster-se de fazê-lo – diz ele, e tem razão, mas ela não lhe diz isso.

Pergunta-lhe de igual forma o que está ele a fazer ali e ele acena com a cabeça em direção ao salão de cabeleireiro.

– Estou à espera da minha avó.

Rosie espreita através do vidro e vê-a sentada numa cadeira. Sorri diante da sua pequena figura e do cabelo curto e grisalho facilmente identificável.

– Como é que ela está?

Will não responde de imediato e ela fita-o, impaciente. Tem consciência de que precisa de ir para casa, que o namorado e os pais estão à sua espera. E também se sente de alguma forma perturbada porque preferia ficar ali na rua, com ele, embora não falassem um com o outro há semanas.

Ao longo do último ano, a amizade deles tinha inchado, encolhido e voltado a inflar. Às vezes, falam uma vez por semana; outras, a vida atrapalha e resvalam num silêncio mútuo até um deles voltar a contactar o outro. É assim que funciona a verdadeira amizade, pensa. Tal como acontece com ela e Marley. Esta está distraída, a cortar corpos e a frequentar festas até às quatro da manhã, o que a leva a reagendar frequentemente os seus telefonemas, para poder passar o dia com a cabeça dentro da sanita.

Mas, com Will, as coisas são ligeiramente diferentes, reflete Rosie. O Will pode ficar calado, por vezes, mas está sempre lá quando ela telefona. Não reagendou uma única vez. E agora está ali, a conter-se de uma forma desusada; como se estivessem a puxá-lo pelo cocuruto da cabeça.

– Will?

– Ela está doente – diz.

– O quê?

– Cancro.

– Oh!

O seu *oh!* é como tomar fôlego – um triste e chocado «não pode ser, mas é».

– Oh, meu Deus! – diz ela.

Quem lhe dera não estar a segurar a caixa do bolo, para poder esticar o braço e tocar-lhe.

– Pois.

– E é... ela vai...?

– É demasiado cedo para dizer. Está a fazer quimioterapia.

– Bem, isso é bom.

– É? Ela tem setenta anos e estão a enchê-la de veneno semana sim, semana não. O cabelo está a cair. Não quer comer. Emagreceu seis quilos e está constantemente a dormir. Parece uma maldita sombra!

Rosie pestaneja.

– Mas isso pode dar-lhe uma hipótese, certo?

– Sim – diz Will. – Sim.

Ela sabe sem ele ter de dizer; consegue vê-lo nos olhos dele. Ele já a deu como perdida. Está à espera de que ela morra.

– Queres... ir ao farol, um bocadinho? – pergunta Rosie.

Ele olha para ela e depois outra vez lá para dentro. Consegue vê-lo a calcular se terá tempo. Se conseguirá arranjar espaço para Rosie na sua vida hoje, agora que tudo mudou.

Há um jovem casal encostado ao gradeamento quando lá chegam. De mãos entrelaçadas e nariz aninhado no pescoço um do outro.

– Como é que se atrevem? – diz Will.

– Será que não sabem quem somos? – graceja Rosie.

– Devíamos deixar uma tabuleta.

– A dizer o quê? «É proibido aproximarem-se do nosso farol»?

– «Desandem», basicamente – diz Will, e Rosie ri alto e ele sorri ligeiramente, e ela fica tão aliviada que quase o abraça, mas a caixa do bolo impede-a.

Acha que ainda tem algum tempo antes de ter de voltar, por isso continuam a andar e vão até um banco sobranceiro ao mar. O oceano está encrespado. Vagas, decididas e de um azul profundo, que rolam em direção à margem.

– Não sabia que tinhas voltado – diz Will.

– É só este fim de semana – diz Rosie. – Coisas de família, sabes?

– Sim.

– O Dia da Mãe é esquisito para ti?

Ele parece ficar a pensar na pergunta; vê uma família a caminhar pela praia, à frente deles. Duas crianças pequenas com galochas de cor viva. Uma mãe e um pai, de mãos dadas.

– Nem por isso – diz ele. – Penso nela, de vez em quando.

Ela não o pressiona, por isso ele prossegue:

– Sobretudo, quando acontecem coisas boas. Como quando obtive a habilitação de mecânico. A modos que queria contar-lhe. Eu sei que é triste, que não passa de um comportamento adquirido, como quando conseguimos uma estrela dourada, na escola.

– Oh, sim! Ficava tão excitada com elas.

– Tenho a certeza disso.

– Não é nada triste.

– Na verdade, não penso nela quando acontecem coisas más. Ela tornou coisas difíceis... ainda mais difíceis. Nem sequer veio ao funeral do meu avô. O seu próprio pai.

Rosie não sabia disso. Sente-se puxada em duas direções: por um lado, parcialmente tomada pelo pânico, porque sabe que devia voltar para o pé da sua própria família; por outro, desesperada por ficar ali o tempo que ele precisar, sobretudo enquanto está a dizer aquelas coisas.

– Às vezes, penso que a vejo. Na rua ou quando estou a correr. Mas nunca é ela, obviamente, apenas uma mulher qualquer. Da mesma idade, com o rosto errado. Não é que esteja ansioso por vê-la, a procurá-la em todos os cantos ou coisa do género. É apenas uma daquelas coisas...

Cala-se, como que a lembrar-se da última vez que isso aconteceu e, naquele momento, Rosie quer mesmo tocar-lhe. Quer segurar-lhe a mão ou afastar-lhe o cabelo farto e louro dos olhos, como que a dizer: «Eu vejo-te, mesmo que a tua mãe não veja».

– Portanto, respondendo à tua pergunta: não, não penso nela, neste momento. Pelo menos, não estava a pensar nela até teres perguntado.

– Aposto que ela está a pensar em *ti*.

Will emite um som de escárnio e ela fica magoada com o facto de ele rejeitar a sua empatia. Engole o nó que tem na garganta e ele não diz mais nada acerca da mãe.

- E tu, como estás? – pergunta ele.
 - Bem – diz ela, pensando que «bem», na verdade, significa meio-morta; nada a assinalar, nada de novo, empolgante ou bom.
 - Mesmo bem?
 - Mesmo bem – repete.
 - Ainda com o Simon?
 - Sim.
 - Continuas no bom caminho para te licenciares com distinção?
 - Acho que sim.
 - Nesse caso, é tudo um mar de rosas, Rosie.
- Ela sabe que devia rir, mas ainda está em choque com a notícia da avó dele; sofre como se fosse sua.
- Posso fazer uma visita? Posso ir vê-la, um dia destes?
- Ele olha para ela e os seus olhos estão cheios.
- Ela ia gostar.

Ficam ali sentados, a ver a água. Ela pergunta-lhe como é que Amber está a reagir e ele diz que está a fazê-lo à maneira dela; recorrendo a factos e números, criando inúmeras listas. Ela também tenta fazer-lhe perguntas sobre coisas normais, como o trabalho, a corrida e um álbum recente que ele talvez tenha ouvido, mas fica com a sensação de que ele está a esforçar-se para responder, por isso cala-se e deixa-o em paz. A tarde deu lugar ao princípio da noite quando ele diz que, provavelmente, a avó já está despachada, que tem de ir buscá-la, para a levar para casa.

Quando voltam ao salão, Rosie diz o nome dele. Pousa o bolo e põe-lhe o braço à volta do pescoço, pondo-se em bicos de pés.

Quer dizer que sente muito, mas não consegue falar.

Por sua vez, ele abraça-a com cuidado e Rosie parece sentir alguma coisa a desabar dentro dele; aquela altura, aquela elevação, a afrouxar como um fio de marioneta cortado.

– Podemos ir beber um café, antes de ires embora, amanhã? – pergunta ele, sem a largar.

E ela responde que é claro que sim, sem pensar.

Naquela noite, Rosie envia-lhe uma mensagem a dizer que vai levar Simon, se ele não se importar. Ele importa-se, por isso não responde.

Ficaram de encontrar-se uma hora antes do comboio de regresso. Ele certifica-se de que chega primeiro e senta-se numa mesa junto à janela. Precisa de ser limpa, tem marcas de mãos espalhadas pelo vidro.

Sente-se agitado e estica os dedos sobre a madeira da mesa. Pergunta-se como é que a avó se estará a sentir, se poderá ser uma razão para se ir embora mais cedo. E depois eles entram no estabelecimento, ele depois dela, e Will avalia a pessoa que ela diz amar, com quem perdeu a virgindade e com quem passa todo o seu tempo livre. É alto, musculado e sem barba.

Eles avistam-no e dirigem-se para a sua mesa.

– Ah, então é este o famoso Will White – diz Simon, e avança de braço estendido.

Will prepara-se para lhe apertar a mão, mas, em vez disso, o tipo dá-lhe um breve abraço e umas palmadinhas nas costas. Will fica constrangido por não estar à espera daquilo e constrangido por ter ficado constrangido com isso. Separam-se e ele sente as faces a arder.

– Ouvi falar muito de ti – diz Simon.

– Ah, sim? – diz Will.

E quando Rosie lhe lança um olhar, acrescenta:

– Hum, e eu de ti.

– Tudo coisas boas, espero – diz Simon, e Will pergunta-se se aquele discurso estereotipado será intencional; se Simon também se sentirá constrangido ou ameaçado.

Rosie está ao lado dele, a observar Will com uma expressão estranha no rosto. Alerta, e pronta a intervir.

– O que se passa contigo? – pergunta-lhe Will, quando Simon vai buscar as bebidas que pediram.

– O que queres dizer com isso?

– Estás com cara de corça bebé.

– O quê?

– Tu sabes. Como o Bambi.

- Não.
- Não conheces o Bambi?
- Claro que conheço, mas não estou com cara de corça bebé.
- Tu não consegues ver a tua própria cara...
- Will! Por amor de Deus!
- O que foi? Porque é que estás tão nervosa?
- Só quero que vocês se deem bem – diz ela.
- Está bem – contrapõe Will. – E não estávamos a dar-nos bem?
- É demasiado cedo para saber – diz Rosie.
- Pois, exatamente. Dá-nos uma oportunidade, pelo menos.

Vamos beber o nosso café e dar à língua.

- Detesto essa expressão – diz ela, e ele diz que sabe disso.

Então, Simon volta com os cafés e muitas saquetas de açúcar, batendo no braço de Rosie ao sentar-se, pois o seu corpo é demasiado grande para o espaço que têm.

– Então, Will? – diz ele enquanto distribui os cafés. – A Rosemary disse-me que és mecânico...

Will olha-o nos olhos; os de Simon são castanho-escuros e têm uma expressão de interesse genuíno, o que o aborrece.

– O que vem a ser isto? – pergunta. – Uma entrevista de emprego?

Simon pestaneja e depois sorri. Mexe o seu café, batendo com a colher contra a chávena.

– Ela também disse que eras um bocadinho ranzinza – diz ele, e Will vê Rosie ficar tensa ao levar a sua chávena aos lábios.

- Ranzinza? – repete Will.
- Achei uma palavra excelente.
- Ela tem mesmo um grande vocabulário – replica Will.
- Uma das muitas coisas que me atraíram nela – diz Simon.
- Ah, sim?
- Está bem – diz Rosie, demasiado alto. – Vamos começar de novo?

Ambos os homens olham para ela por um segundo antes de se voltarem a encarar. Simon continua a sorrir, embora talvez de forma menos sincera.

– Eu gosto de ti, Will – diz ele. – Gosto do facto de protegeres a minha miúda.

Will não diz nada. Obriga-se a ficar imóvel e depois lembra-se de que pode beber o seu café; que isso seria um gesto não conflituoso e até mesmo sociável.

– Sempre – diz ele, depois de engolir.

– Ora, ainda bem – diz Simon. – Qualquer pessoa que seja amiga da Rosie é minha amiga. Se quiseses – acrescenta, e é uma atitude juvenil, humilde e um bocadinho patética, e Will sente pena dele porque Simon não faz, realmente, a mínima ideia.

Segue-se um momento desconfortável em que ninguém fala.

Rosie olha para o seu chá.

– Mas se *estamos* todos bem... – diz Simon, quebrando o silêncio com o seu vozeirão de escola privada –, a única coisa de que preciso agora é da aprovação de Marley.

– Boa sorte com isso! – diz Will, e Simon ri-se.

É uma boa risada, intensa e elogiosa, e isto também aborrece Will, porque ele não estava a querer ser engraçado.

– Não precisas da aprovação de ninguém – diz Rosie.

– É bom saber – diz Simon, pegando-lhe na mão e apertando-lha sobre a mesa.

Depois, pergunta qualquer coisa a Will sobre motas e o resto da hora é perfeitamente agradável, embora Will sinta o sangue a latejar na cabeça.

*

Ele tenta consertar o botão de ignição no fogão da avó.

Pensa que, se passar a noite inteira de roda daquilo, vai conseguir resolver o problema.

Lê um pouco sobre o assunto na Internet, ajusta umas quantas coisas e bebe cafés atrás de cafés para se manter enérgico e desperto. Pensa que conseguiu, finalmente, por volta das três da manhã, e nem sequer questiona por que razão começou a fazer

aquilo tão tarde, porque é que não podia esperar e fazer aquilo durante o dia.

A avó frita o *bacon* na manhã seguinte e os cliques continuam lá.

*

Rosie é fiel à sua palavra, como ele sabia que seria.

Passadas semanas, após umas quantas mensagens trocadas ao final da noite, passa lá por casa, sozinha.

Tinha dado uma desculpa qualquer e apanhado um comboio. Bate à porta de casa da avó de Will, porque ele lhe disse que estaria lá se ela a fosse visitar.

A avó fica maravilhada. Abraçam-se e ela diz que Rosie lhe parece mais luminosa e demasiado magra, e esta diz que é o que Oxford faz a uma rapariga. Partilham um riso feminino e depois a avó de Will diz:

– Vamos comer, então, vamos comer.

É Will quem cozinha. Peixe e legumes, cozinhados com limão, porque ele leu que as *nonnas* italianas confiam nas propriedades dos citrinos e dizem que é isso que as mantém vivas. A avó não come muito, apesar da sua própria insistência, e Rosie também não parece ter vontade, mas debicam a comida que têm nos pratos para terem alguma coisa para fazer, para desfrutarem de uma interrupção entre as perguntas e a conversa sobre o cancro. A avó parece ter todo o gosto em contar a Rosie os pormenores que ele próprio pediu; é metódica e criteriosa nas suas respostas e não esconde nada.

O rádio está ligado, baixinho. Música *country*, bandidos à espera de um comboio, enquanto a avó fala das suas hipóteses, das probabilidades com que está a lidar.

– Vai superar isso – diz Rosie, e há uma ferocidade na sua voz que o apanha desprevenido.

– Esperemos que sim, minha filha – diz a avó, e Rosie pega-lhe na mão e Will levanta-se para limpar os pratos.

Jogam cartas junto à lareira. *Dave* enrosca-se aos pés de *Rosie*, param de falar sobre o cancro e as coisas parecem retomar a normalidade durante algum tempo, como há dois verões.

A avó faz perguntas a *Rosie* sobre Oxford, sobre os seus amigos e até sobre *Simon*, o que é inesperado e constrangedor, embora ela finja que não, olhe calmamente para ela e beba um pouco de chá da sua caneca.

– Ele é encantador – diz *Rosie*.

– Ainda bem – replica *Elsie*.

Rosie fica ruborizada e pergunta-lhe o que anda a ler. Trocam ideias sobre um livro que é demasiado longo, mas vale bem cada página, alguma coisa a ver com um homem e um passaporte, e *Will* tenta concentrar-se, a sério que sim, embora lhe apeteça beber, fugir ou fazer alguma coisa de que irá arrepende-se.

Ao final da noite, acompanha-a à estação de comboios. A avó disse que ela devia passar lá a noite, mas *Rosie* respondeu que precisava de voltar porque tinha um trabalho para concluir.

Deixou presentes: um frasco de mel de Oxfordshire e girassóis que pôs numa jarra. Tão amarelos, abertos como rostos, planetas ou vegetais recém-cultivados e maduros. A ele, pareceram-lhe de mau gosto. Presunçosos, com uma alegria forçada.

– Obrigado por teres vindo – diz ele, enquanto caminham. – Ela adorou ver-te.

– Também adorei vê-la. Lamento não ter passado por cá desde... tu sabes. Aquele verão. Vou passar a vir mais vezes.

– Por ela estar a morrer?

– Não – diz *Rosie*, e ele não sabe se ela quer dizer não, não é essa a razão, ou não, ela não está a morrer. Mas, depois, ela diz: – Porque quero fazê-lo.

Caminham em silêncio ao longo das estradas movimentadas. É um sábado à noite. As pessoas aproveitam para ir a algum sítio ou para fazer alguma coisa. Depois de ela embarcar no comboio, ele vai voltar para o seu apartamento e ver programas de televisão

estupidificantes, talvez telefonar à rapariga com quem se envolveu na semana anterior.

– O Simon gostou mesmo de ti – diz-lhe Rosie.

A sua voz é fraca, reservada.

– Hum – diz ele.

Will deixa as palavras dela no ar e Rosie parece perturbada quando chegam à estação, com os olhos brilhantes e as faces demasiado rosadas da curta caminhada.

– Bem, então até à vista – diz ela.

– Sim, até à vista – replica Will.

Não se abraçam e, por razões que nenhum dos dois consegue exprimir, depois de ela ter passado uma tarde com a sua avó doente, de lhe ter segurado a mão e de tê-la feito rir, não há gratidão nem ternura, mas um desligamento, uma dor tão funda e íntima que não conseguem falar sobre ela. Rosie sobe para o comboio e Will dá meia-volta, sem ficar à espera para o ver partir.

Rosie sangra pelo nariz no dia do seu casamento.

Só lhe tinha acontecido duas vezes na vida: uma no primeiro dia de aulas do terceiro ciclo, durante o exercício de simulação de incêndio, e a outra alguns anos depois, no mesmo dia em que ficou menstruada. A enfermeira da escola dissera-lhe que era como se o corpo dela não soubesse onde devia sangrar e rira-se da sua piada. Rosie sentira algo diferente a sair dela nessa altura, algo vital e capaz de preservar a sua própria existência.

Este terceiro sangramento não é a cena dantesca que vira descrita em revistas de noivas. Ainda não está de vestido. É cedo, a mãe e as damas de honor ainda estão a dormir. Ela tem vinte e quatro anos, continua por agora a ser a menina Winters e está sentada na borda da banheira, a ver a luz mudar do lado de fora da janela, o cinzento a esfumar-se num branco leitoso, quando sente humidade no lábio superior. Leva lá a mão e, quando a retira, a ponta do dedo está incrivelmente vermelha. E é só isso; o sangue não corre, não goteja e não mancha os mosaicos.

Ela limpa o nariz a uma folha de papel higiénico e depois a mãe bate à porta e chama-a:

– Rosie, estás aí dentro?

*

Quando lhe dissera que estava noiva, ele replicara que ficava feliz por ela. Três vezes.

Ele estava no meio da rua, na fila para comprar uma dose de batatas fritas, com a respiração a criar uma nuvem branca no ar, quando ela lhe contou a novidade que ele já esperava. Depois, ele desligou, levou as batatas para casa e deixou-as arrefecer no papel.

A sua avó chorou quando ele lhe contou.

– O que foi? – perguntou ele.

Ela não disse nada, limitou-se a enxugar o rosto com o lenço de papel amarfanhado na mão, o cabelo fino, mas novamente a crescer em tufo.

– Não faça isso! – disse ele.

– Não faço o quê? – perguntou ela.

– Não faça isso, simplesmente!

Em seguida, Will saiu, telefonou a uma rapariga e passou as semanas seguintes no seu apartamento, a beber, a fumar e a meter-se em coisas que tinha dito que não voltaria a fazer.

No próprio dia, quase invade o casamento ou, pelo menos, pensa em fazê-lo, o que é quase a mesma coisa. Sabe que a cerimónia é às duas horas, e está sempre a olhar para o relógio. Prepara um café, uma versão longa e luxuosa que reserva normalmente para os fins de semana ou quando tem mulheres a dormir lá em casa. Bebe-o na cozinha, a olhar para os telhados. Caleiras entupidas. Telhas cheias de líquenes. O dia está extraordinariamente quente, o casamento já está uma hora mais próximo e ele sente algo retesar-se no seu íntimo, como uma corda de viola que cheira a *nylon* e a ferrugem, as pontas inchadas dos polegares de Rosie.

Ele foi convidado. Não para a cerimónia, mas para a receção numa quinta qualquer nos arredores de Norfolk, a uma distância relativamente curta. Tinha até direito a levar acompanhante. Ele não confirmou a presença e Rosie não lhe pediu que o fizesse. Ainda não decidiu se vai, ou não, quando chega a altura de se barbear, vestir e ir embora. Continua na cozinha, de calças de ganga, a olhar para um fragmento de mar.

Ele ia dar-lhe o colar de Montenegro um dia. Aquele que ela mirara no mercado e que ele comprara quando ela não estava a ver. Guardou-o durante todos estes anos, no seu saquinho de papel

enrugado. A corrente oxidou um pouco, mas a pedra continua da cor que o mar tinha, naquele verão, por isso ele leva-a para a praia ao mesmo tempo que ela estará provavelmente a dizer que sim, que promete, na saúde e na doença, e atira-a às ondas, como fazem nos filmes, mas isso não o faz sentir-se minimamente melhor.

Sente vontade de beber. Beber a sério. Mas, em vez disso, toma uma decisão e, para variar, parece-lhe boa. Para variar, sente um alívio no peito, como se se tivesse aberto uma válvula. Ar, a sair, de repente.

*

«*Vol-au-vents.*» *Tão divertido de pronunciar*, pensa ela, apesar de não haver ninguém com quem o partilhar e embora o salão esteja cheio de pessoas que conhece e ama e de outras que nem uma coisa nem outra.

Há rosas, gipsofila, corre-mesas, espumante, discursos calorosos e linguado com funcho. Os vestidos das damas de honor são em azul-real, porque era a cor favorita de Josh.

É tudo o que um casamento deve ser, mas a ausência de Will é como um dente em falta. Algo que a incomoda durante toda a noite, sem lhe dar a devida atenção.

O seu vestido é lindo e demasiado justo. A mãe apertou-lhe os atilhos nas costas, no que devia ter sido um momento de ternura, mas mantiveram-se quase sempre caladas, tensas com o ajuste e, em vez de se concentrar no futuro marido e na cerimónia, Rosie só pensava em que Josh não estava ali e Will também não. E em que tinha sido sua a decisão de não o convidar para a primeira parte, para a cerimónia íntima e elegante. Uma entrada ao som de harpa. Leituras religiosas, embora eles não fossem religiosos, mas Simon dissera que era a coisa certa.

Ela tinha passado a vida a tentar fazer a coisa certa, por isso não discutiu, nem sequer se importou muito, porque as palavras eram bonitas e com certeza a ideia era essa.

Passam o dia a conversar, de pé, a beber. Enlaçam-se para dançar o seu primeiro *slow* e ela pensa na noite em que tinha dezassete anos, no parque de estacionamento dos professores, na corrente que perpassou entre ela e Will e na necessidade que sentiu em simultâneo de lhe tocar e de não lhe tocar. Parecia-lhe perigoso, mas isto agora é o oposto. Sente-se amparada nos braços de Simon. Apoiada. Com Will, nunca sabia em que ponto estava, como é que ele a faria sentir.

Naquela noite, enquanto faz deslizar a liga pela perna, com o marido a despir-se ao seu lado, apercebe-se de que passou uma parte do dia a pensar num homem que raramente vê. Conclui que deve ser porque o ama como a um irmão, ao fim deste tempo todo. E já perdeu um.

Por isso, telefona-lhe na manhã seguinte, enquanto Simon está a tomar duche.

Ele não atende, por isso ela continua a tentar até obter resposta.

– Rosie – diz ele, e é tão raro ele chamá-la assim e há tantos meses que não ouve a sua voz que ela sorri e fica tensa em simultâneo.

– Olá – cumprimenta ela.

– O que se passa?

– Porque é que tem de se passar alguma coisa?

– Ligaste-me para aí umas seis vezes.

– Bem, tu não atendeste.

Ele não diz nada. A luz passa através das persianas, contorna-lhe os dedos abertos sobre os lençóis.

– O que se passa por *aí*, para não teres atendido?

– Rosie – volta ele a dizer e parece cansado.

– Só gostava de saber onde é que estiveste ontem à noite.

O silêncio cai sobre eles, como neve.

– Não fui capaz, Roe.

– Oh, vá lá! – diz ela. O seu coração acelera e ela agarra-se ao humor como se fosse uma jangada. – Eu sei que comida fina e quartetos de cordas não são a tua onda. E também não são a minha, na verdade. Mas era o dia do meu casamento, Will.

Silêncio. Neve. Mãos frias, não assim há tanto tempo.

– Certo – diz ele.
– Foi... estranho não estares presente, sabes?
– Estranho – repete ele, e parece-lhe ouvi-lo levantar os olhos para o teto e abrir a boca como se estivesse zangado e a reprimir alguma coisa.

- Will?
- Acho que é melhor ficarmos por aqui, Rosie. Estou de partida.
- De partida?
- Vou mudar-me.
- Para onde?
- Para o norte.
- Que agreste!
- Pois. O aluguer é barato.

Rosie ouve Simon fechar a torneira do chuveiro na casa de banho e a água a falhar nos canos.

– Vais em breve? – pergunta-lhe, ignorando o que ele disse antes. – Posso ver-te antes de ires embora?

– Não me parece – diz Will, após outra pausa. – Como disse, é melhor ficarmos por aqui.

Uma sombra debaixo da porta da casa de banho. Um armário, a abrir e a fechar. Simon não sai de lá e ela não desliga.

– Fica bem – diz ele.

– Espera! – replica Rosie. – O que queres dizer com isso de ficarmos por aqui? O que é que estávamos a fazer?

O sol empalidece sobre a colcha. Nuvens em movimento, lá fora.

– Não sei, Roe – diz ele, e é o nome que ele lhe deu e ela volta a sentir as mesmas luzinhas de excitação na barriga antes de ele prosseguir – Na realidade, não sei. Tu sabes?

*

Ele segue o seu plano e vai para Leeds, mas não gosta do sítio. É muito movimentado e frio e cheio de gente a quem não tem nada para dizer, tipo Norfolk, mas com mais chuva.

Não tarda a mudar-se para uma vila nos Yorkshire Dales, e é muito melhor. Não deixa de ser frio e chuvoso, mas é mais calmo, com pessoas tranquilas e um emprego que arranja junto do proprietário de uma garagem que não faz perguntas, gosta da forma como ele trabalha e paga-lhe um salário decente.

– É só durante uns tempos – dissera à avó. – Para variar.

Ela já terminou as sessões de quimioterapia e sobreviveu, e compreendeu-o e deixou-o ir. Will não conhece ninguém, bebe uma cerveja de vez em quando no *pub* local e, passadas duas semanas, oferece-se como voluntário para a equipa de Salvamento em Montanha, sem saber no que se está a meter. Mas ouve-os a conversar junto ao bar, vê as montanhas do lado de fora da janela do seu estúdio e pensa *porque não?* Ele corre. As suas pernas são fortes. Tem tempo de sobra e nada com que se importar.

Precisa de passar um teste qualquer e tem o descaramento de pensar que será fácil. Mas as subidas são íngremes e o terreno está juncado de pedras e tem de treinar o corpo para se mover de forma diferente, para resistir de um modo inteiramente novo. Fazem-no carregar mochilas pesadas e obrigam-no a revisitar a navegação, depois do pouco que aprendera com o avô. A segurança é fundamental nas montanhas, o que é um conceito novo para ele. Curiosamente, não é lugar para pessoas que gostem de correr riscos; esforçam-se ao máximo para deixar isso bem claro.

Ao fim de um ano, torna-se um potencial elemento e é chamado sobretudo para situações de entorses no tornozelo, turistas que andam de sapatilhas e que ficam cansados, envergonhados e emotivos. Ele dá-lhes panquecas e chá quente e eles descem a montanha e ele vai para casa e lê livros de cozinha e procura novos percursos de corrida nos seus mapas Ordnance Survey e o seu coração sente-se bem durante algum tempo, como se batesse sob uma cortina fechada, tirando tempo para descansar.

Uma vez, com mau tempo, o céu tão branco quanto a névoa no pico da montanha, levam algum tempo a encontrar o par que fez soar o alarme. Mas, por fim, lá conseguem alcançá-lo. Duas mulheres de quarenta e muitos anos, uma das quais escorregou no

cascalho. Ele inflama-se quando as vê, porque uma delas parece-se inacreditavelmente com ela.

Passa tanto do seu tempo a não ver Rosie Winters que se esqueceu deste medo nostálgico: o sobressalto de ver uma pessoa, mais ou menos da mesma idade, parecida com a mulher que o deu à luz. A mesma tonalidade de ruivo, os mesmos braços flexíveis. Nunca, mas nunca, o mesmo rosto.

E não sabe o que sentir em relação a isso.

Uma noite, está a pedir uma rodada para a sua equipa de salvamento, com o rosto queimado pelo vento das montanhas, e está uma rapariga no bar.

Ela olha para ele, como muitas raparigas fazem, por isso ele sabe que ela assentirá se ele se oferecer para lhe comprar uma bebida. Tem cabelo curto e escuro e olhos penetrantes, ainda mais escuros. Um adorno de jade ao pescoço, pendurado num pedaço de cordel.

– É da Nova Zelândia – diz-lhe ela, quando o vê a olhar.

– És neozelandesa?

– Quem me dera. Passei lá um ano, a seguir à universidade.

– A saltar de paraquedas e essas coisas?

– Não, não! Apenas a viver lá. Vendia bilhetes para passeios de barco.

– Parece empolgante...

– Até era – diz ela, encolhendo os ombros. – Eu gosto de barcos. E tudo é melhor quando se está do outro lado do mundo.

Ele inclina a sua bebida para ela, saudando as suas palavras, e senta-se ao lado dela, num banco do bar, ignorando os amigos que fazem pouco dele, lá atrás.

Ela bebe bem. Ele faz render a sua única caneca de cerveja, mas ela não comenta o facto, o que o faz gostar dela. Conversam sobre viagens e casa e coisas subestimadas que os fazem rir um pouco, aos dois. Ela gosta de gatos, noitadas e filmes de terror. Não come carne nem coentros. Sabem a sabão, diz-lhe. Tem uma irmã e pais separados, mas que continuam a viver na mesma rua.

– Isso não é estranho? – pergunta-lhe ele, e ela diz que mais estranho são pessoas que fazem juras de amor e depois nunca mais se veem.

É pálida, como leite. Faz-lhe lembrar o tempo naquela região.

– Então, e qual é a tua história? – pergunta-lhe ela, ao mesmo tempo que toca a sineta para os últimos pedidos. – Tens mãe? Pai? Um cão com uma perna só?

– A resposta é não às três – diz ele, e começa a explicar, e ela mostra-se tão interessada e tão pragmática que ele continua a falar e até lhe conta sobre Roe, despejando tudo em cima daquela mulher que ele não conhece, mas em que sente poder confiar.

Conta-lhe que, na verdade, se mudou para ali para se libertar e gostava que houvesse outra razão, mas a verdade é aquela, nua e crua, como as árvores mortas que ladeiam as estradas de Yorkshire. Ela escuta cada palavra, fazendo girar o vinho no copo.

– Nesse caso, estás apaixonado por uma rapariga com quem nem sequer dormiste?

– Pior do que isso. Por uma rapariga que só beijei uma vez. Há oito anos.

Ele não repete o início da frase dela.

– Então, diria que amas simplesmente a ideia dela. Estás a apostar tudo em algo que nunca tiveste, sequer. Algo que não é real.

– Achas mesmo? – pergunta ele fitando-a, desesperado para que aquela mulher, aquela estranha, tenha razão, de maneira que possa por fim, aos vinte e tal anos, libertar-se de repente.

– Acho – replica, e ele percebe, ao vê-la inclinar a bebida para trás e a forma como a sua franja descai para o lado, que ela será importante para ele, de alguma forma.

Chama-se Jen. Nessa noite, descobre que ela tem a tatuagem de um feto no quadril, ao arrancarem a roupa um ao outro, e ela diz-lhe que aquilo é real, e aquilo, e aquilo, enquanto o guia para a tocar em sítios que o fazem suspirar e esquecer tudo o resto.

A irmã vem visitá-lo pela primeira vez desde que se mudou para o Norte. Cresceu em altura como um feijoeiro, toda ela cotovelos, joelhos e omoplatas.

– És uma adolescente – comenta ele.

– Obviamente – replica ela, e quando ele faz menção de abraçá-la, pergunta: – Hum... o que estás a fazer?

– A cumprimentar a minha irmã mais nova – diz ele, ao mesmo tempo que o comboio sai da plataforma e segue o seu percurso.

– Então, cumprimenta-me. Não é preciso tocar.

– Como é que vão esses problemas com a intimidade? – pergunta Will e ela revira os olhos, diz que tem fome e que espera que ele continue a ser um bom cozinheiro.

Ela parece gostar de Jen, tanto quanto Amber consegue gostar de alguém. Vivem juntos agora, coisa que ele ainda não contou à avó, e as provas de que vive com uma mulher estão por todo o lado: a gilete dela no rebordo da banheira; o iogurte magro no frigorífico; panos de cozinha secos e limpos dobrados em cima da bancada da cozinha.

De início, Amber não diz nada, embora ele a veja a absorver tudo. Dirige-se calmamente para o quarto de hóspedes e parece mais feliz ao jantar, quando Jen mostra interesse nos seus estudos e ela tem oportunidade de se exhibir em relação às notas e à natação e de falar no seu novo plano para ser advogada de direitos humanos.

– Ou oncologista – diz ela, e Will olha para ela do outro lado da mesa enquanto trinca um bocado de pão.

– Por causa da avó?

– Porque é bem pago. E porque seria boa nisso.

Jen também está a olhar para ela. Bebe um gole de vinho e depois pergunta se eles ter o realmente os mesmos pais. Trata-se de uma brincadeira afetuosa, de um elogio, que funciona com Amber – que d  uma gargalhada e bebe um gole meio-tímido, meio-presunçoso, da sua limonada –, mas Will fica calado durante o resto da refei o.

Naquela noite, já na cama, Jen pergunta-lhe o que se passa, o que   que ela fez.

Will suspira, interrogando-se se valerá a pena dar-se ao trabalho de explicar.

– Nós temos pais diferentes – diz-lhe.

Os olhos de Jen procuram os dele. Está virada para ele, na cama, com o cabelo espalhado sobre a almofada.

– Não sabia – diz ela.

– A Amber também não sabe. É demasiado nova para se lembrar de que o meu pai já se tinha ido embora.

Jen toca-lhe no rosto e pergunta se ele quer falar sobre isso, e ele diz que não.

– Não sabia – repete. – Desculpa.

– Não precisas de pedir desculpa – diz, e está a falar a sério.

Rola de forma a ficar deitado de costas e põe os braços atrás da cabeça.

– Ela é uma boa miúda. Fizeste um bom trabalho.

– Foram os meus avós que a criaram. Eu não fiz nada.

– Que disparate. Ela idolatra-te.

Ele ri-se ao ouvir tal coisa.

– A sério – insiste ela. – Todas aquelas coisas que diz é porque está a tentar impressionar-te.

– Ela está a tentar superar-me – contrapõe Will.

– Ela quer deixar-te orgulhoso – diz Jen.

Ele tem dificuldade em acreditar nisso, mas não o diz; deixa-a ter a sua visão familiar sentimental, se é isso que precisa de ver.

– Amo-te – diz Jen quando está prestes a adormecer e ele continua a olhar para o bolor do teto.

Will diz que também a ama porque isso apenas requer alguma prática, e dizê-lo com propriedade e senti-lo não tem nada a ver com isso.

Levam Amber a passear. Vão ver as cotovias nas colinas, transpor cercas, pedir chá e bolo em cafés pequenos, com telhas de ardósia. Amber tira fotografias de coisas banais, como cardos, cabinas telefónicas e ovelhas, faz-lhe perguntas sobre a equipa de

Salvamento em Montanha e fala principalmente sobre os seus amigos, os estudos e o desejo de estudar em Warwick.

Na manhã da sua partida, Amber pergunta-lhe como é que ele está.

– O que queres dizer com isso? – contrapõe ele, enquanto faz café para os dois, na cozinha.

Jen já saiu para o trabalho e é a primeira vez em toda a semana que estão verdadeiramente sozinhos.

– Quero saber como é que estás – repete Amber. – Continuas a beber?

– Apenas socialmente – diz ele, após uma pausa.

– Isso não faz mal.

– Pois não, não faz.

– A avó morre de preocupação contigo.

– Não digas isso.

– Porque não? É verdade.

– A parte de morrer.

Will sorri-lhe para mostrar que está a brincar enquanto pousa a chávena à frente dela. Custa-lhe a crer que ela já beba café e que esteja quase da altura dele.

– Ela continua safa. Tem outro *check-up* em breve, mas está bem. A fazer guisados e a cozer pão. Até voltou a assobiar.

– Oh, meu Deus!

– Eu sei. É exasperante.

– Eu lembro-me.

– Mas agora até gosto de ouvi-la.

– Percebo o que queres dizer.

– Ouvi-vos a conversar, através da parede – diz ela de repente.

Levanta o café à luz, como que para ver a marca das chávenas que ele tem no louceiro. Pormenores que relatará mais tarde à avó, sem dúvida.

– Está bem – diz ele.

– E eu sabia que éramos meios-irmãos. Pelo menos, já o presumira.

Ele não consegue olhar para ela. Não gosta da descontração com que ela fala, do seu ar imperturbável.

– Certo – diz ele.

– Mas não creio que isso faça diferença.

– Não?

– Não. Tanto o teu pai como o meu estão ausentes, por isso, basicamente, não significam nada. E a nossa mãe está ausente, mas pelo menos é a mesma. Tu és tudo o que eu tenho – diz ela com ar pensativo. – Tirando a avó, e essa não vai cá andar por muito mais tempo.

– Ambs.

– O que foi? Precisas de te habituar à ideia de que as pessoas morrem, Will.

– Eu sei que morrem, porra!

– Não, não sabes. Não enfrentas o facto nem o interiorizas devidamente. É por isso que bebes e corres como um louco e tentas matar-te naquela mota.

– *O quê?*

– Eu vi-te, algumas vezes. A fazer curvas como se tivesses o desejo de morrer. As pessoas lá na escola chamavam-te Will Suicida.

Will levanta-se tão depressa que bate com o joelho na mesa; sente a dor a queimar à volta do osso e o sangue a afluir.

– Estou apenas a dizer... – diz Amber quando ele se afasta e abre a torneira para ter alguma coisa para fazer – que sinto que precisas de... não sei... *processar* as coisas. Estou a estudar Psicologia, Nível A, e...

– Processar as coisas – repete ele, e o seu tom é alto e incrédulo. – Santo Deus, Amber! Eu sou um adulto! Aconteceram algumas coisas muito más, é verdade, mas eu estou ótimo. Estou bem.

– Mas és *feliz*?

Água a correr. Dedos debaixo de água, para testar a temperatura.

– Ninguém é feliz.

– Isso não é verdade! Por amor de Deus, Will, é isso mesmo que quero dizer. Não podes viver assim. Precisas de falar com alguém sobre a mãe, o avô e o teu amigo que morreu.

– Eu falo muito.

– Eu vi-a – diz Amber, mudando de assunto tão depressa que ele nem percebe a que se refere.

– A mãe?

– Não, não foi a mãe. Foi a tua miúda. A Rosie.

Uma pausa. O sol parado nos seus ombros, enquanto fica ali especado, de costas para ela.

– A Rosie não é a minha miúda.

– Bem, como queiras. Foi a casa com o namorado.

– Marido – corrige ele.

– Ou isso. Estavam no *pub* com antigos amigos da escola. Provavelmente, conheces muitos deles.

– Não quero saber disso para nada, Amber.

– Não queres saber da Rosie Winters?

– Porque é que me estás a contar isso?

– Porque sim – diz Amber, respirando fundo e calando-se durante tanto tempo que ele se vê obrigado a fechar a torneira. A água encheu o alguidar mesmo até à borda e já está a transbordar para o lava-louça. – Estava a dizer que és tudo o que tenho. E estava a dizer que quero que estejas bem. E sinto que a única altura em que te vi próximo de estares bem foi quando essa rapariga estava por perto. Não que gostasse muito dela – acrescenta.

Algo faz faísca dentro dele.

Um fusível a rebentar.

– Ela era macambúzia – diz Amber. – E tão *alheada*, como se não estivesse ali.

– O irmão dela morreu – diz Will.

– Sim – diz Amber, e tem a decência de fazer nova pausa, de fingir que isso deve ter sido duro para aquela rapariga que mal conhece.

– Mas quando a vi, Will, senti que devia falar-te sobre isso e foi essa a razão que me trouxe até aqui. Não que não tenha sido bom ver-te. Mais ou menos.

Will tem as mãos na água. Está tão quente que até queima.

– Está grávida? – pergunta ele.

– Não.

Outra faísca. Tira as mãos da água, devagar, e vê a pele vermelha, cor de carne viva.

– Ela é infeliz – diz Amber e fica à espera, deixando as palavras a pairar no ar.

– Tem os olhos *vazios* – prossegue. – E parece um palito. Não estava a beber vinho, ao contrário de toda a gente. Bebeu água e, quando foi à casa de banho, esteve lá imenso tempo, Will. Tipo, uma eternidade, a ponto de eu quase ter ido ver como ela estava.

– Porque é que me estás a contar isto? – volta ele a perguntar.

– Achei que ias querer saber – diz Amber, encolhendo os ombros. – Pelos vistos, enganei-me.

– Pelos vistos – diz ele.

– Eu penso simplesmente que só temos uma vida, sabes? – diz ela, levantando-se e empurrando a chávena de café vazia para o lado. – Por isso, qual é o sentido de passá-la infeliz ou inerte?

– Inerte – repete Will.

– Sim. É uma boa palavra, não é? Em breve, serei uma jovem universitária – diz Amber, e volta a mostrar-se presunçosa, mas também diferente. Há mais alguma coisa no seu olhar.

– Portanto, trata de ultrapassar isso.

– O quê? O facto de te armares em espertinha? Ou o facto de eu ser infeliz?

– Ambos.

Ela sorri-lhe nessa altura, sem mostrar os dentes. Limita-se a arreganhar os lábios para um lado.

– E, para que conste – diz ela ao retirar-se em direção ao corredor, para começar a guardar as suas coisas –, eu gostei muito da Jen.

Ele nota a utilização do pretérito enquanto a vê passar para a divisão contígua, mas não há faísca, fusíveis rebentados ou chama na sua barriga.

Despeja o alguidar e fica a ver a água a acumular-se e depois a escoar até desaparecer.

Rosie não vai para muito longe, depois de casada. Nem ela nem Simon queriam morar em Londres, mas ansiavam pelas luzes e jovialidade de uma cidade, por isso decidiram-se pelo centro de Norwich; perto de casa, mas suficientemente diferente.

– Diferente de quê? – perguntara-lhe Simon.

Do lugar onde vejo Josh em cada esquina, foi o que pensou, mas não lhe disse.

E também o lugar que não suportava deixar.

Deu-lhe uma resposta vaga e Simon ficou a pensar no assunto. Disse que era como uma Oxford maior e menos bonita e porque não? Por isso, compraram um apartamento no último piso, amplo e cheio de vidro, com vista para o rio e com acessos razoáveis ao aeroporto, à capital e ao resto do país, para todas as aventuras que planeavam ter.

Ele ocupa um cargo de chefia na banca de investimento e Rosie acaba, de alguma forma, na consultoria de gestão. Não planeado, mas suficientemente estimulante, com longas horas e salários elevados, uma boa pensão e benefícios de saúde, e ainda dias para a família, em que todos os colegas fazem piqueniques, conduzem *karts* ou jogam *badmington* vestidos de branco.

Ela faz Pilates e aulas de *cardio*, conta calorias e cozinha pessimamente para Simon e, às vezes, para o grupo da universidade, que se manteve próximo e jovial, embora pareça a Rosie que a ligação entre os seus elementos se baseia unicamente na idade e nos salários. Compra sementes de chia, velas de soja e creme antirrugas, por ordem da mãe.

Cabe em roupa que nunca lhe passou pela cabeça ser possível, veste-a e sente-se exposta e contrária à sua índole, em vez de sexy ou bonita, como esperava. Aventurou-se a fazer terapia. Não consegue meditar, embora tenha tentado. Continua a fazer as suas verificações sucessivas. É esposa e filha, mas já não irmã.

Interroga-se sobre se poderá continuar a ser gémea, sem ele.

Continua a escrever na pele, em privado, quando está à espera de que um cliente se junte a uma videochamada ou se estiver a voltar do escritório de táxi e lhe vier alguma coisa à cabeça que não conseguirá memorizar. Esta é a parte favorita dos seus dias, este

roubo de um momento. A criação de uma frase ou estrofe e sentir-se durante algum tempo como se estivesse ao sol.

Ela pretende apontar tudo como deve ser e depois transferir essas anotações para um caderno. Às vezes, fá-lo, mas outras há em que se esquece e os poemas, fragmentos ou versos, seja lá o que for, acabam por desaparecer-lhe dos braços, no duche. Tinta que vai pelo ralo com a fuligem da cidade, o suor das sessões na passadeira e o gel de banho com que ela ensaboa os seus membros musculados, escanzelados e irreconhecíveis.

O sexo com o marido é agradável, por vezes, e constrangedor de vez em quando, provocando-lhe frequentemente arrepios do tipo errado. Ele vai muitas vezes para fora, em trabalho. É doce e terno quando está em casa e isso fá-la sentir-se grata e culpada como o diabo.

Uma noite, depois de ter depilado as pernas no banho, está a passar creme hidratante na barriga das pernas. Simon está fora, numa conferência, e Rosie tem de fazer o jantar, sem ele. Ainda lhe passa pela cabeça besuntar uma bolacha de água e sal com a sua manteiga corporal e comê-la. Que densa e cremosa seria...

Faz tanto tempo desde a última vez que sentiu o sabor do açúcar.

Faz tanto tempo que não se permite algo que se pareça ainda que remotamente com amor.

Marley telefona-lhe todos os meses. Está grávida; anda com outro médico, um neurologista, na verdade, e está a morar em Londres e a absorver aquela energia eclética misturada com cafeína que todos os londrinos têm, uma verve que se traduz em passo rápido, andar de metropolitano e comer *ramen*, e que faz com que a sua amiga pareça uma rajada de vento ciclónico sempre que falam. Ela é ambiciosa, direta e continua interessada em Rosie, mas esta sente que não consegue acompanhá-la; é como se a observasse através daqueles binóculos de ópera, limitando-se a assistir de longe.

A amiga parece feliz, ainda que incessantemente ocupada. Rosie pergunta-se se estará satisfeita, se todo o trabalho árduo, o cumprimento das regras e as boas notas obtidas terão valido a pena, para ela. Se terá sequer tempo para pensar sobre isso.

Rosie é o oposto. Tem demasiado tempo para pensar agora, ao fim de um período em que as coisas aconteciam simplesmente, quando não estava em si e deixava as coisas correr, sem pensar.

Nem parecia coisa dela, reflete por vezes na calada da noite ou quando se dirige ao ginásio, debaixo de chuva. Mas nem tudo é mau. Está a escrever. Está a ganhar dinheiro. Tem janelas do chão ao teto que deixam entrar a luz do sol e um bom marido que cheira a sabonete, lhe traz tulipas e todos os dias lhe diz que a ama, antes de apagarem a luz.

Não se sente satisfeita, mas sente-se segura e calma e equilibrada, e não faz mal porque era disso que precisava. E precisa.

Recebe uma mensagem perto da meia-noite, quando Simon está em casa e a dormir ao lado dela. Ela não estava cansada quando foram para a cama. Tem estado a escrever os seus poemas, aqueles que lavou ao início do dia e está agora a tentar recuperar.

Quando o telefone vibra e Rosie vê o nome de Will, não abre a mensagem de imediato. Há tanto tempo que o não via assim, no seu ecrã. Não se falam desde que ela se casou e ele lhe disse que era melhor ficarem por ali, o que às vezes lhe parece perfeitamente justo e outras a deixa tão zangada que fica com vontade de bater o pé e gritar como uma criança. Como uma adolescente de coração partido. Muito embora o seu coração não fosse dele para ele o partir. Eram amigos chegados. Não estavam fadados a ser mais do que isso. Ela sabe disso agora e é feliz com Simon. Feliz com o seu destino.

Por isso, ignora a mensagem durante algum tempo. Observa o que acontece no seu corpo, tal como a sua terapeuta aconselharia; o que gira, pulsa e lhe lava a alma.

Termina de escrever, pensando que talvez não a leia até de manhã. Fecha o caderno. Olha para o luar, na parede.

Pensa quem é que está a querer enganar e abre a mensagem.

Percorre-a demasiado depressa, tem de abrandar e reler. Ele pergunta-lhe como está. Diz que está a pensar regressar a casa, para uma visita, e quer saber se ela e Simon gostariam de se encontrar em ele. Diz que vai trazer Jen, a pessoa com quem vive presentemente e de quem tem a certeza de que ela irá gostar.

É uma mensagem extremamente banal, por isso não compreende porque é que a deixa furiosa. Porque é que tem de sair da cama e fazer uma aula de *core* lá em baixo, na sala, no seu computador portátil, mantendo-se rígida, tensa e fechada.

– O Will quer ver-nos – diz ela ao pequeno-almoço.

Di-lo de forma despreocupada. Não quer saber. Beberica o seu sumo sem açúcar.

– O Will White? – pergunta Simon, não tirando os olhos da sua revista.

– Quantos mais Wills conhecemos?

Simon não responde; bebe um gole do seu batido e continua a ler. Ela fica assombrada com o quanto ele lhe lembra o pai dela a fazer as palavras cruzadas. A deixar coisas importantes passar por ele.

– O que devo dizer? – pergunta-lhe.

– O que queres dizer? – pergunta ele por sua vez, e ela sente vontade de lhe atirar com o sumo por ele ser tão razoável e gentil o tempo todo.

– Tenho a sensação de que já não o conheço. Acho que não estou muito interessada em vê-lo.

– Nesse caso, diz que estamos ocupados.

– Mas achas concebível estarmos ocupados durante toda a semana em que ele vai cá estar? Não seria indelicado?

– Rosie – diz Simon, levantando finalmente os olhos. – Estás a pensar excessivamente sobre isso.

– Desculpa – diz ela, porque pedir desculpa é um reflexo, como recuar diante de uma chama.

– Tomar uma bebida com ele seria assim tão mau?

– Não, não seria mau.

– Até podia ser bom. Para desanuviar o ambiente entre vocês os dois.

– O que queres dizer com isso? – pergunta ela, e todo o seu corpo se retesa até Simon dizer que se refere ao facto de ele a ter desiludido na altura do casamento e tudo isso.

– Pois...

– Até pode querer pedir desculpa. Por não ter comparecido.

– Vem com uns anos de atraso.

– Mais vale tarde do que nunca – remata ele, virando uma página.

Por isso, ela diz «talvez» e hesita em relação a isso durante toda a semana.

A cobardia apodera-se dela no dia em que Will planeia partir e responde-lhe finalmente. Pede desculpa por ter deixado passar a mensagem, que Simon estava fora e ela numa conferência, mas que da próxima vez seguramente que sim, seria bom revê-lo. Sem beijos, uma pausa, e depois um texto de acompanhamento, dois «x» minúsculos, uma manifestação de carinho ou uma forma de anular as suas mentiras, não sabe ao certo, e desta vez é ele que não responde e isso deixa-a aliviada.

*

Segue-se um período de acalmia. Dias tranquilos. Casamento, parceria e sono repousado e regular. Will apaixona-se pela paisagem do Yorkshire do Norte, mais ainda do que pela orla costeira da sua terra, e Rosie gosta da rotina e certeza dos seus dias, de uma força recém-adquirida que nunca pensou descobrir, mas eis que ela surge uma manhã, sem que se aperceba disso, e lá continua nos dias que se seguem.

Há dias bons e dias não tão bons. Chove no Yorkshire durante uma semana inteira e há vagas de frio em Norwich que deixam as mãos de Rosie entorpecidas e a levam a pensar em coisas em que não queria pensar, dias de neve, faróis e olhos de um cinzento tempestuoso.

– Amo-te, sabes? – diz ela a Simon quando isto acontece, com uma onda de pânico a percorrê-la.

– Eu sei – replica ele.

E continuam assim a sua vida e tudo mantém a estabilidade.

*

É durante uma terrível noite de inverno que Will recebe um telefonema.

Um homem de trinta e quatro anos é dado como desaparecido e foi visto pela última vez em direção às montanhas. Recebem indicação de que não estava bem, por isso Will enfrenta a neve com a sua equipa, carregando cordas, mantas de sobrevivência e roupa quente, com a urgência a impeli-los montanha acima com mais força do que os ventos fortes por trás deles.

A sua equipa não parece preocupada, por isso ele também não está. Isto acontece ao raiar da manhã e a escuridão é o oposto da escuridão – um clarão de neve por cair que deixa as nuvens pesadas. A frequência cardíaca do próprio Will está mais acelerada devido ao peso da sua mochila e à força do vento, mas não está em dificuldades; está concentrado. Cheio de energia com a vantagem que a corrida lhe dá; aquela «pica» da velocidade e do perigo, como as bebidas destiladas e transparentes em que não toca desde que lhe bateram à porta, debaixo de chuva, muitos verões atrás.

O seu próprio pé resvala numa rocha e o coração dispara, mas consegue endireitar-se.

– Estás bem? – pergunta Jim, o elemento atrás dele, e Will diz que sim.

Porque está bem. Neste momento, está tudo bem. Dão mais nove, dez passos. Ouve-se o bramir do vento, como o mar, e a neve

parou finalmente.

Não ouve nem vê uma única coisa que o advirta. Está diante dele e já aconteceu. O homem tinha tomado a decisão, atado aqueles nós e dado o passo necessário. Um único passo. Um único ramo de árvore.

Num momento, Will está à procura de uma pessoa desaparecida e, no momento seguinte, já não está.

– Porra! – diz Jim baixinho, mas Will ouve-o e percebe que deve ser estúpido por não estar à espera daquilo.

Por não estar à espera de olhá-lo no rosto, um dia, numa forma qualquer, num condado diferente e sob um céu diferente, mas com o desfecho bem-sucedido, desta vez, para a pessoa que queria muito aquilo.

Terror. Aquela coisa que sempre sentiu, mas conseguiu reprimir.

Vem ter com ele, à montanha.

Depois disso, as coisas tornam-se dormentes e indistintas. Quer desesperadamente beber álcool, mas diz isso a Jen num momento de lucidez e ela faz o que pode para o impedir. Passa os dias no apartamento, vai trabalhar e completa os seus turnos com o mínimo de interação possível. À noite, sai na sua mota, porque é a única coisa que o faz sentir alguma coisa.

Pensa no que Amber lhe disse.

No que lhe chamavam na escola.

Pensa naquele dia, na casa de banho da escola, com o espelho partido e os cortes na cabeça. As pessoas presumiram que ele tinha atacado outro estudante, e era mais fácil, mais compreensível. Ninguém, muito menos ele, saberia o que fazer com a verdade. Que tinha batido com o seu próprio crânio múltiplas vezes contra o vidro, para ver o que quebrava primeiro.

Pensa na mulher que assaltaram.

Em Josh, à beira do precipício.

A sua mãe foi-se embora. O pai nunca esteve presente. O avô morreu, a avó há de morrer, e o homem desaparecido, com as suas calças de caqui e botas sem atacadores, o homem que não tinham

encontrado a tempo, esse também tinha morrido e nada do que Will tinha feito ou pudesse fazer alteraria esses factos.

Por isso, anda de mota, fica deitado na cama e fala muito pouco, e deixa o que quer que habita o seu íntimo deitá-lo abaixo cada vez mais.

*

Rosie vai ver Marley e a bebé. Leva uma série de presentes dela e de Simon, mas também dos pais, embrulhados em papel de seda com patinhos. Marley pede-lhe que os abra por ela, afundada nas almofadas do sofá com o novo ser minúsculo aninhado no peito. Parece exausta. Contente. Em desalinho, como um botão que desabrocha tardiamente.

Descreve-lhe o parto com todos os pormenores e Rosie segura a bebé durante algum tempo, mas fica tão surpreendida com o seu pouco peso que não tarda a devolvê-la. O sol entra pelas janelas e aquece o quarto. Rosie despe a camisola de lã e refresca as bebidas.

– Não posso crer que já és mãe – comenta, a dada altura.

– Nem eu – replica Marley. – Não contava sê-lo antes dos trinta e três anos.

– Oh! A sério?

– Sim. Tinha um plano. Um plano à Rosie Winters.

Rosie sorri ao mesmo tempo que levanta o copo de limonada e pede-lhe que continue.

– Ia casar-me com o Trev aos trinta. Concluir o internato e começar a tentar. Calculava que ia levar cerca de um ano até engravidar. Por isso, sim, iria tê-la aos trinta e três. E não aos vinte e nove. Isto foi tudo um bocadinho... cedo.

– O que aconteceu?

– Aconteceu a Skye – responde Marley, olhando para a sua bebé, que não parece nada preocupada com o facto de ser demasiado cedo e de o plano da mãe ter uma cronologia própria.

– Então, vais casar na mesma com o Trevor, certo?

Estão ambas a olhar para Skye, para o seu rostinho sonolento e para a mão rechonchuda pousada na clavícula de Marley.

– Um dia. Se ele me pedir em casamento.

– Claro que vai pedir.

Segue-se um agradável silêncio. Ouvem o suspiro do trânsito lá fora, o frémito das persianas com a brisa.

– Sentiste-te diferente quando casaste com o Simon?

Rosie bebe outro gole de limonada.

– Diferente como?

– Não sei. Diz-me tu. Sempre pensei que um casamento seria necessário, sabes? E especial. Mas agora, que temos a Skye, pergunto-me se poderá haver alguma coisa mais especial do que isto. Mais vinculante. Percebes?

– Claro – diz Rosie, embora não perceba, obviamente, porque não tem filhos.

Ela e Simon conversaram sobre isso, uma ou duas vezes. Ela não sente desejo de ser mãe, embora nunca tenha admitido tal coisa, e só espera que aconteça um dia, sem ela dar por isso.

– E então? Sentiste alguma mudança depois de casada?

– Sim, claro.

Marley fica à espera e Rosie bebe mais limonada. Está azeda e já perdeu o gás, e deixa-lhe uma película de açúcar nos dentes.

– Consubstancia o compromisso. Foi bom assumi-lo em voz alta, diante de toda a gente.

– Bom – repete Marley. Está a observá-la da forma que lhe é peculiar.

– Maravilhoso – emenda Rosie.

– Rosie.

– Sim?

– Tu estás bem?

– ... Sim. Porquê?

– Por nada. É só porque estás tão... nervosa.

– E não fui sempre assim?

Sorriem sem jeito perante isto, pensando que é simultaneamente triste e verdadeiro. Skye solta um vagido e Marley põe-na noutra posição sobre o seu peito e ela volta a adormecer.

- E também estás muito magra – comenta Marley.
- Finalmente – retruca Rosie.

Marley faz uma careta, não negando o facto, mas também não aprovando a resposta.

– É devido ao estilo de vida saudável do Si – justifica Rosie, com uma risada falsa. – É difícil estar casada com um remador e continuar a comer laticínios e pão.

- Mas tu estás bem – diz Marley.
- Estou perfeitamente bem – diz Rosie. – A sério.

Mais tarde, revisita esta mentira enquanto vai a pé para casa. Porque a verdade é que nunca esteve perfeitamente bem; não se consegue lembrar de uma altura em que tivesse estado bem, e isso mesmo antes de Josh ter morrido.

Josh.

O seu nome é como um amuleto perdido. Ainda a brilhar de esperança e coisas boas, mas também entretecido com algo irrecuperável; uma saudade que não a leva a lado nenhum.

Vê-o no espelho, às vezes, na forma das suas próprias orelhas e no ângulo do seu maxilar. Ambos tinham uma aparência um tanto estranha. Ele, com membros demasiado grandes para o corpo que tinha, havia seguramente de tornar-se atraente e refinado com o passar dos anos que lhe foram tirados. E ela, nunca totalmente perfeita. Sobrancelhas demasiado grossas. Testa demasiado larga. Olhos amendoados, azuis, mas tristes.

Sente a falta dele como se de um órgão vital se tratasse.

Às vezes, senta-se na cama a meio da noite porque lhe parece ouvi-lo no corredor, embora ele nunca tenha posto os pés no seu apartamento. Provavelmente, teria detestado todo aquele granito e cinzento, assim como a falta de plantas, música e almofadas.

Quando regressa da casa de Marley, ignora o jantar e escova os dentes porque isso a ajuda a convencer-se de que já comeu. Depois, verifica se as janelas estão fechadas, três vezes – uma noite tranquila, na verdade, apesar de tudo.

Uma vez na cama, telefona à mãe, sem pensar muito sobre isso. Trata-se de um reflexo quando se sente em baixo ou confusa, embora isso raramente ajude.

– Querida – diz a mãe quando atende.

– Mãe.

– Estás bem?

– Nem por isso.

– Oh! O que aconteceu?

– Nada. Nada.

Um silêncio.

– Acho que o problema é esse. Não aconteceu *nada*. Acho que estou entediada, mãe. Sinto-me presa. E cansada, o tempo todo.

– Andas a alimentar-te convenientemente? Doem-te os seios?

– Não estou grávida, mãe.

– Tens a certeza?

– Sim. Não foi por isso que telefonei.

– Telefonaste porque estás cansada?

Rosie sustém a respiração enquanto olha para os cortinados corridos e para a panóplia de cremes para o rosto em cima da cómoda. Pergunta-se para onde foram os seus livros. Os seus discos e cadernos e pilhas de anotações em *Post-it*.

– Sim – replica. – Acho que sim.

– Bem, vai deitar-te cedo, querida – diz a mãe. – E fica atenta. Pode ser anemia ou qualquer coisa do género. És capaz de precisar de tomar alguns suplementos.

– Talvez.

– Querida?

– Sim?

– Estás entediada porque és uma rapariga inteligente. Começa à procura de novos empregos, se for preciso. Já estás na mesma empresa há tempo suficiente. Provavelmente, precisas de uma mudança.

Rosie concorda. Agradece à mãe, embora não saiba porquê, e desliga. Os cremes de rosto parecem olhá-la fixamente, como se não soubessem o que ela esperava. Tão críticos, dispostos em linha reta.

Pouco depois, Simon envia-lhe uma mensagem a dizer que vai chegar mais tarde e que não vale a pena ela esperar por ele. Embora já esteja na cama, Rosie é tomada por um rasgo de justiça, como se tivesse o direito de ficar zangada com o homem que a ama e se preocupa com ela e planeia os fins de semana com a mesma dedicação com que faz praticamente tudo: remo, sexo, levantamento de pesos, *Scrabble*. Toca-lhe da maneira errada, mas toca-lhe. Apoia-a no seu sofrimento silencioso e nas verificações constantes, e segura-lhe as mãos agitadas quando ela se enerva porque está a acontecer algo de mau na televisão.

Com o tempo, a sua fúria desvanece-se e ela adormece, sem sonhar. Da mesma forma que passa os dias.

MUITO TEMPO DEPOIS

Temporadas boas, más e nem boas nem más.

Sonambulismo.

Cumprimento de rotinas.

A vida a passar como carros. Cheiro a gasolina, lixívia e café instantâneo. Dor no peito, tulipas frescas, calorias queimadas e unidades consumidas e *noodles* comidos diretamente da embalagem ao final da noite.

Sexo bom; sexo mau. Empregados de mesa grosseiros, mulheres chorosas e longos telefonemas com familiares que os esperam, mas não têm nada para dizer, e falam apenas da roupa para lavar, dos vizinhos, das coisas que se passam do lado de fora da janela.

Não pensam um no outro. Com frequência, pelo menos.

Não mesmo.

Até que, num dia cheio de luz, no topo de uma montanha a que subiu, Will tira uma fotografia de uma vista que nunca lhe fora dado ver. Como costumava fazer quando era adolescente, nas suas longas corridas junto à costa. Fotografias de nuvens e silhuetas de aves marinhas e luz do sol a fazer coisas arrojadas. Desta vez, o céu é do azul mais límpido que alguma vez viu, tão límpido que consegue avistar o mar da Irlanda, o que nunca aconteceu desde que mora ali. Capta a imagem para Rosie, sem parar para pensar, e sente-se bem e leve durante um momento desanuviado.

Está agora a descer a montanha, com o cume atrás de si, quando o peso regressa ao seu peito. Porque não lha vai enviar.

Não falam um com o outro há quase dois anos. Ele não quer envolvê-la outra vez, não quer entrar por aí, embora queira desesperadamente ter notícias dela, ler as suas palavras num ecrã, e se sinta furioso com ela por esse motivo. Por ela fazê-lo querer algo que não devia. Por isso, guarda a fotografia no telefone, uma lembrança das coisas boas e leves que não devem partilhar.

Da última vez que tinham falado – quando ele a contactara, acima de tudo para saber como ela estava, depois do que Amber lhe contara –, ela ignorara a sua mensagem. Ou então tinha-a lido e optara por só responder quando já era demasiado tarde. Seja como for, ele sente-se discretamente furioso com a cobardia dela ou, pior, com o facto de ela já não querer saber dele. Assim, ferve de raiva e fica em silêncio porque não quer conhecer as razões de Rosie e porque não tem a certeza, caso trocassem mensagens ou postais de Natal, se conseguiria aguentar descobrir que ela é feliz sem ele na sua vida, que seguiu em frente, casou e distanciou-se. Por isso, não diz nada. Deixa-se tomar continuamente pela raiva, tirando a ocasião esporádica em que vê um céu como aquele e tudo parece ficar bem durante um tempo.

É tudo menos bonito durante a descida.

Rosie brinca no seu pensamento, como a luz do sol a incidir no riacho que corre ao seu lado, paralelo à beirinha.

Ele sabe que aquilo que existe entre eles representará sempre uma tentação, uma espécie de força magnética que nenhum deles consegue vencer. Um vício, pensa enquanto desce e se cruza com outro caminheiro solitário que lhe faz um aceno de cabeça e lhe dá os bons dias. E, como qualquer vício, é preciso aprender a controlá-lo. É um momento de fraqueza quando vê alguma coisa que quer partilhar com ela, um impulso que surge de repente, embora esteja calmo e controlado e a sair todos os dias, como se os passeios pudessem aliviar as emoções negativas, porque Jen diz que é bom para ele, que nota uma mudança nele quando o faz.

Fá-lo para agradar a Jen, acima de tudo. Para que ela deixe de se preocupar. E porque há segundos, literalmente segundos,

enquanto caminha, pára em algum lado para beber água ou observa figuras no cume oposto em que sente uma mudança, e é um alívio tal, tão puro e real, que tem a certeza de que o seu torpor não irá perdurar e as coisas vão acabar por ficar bem.

O impulso de enviar fotografias a Rosie aparece e desaparece, de um momento para o outro.

Quando está nas montanhas, pode fazer este tipo de escolhas. Ver e não enviar. Pensar, mas não fazer. Em casa, no seu apartamento com Jen, tudo parece demasiado luminoso e difícil. O sol refletido no ecrã da televisão. A faca do pão por lavar sobre a tábua. Dentes de garfos. Corta-unhas. O fio dentário de Jen a atacar-lhe os dentes ao espelho.

Depois daquela noite na montanha, saiu da equipa de resgate. Trabalha, socializa e caminha sozinho, como agora, para conseguir chegar ao fim de cada dia. Ninguém o pressiona em relação a nada, como faziam depois daquela época inqualificável na escola e no ano a seguir à queda de Josh. A avó, os amigos, a namorada, todos o deixam agir como necessita, sem perguntas ou críticas. A sua depressão, porque é disso que se trata, sabe agora, aquilo que o assola desde o início da adolescência, isto é, a carência, o torpor e a dor no peito, encontraram finalmente uma razão de ser.

O médico prescreveu-lhe medicação.

O que não mudou nada, mas está vivo e em coabitação e não é um dos corpos na montanha, e isso, pensa – pelo menos nos seus dias melhores, quando as luzes se esbatem, o ruído suaviza e descobre pequenos lampejos em coisas como o cheiro do cabelo de Jen, a espessa camada de manteiga no pão ou o canto das cotovias ao amanhecer –, isso só pode ser uma coisa boa.

Tem um anel que guarda na gaveta das meias. Um anel que a avó lhe deu e que pertencia à sua falecida irmã ou a qualquer outro parente importante sobre o qual nunca fizera perguntas.

– Confio que o irás oferecer à pessoa certa – dissera ela ao entregar-lho, da última vez que a visitara. – Tencionava dá-lo à tua mãe... Mas também pode ser outra pessoa.

Às vezes, pensa em pedir Jen em casamento. Mas já estão juntos há mais de quatro anos e já a ouviu muitas vezes desdenhar do conceito de casamento, de todas aquelas tradições e burocracia. De qualquer forma, sabe que ela não iria gostar do anel. É demasiado delicado, demasiado minucioso, com os fios entrelaçados e a pedra branca incrustada. Não é a onda dela.

Ela leva-o às montanhas, na maioria dos fins de semana. Caminham, trepam e escalam debaixo de chuva, de vento e do raro calor carregado de pólen. Ela também gosta de nadar nos lagos frios e pouco profundos, entrando muitas vezes neles completamente nua, a incitá-lo a juntar-se-lhe, embora ele nunca o faça. Limita-se a observar da margem, a ouvir os chapas, os mergulhos e os gritos que ela dá e que ecoam sobre a água.

Ela é muito dinâmica e parece-lhe estar sempre em movimento, de uma forma que também o impele a mover-se e o impede de pensar ou sentir em demasia.

À noite, jogam às cartas e veem séries completas na televisão, ele até deixa de correr para passar as manhãs na cama com ela. As caminhadas não o deixam com a mesma condição física, embora ele não tenha energia para se preocupar com isso. Parte dele quer desistir, engordar e recomeçar a fumar.

– Não te atrevas – dissera Jen, quando ele partilhara esse desejo com ela. – As minhas amigas têm inveja e eu gosto disso.

Enquanto dizia isto, movera as mãos em direção às suas partes baixas, fazendo-as deslizar sobre os abdominais inferiores. Continuavam lá, sob uma camada de pele macia que nunca tivera.

– É dos medicamentos – dissera ele, com voz amargurada.

– É dos trinta anos – replicara Jen, antes de tomá-lo na sua boca.

Ignora como é que ela sabia aquilo. Estava com a Jen há mais de dois anos quando ela se apercebeu, de repente, de que não sabia a data do aniversário dele. Ele tinha-lhe dito que era porque não o comemorava.

– Mas que progressista! – exclamara Jen, e ele não tinha dito nada, deixando-a acreditar que era por ser um tipo demasiado fixe

ou pouco sentimental. Anticonsumista. Apegado a uma juventude de ouro que, na verdade, preferia esquecer.

*

Simon vai ao armário da cozinha e tira de lá o *kit* de primeiros socorros enquanto discutem novamente sobre coisa nenhuma. Discutir com Simon é uma atividade tranquila e que nunca leva a lado nenhum; para um observador, seria difícil perceber que estavam a discutir. Para Rosie, é esgotante e interminável.

Ele serve-se de ibuprofeno de uma embalagem, enquanto ela o atormenta, e engole dois comprimidos antes de beber um copo de água.

– Não vejo qual é o mal – diz-lhe ele, novamente. – Pensava que gostavas dos teus pais.

– E *gosto*.

– Então, qual é o problema?

– O problema é que quero passar algum tempo sozinha com o meu marido – diz Rosie, e nem quer acreditar que está a ter de lhe explicar aquilo, uma vez mais. – Precisamos disso, Si. *Tu* não precisas?

– Não sinto que precise, e suponho que o problema é esse, Rosie. Sinto-me tão apaixonado por ti como sempre estive.

– Não é isso que estou a dizer.

– É o quê, então? Qual é o mal de convidá-los para vir connosco?

– Quando disseste «vamos comemorar o nosso aniversário», pensei que estavas a referir-te a nós os dois, talvez acompanhados de algum vinho. E não a uma reunião familiar, em que preciso de me preocupar com o facto de o meu vestido ser demasiado revelador ou de poder pedir ou não um *cocktail*.

– Porque é que não haverias de poder pedir um *cocktail*?

– Poder, posso. Mas, se não pedir, ela vai pensar que estou grávida. E, se pedir, vai erguer as sobrancelhas ou mencionar as calorias do sumo de fruta.

– Estou confuso – admite Simon, e agora está a esfregar as têmporas, como se a dor se tivesse intensificado. – A tua mãe quer que peças um *cocktail*, ou não?

– Este é um *cocktail* hipotético. Ainda nem sequer estamos no restaurante.

– Eu sei, mas hipoteticamente...

– Simon, isso não importa!

– Tu é que disseste...

– Estou a *dizer* que não quero ter um jantar de aniversário com a minha mãe e o meu pai, está bem? Quero ir contigo. Sozinhos.

Simon fita-a por cima do copo.

– Mas eu já os convidei – diz ele.

– Certo. E não podemos desconvidá-los.

– Bem, podemos. Posso sempre dizer que houve um mal-entendido.

– Não, não podes. O mal está feito.

– Desculpa – diz Simon, e parece tão desamparado, tão aturdido por uma das suas frequentes enxaquecas, que ela decide deixá-lo em paz.

Para Simon, segundo parece, seis anos de casamento requerem um restaurante de luxo com demasiados garfos; *dauphinoise* e *jus* e um prato peculiar com três tipos de ave, cuja cupidez deixa o estômago de Rosie às voltas. Ela olha para a ementa e não lhe apetece nada daquilo. Pensa em como preferia cozinhar um tacho de esparguete, em casa. Atirá-lo à parede, para ver se pega. Comê-lo com uma colher e um garfo a rodopiar e ficar com molho a escorrer pelo queixo. Alguém a limpar-lho com um beijo. Alho e calor e panelas por lavar no lava-louça.

Era assim que imaginava que seria partilhar a vida com alguém.

Momentos de carência e volúpia de parte a parte, e lugares, e livros e comida e música. Mas ela e Simon nem sequer ouvem rádio. E nunca estiveram verdadeiramente em lado nenhum; ele está sempre demasiado ocupado com o trabalho e demasiado cansado ao fim de semana. Nem sequer tem a certeza de que ele

saiba que ela foi compositora, em tempos. Que continua a escrever canções, quando consegue.

O empregado de mesa traz uma garrafa de espumante e pedem as entradas. A sua mãe pousa o guardanapo no colo, o seu pai inquire Simon acerca das horas que ele trabalha e Rosie descalça os sapatos de salto alto debaixo da mesa porque as tiras estão a trilhar-lhe os dedos.

– Como está a Marley? – pergunta-lhe a mãe.

A luz do lustre reflete-se nos seus copos de vinho.

– Está bem – diz Rosie. – A sentir algumas dificuldades, com este calor.

– Dizem que o segundo é sempre maior – recorda a mãe, acenando com a cabeça. – Não tarda, há de parecer uma baleia.

– Não escreva isso no postal de parabéns pelo bebé – diz Rosie, e a mãe ri-se, um tilintar forçado semelhante a um garfo em contacto com porcelana.

– Então e tu?

– Eu o quê?

– Como estás, Rosie? Agora, já não me contas nada.

Rosie agarra no seu copo de água. Deixa a superfície humedecer-lhe a palma da mão, que está escorregadia e demasiado quente. Arrepende-se de ter escolhido um vestido de gola subida.

– Não há muito para dizer.

– Estás bonita – diz a mãe, e isto deixa Rosie tão surpreendida que fica a olhar para ela, para ver se haverá por ali algum senão.

– Estás bonita – repete a mãe. – Mas não tens ar de quem está ciente disso.

– Estou cansada – contrapõe Rosie, encolhendo os ombros. – Só isso.

– Tens dormido?

– Depende.

– Temos de levar-te outra vez a um especialista do sono?

– Não, mãe. Está tudo bem.

– Eu preocupo-me contigo, querida.

– Não é preciso. Eu estou bem. Estou...

Pensa em terminar a frase com sinceridade. Talvez seja da luz difusa, da segurança do marido embrenhado na conversa do outro lado da mesa; talvez se deva ao raro momento em que a mãe lhe fez uma pergunta séria e parece querer uma resposta séria.

Mas depois o empregado de mesa chega com os minúsculos pratos de aba larga, com ceviche, gaspacho e tártaro.

– Eu costumava tocar piano – diz Rosie naquela noite, para o teto do quarto.

Simon está na casa de banho, a fazer o que costuma fazer antes de se deitar. Ela já apagou a luz e os tons dourados que saem da casa de banho privada projetam-se sobre o tapete novo e chegam aos pés da cama.

– Eu sei – diz ele em tom comedido devido à gilete.

Ela ouve-o passá-la por água no lavatório, antes de a levar novamente ao rosto.

– Sabes?

– Claro. Há uma fotografia no vestíbulo da casa dos teus pais.

Ela percebe que ele tem razão. Uma foto dela, aos cinco anos, sentada no banco do piano, quando os pés ainda nem chegavam ao chão.

– Bem, sinto falta disso.

– Ah, sim?

Ela não responde. Espera que ele saia da casa de banho, apague a luz e entre na cama. Cheira a espuma de barbear e ao sabonete de bergamota para as mãos.

– Nesse caso, devias tocar – diz ele. – Ia adorar ouvir-te.

– A sério?

– Claro.

– Então, porque é que nunca pediste?

– Porque nunca falaste nisso.

Rosie suspira porque está zangada e sente-se mal com isso.

– Bem, feliz aniversário – diz Simon e, apesar de tudo, adormece em poucos minutos. Respiração leve, o ar a passar por entre os dentes.

Ela olha furibunda para o teto. Não consegue evitar. Há tanta coisa nele que a aborrece, agora. Aborrece-a o facto de ele ter tantas dores de cabeça. De se pesar todos os dias. De lhe trazer tulipas, embora ela não goste particularmente de tulipas, da forma como pendem, uma por uma, como se estivessem a desistir, com o pescoço quebrado sem motivo.

Houve um tempo em que isso era uma coisa boa.

Lembra-se de dizer a Marley, enquanto bebia um copo de vinho, que essa era uma das razões por que ia casar com ele. É que ele tratava de se livrar das tulipas tristes sem ela ter de lhe pedir.

– Tulipas tristes? – inquirira Marley.

– Sim. Aquelas que pendem. Ele leva-as e deixa só as felizes.

– Oh, *não digas mais nada!* – dissera Marley. – Isso é demasiado adorável.

Mas agora, o que era bonito, o gesto amável e discreto que nunca tinham sequer comentado, aborrece-a de morte. Como se ele estivesse a esforçar-se demasiado. Incomoda-a que ele seja melhor cozinheiro do que ela, embora nunca faça o jantar, e que a sua respiração seja tão nasal quando estão a ver televisão. O seu peito, outrora tão largo e seguro, parece ter encolhido, o que a faz sentir-se mal, demasiado grande.

Ele dorme bem e Rosie tenta fazê-lo.

Ela conta os interruptores enquanto está ali deitada.

Pensa em como ele continua a ser gentil, paciente e carinhoso, mas já não lhe pega tanto na mão quando ela tamborila e tem de verificar se trancaram a porta de casa seis vezes. Sete, talvez oito.

– Está tudo bem, Rosie – diz-lhe ele, em voz tensa.

Está tudo bem.

*

O médico está a olhar para ele por cima dos óculos.

Will fita-o igualmente, porque não tem a certeza de ter ouvido a pergunta.

– Perguntei-lhe se estaria disposto a considerar a possibilidade de ter acompanhamento psicológico – diz o médico. – Sei que já falámos sobre isso, mas é uma via que lhe falta explorar. Talvez valha a pena tentar. Posso conseguir-lhe doze sessões no serviço nacional de saúde, neste mesmo consultório.

Will acena com a cabeça, como se estivesse a equacionar a possibilidade.

– Talvez – diz.

O médico recosta-se e une as pontas dos dedos.

– Como é que está a dormir? Tem pesadelos?

– Bem e não – replica Will.

– Anda a dormir mais do que o normal?

– Não.

– Ainda sabe o que é o normal, Will?

Parece uma pergunta indelicada e feita em tom acusatório, por isso não responde. Solta um sopro, como se estivesse ofendido, mas não incomodado.

– Já acabámos? – pergunta. – Ouça, doutor, eu estou bem. Não sinto vontade de apanhar uma *overdose* ou de me enforcar numa árvore. É um progresso, certo?

Está a tentar manter um tom de voz tranquilo. O médico observa-o enquanto ele fala.

– É um progresso – repete, após um longo silêncio preenchido unicamente pelo relógio.

Há um mecanismo com uma bola de metal em cima da secretária e Will sente o desejo de se inclinar e pô-lo a trabalhar... ver o aço a bater no aço, obrigar alguma coisa a mover-se e a voar pelos ares.

– Tem a noção – prossegue o médico – de que precisamos de ser cuidadosos com uma pessoa com o seu historial. E se a medicação não for suficiente...

– É suficiente – diz Will.

– Mas se alguma coisa mudar – insiste o médico. – Se começar a sentir-se pior ou a ter um daqueles antigos impulsos. Nem que sejam simples pensamentos.

– Como lançar-me de um precipício? – pergunta Will.

– Pois. Ou bater com a cabeça num espelho.

Will cruza os braços.

– Isso aconteceu uma vez.

– E continua a ser uma preocupação – continua o médico, olhando para o seu ecrã e usando o indicador para percorrer todos os pormenores horríveis, sem dúvida, a história que Will quer apagar ou esquecer, mas que continua a ser desenterrada de todas as vezes que lá vai.

– Sim – diz Will. – Tentei suicidar-me na casa de banho da escola. Era jovem, estúpido e fracassei. Por isso, estou aqui. A tomar os meus medicamentos e a sentir-me bem.

– A sentir-se bem – repete o médico.

– Como sempre – diz Will.

Desta vez, estica a mão, levanta a bola prateada e deixa-a cair. Ambos a veem iniciar alguma coisa; veem a outra extremidade elevar-se e bater-lhe, ruídos discretos, como pregos em madeira.

– Folgo em ouvir isso – diz o médico, e digita alguma coisa no seu teclado.

Jen está à espera dele, lá fora.

– Está tudo bem? – pergunta.

Tem sacos de compras em ambas as mãos e usa óculos de sol, por isso ele não consegue ver-lhe os olhos. Sempre detestou isso.

– Sim – diz.

– Alguma novidade?

– Não.

– Fala comigo – diz ela, quando dão meia-volta para ir para casa, num trajeto que passa pelo cemitério e pela loja de *kebab*, pelos semáforos e pela praça. É um dia calmo na vila. Há reformados a deambular pelas ruas e não se veem ciclistas, caminheiros ou turistas.

– É o que estou a fazer.

– Não, não estás. Costumavas fazê-lo, mas agora andas... fechado em copas.

– Bem...

Will segura num dos sacos de compras, para poder dar-lhe a mão. Não é coisa que costume fazer, mas sabe que isso fará com que ela o deixe em paz.

Resulta. Ela abana a cabeça e larga o assunto. Caminham em silêncio durante o resto do caminho até casa e, no apartamento, o sol brilha, refletido no soalho de madeira.

– Isto parece uma estufa – diz Jen ao mesmo tempo que pousa as compras, por isso Will abre as janelas e fecha as persianas.

Ele deita-se no sofá, fecha os olhos e finge que adormeceu enquanto Jen continua a falar. Passado um bocado, Jen acaba por se calar e Will pensa que ela se convenceu de que ele está mesmo a dormir.

Mas, depois, sente a sombra dela. Jen senta-se sobre o seu peito, entrelaça as pernas no seu corpo e ele fica com uma ereção, mesmo sem querer.

– Jen. Estou exausto.

– Demasiado exausto para isto? – pergunta ela, despindo a camisola e o sutiã e divertindo-se durante algum tempo com as calças de ganga dele.

É bom e perturbador e acaba em quinze minutos: rápido, indecente e primário. Sente o coração de Jen a palpar junto ao seu quando esta se deita sobre ele, depois.

– Vá – diz ela. – Agora, fala.

– Jen – replica, esforçando-se por se levantar debaixo dela, mas ela é forte e prende-o com as barrigas das pernas.

– O que disse o médico? Se somos companheiros, Will, e não meros colegas de quarto, contas-me essas coisas, está bem? A regra é essa.

– Não sabia que tínhamos regras.

– Temos, pois. Mas também posso ser apenas tua colega de quarto, se é isso que queres.

Ele não responde. A luz do sol raia o chão ao passar por entre as persianas, iridescente ao incidir nas rodas metálicas do mobiliário.

– Olha para mim – diz Jen, e ele obedece.

– O que é que eles disseram? – volta ela a perguntar.

– Viram que eu estava bem.

E quando ela continua a olhar para ele, como se soubesse que há mais alguma coisa, algo rebenta no seu íntimo – outro fusível, outra implosão – e ele revisita o sucedido e decide contar-lhe, se é isso que ela quer tão desesperadamente. Vai ver se ela consegue lidar com o medo, o terror, o desgosto de tudo o que tem a dizer.

Nunca contou a ninguém. Nem mesmo a Rosie. Mas Rosie não precisava que ele lho dissesse.

– Tentei matar-me – diz Will. – Quando era miúdo.

Jen não diz nada.

– Não de forma convencional – prossegue, sentindo a vergonha apertar-lhe o peito. – Tentei esmagar a cabeça no espelho da casa de banho da escola, depois de tomar uma data de analgésicos.

Ela continua a olhar para ele e também continua escarranchada sobre ele.

– Foi por isso que fui suspenso. Só que, na verdade, não se tratou de uma suspensão. Foi apenas um tempo para recuperar ou coisa do género. Na escola, toda a gente pensou que eu tinha atacado alguém e que me tinha metido em grandes sarilhos, e eu a modos que preferia essa história.

Barras de sol nas tábuas do soalho.

O frigorífico suspira atrás deles, na cozinha.

– Por isso, ele estava apenas a ver se estava tudo bem, suponho – diz Will. – Que esta depressão não estava a seguir essa via.

– E está? – pergunta Jen. A sua voz continua a soar normal, de alguma forma.

– Não. É por isso que não tinha nada para dizer.

Ela continua a fitá-lo, mas ele não a olha nos olhos; em vez disso, olha para as suas orelhas furadas e para o sinal que ela tem na base do pescoço. Há partes dela que ainda não conhece. Como se olhasse para elas, sem as ver. Esforça-se para recordar os pequenos detalhes incríveis de uma pessoa que é importante para ele, mas que também parece não o conhecer.

E isso tem sido, sobretudo, um alívio.

Jen sai de cima dele, passado um bocado, e senta-se ao seu lado, no sofá.

– Para que conste, isso não me surpreende – diz ela. – Consigo ver a diferença entre estar triste e estar realmente na merda.

Ele encolhe os ombros.

– Mas odeio o facto de teres sentido tanta dor.

São palavras anormalmente emotivas vindas dela; eles formam uma boa parelha porque não partilham os seus sentimentos, não demonstram afeto a não ser quando fazem sexo – às vezes, nem mesmo aí – e é chocante. Como trincar acidentalmente um garfo e sentir o metal duro entre os dentes.

– Não é propriamente dor, se é que ajuda – explica Will. – É mais uma espécie de... nada.

– Mesmo com os medicamentos?

– Até agora, sim.

– Talvez precises de uma dose mais elevada.

– Jen. Esquece isso, está bem? Eu cá me arranjo, se precisar.

– Mas...

– Se queres que sejamos *meros colegas de quarto*, continua a pressionar – avisa ele.

É uma atitude cruel e injusta, mas tem o efeito desejado. Ela levanta-se e deixa-o entregue à sua sesta fingida no sofá, com as calças ainda enrodilhadas à volta dos joelhos.

*

Rosie dá por si a olhar para o edifício de escritórios da mãe. Não vai ali desde criança, num dia em que estava demasiado doente para ir à escola e a mãe a levou consigo para o trabalho. Fê-la sentar-se numa cadeira, deu-lhe um livro e disse-lhe para se portar bem e não fazer barulho. Ela conseguiu aguentar durante cerca de uma hora e depois vomitou no cesto dos papéis.

Fita as portas de vidro com os olhos semicerrados. Lembra-se dos cereais azedos e meio digeridos. Do acabamento cromado do cesto, tão frio nas suas mãos.

É um edifício alto, com pisos de advogados, banqueiros e agentes de seguros. Pessoas importantes com empregos

importantes e mobiliário de couro igualmente importante. Orquídeas no átrio. Botões de metal no elevador. Prime o Piso 5 e aguarda, com o coração a bater como as asas de um pardal.

A mãe está onde ela contava encontrá-la, no seu gabinete com paredes de vidro, isolada do resto do piso. Mudou-se para ali quando chegou a sócia; Rosie tinha-a ajudado a escolher o candeeiro, as plantas e o tapete, coisas que tornassem seu aquele espaço. Tinha sido uma época empolgante. A mãe parecia feliz e realizada. E foi mais gentil, durante um tempo. Fazia perguntas boas.

Agora, está ao telefone e Rosie espera que ela termine, vê-a virar-se para o computador e matraquear as teclas com as suas unhas compridas. Uma rapariga tímida, com um fato amarrotado, passa por ela carregada de papéis e um olhar desperto e cheio de cafeína. Um telefone toca algures ao fundo do corredor. Depois, bate à porta e observa a reação da mãe, ao vê-la. O rosto retesa-se; levanta-se da secretária ao mesmo tempo que Rosie abre a porta e a fecha devagarinho, atrás de si.

– Rosie! O que se passa?

– Nada.

– O teu pai? Simon?

– Estão todos bem.

– Estás grávida?

– Meu Deus, mãe! – exclama Rosie, e senta-se na cadeira em frente da secretária gigantesca.

A vista da janela é extensa e lustrosa. Mais edifícios de vidro. Mais pessoas sentadas diante de mais ecrãs. E, mais ao longe, o desvanecer difuso do centro; o rio algures, para lá do betão.

– Não estou grávida. Isso é parte do problema.

– És infértil.

– Santo Deus, mãe!

– Bem, por que outro motivo havias de aparecer no meu escritório, sem avisar?

– Porque... – diz Rosie, elevando a voz sem dar por isso. – Porque queria fazer-lhe umas perguntas sobre divórcio.

Não olha para a mãe ao dizer aquilo.

O trânsito da cidade faz um barulho ensurdecedor lá em baixo.

– Para uma amiga? – indaga a mãe.

– Sim – diz Rosie. E depois: – Não. Não sei.

– Rosemary. Não podes estar a falar a sério. Todos os casais têm dificuldades. O casamento é isso mesmo: um compromisso. É ultrapassar os piores momentos. É união.

– Diz a advogada especializada em divórcio – contrapõe Rosie.

– É um último recurso – riposta a mãe. – E tu não me pareces propriamente alguém que chegou ao seu limite, querida.

Rosie olha para ela, completamente atónita. Sente a garganta a inchar; aquela velha pressão contra as cordas vocais.

– O que se passa? O que mudou?

– Não sei. Aí é que está.

– Fala com ele, então – aconselha a mãe.

– Eu tentei.

– Nesse caso, experimentem terapia para casais. Tenham um bebé. Se precisarem de recorrer à FIV, eu e o teu pai...

– É esse o seu conselho? Ter um *bebé*?

– Baixa a voz, Rosie. Estás a dar-me uma enxaqueca. Pensei apenas que, se houvesse um problema subjacente...

– Mas os bebés também são o problema – insiste Rosie. – Devíamos querer um, por esta altura, não acha? E nunca falamos sobre isso. Ele nem sequer quer ir de férias, mas anda sempre tão stressado... Estamos simplesmente presos nesta roda, que gira e gira e não sai do mesmo lugar, mãe.

– Qual é exatamente o problema, Rosemary? Precisas de me contar antes de vires aqui pedir o divórcio.

– Eu não estou a *pedir* o divórcio. Apenas queria falar sobre isso. Descobrir quais são as nossas opções. Ver com que frequência acaba bem, talvez. De acordo com a sua experiência.

A mãe suspira e leva as mãos ossudas às têmporas.

– Ele está tão infeliz – continua Rosie. – Está sempre cansado e aborrecido e desinteressado na minha pessoa.

– O casamento é assim – diz a mãe, e Rosie leva um segundo a perceber que ela não está a brincar.

– Não devia ser.

- Mas é. É lidar com isso.
- Eu não quero apenas lidar com isso.
- Oh, Rosie! Sempre foste uma idealista.

Tal como Josh, pensam ambas, embora nenhuma o diga; e a ele, o seu rapazinho de ouro, ela nunca criticava por isso.

A mãe volta ao seu ecrã e clica no botão do rato. Rosie resiste ao impulso de se ir embora e mantém os pés pregados ao chão.

– Eu e o teu pai não somos felizes – acaba a mãe por dizer. – Há muitos anos que assim é.

Rosie olha para ela.

– Mas ninguém é – continua. – Os *sucessos* são aqueles que optam por aguentar. E tu não és uma desistente, Rosie. Nunca foste.

– A mãe e o pai não são felizes?

– Toleramo-nos mutuamente. O que resulta, connosco. Ele é um bom homem e respeita-me. E eu gosto dele, a maior parte do tempo. Querer mais do que isso é um conto de fadas, Rosie; estou neste ramo há tempo suficiente para saber disso.

– Não é feliz com o pai – repete Rosie.

Algo parece desmoronar, de cada vez que o diz. Sabia que os pais não eram os melhores amigos, mas pensava que, ao fim de tanto tempo, devia haver alguma coisa que ela não via. Mãos dadas debaixo do edredão, à noite. Histórias sussurradas sobre os seus dias. Consolo, sofrimento e união.

– A felicidade é o que fazemos dela – diz a mãe, e Rosie olha pela janela, para o pouco céu que consegue ver.

– Escuta, Rosie – diz a mãe, e agora parece impaciente. – Porque é que vieste cá, exatamente? Não vieste para fazer perguntas sobre processos de divórcio, pois não?

– Não – diz Rosie. Continua a olhar para o céu e para a nuvem impenetrável.

– Muito bem. Promete-me que vais trabalhar nisso.

Mais trabalho. Mais esforço. Está com ar de ir chover e ela fica à espera disso por mais uns instantes. Quando tal não acontece, Rosie volta a pôr a mala ao ombro e levanta-se da cadeira que ajudou a mãe a escolher, muitos anos antes.

Quando chega a casa, Simon está na cama. É início de tarde e ele está quente, com o edredão atirado para trás.

– Estás doente? – pergunta-lhe.

– Uma vez mais.

– Talvez seja stresse. Será que não podes tirar uns dias de férias?

– Não sinto que o trabalho seja stressante – diz ele.

– Nesse caso... somos nós?

– Não, Rosie. Porque perguntas isso?

Ela sente-se pessimamente por tê-lo sugerido e por sentir o oposto.

– Achei que era melhor confirmar – diz.

– É muito atencioso da tua parte – diz ele, e rola sobre si mesmo para descansar a cabeça no braço dela. A sua face pica com a barba incipiente.

Ele não faz ideia, pensa Rosie, e a culpa parece uma espada a desembainhar-se dentro dela; enorme e pontiaguda; posta de lado.

– Talvez devesses ir ao médico – sugere-lhe. – Pode ser alguma coisa da tiroide.

Ele emite um grunhido de concordância e ficam deitados juntos à ténue luz do dia. O quarto cheira ao casamento deles: pijamas dobrados e creme para as mãos, lençóis que ela devia lavar com mais frequência.

– Queres jantar? – pergunta-lhe ela a dada altura, e ele murmura que não. – Queres-me a *mim*? – pergunta ela, e ele funga mais do que ri e não responde.

Ela espera um bocado e deixa a escuridão invadir o tapete.

– Quero coisas – diz ela junto ao cabelo dele.

– Por exemplo? – pergunta Simon. Dá ideia de estar quase a dormir.

– Quero deixar a consultoria de gestão.

– Está bem.

– Quero voltar a tocar música.

– Está bem.

– Piano. E viola. Acho que quero dar aulas.

– Nesse caso, dá aulas.

É tão fácil e complexo quanto isso. Não há discussões. Não há perguntas nem conflito. Ela não sabe o que queria. Algum tipo de fervor ou fogo, pensa, além do calor do seu corpo.

– Tu devias remar – diz ela.

Ele funga-ri novamente antes de a sua respiração mudar e adormecer em cima do braço dela, como uma criança. Ela começa a sentir um formigueiro na palma das mãos.

*

Will está a trabalhar quando recebe um telefonema da irmã.

Está a mudar o óleo de um velho *Triumph*. O rádio está ligado e ele nunca mais conseguirá ouvir os acordes de *surf rock* e as harmonias da canção que está a tocar. A salada de batata do mundo da música.

– Will – diz Amber. – É a avó.

– Ela está bem?

– Morreu.

Uma palavra. Uma palavra que esperara há muitos anos, depois do diagnóstico de cancro, quando ela lutara, perdera o cabelo e a luz quase desaparecera dos seus olhos. Uma palavra que não esperava agora. Não enquanto estava ali especado sobre o cimento manchado de óleo, com o café a arrefecer na bancada de trabalho.

– O quê?

– Não sofreu – garante Amber. – Foi enquanto dormia. Morreu de velhice.

– Mas ela não era velha.

– Will.

– Tens a certeza? Chamaste uma ambulância?

A irmã ignora-o e diz:

– Vem simplesmente para cá, está bem?

Alguma coisa na voz dela lhe diz que não pode discutir; não pode verificar, confirmar ou negar. Desliga o rádio. Diz que está a caminho, mas ao sair da garagem faz na mesma o que tinha em

mente. Não consegue deixar de marcar o número da avó e ficar a ouvi-lo chamar indefinidamente.

A casa está demasiado silenciosa. Ali sempre houvera som, isso era incontestável: a lareira a trabalhar, a televisão em volume baixo, o clique do botão de ignição do fogão ou o vento a fustigar as persianas. Mas as janelas estão fechadas. O fogão, a televisão, a lareira... tudo morreu.

Morreu.

É uma palavra que não parece uma palavra. Como quando lê alguma coisa vezes sem conta e deixa de fazer sentido.

Ele e Amber tinham-se separado no hospital. Ela tinha um seminário no dia seguinte e precisava de roupa para o funeral, por isso apanhou o comboio de regresso a Warwick.

– Volto em breve – assegurara-lhe, olhando-o nos olhos. Como se fosse ela a irmã mais velha. Como se fosse ela a orientá-los no processo.

Ele anda pela casa, à procura de pistas para reconstituir as últimas horas da avó, mas não há nada de sinistro. A cama limpa, mas por fazer, de onde os paramédicos a retiraram. O livro que estava a ler na mesa-de-cabeceira. Will pega nele, abre-o no sítio onde o marcador está enfiado junto à lombada. É uma história sobre uma rapariga e um amor há muito perdido. O diálogo é mau e a capa pior ainda. Toca na página que ela deve ter lido antes de apagar a luz.

Tem uma chamada não atendida de Jen, que ligou na sua hora de almoço para saber dele, tem a certeza. Mas não lhe liga de volta. Vai para o jardim e arranca ervas daninhas, poda a arvorezinha onde *Dave* foi sepultado há tantos anos. Lembra-se de a avó lhe telefonar, tão sufocada que mal conseguia falar, como se *Dave* fosse uma criança, e não um cão. Quebra alguns galhos, rasga a pele das mãos nos arbustos ao apará-los, porque era isso que fazia por ela sempre que ia visitá-la.

Está tudo molhado lá fora, o que é estranho porque não tem chovido. Tão molhado e irritante e a incomodá-lo nos olhos.

Amber é fiel à sua palavra e apanha o comboio de volta a Norfolk poucos dias depois. O funeral está prestes a realizar-se. Cedo demais, para Will, sobretudo porque não pediram para que fosse autopsiada. Não mudaria nada, dissera Ambs, e ele achava que ela tinha razão. A avó tinha quase oitenta anos e morrera durante o sono. Nada mais do que isso.

Têm de fazer todas as coisas que se fazem quando alguém morre. Mexer nas coisas dela. Nas gavetas, na papelada, na coleção de discos antigos para escolher a música para o serviço religioso.

– Não faço ideia – diz Will, olhando fixamente para o disco de vinil que tem nas mãos.

– De quê? – pergunta Amber, sem levantar os olhos do ecrã. Está a escrever um *email* para a agência funerária, a responder às perguntas sobre flores, urnas e coisas que não importam porque ela está morta, mas por alguma razão precisam de tentar preocupar-se com esses pormenores.

– Que canções escolher. Queremos música alegre ou triste? As suas canções preferidas? Ou alguma coisa insípida e apropriada para um funeral?

– Essa última hipótese não, decididamente.

– Não. Não.

– E que tal a música ao som da qual dançou no seu casamento?

– Como é que sabes qual foi, sequer?

– Perguntei-lhe uma vez – replica ela, encolhendo os ombros.

Will acena com a cabeça e engole em seco. Ele nunca lhe perguntava esse tipo de coisas.

– Bem, tenho uma pergunta – diz Amber. Fecha o computador portátil e olha para ele.

– Diz – incita Will, esperando alguma coisa sobre canapés, leituras de poesia ou o local do velório. Aqui em casa, pensa ele, para não terem de pagar por um salão mal iluminado com tapetes baratos e tetos manchados de fumo.

– Convidamos a mãe? – pergunta Ambs.

Um silêncio. Will vê um carro a passar pela janela. A gasóleo, em vez de gasolina; sabe disso pelo som do motor.

– Porque haveríamos de fazê-lo?

– Porque ela é filha da avó. Devia saber que ela morreu, pelo menos.

– Ela não veio ao funeral do avô – argumenta Will.

– E também pode não vir a este – diz Amber, começando a entrançar o cabelo, dividindo-o em três madeixas antes de sobrepô-las umas às outras. – Mas não me parece que essa escolha seja tua. É dela.

– Nesse caso, para quê perguntares-me? – diz Will, com o coração a bater-lhe no peito.

– Porque não *temos de* convidá-la, se achares que é má ideia.

– Acho que é uma não ideia – diz Will. – Nem sequer saberia como entrar em contacto com ela, Ambs. Portanto, faz isso, se pensas que consegues fazê-lo.

– Tenho o endereço de *email* dela – diz Amber.

Ele olha para ela, ao ouvir isto. Os discos pesam-lhe nas mãos. A irmã olha-o de volta, à espera.

– Como? – É tudo o que consegue dizer, passado um instante.

– A avó – diz ela.

– Tinha contacto com ela?

– Não – diz Amber, que acaba de fazer a sua trança e começa imediatamente a desfazê-la. – Tinha apenas o *email* dela e disse que eu podia usá-lo, se quisesse.

– Quando?

– Há uns anos. Disse que era uma escolha minha, na altura. E eu creio que agora é uma escolha da mãe.

– É muito nobre da tua parte.

– O quê?

– Dar-lhe a possibilidade de escolher. Como se ela a merecesse.

Amber vira-se novamente para o computador portátil, abre a tampa e diz-lhe para pensar no assunto. Ele diz que não precisa de fazê-lo e que ela deve fazer o que quiser.

No dia antes, vai correr pela primeira vez em meses.

Corre pelas florestas, ao longo das estradas e pelas arribas açoitadas pelo vento. Transpira imenso e detesta a dificuldade que sente: escuta a sua própria respiração, que lhe rasga os pulmões e fica presa na garganta. Corre na areia molhada da praia. Detém-se junto ao farol, que parece estranho e faz o seu coração bater mais rápido ao fitá-lo com o seu olho de vidro e ao perguntar-lhe coisas para as quais não tem resposta.

Quando chega a casa, deita-se na banheira até as pontas dos dedos ficarem macias, olha para a sua nudez e pensa em todas as coisas que nunca perguntou à mulher que o criou, que o repreendeu e que o amou, apesar de tudo o que ele fez e não fez. E pergunta-se o que diabo há de fazer a seguir, depois de tomar banho e do funeral, e receia a vida que construiu e o quão pouco se importa com ela, e fica chocado com o desprezo que sentia pelos dias da avó naquela «caixa de sapatos», com os seus livros, os seus guisados e a sua segunda família accidental, mas pelo menos ela tinha alguma coisa, pelo menos tinha coisas que achava que queria.

Tira a válvula da banheira quando Amber lhe pergunta através da porta o que se passa. Diz-lhe que está ali há uma eternidade.

– Não acredito que ela morreu – diz ele.

O barulho da água a ser sugada, turva de sabonete.

– Eu sei – diz Amber.

E ficam assim, de cada lado da porta da casa de banho, a ouvirem-se um ao outro, sem dizer nada.

O dia amanhece encoberto. Nuvens desoladoras, sol diluído.

Apesar de lhe apetecer, Will não se veste de preto. Também pediu aos convidados que não o fizessem. Em vez disso, usa uma camisa azul que a avó lhe comprou num Natal e penteia o cabelo, como ela gostaria que fizesse.

Ele e Amber apanham um táxi para o crematório porque nenhum deles tem vontade de conduzir e ambos têm vontade de beber depois. A sua única cerveja espera por ele.

São os primeiros a chegar, como planeado, e os convidados chegam aos pares ou sozinhos, amigos idosos do clube de leitura ou do seu antigo trabalho, alguns mesmo dos tempos de escola. Ela nunca saiu de Norfolk; cresceu, viveu e morreu naquela cidade. Criou ali filhos, por duas vezes. Fez amigos. Conheceu o marido e perdeu-o. Seguiu com a sua vida, porque é isso que as pessoas fazem.

Jen pára no parque de estacionamento, parecendo a Will estranhamente deslocada fora de Yorkshire. Fez a viagem até ali esta manhã, faltou ao trabalho para estar presente. Abraçam-se e ele sente o cheiro a árvore-do-chá no seu cabelo e o vago aroma cítrico do ambientador do carro dela.

– Estás bem – diz ela, talvez para o tranquilizar ou então é uma pergunta à qual ele não consegue responder.

Ela dá-lhe o braço, como uma namorada deve fazer, e entram juntos, eles os dois e a irmã. A sala parece tão pequena, com os seus bancos de madeira e tapete listado, que ele pensa em como

gostava que a cerimónia tivesse lugar no exterior. O tempo está suficientemente ameno. Nuvens velozes, o sol a espreitar entre elas antes de se retirar novamente. Pássaros, relva cortada e árvores.

Não há janelas no crematório.

Amber vai falar com o celebrante enquanto Will pensa nessa designação e no quão inadequada é. Porque não se trata de uma celebração. Odeia aquilo e odeia-se por ter acedido a tal coisa. Diz a Jen que vai à casa de banho, sai da sala sem janelas e descobre um banco, escondido do parque de estacionamento e da entrada e de todos os rostos que ele devia conhecer, mas não conhece.

Põe a cabeça entre as mãos e decide não assistir ao serviço religioso, fazer o seu próprio memorial ali mesmo, com as margaridas aos seus pés e os pombos-torcazes a saltitar pela relva, sem cânticos e sem a triste e irrelevante síntese da vida da avó, medida em anos, empregos e tópicos, mas Amber vem buscá-lo e diz-lhe que está na hora. Ele quer perguntar-lhe se a mãe está presente, mas ao mesmo tempo não quer saber.

Will olha para ela como quem diz «Tenho mesmo de ir?» e, num momento de estranheza, embora não tão estranho para a ocasião, a irmã estende-lhe a mão.

Ele aceita-a e levanta-se.

A palma dela está fria, como a dele. Unhas roídas e linhas de vida fendidas.

É tudo uma grande mancha indistinta até ao fim, quando algo acontece. Acabaram de entoar – no caso de Will, de apenas mexer os lábios, sobretudo – o cântico final, algo sobre o nascer do sol e a sombra, e é nessa altura que chamam pelo nome dela.

Will está na primeira fila, ao lado de Jen, que está ao lado de Amber. *Uma triste mostra da família*, pensa ele, tentando não olhar para o caixão.

– E agora uma das jovens amigas de Elsie vai cantar para nós – anuncia o celebrante. – Rosemary Winters, quer fazer o favor de vir até aqui?

Um abrandamento.

Uma deslocação sobre o seu próprio eixo, enquanto toda a gente aguarda sentada, a olhar para o programa ou a observar a mulher que percorre o corredor central com a sua viola e os seus grandes olhos de corça sob a franja.

O coração dele pára.

É como ver um fantasma ou uma miragem, e ele não acredita imediatamente no que vê.

Quer dizer alguma coisa, mas as palavras não saem, por isso vira-se para a irmã, que está a olhar em frente, mantendo-se estranhamente imóvel.

Amber sabia.

Amber sabia, e ele não sabe o que sentir.

Jen olha-o de esguelha e ele vira-se para a frente.

Roe está a instalar-se numa cadeira e perde uns instantes a afinar a viola.

A sala vê-a respirar fundo e depois ela começa a tocar.

Will nunca a tinha visto com a viola. Os dedos dela movem-se sobre os trastos e ele aguarda, incapaz de respirar até ela começar a cantar.

Está diferente. Mais cheia e macia do que se lembra, com o cabelo cortado e modelado. Mas a sua voz – aquela voz – é a mesma. Continua a tocá-lo de uma forma que não achava possível, agora, sob a ação dos medicamentos que adormecem o torpor e deixam as coisas embotadas, suportáveis e insípidas. Mas acende alguma coisa dentro dele. Aquele mesmo fósforo antigo, riscado.

Tem um vestido azul.

Não tem brincos nas orelhas.

Ele não reconhece a canção. É sobre madrugadas e maçãs, algo transparente pendurado a uma janela. Desconfia que foi ela que a escreveu, especialmente para aquele momento, e é linda e inquietante e chega ao fim demasiado cedo.

Ninguém aplaude, porque é um funeral.

Mas a quietude permanece, mesmo enquanto ela regressa ao lugar. Não se ouve ninguém a mexer em papéis nem a pigarrear. Toda a gente cativada por aquela rapariga, pela sua voz e pelo silêncio persistente.

Will não consegue acreditar na sua presença.

Não consegue acreditar no que sente no seu íntimo, logo hoje.

O velório é no salão comunitário, ao fundo da estrada; um edifício quadrado e pobre que cheira a cerveja choca e a tacos de *snooker*, e à remoção de película aderente suada. É um espaço triste e sombrio, mas muitos dos velórios dos amigos da avó tiveram lugar ali. O do marido dela também.

«Nós não vamos querer receber pessoas em nossa casa», dissera-lhe Amber e ele discutira com ela por causa disso, mas agora, à medida que os convidados se levantam para ir embora, sente-se grato. Há corpos a ranger e a arrastar os pés. Não imagina como seria tê-los amontoados lá em casa, a tocar nos pertences da avó, a abusar da hospitalidade. A absorverem todo o ar.

Ele também se levanta, mas diz a Amber e Jen que vai ter com elas ao salão. Que precisa de um minuto. Jen protesta, diz que também fica, mas Amber agarra-a pelo cotovelo e leva-a lá para fora, ainda sem o encarar, repara ele.

Quando a sala fica quase vazia, Will volta a sentar-se e espera. Porque ela também esperou. Ela esperou, percorre agora o corredor central e instala-se na fila atrás dele. Um sopro de azul, como o céu que não conseguem ver.

O caixão continua no lugar. Não quiseram aquele momento em que as cortinas se fecham ou a mesa giratória roda, e há um ponto final na cerimónia. Deixem-no simplesmente onde está, tinham dito eles, por isso continua ali, em cima da mesa, com a madeira envernizada a refletir a luz plana da sala.

– Quem fará os caixões? – pergunta, e Rosie encolhe os ombros. Ele vê pelo canto do olho.

– Um carpinteiro? – arrisca ela.

– Pensas que há um nicho de mercado na carpintaria para isso?

– Acho que deve haver.

– Um fabricante de caixões – diz Will, e Rosie anui e diz que, na verdade, talvez seja um bom trabalho. Criar algo tão pessoal, para uma pessoa estranha.

Ela escolheu uma cadeira que fica dois lugares ao lado da dele, na fila de trás. Ficam ambos a olhar para o caixão da avó e tentam formar palavras, até o celebrante dizer que lamenta, que há outro serviço religioso daí a dez minutos, mas que levem o tempo que precisarem.

– Os dez minutos que faltam, quer o senhor dizer – diz Will, e o celebrante parece confuso, mas depois ri-se em jeito de desculpa e balbucia de uma forma a que Will está acostumado quando faz isto; quando é assim, assertivo.

– Vamos – diz Rosie e acena em direção à porta.

Uma ligeira inclinação da cabeça, que lhe é tão familiar.

É primavera, mas ainda faz frio, como se a estação ainda não se tivesse encontrado. Se as estações pudessem ter vozes, reflete Will, então abril seria um assobio, ligeiro e não invasivo, como os botões fechados nas árvores.

– A tua canção – diz ele, quando se sentam no mesmo banco de há pouco.

– Sim – diz ela.

– Escreveste-a para ela?

Ela olha para ele, como que surpreendida por ele ter tido de perguntar. As suas pupilas estão tão dilatadas e negras que Will consegue ver o seu próprio rosto refletido nelas.

– Claro – replica Rosie.

Ele engole em seco, diante disto. Tem de virar a cabeça.

– Sinto muito, Will – diz Rosie e pousa a mão na dele depois de uma brevíssima ponderação. Ele sente-a pairar e depois baixar, e o calor da palma da mão ao fechar-se.

As mãos dela continuam a ser tão delicadas. Com uns dedos tão finos e adoráveis, e ele nunca pensa sequer em adjetivos como «adoráveis» e isso deixa-o envergonhado. Sente-se patético e zangado, de repente.

– Não sabia que vinhas – diz ele, retirando a sua mão.

Rosie pestaneja.

– A sério?

– A sério.
– Ah! Bem, a Amber convidou-me.
– Ela pediu-te que cantasses?
– Claro. Eu não me teria... atrevido.
– Mas não te ocorreu dizeres-me que ias estar aqui?
– Calculei que soubesses que constava da lista de convidados – justifica Rosie, e há uma exaltação na sua voz, uma incredulidade diante do tom acusador dele. – Presumi que terias mais com que te preocupar do que comigo a... enviar-te mensagens para dizer «olá».

Os pardais esvoaçam nas sebes. Ouve-se um corta-relva algures, para lá das sepulturas.

– Ela morreu, Rosie.
– Eu sei.
– Se houve altura em que se justificava uma mensagem, foi essa.

– Sinto muito – volta ela a dizer, e a sua voz é como um sopro, como o vento nos ulmeiros. Ele não quer que ela diga que sente muito. Quer que ela lhe volte a segurar a mão. Quer que ela se vá embora. Quer tanto tê-la que pensa que o seu coração é capaz de fraquejar.

– Roe – diz ele, sem olhar para ela.

Nem um sim, nem um murmúrio de assentimento. Mais sopro, mais vento. Mais tudo, quando ela está por perto; um sol luminoso que o ofusca.

– Estou tão feliz por estares aqui – diz ele.

– Estás?

– És a única pessoa que queria ver. Até pensei nisso, esta manhã, quando acordei e percebi que dia era. E agora estás aqui.

Ela fica calada por muito tempo. O corta-relva pára de trabalhar e depois recomeça. Os pardais foram embora e ele fica a pensar se ela também irá levantar-se para ir embora.

Deixa-a ir, pensa. Deixa-a ir.

Por que razão é tão difícil deixá-la ir.

– Disseste que não me querias na tua vida – acaba ela por lhe dizer.

– Nunca disse isso.

– Disseste, sim.

– Pensa bem, Roe. Eu não disse isso.

– Mas também *não* disseste o contrário.

– Pára de evitar o que eu disse.

– O quê? Que estás feliz por me ver? Caramba, Will!

– O que foi?

– Mesmo quando dizes coisas agradáveis, sinto que estás zangado. Nunca sei o que queres de mim. Tal como quando tínhamos dezassete anos.

– Estás a brincar comigo?

– O quê?

– *Tu* é que disseste que não *me* querias. Lembras-te?

– Eu nunca deixei de te querer – diz Rosie, e parece dizê-lo sem pensar, sem fazer tenção de abrir o jogo no ar límpido de abril.

As palavras ficam a pairar entre eles, como um fruto proibido. Pisado, mas não maduro.

– Não te percebo.

– E eu não te percebo a ti, Will – replica ela em voz trémula. – Não estás com a Jen?

– E tu não estás com o Simon?

– Não – diz ela, e aquela única palavra sai forte e destemida.

– Deixa-te disso.

– Não estou, não, Will.

– Desde quando?

– Desde há pouco tempo.

– Mas casaste com ele.

– Sim. E continuamos casados.

– Então, *estás* com ele.

– Mas o que é que estamos nós a fazer? – pergunta ela, levantando-se, numa revoada de vestido e casaco comprido. – Tu estás com a Jen. Somos adultos. Não falamos há uma eternidade.

– Vinte e nove meses.

– O quê?

– Não falamos há vinte e nove meses.

Ela fita-o como se ele estivesse a rogar-lhe pragas, como se lhe tivesse chamado alguma coisa imperdoável. A raiva súbita que o

tomava transformou-se noutra coisa. Ele não consegue explicar. Está no funeral da avó. A sua namorada está a oitocentos metros dali, a comer *crudités* e a fazer conversa com primos que ele não conhecia. E está a fazê-lo por ele, e só por ele.

– Não podemos – diz Rosie.

A sua voz está tensa, como água que se espreme de um pano. Ele deixa-a cair e tudo o que ela não diz salpica-lhes os pés.

– Não disse que devíamos – diz Will olhando em volta, para a relva e para as lápides embutidas na terra.

Alguna coisa se rompe. Ele quer a avó. Quer falar com ela sobre isto ou vê-la incutir algum juízo nos dois.

– Queria simplesmente dizer-te. Apenas uma vez – diz ele.

Ainda assim, não lhe diz, mas ela não parece precisar que o faça.

– Devia ter-te dito todos os dias desde que soube. Mas era jovem, estúpido e medroso, e continuo a ser muitas dessas coisas, Roe.

Ela voltou a calar-se.

– Roe?

– Não sei porque estás a gritar.

– Não estou.

– Estás, sim. Dá ideia de que estás furioso comigo.

Ele olha para o que consegue ver do rosto dela, para o cabelo que lhe roça as maçãs do rosto. Quer dizer-lhe que amor e fúria lhe parecem frequentemente uma e a mesma coisa. Que a sua pele arde de desejo por ela. Que o seu sangue flui vagarosamente e que isso não o faz sentir-se seguro, bem ou tranquilo; a sensação é de raiva.

– Não estou a gritar – diz ele.

– Agora já não.

– Não era assim que as coisas se deviam passar.

– O quê, hoje? O funeral? Ou nós?

– Tudo o que disseste – replica ele, e algo melhora entre eles, nessa altura.

Pássaros a cantar. Deslocação do sol por entre os cedros.

– Will.

– Sim?

– Eu... eu penso que devíamos falar sobre isto. Mas não agora. Não aqui. O dia é da Elsie, sabes? Vamos apenas recordá-la.

Ele tem sentimentos tão fortes por ela, naquela altura, que quase os extravasa. Passa a mão pelo rosto, diz que o velório não é longe dali e Rosie acena com a cabeça. Levantam-se do banco e começam a encaminhar-se em silêncio para o parque de estacionamento, mas depois um ruído semelhante a passos faz Will virar-se para trás, em direção ao banco.

Alguém, a aproximar-se.

Uma mulher, com a idade certa. Com o rosto certo.

*

Rosie tira sanduíches e salsichas de *cocktail* e fica a um canto, a debicar a comida que tem no prato. Sentiu o seu corpo suavizar nestas últimas semanas, à medida que ingeria pão e bolos e punha açúcar no chá. Tantos anos a comer frutos secos, proteínas e alternativas com poucas calorias, mas agora sente-se o mais próximo de nutrida que se consegue lembrar. Não está a pensar em calorias, nem em tonificar-se ou em pesar menos ou em aguentar mais cinco segundos. Está a pensar em como está a dar aulas, agora; nos seus alunos e nas suas canções. Em como voltou a escrever em papel.

Reconhece alguns rostos no funeral de Elsie. Pessoas da sua terra natal, da biblioteca, da pastelaria. Mas não conhece verdadeiramente ninguém a não ser Amber, que parece apostada em falar com toda a gente menos com ela. Não se importa. Vai comendo lentamente enquanto espera, porque deixou Will no parque de estacionamento com a mãe.

Sente um nó no estômago. Não pára de olhar para a porta, na esperança de que ele entre e esteja bem ou, pelo menos, próximo disso.

Três sanduíches em miniatura depois, ele ainda não apareceu e é nessa altura que Jen vem ter com ela e lhe diz «olá».

– Olá! – replica Rosie.

O seu sangue fervilha nas veias. Sente culpa e aversão e vergonha por ambas.

– A sua canção foi apropriada – diz Jen, e Rosie ouve a inflexão de Will na voz dela, da forma como se faz eco das palavras de alguém com quem se vive, mesmo sem querer.

– Obrigada.

– É tão agradável ter música a sério, e não apenas cânticos.

– Ainda bem que gostou – diz Rosie. Levanta uma sanduíche do prato e depois volta a pousá-la.

– É a Rosie, certo?

– Sim.

– A melhor amiga do Will?

– Não sei se ele diria a melhor. Mas éramos amigos. Faz muito tempo.

Jen observa-a e Rosie prepara-se para falar do tempo ou dos pequenos pãezinhos quando Jen vai direta ao assunto e Rosie vê o tipo de mulher que ela é.

– Ele fala de si, sabe? – diz Jen.

Rosie olha nos olhos de Jen, a mulher com quem Will partilha a vida. Cabelo preto e feições miúdas, um adorno de jade ao pescoço.

– Ah, sim?

– Não muito. Mas o suficiente.

Ouvem-se risadas vindas do bar, demasiado altas para a ocasião, e ambas as mulheres olham e veem dois homens a baterem nas costas um do outro. Continuam a observar os desconhecidos e Jen continua a falar, em voz suave.

– Eu sei que ele tinha um fraquinho por si – diz.

Rosie sente as faces a arder; desvia a sua atenção do bar e baixa os olhos para o prato.

– Só não sei se continua a ter – termina.

E Rosie sente a garganta fechar-se, como acontece quando não faz ideia do que dizer, quando não há certo ou errado, nem espaço para que haja. Tenta engolir; faz menção de pegar no copo de água que tem pousado ao seu lado, mas nesse momento há uma

movimentação de cor e ruído e veem Will entrar de rompante no salão e ir direito a Amber.

– Oh, merda! – exclama Jen, enquanto Rosie pensa o mesmo, e depois a namorada de Will afasta-se dela.

Rosie pousa o prato. Há algumas pessoas a olhar porque o alvoroço é tangível, mesmo sem gritos; Will está furioso, a dizer coisas em voz baixa e áspera, e Amber mantém o queixo levantado, como se estivesse preparada para o desentendimento.

Rosie faz uma escolha e dirige-se para a saída. Passa por Will e pela irmã e pelos convidados do funeral, que observam de olhos arregalados, e depois sai do salão para o parque de estacionamento e sente o ar mais frio do que antes. Cheira a geada e a asfalto molhado. Céu plúmbeo, refletido em poças no chão.

Ao caminhar em direção ao seu carro, vê o que – ou quem – esperava ver. A mulher que abandonou o filho porque a vida era um fardo demasiado grande. Fugiu porque era mais fácil, porque era uma atitude rebelde e libertadora e o oposto do que Rosie aprendeu a ser. Observa aquela mulher selvagem e ausente, de cabelo acobreado e comprido, a girar a chave no carro para dar vida ao motor. Vê-a agarrar o volante com ambas as mãos e colocar a testa entre elas por brevíssimos momentos. Vê-a chorar durante algum tempo.

*

Jen leva-o para um bar. Dá as chaves do seu carro a Amber, para esta ir para casa, e eles os dois apanham um táxi para um *pub* praticamente no meio de nenhures, numa estrada nos arredores de Norfolk, com paredes em tijolo, cerveja local de barril e iluminação reduzida, estilo crepúsculo. Está tão escuro que é quase impossível lerem as ementas.

Mas Will não quer comer.

– Uma vodka dupla – diz ele a Jen, e esta diz que não, que ele pode beber uma cerveja ou uma água com gás e lima, e ele só tem

vontade de esmurrar a mesinha de madeira a que estão sentados, mas em vez disso olha fixamente para as suas mãos.

Tanta coisa para um só dia...

Ela volta com a água gaseificada para ele e o seu próprio copo de vinho, que mais parece um aquário na sua mão, e ficam ali sentados, a beber, com o murmúrio do *pub* a envolvê-los. O facto de não se sentir entorpecido, para variar, deixa Will desconfortável. As coisas ferem-no como agulhas e está a tentar perceber o que lhe causa maior dor quando Jen diz:

– Estive com a Rosie Winters.

– E eu estive com a minha mãe.

Ela baixa os olhos ao ouvir isto e ele sente nova aguilhoadá, talvez motivada por uma satisfação violenta, e depois uma ponta de culpa por ter dito naquele dia a Roe algumas coisas que não tencionava dizer. Ou talvez as tenha deixado implícitas. Não sabe o que estava a fazer naquele banco e também não sabe o que está a fazer ali com Jen.

– Queres falar sobre isso? – pergunta Jen. Está a fazer girar o vinho no copo da mesma forma como na noite em que a conheceu.

– Não há nada para dizer – replica Will. – Ela veio, conversámos e eu disse-lhe para se ir embora.

Risos e vozes. A porta do *pub* a ser empurrada.

– Foi... horrível? – pergunta Jen.

– Foi o que sempre esperei. Ao princípio, quis abraçar-me, depois ficou na defensiva e começou a chorar, como se eu lhe devesse alguma coisa, como se eu fosse um idiota por não cair nos seus braços abertos.

– Que treta! Mas que grande treta!

– Disse que pensa em mim, Jen – diz, deitando alguns perdigotos, como um velhote, mas não se importa com isso. – Ela *pensa* em mim. Como se isso desculpasse tudo.

– Não desculpa.

– Não estou a falar sequer dos aniversários ou Natais perdidos – prossegue. – Estou a falar de *anos*. Buracos na minha vida em que não tive mãe. E o que isso me fez sentir, depois de o meu pai já se ter ido embora. Santo *Deus!*

Bate com o punho cerrado na mesa e alguns homens que estão no bar olham-no de relance. Quem lhe dera que implicassem com ele, quem lhe dera ter uma razão para quebrar alguma coisa, fosse um copo, um osso ou um nariz.

– A Amber sabia – diz ele em voz sincopada, como a corda de uma viola. – Sabia que ela vinha. A minha mãe respondeu com antecendência, provavelmente pela primeira vez na sua maldita vida, e a Amber podia ter-me preparado, aliás, *devia* ter-me preparado, mas achou que *era melhor não me contar*.

– Se ela te tivesse contado – diz Jen com brandura –, as coisas teriam corrido de forma diferente?

– Não tomes o partido dela, caraças!

– Não é isso que estou a fazer. Se houver partido a tomar, Will, será o teu. Sempre.

Ela está calma e ele sente as entranhas em ebulição.

– Odeio-a! – diz ele.

– E tens razões para isso.

– Odeio-a! – repete, sabendo que está a ser infantil, mas Jen acena com a cabeça.

Bebem mais um pouco. Will engole a sua água gaseificada de um trago e sente aquele vazio a abrir-se no seu íntimo: um poço infindável e por encher.

– Uma vodca – diz.

– Nem pensar – diz Jen.

Mais murmúrios; mais sensação de ardência; alfinetes nas mãos, pés e olhos.

– Podemos falar sobre a Rosie agora? – pergunta Jen.

Will pega no copo vazio e fá-lo rodar sobre a sua base. Deixa um anel de água sobre a mesa e continua a rodá-lo, desenhando um arco molhado na madeira.

– Se quiseres – diz ele.

– Vou dizê-lo, simplesmente.

– Está bem.

– Vi a forma como olhavas para ela – diz Jen. – Enquanto ela cantava.

– Está bem – volta ele a dizer.

– E não me parece que possa continuar a ter esperança de que a tenhas esquecido.

Ele continua a rodar o copo. Olha para ela, diz a si mesmo, mas não é capaz. A raiva sossega. Mudaram de direção agora. Aumentaram a velocidade, o que requer outro tipo de concentração. Will levanta os olhos e encara-a.

Ela também está a tentar não olhar para ele. Foram tão raras as vezes em que ele a viu chorar, percebe agora que sempre gostou disso nela; que apreciou a sua coragem, a sua forma prosaica de andar pelo mundo. É pacificadora e descomplicada. Também gosta da sua pele, do facto de ser quase translúcida. Quando a manhã lhes entrava pelas janelas, perguntara-se muitas vezes como é que uma mulher podia ser tão pálida e fina como papel.

Forte, de alguma forma, mas transparente.

– Não preciso de saber pormenores. Mas consigo vê-lo no teu rosto, Will. E, correndo o risco de parecer uma maldita diva – diz com os olhos a cintilar –, tudo o que quero é alguém que me olhe assim, percebes?

Will pára de rodar o copo.

– E também não vou intrometer-me entre vocês – diz. – Ela merece saber o que continuas a sentir. Ao fim deste tempo todo.

Ele não quer acreditar que as coisas estão a desenrolar-se assim. Estava preparado para enfrentar fúria e acusações, uma discussão que a levasse a sair de rompante para o parque de estacionamento, para ele ser obrigado a segui-la ou ter de pedir uma bebida no bar. Mas esta reação corta-lhe a respiração.

– Lamento imenso – diz ele, porque é tudo o que tem para dizer.

Ficam ali sentados com os seus copos vazios e as lâmpadas fracas sobre eles, com a alegria e o rebuliço de outras vidas a acontecer à volta deles.

– Pelo menos, não nos casámos – graceja Jen, erguendo-lhe o copo em jeito de brinde.

– Mas ela casou – diz ele.

E quando Jen não lhe responde, ele vê a mágoa no seu rosto. A constatação de que, mesmo agora, que estão a terminar a relação, ele não tem nada para dizer que não seja acerca de Rosie. Will é

tomado por uma tristeza súbita e dolorosa. Sente vontade de lhe tocar, de pedir desculpa, de mudar as coisas que não consegue mudar.

– Eu tinha um anel, sabes? – diz ele, passado um bocado.

– Sei. Encontrei-o na tua gaveta das meias.

– E nunca tiveste curiosidade em saber por que motivo não te tinha pedido em casamento?

– Nem por isso – responde Jen, segurando o copo com ambas as mãos. – Sabia que o teu coração não estava para aí virado. Quando começámos tudo isto, sabia que estavas apaixonado por outra pessoa.

Alguém se ri, algures. Portas de vaivém, o cheiro a batatas fritas acabadas de fazer.

– Devia ter servido de alerta, suponho – diz Will.

– Sim. Acho que gostei do desafio – diz Jen. – Pensei que conseguiria fazer-te mudar de ideias. O que foi arrogante da minha parte, se calhar. Mas teria sido *tão* sexy, se tivesse conseguido.

– Neutralizar o meu amor eterno por outra pessoa?

– Sim, isso – diz Jen, e ele fica aliviado ao ver que ela já não está à beira das lágrimas. – Mas também... libertar-te disso tudo.

Ele não tem palavras para aquilo. Sabe que devia pedir mais bebidas, mas também não quer levantar-se e quebrar aquilo que estão a segurar com cuidado: aquela coisa frágil e quase moribunda que passaram um ao outro ao longo de cinco anos.

– Teria sido *excitante* como tudo – concorda Will.

Ela solta uma gargalhada desbragada, mas o som assemelha-se mais a uma tossidela, ou talvez a um soluço, e ela pousa o copo de vinho, levanta-se e vai-se embora demasiado depressa, toda ela casaco, botas e ruído.

E pronto.

Acabou.

É inquietante para Rosie estar na cama da sua infância. Parece-lhe demasiado estreita e não consegue dormir sem o volume de Simon ao seu lado, sem o peso familiar e habitual. Não falaram um com o outro, como combinado. Ela encheu um saco de viagem e veio para casa dos pais, num estúpido e destroçado arremedo de saudade que só a fez sentir-se pior.

– Desiludes-me, Rosie – dissera a mãe, quando ela lhe contara a razão de estar ali.

Uma descarga elétrica de dor e algo mais duro, como um prego, a trespassá-la.

Lá em cima, no seu quarto, não desfez o saco. Parecia-lhe mais fácil e menos permanente não o fazer. Há de arranjar em breve a sua própria casa e decorá-la com as suas cores favoritas; ter um instrumento musical em cada divisão e livros, muitos livros.

Mergulha lentamente no sono com estes planos em mente e depois acorda sobressaltada, como se se tivesse esquecido de alguma coisa.

Levanta-se, verifica se tem a mala, o passaporte e as chaves, e depois volta para a cama. Vê a noite dar lugar ao amanhecer, as formas mudarem de malva-escuro para o azul mais claro, tipo nuvem. E precisamente quando está quase a adormecer, novo sobressalto, que desta vez lhe deixa uma sensação de ardor, como se alguém tivesse entornado cera derretida sobre a sua pele.

É nessa altura que pega no telefone.

– Disseste que nunca te quis – diz ela, quando ele atende. – E eu também era uma adolescente estúpida e amedrontada, Will, por razões que nem sequer fazem sentido para mim agora. Sei que não muda nada, mas precisava que *pensasses* que não te queria como tu a mim. Foi por isso que disse que não, daquela vez, na floresta.

Há um ruído de fundo; uma espécie de vento abafado, como se ele estivesse no exterior.

– Não devia ter dito o que disse – prossegue. – Não pensei que deixasse uma marca tão duradoura em ti. Foi fácil jogar a carta da menina bem-comportada.

– O que estás a dizer, Rosie? – pergunta ele. Continua a dar a ideia de estar no meio de uma multidão; numa rua principal ou num

porto, em algum lugar movimentado apesar do adiantado da hora.

Rosie respira fundo, olhando para os pósteres de quando era adolescente na parede; três rostos que cantavam sobre conflitos e continuar a acreditar.

– Estou a dizer que era mentira. E, às vezes, interrogo-me como teria sido, se não tivesse dito aquilo.

Segue-se um breve silêncio. Ela ouve um som, como se Will tivesse mudado o telefone de um ouvido para o outro ou estivesse a tentar encontrar um lugar mais resguardado para falar.

– Estás a falar daquela vez em que me disseste que eu era o tipo de pessoa errado para ti?

– Sim – diz ela, e sente uma opressão no peito com a crueldade daquelas palavras, embora se lembre das suas razões. Josh, a chorar nos seus braços. E outra coisa, algo mais implacável; um gancho no coração que não a deixa avançar.

Mais barulho. Um chiar, como sapatos num soalho.

– Era mentira – repete ele, como que a confirmar o que ela disse.

– Sim.

– Mas a morte do teu irmão não foi.

– Eu sei. Mas...

– Tu nem sequer conseguias olhar para mim depois disso. Eu sei porquê, Roe. Eu entendo. E podemos tentar fingir que não faz mal e que não o vês quando olhas para mim, ou que queres ultrapassar a situação. Podemos *tentar*, mas juro por Deus que não irá resultar, Rosie. Ele morreu, e foi por minha causa. Por mais voltas que dês, fui eu que o convidei, era o meu aniversário, e é por isso que evitamos o assunto, foi por isso que nunca fui atrás de ti e foi por isso que nunca quiseste que o fizesse, e também é por isso que ainda não tens a certeza, mesmo agora, de que é isto o que queres.

Rosie respira para o auscultador. A voz dele está tensa e magoada, prestes a ceder. Tão frágil, depois de refreada por tanto tempo.

– Isso é o que tu pensas – diz ela. – Mas...

– Não – diz ele, voltando a cortar-lhe a palavra, e ela ouve um anúncio num altifalante e percebe que ele está num aeroporto. – Não, Roe. Eu acabei a minha relação com Jen, ontem à noite.

Acabei tudo com a mulher que ficou ao meu lado durante a depressão e a morte da minha avó, e porquê? Porque ela sabe que não consegui esquecer uma pessoa que nem sequer quer *estar* comigo?

Ela também tenta interrompê-lo, mas ele prossegue.

– Nunca conseguirei conviver com o facto de Josh ter morrido daquela maneira, Rosie. E tu também não. Por isso, vamos parar com o que quer que isto seja entre nós.

– É verdade que o vejo quando olho para ti – diz Rosie. Está ofegante com a adrenalina, com a necessidade de dizê-lo, finalmente.

– Certo – diz ele.

– Não – replica Rosie, abanando violentamente a cabeça, sem se lembrar de que ele não a consegue ver. – Eu vejo-o quando olho para ti, sim, mas não pelas razões que pensas.

Finalmente, felizmente, ele não reage.

– Ele era *gay* – diz ela, e é como se lançasse pelo telefone uma espécie de fogo de artifício de verdade, alegria e sentido.

– O quê?

– *Gay* – volta ela a dizer. – Tinha acabado de me contar. E ele... hum... estava apaixonado por ti. Obviamente.

Ela está sentada na cama, com os pés descalços debaixo dela. Sente frio, mas não se consegue mexer; fica imóvel enquanto aquele momento se desenrola.

– E eu só queria que ele ficasse bem. Queria que ele resolvesse os seus problemas primeiro. Antes de lhe partirmos o coração, percebes? E depois ele morreu.

Ela di-lo de chofre; de forma tão dura e clara quanto o facto o pede.

– Ele morreu – volta ela a dizer –, e eu... eu não sabia como...

– Ele era *gay* – repete Will.

– Sim.

Mais silêncio. Mais ruído branco do aeroporto. Ela quer perguntar-lhe para onde vai e por quanto tempo.

– Tu estavas a protegê-lo – diz Will, passado um bocado.

– Devia ter-te contado mais cedo.

- Sim, Roe. Devias tê-lo feito.
- Será que isso teria mudado as coisas?
- Que coisas?
- Isso é responder a uma pergunta com outra pergunta.
- Não brinques, Rosie, não agora – diz ele, e parece distante, ainda está a processar a informação, do outro lado da linha.
- Lamento imenso não te ter contado – diz ela. – Mas sentia que o segredo não era meu. Percebes?

Will não responde e Rosie espera demasiado tempo. Ouve outra voz feminina fluida no altifalante, a anunciar alguma coisa que não consegue decifrar.

- Roe.
 - Sim?
 - Obrigado. Mas, agora, tenho de me ir embora.
- E desliga.

Tocam à campainha.

Ela está sozinha, com o edredão enfiado debaixo dos braços enquanto olha para o teto e pensa. Os pais saíram para o trabalho há horas, mas mesmo assim ela não saiu da cama.

Voltam a tocar e ela amaldiçoa o carteiro, mais as suas encomendas e o desejo insistente e exasperante de fazer o seu trabalho.

– Deixe isso na porcaria do degrau – diz ela em voz alta, e sente-se imediatamente mal-educada e envergonhada, embora ninguém a consiga ouvir enquanto desce a escada até à porta. Vira o puxador para baixo e abre-a, pronta para agradecer ao homem fardado que lhe estenda a encomenda.

Mas não é o carteiro.

Ele está ali especado, com o seu blusão de couro, os malarres salientes, o cabelo cor de bronze e os olhos ardentes e infinitos.

Partilham um único batimento cardíaco e depois ele diz que àquela velocidade nunca mais viajará pelo mundo, dá um passo em frente, segura-lhe o rosto entre as mãos, aquelas mãos ásperas de mecânico, e continua a olhá-la assim até ela o puxar para si, com a boca sobre a dele, e confirmar que ele lhe sabe ao mesmo que sabia antes.

Acabam na escada da casa dos pais. A alcatifa queima-lhes as costas e há dentes, suspiros e unhas, mas também uma suavidade, algo que se derrete.

As suas cores, debaixo da roupa. Pele que mais ninguém vê e um querer desesperadamente que a outra pessoa lhe toque, que a faça sua, e são os anos da adolescência e sonhos lúcidos e desejo tão à flor da pele e tão real que não pode ser permitido, certamente que não. Dizem o nome um do outro apenas uma vez, e depois novamente, e ambos a modos que riem sem som, como se pudessem afugentar a alegria se não ficassem calados. Mas, mesmo assim, conseguem ouvir-se um ao outro e é só isso o que querem, o que sempre quiseram, para serem sinceros, se eliminarem o ruído que surgiu antes disto, de tudo isto. O cabelo dela a cair entre eles, como um salgueiro. Braços fortes, curvados e macios, pernas penugentas, não depiladas e negligentes.

Rosie encosta a boca à clavícula de Will e ele geme suavemente.

Sombras das árvores na parede.

Embalam-se um ao outro e, entre o sangue que lhes corre nas veias e o matraquear dos seus corações, há algo que nenhum deles conheceu antes. Aquele lugar inalcançável e implausível. Fogueiras, a crepitar. A implodir. O sol a nascer permanentemente e a ofuscá-los se olharem diretamente para ele, se tiverem essa coragem, essa necessidade e essa sorte inacreditável.

E, em seguida, silêncio.

Um silêncio perfeito.

– Não podemos ficar aqui – sussurra Rosie, depois.

Está enroscada nele, com a luz do meio da manhã a acariciar-lhes a testa e a criar reflexos no louro acobreado do cabelo de Will.

– Pois não – diz ele.

Volta a beijá-la, um beijo tão prolongado que ela pensa que é capaz de se vir ali, mas depois ele afasta-se e diz que sabe de um lugar para onde podem ir.

Durante os dias seguintes, Will comporta-se como se estivesse num sonho do qual não quer acordar.

Fica deitado, imóvel, e tenta prolongá-lo ao máximo, mas depois ouve o respirar de Rosie e o seu coração salta, como uma baleia fora de água, de forma súbita, graciosa e avassaladora.

Estão a dormir na sua antiga cama de solteiro. Nenhum deles achou correto mudarem-se para o quarto da avó de Will, pelo menos até conseguirem mudar algumas coisas. Rosie insistiu para que comprassem roupa de cama nova, pelo menos, e ele concordou, embora ainda não tenham saído de casa.

Têm sido dias de deriva e descoberta. De fazer café, mas beber apenas metade. De cartografarem a pele um do outro, as suas partes mais macias e escondidas, e de enredar os membros, mãos e cabelo na cama, no duche e, uma vez, em cima da mesa da cozinha.

– Isto está... – diz Rosie uma vez, ofegante, ao seu ouvido.

– A acontecer – diz Will, e ela estremece e ele pensa que é capaz de morrer de prazer e não se atreve a pensar para além do próximo toque dela, da próxima nota cantada pelas aves, lá fora; galináceos, pardais e gansos que conseguem ouvir, por vezes, nas correntes de ar que passam sobre a casa.

*

– Ele era *gay* – diz Will uma noite, quando estão virados um para o outro, na cama.

Ele tem marcas dela por todo o lado. Os olhos de Rosie parecem luas em órbita; atraídos pelos seus, arregalados, brancos e misteriosos.

– Sim – diz ela.

– Não fazia ideia. Mas agora, que disseste, até consigo acreditar, sabes?

– Talvez – diz ela, a sua palavra favorita, e é como se ela se tivesse afastado dele. Não houve qualquer movimento ou recuo,

apenas algo menos do que antes; parece reticente, e ele amaldiçoa-se interiormente por ter tocado no assunto.

– Tu sabias? Antes de ele te ter contado?

– Já me tinha passado pela cabeça.

Will acena com a cabeça. Vê o rosto dela mudar, como que a recordar coisas de que ele não fizera parte.

– Não creio que ele se importasse – diz-lhe ele.

– Se importasse com quê?

– Com isto. Connosco. Se é isso que te preocupa.

– O que te fez pensar que estou preocupada com isso?

– Aquilo que disseste – replica, soerguendo-se sobre o cotovelo enquanto ela rola para longe dele e prende o cabelo escuro e comprido atrás da orelha. – Sobre não queres partir-lhe o coração.

– Agora, já não estou preocupada com isso, ou estou? – contrapõe Rosie. – Ele morreu.

Will vê-a desviar o olhar. O luar passa através dos cortinados ainda abertos e o quarto alterna entre prata e sombra.

– Ou estás? – pergunta ele.

Não lhe diz: «Conheço-te. E sei que esta coisa que carregaste durante anos não desaparece de repente, apesar de tudo. Apesar de teres conseguido tudo aquilo que querias, mas pensavas que não podias ter.»

– Talvez um bocadinho – diz ela, e a voz sai rouca com o esforço de não chorar.

Ele agarra-lhe o cabelo e põe-lho por cima do ombro. Inclina-se para lhe beijar a clavícula, a pequena depressão que forma.

Ela está mais rígida do que ele alguma vez a sentiu.

– Não creio que ele se importasse – repete ele. – Mas continuo a sentir-me um bocadinho constrangido com isso.

Ela acena com a cabeça e volta a afundar-se nas almofadas, que se enrugam debaixo dela. Cheira a sabonete, a edredão e a chá de pequeno-almoço.

– Acho que me sinto mal – diz ele.

– Eu também.

Ambos a pensar o tempo todo e a envolverem-se um no outro.

*

Ao fim de quatro ou cinco dias, Rosie faz com que saiam de casa.

– Precisamos de apanhar ar – diz. – E de mantimentos.

Por isso, vão até ao centro comprar leite e ovos e outras coisas básicas, embora não desejem nada a não ser um ao outro, e ela sente-se zozza, como a rapariga de dezassete anos que se apaixonou por ele, e é estúpido e constrangedor e tão desgastante que nem sequer se importa com isso.

Falam sobre a escola, sobre o jantar e sobre programas de televisão horríveis. O sol bate nos passeios, de um amarelo cremoso, como leiteiro. Tão quente, para final de primavera.

É na fila do supermercado, ao colocar os artigos no tapete rolante, que Rosie se apercebe de que ainda está a usar a aliança. Há uma mudança momentânea na velocidade das coisas; como se alguém lhe estivesse a tirar alguma coisa e ela tivesse de tentar agarrá-la.

Enfia tudo no saco, paga e aceita o recibo. Percorre o corredor da saída, a pensar que devia tratar rapidamente do divórcio; ambos tinham deixado a papelada de lado porque não havia pressa e porque a separação era esgotante, até mesmo o simples facto de assumir essa escolha. «Eu vou dando notícias», dissera ela, e Simon anuíra, dizendo que faria o mesmo.

Lá fora, pede a Will para ir comprar pão e, enquanto ele está dentro da padaria, tira a aliança do dedo e guarda-a no compartimento das moedas da carteira.

O céu tem laivos de cinzento.

Vê o seu reflexo, no vidro.

Espera sentir vergonha ou arrependimento, mas não sente nada, não enfrenta coisa nenhuma a não ser o homem de cabelo louro e dentes de lobo que sai porta fora com um pão nas mãos e lhe pergunta se está pronta. Ela responde que sim, que está.

– Conta-me alguma coisa – diz ela, naquela noite.

– Sobre o quê?

– O que quiseses. Alguma coisa que tenha acontecido enquanto não estivemos em contacto.

– Isso são muitas coisas – diz ele, fechando o livro de culinária que estava a ler e assinalando a página com o marcador.

– Nesse caso, deve ser fácil, certo?

– Está bem – diz ele. Pousa o livro e põe as mãos atrás da cabeça enquanto pensa. Ela pergunta-se como é possível ele ser agora ainda mais atraente do que era aos dezoito anos. Cruza os braços e observa-o. Não se barbeia há vários dias. Há dentes-de-leão louro mel a cobrir-lhe o queixo. – Bem, uma vez, fui perseguido por um texugo.

– Um texugo – repete Rosie.

– Um texugo zangado.

Ela ri-se, um tremor de incredulidade e inquietação.

– Não foste nada.

– Fui, sim. Numa chamada da equipa de Salvamento em Montanha.

Rosie ri agora a bom rir e isso fá-lo rir também e ficam na horizontal, no sofá, divertidos com a história ou um com o outro. Quando acalmam, ela pergunta-lhe porque é que o texugo estava zangado.

– Os texugos não estão sempre zangados?

– Não sei. Nunca conheci nenhum – argumenta ela, o que a faz desatar a rir novamente. As costelas doem-lhe. Sente-se magoada, destreinada e tão aliviada. As barrigas das pernas dele encostadas às dela.

– É a tua vez – diz ele. – Conta-me alguma coisa.

– Não fui perseguida por nenhuma criatura da floresta.

– Que desilusão! Mas não é essencial.

– Está bem – diz ela, e continua a sorrir, sem pensar muito sobre isso quando diz – Hum... perdi o apetite, a dada altura, não sei porquê. E fiz alguma terapia. Foi mais ou menos útil, mas também foi mais ou menos horrível.

Will abraça-a com os olhos.

– De que maneira?

– De muitas maneiras. Fui lá por causa do Josh, obviamente. Mas, na verdade, mal falámos sobre ele. Falámos sobretudo acerca de objetivos, da minha mãe, do que eu comia ou deixava de comer, do meu TOC, de tudo. E suponho que era importante fazê-lo.

Will não está a tocar-lhe, à exceção das pernas apoiadas nas dela. Continua com as mãos atrás da cabeça e os cotovelos para fora, como se estivesse a apanhar banhos de sol à luz do candeeiro.

– Creio que a ideia era ir aprofundando as coisas. Furando as sucessivas camadas, sabes? Mas eu estava demasiado impaciente. Queria ir direito ao Josh, ficar bem e sair dali para ir à minha aula de *spinning*.

– Aula de *spinning*?

– Outra coisa que fiz durante algum tempo. Que também era mais ou menos horrível. Lembro-me de uma vez, em que o instrutor estava a gritar comigo para pedalar com mais força e as luzes estavam a piscar e eu pensei: «Caramba! Odeio mesmo isto!» Depois disso, deixei de ir.

– Graças a Deus! – exclama ele.

Ela concorda e depois ficam momentaneamente calados.

Ele continua a olhar para ela, com as mãos atrás da cabeça.

– Fizeste alguma coisa que não fosse horrível? Em todo esse tempo?

Ela esboça um meio sorriso ao ouvir aquilo, embora pense que ele não está a brincar.

O vento brada, lá fora, como o mar. Está prevista tempestade por volta da meia-noite. Ela tem estado à espera disso; do barulho nas vidraças, mais tarde, quando subirem para se deitar.

– É triste, eu sei – diz ela, depois de não ter uma resposta para lhe dar, e nessa altura ele toca-lhe como deve ser, inclina-se para a frente e toma-lhe ambos os pulsos nas mãos.

– Tu és muita coisa, Roe. Mas triste? Não. Nem pensar. Mesmo depois de tudo, és uma luz, Roe! Um perfeito raio de luz!

Ela sente-se constrangida sob a intensidade do seu olhar e das suas palavras. Fica toda em brasa. O rosto, o pescoço, entre as pernas...

– Mas quem é que fala assim? – diz ela, e a sua voz é como respiração contra a dele.

Novas risadas entre os dois. Mais suave do que a chuva, os seus marcadores de livros em tecido.

*

Ele não usa pijama na cama. Apenas boxers. Ela começa a usar a roupa dele sem lhe pedir, tira uma *T-shirt* da gaveta dele e calça meias de dormir que lhe tapam as canelas.

Ele pergunta-lhe como consegue dormir de meias.

E ela pergunta-lhe como é que ele não consegue.

É como se estivessem de volta à escola, a atração, a excitação e a ânsia daquilo tudo, quando na verdade são apenas eles, numa década diferente, iguais ao que sempre foram.

*

O verão traz os turistas. A praia fica juncada de famílias e pescadores, mas, mesmo assim, ao fim de dois meses juntos, continuam a ir ao farol quase todos os dias.

– Voltei a cantar – diz-lhe ela, enquanto caminham ao longo da praia até lá.

A madeira flutuante jaz na areia como osso branqueado, o ar tem um cheiro simultaneamente fresco e putrefacto, todo ele espuma e ervas daninhas deslavadas.

– Já ouvi – diz ele.

– Não apenas no duche – diz ela a rir, e é tão fácil fazê-lo que fica a pensar em como se sente diferente, agora, já não sobrecarregada ou encurralada, mas aberta ao mundo.

– E não apenas em funerais. No trabalho. Pediram-me que dirigisse o coro.

Rosie deixara o seu emprego como consultora antes de se ter separado de Simon e começara a trabalhar como professora de Música numa escola de raparigas, em Norfolk. Ensina piano e viola,

ajuda a organizar os concertos escolares. Sabe que não é um trabalho que vá mudar o mundo, mas, a ela, mudou-lhe a vida.

Quando contou a Will que estava outra vez a tocar e a ser paga por isso, embora mal, ele olhou-a como se a quisesse engolir inteira.

– Isso é tão bom! – exclama ele agora, enquanto avançam pela areia.

– Pois é. Sinto que é a coisa certa, sabes? Deixar a música foi uma escolha minha, como é óbvio. Embora não parecesse uma escolha. Era como se tivesse de aprender a respirar de maneira diferente, se é que isso não soa demasiado estranho.

– Não, não soa.

– Mas agora, o que sinto é... como é que isto não fez parte da minha vida o tempo todo?

A areia range sob os seus sapatos. Grãos empurrados para o lado, deixando o rasto das suas pegadas.

Will diz que sabe e ela sente-se subitamente envergonhada porque percebe o que ele quer dizer. As suas faces ficam vermelhas e ela baixa-se para apanhar uma concha, para que ele não a veja corar.

Vê-o continuar a andar, virar-se para trás e esperar por ela. É tão alto, tão forte e sofrido. William White, sob medicação, com o seu coração magoado e o olhar profundo e triste. É todo dela. Cada estilhaço seu, entretanto restaurado.

Guarda a concha e coloca-a na prateleira da casa de banho.

Quando chegam a casa, fustigados pelo vento e com as mãos frias, Will põe a chaleira ao lume e depois deixa-a sozinha para ir aparar as sebes do jardim.

– Não imaginava que fosses o tipo de pessoa que anda a aparar as sebes – diz-lhe ela, e ele encolhe os ombros, diz que é para a avó, e Rosie acena com a cabeça.

Ela continua a fazer coisas sem sentido pelo seu irmão gémeo. Ou com ele no pensamento, pelo menos. Demasiadas coisas. Continua a comprar os seus cereais preferidos e a ver filmes que ele gostaria de ver e que a ela não dizem nada. Às vezes, tem

dificuldade em destrinçar onde Josh acaba e ela começa, aquilo que pensa e sente realmente em relação a alguma coisa, se estará a tentar honrar a memória dele, em vez de respeitar os seus próprios desejos. Já era assim quando ele era vivo e tornou-se ainda menos claro desde a sua morte.

Pequenas coisas, apenas.

Mas são essas coisas que constituem uma vida. Que constituem uma pessoa.

Ouve a porta das traseiras fechar-se, na cozinha. É estranho estar sozinha em casa, sem Will, e sem a avó dele ou a irmã a andar de um lado para o outro lá em cima, como no verão que Rosie ali passou. Apura o ouvido. Instala-se na poltrona junto à janela e limita-se a espreitar através dos cortinados abertos. Absorve o silêncio, como um calorzinho na pele. Vê passar uma mãe com um carrinho de bebé. E um homem, com um cão com bigodes e casaco. Está um dia claro e luminoso, que combina com o seu estado de espírito, como se tudo dentro dela tivesse um novo ânimo.

Por isso, pega numa caneta e começa a escrever.

É tão raro as canções saírem-lhe tão facilmente... Volta a sentir-se jovem, uma pessoa sem erros ou tragédia na sua vida. Alguma coisa a percorrer-lhe o corpo, vinda de outro lugar. É como flutuar em água ou estar ao sol ou na neve.

Na neve.

Lá está Josh, de novo, e ela pergunta-se de onde virá ele exatamente quando fica preso a estes fios narrativos, pensa que deve haver alguma coisa separada da mente, do coração e das entranhas. E será a memória ou a alma? E qual seria o aspeto da alma se lhe pudéssemos tocar, se pudéssemos dançar com o seu lado luminoso e sombrio?

Continua a escrever, à medida que as horas passam. Quando Will vem para dentro e começa a fazer o jantar: azeite a brilhar e a espirrar na caçarola, gavetas a abrir e a fechar, água a correr, o som da faca na madeira à medida que pica a cebola.

– Gostas de espinafres, certo? – grita-lhe ele.

Ela diz que sim, sem registar verdadeiramente a sua pergunta porque está noutro lugar, apesar de estar sentada na poltrona,

naquela casa que a salvou muitos anos antes e está a salvá-la novamente.

Ela termina a canção, antes de comerem.

Gostava de poder tocá-la para Will, ou talvez para Josh, se é que acredita realmente que ele está lá em cima a ver, ou entre mundos, porque, no fim de contas, ele adorava física e sabia que havia mais coisas para além da vida e da morte. Não se limitava a ponderar essa possibilidade, sabia. Sim, há de tocá-la para ele ou para aquela parte dele que ela é, por isso talvez, apenas talvez, acabe a tocá-la para si mesma, afinal.

*

Alguma coisa mudou ou começou, ou recomeçou simplesmente. Sempre que Rosie não está a trabalhar ou a dormir – ou a não dormir, com ele –, está a escrever.

Will observa-a sem tecer comentários, vê-a com a sua partitura e as canetas de tinta permanente, os cadernos baratos cheios de papel milimétrico, para ela poder desenhar as suas próprias pautas. Tem a sensação de ter acesso a uma janela que dá para algo privado e sabe que, se fizer perguntas sobre o que vê, mesmo bem-intencionadas, nada de bom resultará disso. Sente-se feliz por existir perto de Rosie, quando ela está a escrever. Cozinha, limpa e vai durante horas seguidas para a sua garagem, fazer reparações. É essa a sua arte pessoal, de certa forma, embora não o afaste do mundo da mesma forma que parece acontecer com Rosie. A mecânica firma-o no aqui e agora. Mas com Rosie e as suas canções, ele vê uma transcendência. Uma mudança.

Ela sempre foi uma pessoa atenta.

Foi isso que o cativou, na altura da fogueira. A forma como ela o olhava e escutava, embora não o conhecesse na altura. E essa atenção nunca vacilara, até agora. Porque quando ela está a escrever, tudo isso se desvanece. A atenção que reserva para tudo e todos desaparece simplesmente e, na verdade, ele pensa que

aquele é um lado dela que ainda não vira. Toda aquela energia canalizada para onde deve ir.

Ela cantarola entredentes, às vezes, ou move os lábios.

O cabelo apanhado longe do rosto, as pernas dobradas de lado enquanto os seus dedos tamborilam ou contam.

Rosie vai a algum lado onde ele não consegue segui-la e ele deixa-a ir, e é uma alegria, um privilégio, poder dar-lhe esse espaço e tempo e não lhe fazer exigências. Gosta ainda mais daquela sua versão, pensa ele, enquanto vira uma página do seu livro de culinária ou pousa uma caneca junto ao cotovelo dela. Antes de ela regressar, a pestanejar, aturdida, como que a voltar à Terra e a recordar o mundo. Os pés dele para cima, cruzados nos tornozelos. O romance dela em cima da mesa de centro. Eles. As coisas deles. O céu noturno, veludo para lá das persianas.

Rosie trouxe a sua viola para casa da avó dele e tem a sua própria voz, mas parece faltar alguma coisa. Começa a ficar até tarde na escola, por vezes, para usar o piano e tocar as suas canções da forma como quer que sejam tocadas.

– Não te importas? – pergunta-lhe, ligando-lhe quando devia estar a sair e ele já tem água a ferver para o jantar e azeite na caçarola.

Preocupa-o o facto de ela pensar que precisa de lhe perguntar.

Mas, efetivamente, dá-lhe que pensar. Tem uma ideia difícil de esquecer, por isso vai para a Internet nas noites em que ela ainda não voltou e, passadas duas semanas, encontra aquilo que procurava. Fica a uma curta distância a pé, dinheiro na mão, obrigado, tenha cuidado com ele, sim, e ele fá-lo rolar até casa, subindo passeios e atravessando estradas, como se fosse uma coisa perfeitamente normal andar com um velho piano pelas ruas.

Precisa de ser restaurado, algum tempo e cuidado. A madeira está muito riscada e há pequenos pingos de cera de vela há muito derramada que solidificaram sobre a tampa. Leva-o para a garagem e toca nas teclas para experimentar o som e, embora não saiba praticamente nada sobre música, é óbvio que está

desesperadamente desafinado; as teclas parecem-lhe rígidas e lentas, estalam como articulações debaixo dos seus dedos. Os sons harmónicos são impuros, como o vendedor explicara, mas isso não lhe pareceu ter importância.

Ele sabe que ela vai adorá-lo.

O desenho espiralado dos painéis de madeira e as pernas delicadamente torneadas, que lhe lembram vagamente os candelabros que fez quando frequentava o secundário. O castanho-escuro da madeira, tão diferente do preto brilhante do piano em casa dos pais dela. Vai buscar a caixa de ferramentas, passa horas a ver vídeos *online* para perceber como desmontá-lo, remover os painéis frontais, chegar à caixa de ressonância, às cordas cansadas, aos martelos, abafadores e cravelhas.

O interior tem um ar desconsolado. As hastes metálicas estão baças e manchadas, o feltro apresenta-se gasto em alguns sítios. Will passa imenso tempo só a olhar e a perceber o funcionamento das coisas, como fazia enquanto via o avô com os motores, quando não tinha nenhum contributo para dar, sem competências ou experiência, mas sentia um desejo inexprimível.

Apenas ele, com um projeto, na sua garagem.

Uma comichão nas palmas das mãos.

Quando ouve a chave de Rosie na porta, cobre-o com um lençol, por precaução, embora ela raramente vá ali, com medo de deitar a mota dele ao chão. Desliga a luz e vai para dentro, onde ela o recebe com um beijo, descalça e de cabelo solto, e depois jantam e conversam sobre o seu dia e ele arde de prazer silencioso ao pensar no piano à espera dela, do outro lado da parede.

*

Os dias vão passando até ao final de agosto, em direção ao dia que ambos receiam, todos os anos. O aniversário de Will; o dia em que Josh morreu e as suas vidas se dividiram entre um antes e um depois; entre o que devia ter sido e o que foi.

Não falam sobre isso. Will levanta-se mais cedo do que o costume e vai correr. Rosie finge que está a dormir, quando na verdade não dormiu a noite inteira, pelo menos como devia ser, a entrar e a sair dos seus sonhos desde madrugada.

Um bom bocado depois de ele ter saído, Rosie levanta-se e faz o pequeno-almoço. Algo um bocadinho especial, compotas e *croissants* e sumo natural, os biscoitos preferidos de Will num prato. Telefona aos pais, como sempre faz na manhã daquele dia, e o pai atende.

– Um dia difícil – diz ela.

– É, não é? – diz o pai.

Em seguida, partilham algumas histórias sobre Josh, os seus hábitos, coisas de que sentem falta ou que ainda recordam: o cheiro das suas meias depois de um jogo de basquete; a forma como ele estalava os nós dos dedos ou escondia os legumes debaixo da faca, em criança, como se assim ninguém reparasse que não os tinha comido.

Riem-se da única maneira que conseguem neste dia, e também no Natal e na Páscoa, ou em qualquer outra ocasião que já não conta com a presença dele: baixinho, e com tanto amor e mágoa nos seus corações que parece que vão sufocar.

Pouco depois de Rosie desligar a chamada, Will chega a casa, com o rosto vermelho devido ao esforço e ao sol matutino, mas quente. Ele entra na cozinha, vê as coisas do pequeno-almoço e pergunta-lhe o que fez. Ela responde que não é nada de especial, é apenas o pequeno-almoço pelo seu aniversário. Mas ele abana a cabeça e diz que não.

– Não? – repete Rosie.

– Eu não comemoro o meu aniversário.

– Will.

– Não, Roe. Depois de tudo o que aconteceu, nunca mais comemorei. E tu, *em especial*, não precisas de dar importância a isso, só por estares aqui. A sério. Vamos esquecer isso.

– Will – volta ela a dizer, mas ele sai dali e começa a subir a escada para tomar duche.

Rosie senta-se à mesa durante três segundos e depois empurra a cadeira para trás, para ir atrás dele. Will já está debaixo de água quando ela entra na casa de banho, sem vapor, porque ele continua a tomar duche de água fria.

– O Josh iria odiar que não assinalasses o teu aniversário – diz ela.

Will está a espremer champô para a mão e passa-a pelo cabelo. Parece tão comprido quando está molhado. Fica de um louro escuro e sujo, como a areia montenegrina manchada pelos resíduos dos pinheiros.

– Tenho a certeza de que tens razão – diz ele, enquanto a água lhe escorre pelo corpo. Pelas costas e entre as suas coxas fortes de corredor.

Rosie observa-o da ombreira da porta.

– Então, vamos fazer alguma coisa hoje.

– Não posso. Estou a lavar o cabelo.

– Não sejas chato – riposta Rosie, e vê-o lavar o cabelo, ensaboar-se e voltar a lavar-se. Em seguida, ele fecha a água e limpa-a dos olhos.

– Passa-me a toalha, está bem? – diz ele, e ela assim faz.

Ela vê-o enrolar a toalha à volta da cintura e sair da banheira. Embora seja o dia que é e o seu coração doa como uma costela partida, tem um momento de êxtase. Porque está ali, naquela casa de banho, com Will White, e ele é a coisa mais linda que alguma vez viu. É isso que pensa para consigo e quase solta uma gargalhada.

Will senta-se na borda da banheira e diz que ela não conseguirá fazê-lo mudar de ideias em relação a este assunto. Que pensou muito e que é melhor assim. A menos que ela precise de assinalar a data, de alguma forma. Rosie percebe que ele não se refere ao seu aniversário, mas sim ao irmão dela.

A janela da casa de banho está aberta e ela consegue ouvir o canto arranhado de um pássaro no jardim. Uma pega, pensa. Tão áspera e desagradável.

– Penso nele todos os dias – diz ela a Will. – Por isso, hoje não é diferente.

– Certo – diz Will.

– Um dia normal, então – diz Rosie, e Will parece tão aliviado, tão grato, que ela sente uma dor ainda maior no seu coração. Chega-se para o lado, deixa-o passar para o quarto e pensa em como todas as canções antigas são verdadeiras, em como o amor é tantas vezes apenas dor, o reverso do mesmo sentimento.

*

Ao fim de cinco meses juntos, estão a caminhar até à praia quando Rosie agarra Will pelo braço e o puxa para a porta de uma loja da rua principal; um lugar cheio de placas penduradas e molduras feitas de conchas.

– O que foi? – pergunta Will enquanto ela espreita em volta dele, com as unhas enterradas na curva do seu braço.

Ela manda-o calar-se e fica imóvel. Uma mulher idosa sai da loja, por isso têm de se chegar para o lado.

– Estive a mimar-me – diz-lhes ela, segurando um saco de papel e seguindo o seu caminho. Tem uma bengala, e Will vê-a coxear para longe deles até que Rosie recua, ruborizada.

– Quem é que viste, então? – pergunta-lhe ele.

– O meu pai. O que significa que, provavelmente, a minha mãe também está por perto.

– Certo.

– Meu Deus! – exclama Rosie, tapando os olhos com as palmas das mãos. – Desculpa. Foi uma reação.

– Não faz mal.

– Faz, sim! Sou tão covarde! Não estamos a fazer nada de mal. Eles sabem que eu e o Simon não estamos juntos.

– Mas não sabem de mim.

– Não.

– Alguém sabe?

Ela levanta o queixo, como que a suspirar para o céu. Mais alguém invade o recanto onde se encontram, pergunta se pode passar, e Will aponta para o passeio. Rosie sai da soleira da porta e

voltam pelo caminho por onde vieram; na direção oposta à do pai dela, presume Will.

– Eu vou contar-lhes. Prometo.

– Na verdade, não me importo com o facto de eles saberem ou não. A menos que isso mude alguma coisa, para ti.

– De que forma?

– Se eles não ficarem satisfeitos com a notícia, significará isso que te vais embora?

Ela pára de repente e parece alarmada.

– Claro que não. Isso não é... não! Claro que não.

Will deixa-a refletir na sua pergunta porque a repetição da resposta mostra que ela não pensou nisso. Ele continua a andar, e ela segue-o. A luz é limpa e fresca, um dia bom para secar roupa de cama na corda. A avó costumava dizer que era dia de mudar os lençóis. Um sol forte e uma brisa constante.

– Também ninguém sabe de ti – diz ele, à medida que se afastam do centro e entram nas vielas que os levarão a casa. – Mas eu nunca falei sobre ninguém. Sempre achei que os outros não tinham nada a ver com isso.

– E não têm – diz Rosie, como que a esforçar-se por concordar.

– Mas tu não fizeste segredo do Simon.

– Pois não.

– E o que ganhaste com isso?

Rosie não diz nada e Will dá-lhe um toque de lado, como que para trazê-la de volta.

– Rosie, não faz mal. Estou a dizer que não há problema.

– Eu devia contar às pessoas – diz ela. – E quero fazê-lo. Mas também não quero... estragar tudo.

– Eu entendo – diz ele.

– E não é porque me importe com o que vão dizer. Os meus pais, os meus amigos ou quem quer que seja. Mas não passou assim tanto tempo desde o Simon. E nenhum deles irá compreender que, para nós, passou ainda mais tempo.

Um papagaio de papel vermelho passa por cima deles, relativamente baixo. Corta caminho por trás dos telhados e desaparece.

– Vão pensar que isto é apenas uma aventura – continua Rosie –, quando não é. E sinto-me bem assim, feliz, e só quero desfrutar disso um pouco mais. Tenho tanto medo que desapareça... Por isso, quanto menos pessoas possam interferir ou perturbar isto que nós temos, melhor, sabes?

Will sabe. Acha que devia dizer-lhe para não ter medo, que não há motivo para isso, mas sabe demasiado bem o que ela sente.

– Percebes o que quero dizer? – incita Rosie, interpretando erradamente o seu silêncio.

Outro pássaro. Um melro voa do cimo de uma parede de pedra e saltita sobre a berma relvada.

– Estás a dizer que não sou o resultado de uma ressaca emocional – diz Will.

– E não és, decididamente.

– Está bem. Nesse caso, talvez tenhamos de rever os nossos planos.

– Porquê?

– Pensava que isto era apenas algo casual.

Ela ri-se então com aquele seu riso esfuziante e enfia o braço no dele, apoiando-se no seu ombro.

– Nem sequer contei à Marley – comenta Rosie, enquanto acompanham uma curva da estrada. – Mas ela tem estado tão ocupada com o novo bebé e isso tudo...

– Hás de contar-lhe – diz Will. – Na altura certa.

Ele sabe que é disto que ela precisa; abertura e espaço, sem imposição de prazos ou regras. Tinha a sensação de que passara um longo verão desde que haviam voltado um para o outro e, na verdade, isso não era tempo nenhum, tendo em conta os anos todos que ele esperara.

Além disso, também fizera segredo de Rosie, o que é fácil quando ele e Amber não se falam e era suposto ele estar fora, a viajar pelo mundo. No Vietname, por esta altura. Contudo, ali está ele em Norfolk, uma vez mais, com a mesma rapariga, uma vez mais, sem apressar nada, deixando simplesmente a vida acontecer. Aplicou a mesma estratégia sem pressas à questão do divórcio. Não lhe perguntou quando ou como; limitou-se a garantir-lhe que ela

saberia quando chegasse a altura. É inquietante sentir-se tão estimulado, tão roído de desejo, por uma mulher de quem gosta realmente. Quer protegê-la e abrigá-la, mas também deixá-la encontrar o seu próprio caminho em relação a certas coisas.

Estão a virar para a rua da avó quando ele a vê a sorrir para consigo, ainda de braço dado com ele. Pergunta-lhe em que está a pensar e ela abana a cabeça, não. Mas ele pressiona-a e ela encolhe os ombros, com um sorriso tímido nos lábios.

– Quem me dera ter feito tudo neste mundo contigo – diz ela.

A rua está em silêncio. Não há carros, nem portas a fechar-se. Só eles, a voz dela e aquele vento bom para secar a roupa.

– É uma citação, a frase não é minha – diz ela. – Mas é linda, não é?

Ele acena com a cabeça, mas de forma quase impercetível, porque não está habituado àquele tipo de conversa.

– E eu sinto mesmo isso – diz Rosie, ainda com aquele seu sorriso. – Estava precisamente a pensar que é isso que sinto.

*

Will chegou a casa cedo e tem estado à espera junto à janela da sala. E agora ali está ela, a andar no passeio, com a mochila da escola na mão e o cabelo preso debaixo de um lenço, de tal forma que parece usá-lo agora curto, em vez da sua juba comprida e rebelde.

Will respira fundo.

Sente um formigueiro nos pés. Ri um bocadinho porque fica a pensar se seria aquela a sensação de pedi-la em casamento.

Tem uma visão do anel que a avó lhe deu, mas depois a chave de Rosie está a fazer barulho na porta e ele sente o coração ricocheteiar nas costelas e logo a seguir ela já está junto à porta da sala, a pousar o saco, a soltar o lenço, a virar-se para ele e depois a parar.

Fica imóvel, apenas por um instante.

– O que é isto? – diz ela.

– É teu.

Ela diz o nome dele, num tom mais agudo do que a sua voz, o que denota choque e alegria em simultâneo. É um som maravilhoso. Ele vê uma imagem dela como uma menina no Natal ou a entrar na sua primeira loja de instrumentos musicais.

– Vem ver – diz ele, e toca na parte de cima do piano em jeito de convite.

Ela avança, ainda a segurar o lenço. Ele tira-lho das mãos, para as libertar. Ela continua a olhar e não diz nada e a excitação de Will começa a vacilar.

Rosie estica a mão e acompanha o desenho no painel. Algo vitoriano, trepadeiras e folhas enroladas, que ele tinha posto em condições e depois pintado. Também tinha estofado o banco do piano, tendo comprado um tecido que achou que seria do agrado dela, e preencherá todos os riscos e mossas e lixara a madeira novamente até ficar lisinha.

Orgulha-se do que fez, quando se permite pensar nisso.

Mas Rosie não está a dizer nada.

– Eu sei que é antiquado – diz Will. – Mas li que o dealbar do século xx foi uma boa época para os pianos e depois disso começaram a ficar um bocadinho medíocres. E o fulano disse que este era dos anos 20, por isso achei que devia ser um instrumento aceitável. Não que eu saiba grande coisa acerca de pianos, obviamente. Talvez devesse ter-te perguntado primeiro.

Nada ainda. Rosie continua a passar as mãos pela tampa.

– Não estava em grandes condições – admite Will –, mas tentei restaurá-lo o melhor que consegui, e tinha uma boa estrutura, sabes? As cordas precisaram de ser substituídas e tem feltros e teclas novas, por isso a caixa de ressonância voltou a estar como devia. Aparentemente, o baixo é melhor nos pianos de antes da Grande Depressão, porque são um bocadinho maiores. E este tem cerca de um metro e quarenta. Por isso, sim.

Ele engole em seco. Ela ainda tem o casaco vestido e parou de tocar na madeira. Está especada, com as mãos ao lado do corpo.

– Não gostas?

Rosie vira-se para ele e os seus olhos estão cheios de lágrimas e luz e ela volta a dizer o nome dele. Will observa-a, quer vê-la e recordá-la assim.

As faces dela estão coradas.

– Eu... Eu nem sequer sei o que dizer.

– Então, toca apenas – diz Will, e ela parece espantada com a ideia durante cerca de cinco segundos. Depois, desabotoa o casaco, senta-se no banco e levanta a tampa.

Ele vê-a contemplar as teclas, por um instante. Vê-a colocar as mãos a postos, como que a verificar que podem estar ali.

Uma pausa.

E, depois, toca.

*

– Como é que sabias? – pergunta-lhe ela, mais tarde.

Jantaram, tomaram duche e estão deitados na cama, com o edredão dobrado à volta deles.

– Sabia o quê? – diz Will junto ao cabelo dela. Ela está encostada a ele, com as costas curvadas ao longo do seu estômago e com os joelhos dele ao lado da barriga das suas pernas.

– Do que eu precisava – diz ela.

Will não tem a certeza de que seja mesmo uma pergunta. Pensa que pode ser simplesmente a forma de ela lhe dizer o que tudo aquilo significou para ela. Não apenas o piano, mas todo aquele tempo separados, os meses em que não se falaram, deram espaço um ao outro e tentaram curar-se isoladamente de forma infrutífera, cada um à sua maneira. O facto de ele nunca a ter esquecido. Ele não sabia que acabariam por voltar um para o outro, nunca ousara esperar que isso acontecesse. Mas a vida seguiu o seu curso e ali estava ela, e aqui está ele, para ela.

Tinha razão; ela não precisa de uma resposta porque adormece antes que ele possa dar-lha. Estar deitado com ela fá-lo recordar a última noite que passaram na tenda, a noite em que ela tinha

chorado e lhe dissera que a vida podia voltar a ser boa, mas que não percebia como.

*

Meio ano disto.

Horas a conversar, a comer e a tocar piano, a fazer compras, a dormir e a não dormir. Tinham-se mudado para o quarto da avó. Tinham-no redecorado, substituindo a colcha e os cortinados.

Ele faz café antes de irem trabalhar, para ela com leite e meia colher de açúcar, para ele simples e amargo. Bebem-no na cama, com as persianas abertas e o sol a incidir na parede em frente.

– Devíamos pendurar uns quadros – sugere ela.

– Eu prefiro a luz do sol – diz-lhe ele e ela sorri, sem dizer nada e levando a chávena de café aos lábios.

Ele beija-a intensamente todos os dias à porta de casa, antes do curto trajeto até à escola. Isso deixa-a sem fôlego, e a ele excitado, e fazem sexo quase todas as noites, assim que ela chega a casa. Na cama, no sofá e novamente na escada, o que lhe provoca uma grave queimadura de fricção, certa vez.

– Estou demasiado velho para isto – diz-lhe ele, ao inspecioná-la no espelho da casa de banho, nessa noite.

– Estamos apenas a compensar o tempo perdido – argumenta ela, e ele sorri-lhe, maravilhado com a forma como ela continua a surpreendê-lo com as coisas que diz.

É tudo demasiado perfeito, é claro.

Demasiado certo, para uma vida pejada de coisas erradas.

Um dia, seis meses depois de se ter mudado para lá, ela recebe um telefonema. Ele está a cozinhar ovos. A mexê-los lentamente no fogão, a pensar se há de começar a fazer o seu próprio pão. Encher a casa deles com o cheiro a farinha integral e a conforto, quando a ouve na escada e percebe logo pelo som dos seus passos.

– Simon. – É tudo o que ela diz quando entra na cozinha.

Ele desliga o fogão e põe a colher de lado. Vira-se para a encarar.

- O que se passa com ele?
- Está doente. Muito doente.

Ele sente um rugido nos seus ouvidos. Sente-se uma pessoa horrível, pois tem vontade de lhe dizer que não quer saber desse homem para nada, desse outro ser humano que amou em tempos a mulher que ele sempre amou; que nada importa agora a não ser isto, a não ser eles, a sua cozinha, os seus ovos e as suas manhãs a beber café. Se dependesse dele, Simon bem podia morrer. É cruel, mas naquele momento é a verdade e ele tem vontade de lhe dizer, de fazê-la sentir o mesmo.

Em vez disso, pergunta-lhe o que precisa de fazer.

– Preciso de... ir ter com ele – diz ela, e a sua voz não é um pedido de desculpas, tem antes um tom firme. – Ainda sou sua mulher.

– Teoricamente – diz Will.

Ela acena com a cabeça e repete a palavra:

– Teoricamente.

– E tens de ir já? – pergunta ele, mesmo sabendo que é inútil à luz de tudo, mas aponta para os ovos e para os pratos que pôs na mesa.

– É melhor – diz ela sem olhar para ele, sem sequer o olhar nos olhos, e ele fica subitamente tão zangado que nem consegue falar.

Ela sai da cozinha e ele agarra o rebordo da bancada, à espera.

Prismas fragmentados no cromado do lava-louça.

A luz a queimar-lhe os olhos.

E nessa altura ela volta, com o saco junto aos pés. Ele encosta-se à bancada, a observá-la. Agarra na sua chávena de café. Ela vai ter com ele, abraça-o e ele sustém a respiração. Não inspira. Não lhe cheira o cabelo ou a pele ou a sonolência matinal, um cheiro em que acabara por confiar.

– Desculpa – diz ela junto ao seu ombro, e depois vai-se embora.

Ele espera até ouvir a porta da rua fechar-se e depois atira a chávena de café ao chão e vê-a estilhaçar-se em mil pedaços, como que explodindo sobre os mosaicos.

Rosie vai ter com o marido, o homem com quem não fala há sete meses.

O homem com quem passou noite após noite num colchão de solteiro da universidade e no seu leito conjugal, que a acalmou até ela adormecer nos seus grandes braços e a enfadou com a sua gentileza infinita, a sua dedicação e certeza inabalável sobre como as suas vidas deviam ser.

Passavam horas juntos, no ginásio, a tonificar e a fortalecer os músculos. Ele a correr à frente dela, ao longo do rio, a incentivá-la a continuar, que estava a sair-se muito bem.

Com ele, saía-se sempre muito bem.

E agora está enojada consigo mesma e com a euforia que descobriu longe dele. Com Will. Com o colapso da estrutura que tinham construído desde aquele primeiro café que Simon lhe comprou no café da Associação de Estudantes, quando ela ainda estava mergulhada num sofrimento profundo e ficava acordada o tempo todo. Ele pegou-lhe na mão e no casaco. Apoiou-a. Por isso, vai ter com ele, desliga tudo o que está a sentir em relação a outras coisas e pessoas e volta a vestir aquela pele tensa que tão bem conhece, antes de bater à sua antiga porta de entrada.

Simon fala-lhe sobre o linfoma de Hodgkin na sala de estar, com um bule em cima da mesa, alguma infusão de ervas com cor de urina. A ela, apetece-lhe leite, açúcar e chá Yorkshire. Bolachas com creme. Não consegue parar de pensar em biscoitos e sente-se

nauseada. Tudo aquilo lhe parece surreal. O sofá dela. O sofá deles.

Aquele homem que ela devia conhecer, ali sentado, com os seus olhos baços e avermelhados.

Bebem o seu chá e ele fala de coisas como gânglios linfáticos aumentados e fadiga extrema, e de como pensou inicialmente que era stresse, por causa... bem, por causa deles, mas quando os suores noturnos começaram, fez as análises e os exames e o diagnóstico tinha sido aquele. A única coisa em que Rosie consegue pensar, depois das bolachas com creme, é no artista que estudou na escola, Howard Hodgkin, que pintava casamentos em Mumbai, *crumble* de framboesa e amanheceres vermelhos, e ela devia estar a fazer perguntas inteligentes e atenciosas a Simon, mas a única coisa que vê são pinceladas de cor, obras de arte que não tinha entendido. O cérebro, em *looping*. O tocar em peitoris; o inclinar de cadeiras internas.

Simon mostra-se calmo durante toda a tarde. Realista e gentil, como é seu apanágio. Mas, depois de escurecer, diz-lhe que está apavorado e chora, e ela toma-o nos braços e lembra-se da altura em que Josh se assumiu perante ela, no quarto dele; aquele mesmo constrangimento de não saber o que dizer, mas um instinto tão forte de estar presente que não havia nada nem ninguém que a fizesse estar noutro lugar.

Pensa na avó de Will.

Em como venceu a doença e acabou por morrer, depois de tudo.

– Tu és jovem e estás em forma, por isso vais ficar bem – diz Rosie, tanto para ele como para si mesma.

Os números brilham no seu relógio de *fitness*. Passaram horas, pelo menos assim lhe parece. Ele vira-se para olhar para ela.

– Quando descobri, Rosie, a primeira coisa que pensei foi: porque diabo fizemos isto?

Ela quer baixar a cabeça, mas obriga-se a olhá-lo nos olhos.

– Vou reduzir as horas de trabalho, Rosie. Podemos vender a casa e mudar para o campo. Ou até mudar para Bali. O que quiseres. Podemos ter filhos, ou não. Vou arranjar mais tempo para ti. Vamos voltar a ser o que éramos. Prometo.

Fomos sempre o que éramos, pensa Rosie na escuridão.

– Simon – diz ela, a tentar desenredar-se, a recuar perante o peso dele.

– Eu amo-te, Rosie! – diz ele, e pela primeira vez desde que se conheceram a sua voz é ardente. – *Nunca* devia ter deixado a vida intrometer-se nisso. Portanto, vou sobreviver a isto e consertar as coisas.

– Simon – volta ela a dizer.

– Sim?

– Estivemos separados durante muito tempo. Terminámos a relação. E... bem...

– Não estás a usar a aliança – observa ele.

O coração de Rosie congela; espalha-se como geada pela espinha. Vergonha, um frio ardente.

– Ambos pensámos que tinha terminado – raciocina Simon. – Ambos teremos... feito coisas que as pessoas casadas não devem fazer.

Ele entrelaça os dedos nos dela. Estão húmidos, tal como a parte de trás dos joelhos.

– Vamos combinar não falar disso – propõe. – Eu amo-te. Isto é praticamente o pior que me podia acontecer e a única coisa em que conseguia pensar era: porque é que a Rosemary não está aqui?

– Mas...

– Eu entendo, se não sentires o mesmo. Entendo, se não quiseses estar casada comigo. Com isto, e tudo o que acarreta.

– Simon, não é isso.

– Nesse caso, dá-me uma oportunidade, Rosie. Dá-nos mais uma oportunidade.

Ele continua a olhar para ela e a sua expressão é tão suplicante e generosa e ela amou-o durante tantos anos, e fez um voto, e ele pode estar a morrer, e aqui, para ela, não se trata de saber se é certo ou errado. Ela sabe o que quer fazer. A pessoa que desesperadamente quer ser.

– Na saúde e na doença – diz ela.

– Até que a morte nos separe – diz Simon.

– Oh, meu Deus! Não digas isso, por favor!

Os dias que se seguem são pesados e lentos. Ela suporta-os, marcando as datas da quimioterapia na sua agenda e investigando resultados e estatísticas no seu computador portátil, mas depois telefona-lhe, inevitavelmente.

Não pode deixar de fazê-lo.

O receio, o remorso e o soçobrar de tudo é sufocante e ela precisa do seu melhor amigo, por mais egoísta e horrível que isso seja, o que só por si a deixa arrepiada.

Ele não atende, por isso tenta outra vez.

No fim, deixa uma mensagem no *voicemail*.

– Will, sei que sou a última pessoa de quem queres ter notícias, neste momento. Por isso, desliga, se precisares de fazê-lo, está bem? Mas eu preciso de falar com alguém. Contigo. É cancro. Ele tem cancro. Linfoma. E eu não consigo acreditar nisso. O meu irmão morreu, depois foi a tua avó, e agora isto? Quanta infelicidade conseguirá uma pessoa testemunhar durante a sua vida?

Solta uma risada estranha e estúpida e vê que está a tremer, mesmo a tremer. As suas mãos não parecem pertencer-lhe.

– Ele é meu marido, Will. E eu sei que nos separámos e que... nós... Mas não consigo continuar a fazê-lo. Ele pode estar a morrer. E tenho de ficar ao lado dele. Tenho de ser a sua mulher, percebes?

Faz uma pausa, como se ele estivesse a ouvir, para lhe dar tempo para assimilar aquilo tudo.

– Tenho de fazer isto. Tenho mesmo. E não te quero fora da minha vida, Will, nunca quis. Mas a decisão é tua. Está bem? Está bem.

E desliga.

*

Marley vem assim que ela lhe pede, com a sua pequenina num carrinho e o recém-nascido num marsúpio e, mais importante ainda, com uma ementa de *takeaway* na mão.

– Pede o que quiseres – diz ela a Simon.

– Não me apetece comer – diz ele.

– Mais uma razão para pedires o que te apetece, Si – replica Marley.

Depois, faz perguntas, ouve e tranquiliza-os a ambos, embalando o bebé no joelho e dizendo-lhes exatamente a mesma coisa que a médica dele dissera, repetindo os números, recomendações e prazos com que podiam contar. Skye brinca no tapete com o que parece ser um par de meias enroladas e as luzes da rua acendem-se lá fora enquanto estão a comer *noodles*, arroz peganhento e galinha afogada em creme de coco.

– Se vais ter cancro – diz Marley –, então é este que queres ter.

– É o que dizem – contrapõe Simon.

Está a rodar os pauzinhos, mas mal toca na comida. Rosie, pelo contrário, devorou tigela após tigela. Algo cavernoso abriu-se dentro dela desde o divórcio não consumado. Quer sal, conforto e coisas macias e quentes com que se encher. Escuta as palavras de Marley como se também elas a pudessem alimentar, como se o conhecimento e os factos pudessem, de alguma forma, fortalecê-los naquela luta, como se pudessem criar imunidade entre os três, ali, naquela sala, através da pura revisão e repetição de números, partes do corpo, estádios e células. Rosie é boa em exames. É boa a saber tudo o que há para saber e a despende o esforço necessário para obter o melhor resultado. Durante o tempo curto e tranquilo que levam a comer o jantar, ela acredita que as coisas vão mesmo correr bem. E isso é tudo o que ela quer. Tudo o que alguma vez devia ter querido.

– Como estão as coisas? – pergunta-lhe Marley enquanto veste o casaco no vão da escada e Rosie prende Skye no seu carrinho.

– Simplesmente... a tentar – diz Rosie, ao mesmo tempo que Skye esperneia. – Pronto!

Prende-a e Skye faz beicinho.

– Não – diz Marley abotoando lentamente, um por um, os botões de tartaruga do casaco, com o bebé adormecido no marsúpio. – Como é que tu *estás*? Com tudo isto.

Rosie olha para a amiga do sítio onde se encontra agachada, com Skye a puxar-lhe agora o cabelo.

– Na verdade, não sei – replica. – Creio que me sinto... focada. Como se só precisasse de ajudá-lo a superar a primeira quimioterapia e depois pudéssemos continuar a partir daí.

– Ainda bem – diz Marley. – É uma boa forma de pensar.

– Ainda bem – repete Rosie.

– Mas eu não estava a referir-me ao cancro – diz Marley. – Estava a falar do facto de vocês estarem separados, e agora já não estarem. E eu percebo porquê: o cancro muda as coisas.

– Pois muda – diz Rosie, tentando libertar o cabelo do punho fechado de Skye.

– Quero que saibas que estou aqui, se precisares. Não como médica nem para dar uma segunda opinião, embora, obviamente, também esteja aqui para isso. Mas, primeiro que tudo, continuo a ser tua amiga, Rosie. Estou aqui se as coisas se tornarem difíceis, está bem? Para lá do cancro.

Rosie olha para o apartamento, para aquilo que consegue ver da cozinha; Simon está a arrumar as coisas, a pôr os pratos na máquina de lavar e a bater em tudo, como sempre, com os seus grandes membros e mãos pesadas.

– Vamos? – diz ela, acenando em direção às portas do elevador.

Entre as duas, empurram o carrinho de Skye lá para dentro e descem os sete pisos até ao átrio. Lá fora, a noite está límpida e juncada de estrelas. As nuvens da sua respiração formam nuvens prateadas no ar.

Rosie espera que a porta de vidro se feche e sente a verdade a subir dentro dela como tosse, depois vira-se para a amiga e diz que dormiu com Will White durante a separação. Não apenas uma vez. Muitas vezes. Que a modos que viviam mais ou menos juntos. Durante meses.

Os olhos de Marley arregalam-se e fica boquiaberta. Rosie põe a base das mãos sobre os olhos e pressiona-os para dentro das órbitas.

– O que faço, Marl?

– Está bem, está bem, espera aí – diz Marley. – Will White. Da escola. Com quem mantiveste mais ou menos o contacto, mas depois perdeste o rasto porque ele não foi ao teu casamento por continuar completamente apaixonado por ti. É esse Will White?

– Sim. Embora não tenha a certeza em relação à parte do apaixonado.

– Como queiras – diz Marley, e abana a cabeça, como que para dissipar o nevoeiro quente e sonolento do excesso de comida tailandesa. – Então, estavam juntos. Durante *meses*? Quantos?

– Não sei. Cinco ou seis. Vivia mais ou menos com ele.

– Vivas mais ou menos com ele.

– Sim.

– Como é que se vive *mais ou menos* com alguém?

– O que queres...

– Tinhas uma escova de dentes extra na casa de banho dele ou raramente ias para tua casa? – pergunta Marley.

– Na verdade, eu não tinha... a minha própria casa – admite Rosie.

– Pensava que estavas em casa de uma colega, depois de teres deixado o Simon?

– Eu não deixei o Simon. Deixámo-nos mutuamente.

Marley faz um gesto com a mão como se isso não fosse importante e depois sossega o bebé, que começou a choramingar.

– Mas não – cede Rosie. – Isso era uma... fachada. Eu fui direitinha de casa da minha mãe para a casa da avó do Will.

– *Mamma mia!* – exclama Marley. – Ao fim deste *tempo* todo?

– Eu sei.

– Parece um filme, Rosie!

– Um filme em que o marido fica com cancro, por isso a heroína parte o coração do herói e vai-se embora?

O sorriso de Marley desaparece.

– Certo – diz ela. – Certo.

– O que faço, Marl? – volta Rosie a perguntar. – Devo contar a Simon? Eu queria, mas ele disse que também esteve com outras pessoas e que não precisávamos de falar sobre isso.

– Bem, nesse caso, acho que não é preciso.

– Mas é o Will, sabes? Não é um tipo qualquer.
– Ele não é decididamente um tipo qualquer – diz Marley. – É o *tal*.

– Pára com isso, Marl!
– Foste tu que lhe chamaste herói!
– Não há heróis, está bem? Apenas eu e eles e a coisa certa. E eu estou com Simon. Casei com ele. E ele... ele tem de ficar bem.

A sua voz fraqueja sob o céu noturno.

– Está bem – diz Marley. – Eu percebo isso. A sério.

Os braços de Rosie estão desnudados e ela sente frio, mas até é bem-vindo. Quer sentir o desconforto, o lembrete de que suportar isto não requer assim tanto esforço, afinal. Esta vida de mãos frias, grandes quedas e um desejo tão intenso que até queima.

Cinzas na grelha do seu ser.

– Rosie.

– Sim?

– Estás... é isto o que queres?

Rosie não olha para a amiga; em vez disso, olha fixamente para cima, para os pontinhos brancos tão longe delas. A anos-luz de distância. A olhar para trás no tempo, para os milénios passados. Josh contou-lhe tudo sobre isso. Sobre a física envolvida.

– Tenho de pôr o Simon em primeiro lugar – diz. – Quero fazê-lo.

– Mas ama-lo, Rosie?

– Sim – replica Rosie ferozmente e sem qualquer pausa.

– Está bem. Precisava de perguntar. Mas não faz mal, Rosie. Não chores.

Porque, aparentemente, Rosie está a chorar. Ela passa as mãos pelo rosto, esfrega os olhos estupidamente lacrimejantes.

– Está bem – responde Rosie, e apetece-lhe bater o pé, furiosa, puxar o próprio cabelo como Skye lhe fez e gritar, com o rosto inclinado para cima e os apartamentos em silêncio à volta delas, pessoas a espreitar pelas janelas, alarmadas com os barulhos que ela faria.

– Está bem.

Marley agarra-lhe o ombro com a sua mão firme de cirurgiã.

– Tu estás bem – diz Marley, e é como se a palavra tivesse perdido todo o significado, mas, mesmo assim, Rosie agarra-se a ela como se fosse um barco salva-vidas, uma verdade que podem materializar através da fala.

*

Desta vez, as suas canções não secaram.

Jorram dela como águas que se rompem, assim que Simon adormece. E ele dorme muito; tanto de dia, como de noite, e durante todo o fim de semana antes da primeira sessão de quimioterapia, o que dá a Rosie muito tempo para escrever. Muito tempo para se sentar no peitoril da janela do seu apartamento e criar letras sob o olhar das luzes da cidade e com o trânsito a mover-se lá em baixo.

Sabe que, provavelmente, Will também estará acordado.

Ele tinha um horário semelhante ao dela.

Uma pessoa madrugadora e uma veterana em insónias, ambos impulsionados pelas coisas que têm na cabeça.

Faz uma lista das coisas que pensa que o mantêm acordado.

Escreve uma mensagem e apaga-a.

Bebe água e café e mantém-se ligada e a funcionar, com o bico da caneta fundido com o caderno e a luz do candeeiro a incidir nas páginas preenchidas, nas partes riscadas, nas palavras e ritmos que fluem do seu íntimo. Autênticos oceanos, a jorrar.

*

Will pensou em levar uma garrafa de vodka para as falésias e beber até ficar anestesiado. Mas foi apenas isso: um pensamento. Em vez disso, anda de um lado para o outro em casa, combatendo o impulso de se dirigir a uma loja de bebidas alcoólicas. Não há álcool em casa da avó; Amber esvaziou os armários assim que a avó morreu. Ele odeia-a por isso, mas também se sente inequivocamente grato. Vagueia pela sala de estar, como um grande felino enclausurado.

Não dorme desde que ela se foi embora.

Pergunta-se se ela terá conseguido fazê-lo.

Mas depois de se ter deixado cair na poltrona do avô e de sentir os olhos a fechar-se, precisamente quando está perto de desligar os sentidos, o seu telemóvel toca e ele dá um salto como se estivessem a assaltar-lhe a casa, com o coração a bater-lhe descompassado no peito.

É um número desconhecido. *Phishing* ou *telemarketing*, desconfia, ao mesmo tempo que prime o botão verde e aguarda.

– Estou? – diz uma voz de mulher. – Estou? Estou a falar com Will White?

– O próprio.

– Ah, fixe – diz ela, e ele reconhece subitamente a voz de uma estudante que conheceu em tempos. – É a Marley – confirma ela.

– Marley – repete Will.

– A amiga da Rosie.

– Eu sei quem és.

– Pois, claro. Desculpa por estar a telefonar tão tarde, mas queria falar contigo.

– Está bem.

– Eu sei sobre vocês os dois. A Rosie contou-me esta noite e ela está... ela vai odiar-me por te ter ligado. Não tenho nada a ver com isso.

– Pois não, não tens.

– Tu nunca gostaste de mim, pois não? – pergunta ela, e a sua voz mudou, há agora uma ligeira curiosidade misturada com aversão, como daquela vez em que experimentara caviar.

– Tu também nunca gostaste de mim – contrapõe ele.

– Nem por isso – admite ela. – Mas a Rosie gostava. Gosta.

Will não diz nada. Ele deixa-se cair novamente na cadeira do avô e estica as pernas à sua frente.

– Isso serve de muito.

– Sei que a conheces como eu – diz Marley. – Melhor até, imagino. Por isso, sei que já sabes que ela está apenas a tentar fazer a coisa certa. A Rosie é tão moralista. Irritantemente moralista. O que ela quer... não conta realmente. Nem mesmo quando éramos

miúdas. Quando íamos dormir a casa uma da outra, ela não comia guloseimas a altas horas da noite porque já tínhamos escovado os dentes. Ela é esse tipo de pessoa, Will. É regida por regras. E isso não dita o que sente por ti. Apenas o que faz.

Will está a olhar, sem ver, para a sala de estar em que cresceu. O soalho de madeira, a alcatifa gasta com o tapete de franjas destruído pelo cão. Há pó na lareira. Teias de aranha grossas e inclinadas a envolver o atiçador e a tenaz.

– Creio que o que faz é o mais importante, neste caso – diz ele.

Marley fica calada. Ele ouve um bebé a chorar, ao fundo.

– Não sejas demasiado duro com ela, só isso – diz ela, finalmente. – Ela já é tão dura consigo mesma, sabes?

– Obrigado pelo conselho que não pedi – replica Will.

Ele ouve-a suspirar. O bebé chora mais alto.

– Foi bom falar contigo, Will. Como sempre.

Will resfolega, esperando que ela o ouça antes de desligar. Em seguida, atira o telefone pela sala e este ressalta inutilmente na poltrona que fica em frente. É a poltrona da avó, com a sua manta de xadrez ainda dobrada sobre um dos braços.

*

Rosie esfrega as costas de Simon enquanto ele vomita para a sanita, com a ventoinha ligada e a janela aberta. Está frio lá fora, mas precisam de sentir o ar. O sabor a céu, a vento e a coisas boas.

A única coisa que ela pode fazer é acalmá-lo com as mãos, com esses pequenos gestos de abrir janelas e dizer que está tudo bem vezes sem conta. As omoplatas de Simon parecem ossos de passarinho sob os dedos dela. Delicados e não humanos. Como o esqueleto de gaivota que ela e Josh encontraram, uma vez, na sua praia local. Enterraram-no, fizeram-lhe um funeral.

Simon é acometido por náuseas uma vez mais e depois geme e baixa o rosto até ao chão.

– Vamos lá pôr-te na cama – diz Rosie, e ele diz que não, que quer ficar ali.

– Nesse caso, deixa-me estender umas toalhas no chão. Posso tentar deixar-te mais confortável.

Ele volta a dizer que não e os seus olhos já estão a fechar-se. A primeira sessão de quimioterapia parecera demasiado fácil, quase jovial. Tinham levado revistas, mas não as tinham lido, optando antes por conversar com os outros doentes, inteirando-se do seu nome e ouvindo as suas histórias. Era uma atmosfera estranhamente otimista e Simon sentira-se bem.

Passados dois dias, já não se sentia bem.

Agora, Rosie observa-o enroscado sobre os mosaicos da casa de banho. Depois, fica ali em silêncio e deixa-o descansar, com o barulho da ventoinha e os sons da noite de outubro que entram pela janela. Um cão ladra. Buzinas de carros, folhas levadas pelo vento e o som de motores, baixo e distante.

Rosie prepara uma chávena de chá e não o bebe. Escolhe um livro, mas não o lê. Está a olhar para o vazio sentada à mesa da cozinha quando ouve outro tipo de motor. Um roncar profundo, as rotações guturais que continuam, mesmo agora, a virá-la do avesso. Tem um daqueles momentos em que sabe que alguma coisa está prestes a acontecer e observa o tempo, como se fosse uma coisa tangível; vê-o passar através da luz da lâmpada e das sombras projetadas pela mobília e tudo o que a rodeia fica imóvel, sustendo a respiração inanimada.

O telefone toca e ela atende, diz o nome dele.

– Em que número moras? – pergunta-lhe ele.

– O quê?

– Qual é o número do apartamento? – diz ele. – Estou aqui fora e não sei a que campainha tocar.

– Estás à porta?

– Sim.

– Queres entrar?

– Ou então podes tu sair.

Ela hesita, embora a última coisa que queira fazer seja empatar.

– Eu não te toco – promete Will. – Se isso ajudar.

– Eu... vou abrir a porta – diz Rosie, e assim faz. Mas arrepende-se de imediato, pega nas chaves, sai porta fora e começa a descer

a escada.

Ele já vem a meio caminho. Com o seu blusão de cabedal, o capacete da mota na mão e com bom aspeto, sóbrio e calmo. Os seus passos são largos e seguros, mesmo com as botas pesadonas. As botas que ela conhece e ama, de alguma forma. Como é que é possível amar as botas de alguém, pergunta-se enquanto o vê subir.

Quando ela se aproxima, ele ouve-a e pára, um piso abaixo. Imobiliza-a com o olhar e depois encolhe os ombros, como a versão de si mesmo aos dezoito anos.

Dentes de lobo. Olhar firme.

– Desculpa – diz-lhe ele.

– Pelo quê?

– Por ter demorado tanto.

Comem cereais na cozinha, tal como faziam antes, quando Josh era vivo e a neve caía e mal se conheciam. A ela, parece-lhe inconcebível que tenha havido um tempo em que isso era verdade. Ela nunca quis particularmente ter filhos, mas às vezes pensa, se os quisesse, como é que é possível não os conhecer ainda. E é isso que sente em relação a Will.

Naquela noite, mantêm as luzes baixas e as vozes ainda mais baixas.

– Ele está a dormir – diz-lhe Rosie e Will acena com a cabeça.

– Já começou a quimioterapia?

– Esta semana.

– Merda!

– Pois.

– Posso voltar outro dia.

Mas ela abana a cabeça e passa-lhe um café. As mãos dele parecem estar frias da viagem: vermelhas e um bocadinho inchadas.

– Devias mesmo usar luvas.

– E tu devias ganhar a vida a cantar.

– Hum?

– Não me digas como viver e eu farei o mesmo contigo.
– Uau! Tornaste-te rabugento.
– Sempre fui.
– Não, não foste.
– Fui, sim. Só que, quando era jovem e atraente, isso parecia mais apelativo, creio eu. Sedutor.
– A sério?

– Sim, mas na realidade foi sempre rabugice.
– És um filho da mãe cheio de espinhos! – diz ela, lembrando-se do gato. Ri-se com a sua ousadia e com a lembrança.

Aquilo também surpreende Will, que sorri e depois ri tolamente do riso dela. Ela sente vontade de chorar.

– Sei que é estranho – diz ele, deitando mais cereais, que chovem sobre a tigela. – Mas estou a tentar ser uma pessoa melhor. Mais como tu. Ou como Josh.

Rosie mexe os cereais com a colher. Quer dizer-lhe que está a esforçar-se imenso para ser boa, porque não o é; que não é algo que lhe saia naturalmente, como ao irmão. Que quer coisas que não devia querer e faz escolhas horríveis e magoa as pessoas, apesar de tentar não o fazer.

– Tu já és uma boa pessoa – diz ela.

Aquela que me mantém acordada à noite, pensa.

No bom sentido.

Will mastiga com a boca fechada, olhando-a do outro lado da mesa. Depois, diz-lhe que vai estar ali para tudo o que ela ou Simon precisarem. Sabe que têm amigos mais chegados do que ele, mas tem mais flexibilidade pelo facto de trabalhar por turnos e pode conduzir. Além disso, não tem nada que o prenda, nem namorada nem família. Por isso, pode ser um amigo. Quer ser um amigo.

O respirar do trânsito passa através das janelas fechadas. Rosie pousa a colher e segura-lhe a mão, com o dia a morrer à volta deles, a ardência das nuvens avermelhadas. E quando ele se afasta, ela solta-o.

– Estes cereais são maus – comenta Will passado um instante.

– Eu sei – concorda ela. – São sem açúcar.

Ambos comem outra colherada, mastigam e engolem.

– São do Simon – remata ela.

Ele acena com a cabeça e eles continuam a comer.

Ela não explica a Simon o que se passou com Will; diz-lhe simplesmente durante a sessão de quimioterapia seguinte que é ele quem vai levá-los a casa.

– Retomámos o contacto – diz-lhe Rosie enquanto ele está ligado a fios, com o veneno salva-vidas a correr-lhe nas veias, e ele aceita sem questionar.

Depois disso, Simon cumprimenta Will, com ar cansado, mas sorridente, diz que é bom vê-lo e em seguida senta-se tranquilamente no banco de trás, a olhar pela janela enquanto Will os conduz de volta ao apartamento.

Agradece ao sair do carro e Will diz que não lhe custou nada.

Há um momento em que Rosie sente que Will quer dizer outra coisa. Ela vê os seus olhos no retrovisor, a absorver aquele novo homem, tão diferente do jovem musculado que conheceu no café, quando ela esperava que pudessem ser amigos os três, quando pensava que a vida seguiria outro rumo.

– Telefona se precisares – diz Will, e ela diz que assim fará.

Rosie não o convida para entrar, desta vez. Apanha o elevador para cima com o marido – algo que não tinham feito uma única vez em todos os anos há que ali moravam, a menos que tivessem malas e saíssem com destino ao aeroporto – e prepara-lhe um chá descafeinado e fazem coisas simples como estar sentados ou passar pelas brasas, com a televisão sem som a servir de pano de fundo.

Mas, um dia, ele está tão doente que ela fica assustada.

Não aguenta nada no estômago, nem mesmo água, e a sua pele parece pasta, mas ela tem aulas seguidas nesse dia e já faltou vezes suficientes ao trabalho, e Simon diz-lhe para ir, que vai ficar bem. Rosie quer ligar à mãe dele, mas ele diz que não. Então, a um amigo da família, o seu padrinho de casamento, mas ele recusa igualmente, diz que não quer que ninguém o veja naquele estado.

Que toda a gente está ocupada com o trabalho ou com a sua própria vida. E volta a dizer que vai ficar bem.

– Posso ligar ao Will – diz ela da porta.

Simon faz um barulho sonolento, Rosie não tem a certeza se é um sinal de concordância ou mais uma recusa. Mas Simon não tem nada a perder com Will. Eles não se conhecem; não haverá emoção nem olhares de pena ou obrigação, que ela sabe ser o que Simon mais receia. Por isso, liga enquanto desce a escada. O dia está pálido, tudo apagado e sem movimento, a escada fria como tudo.

– Sei que é pedir muito – diz ela assim que ele atende. – Mas podes vir cá a casa? Tenho de ir trabalhar e ele está na cama, mas era para o caso de ele precisar de mais água ou de acontecer alguma coisa, eu só...

– Lá estarei – diz Will.

E ela diz está bem e ele responde-lhe a mesma coisa e depois desliga e ela sai para o passeio e tem a sensação de que a sua boca está demasiado cheia de dentes.

*

Will bate à porta, pensando que, caso Simon esteja acordado, talvez prefira vir abrir. Cinco segundos. Seis. Quando nada acontece, tira a chave que está escondida debaixo do tapete, como Rosie lhe disse para fazer, e entra.

Ele não tinha visto o apartamento com olhos de ver, antes. É espaçoso e tem ar de ser caro, maior do que a casa inteira da sua avó. As janelas do chão ao teto deixam entrar mais luz do que aquela a que está habituado, com o rio Yale a brilhar como uma fita prateada lá em baixo. A mobília é brilhante e resistente. O ninho de um habitante urbano, cheio de mesas de vidro, puxadores cromados e um ecrã de televisão maior do que a sua mesa de cozinha.

Fica junto à porta durante um bom bocado, à escuta, mas Simon não parece estar levantado. Ele avança, pragueja, depois volta para trás, descalça os sapatos e deixa-os no tapete. Espreita pelas

grandes janelas. Examina a coleção de DVD, mas não encontra nada que lhe interesse minimamente ver.

E embora não tenha intenção de fazê-lo, acaba por bisbilhotar; espreita dentro dos louceiros, do frigorífico, do armário da casa de banho que fica por baixo do lavatório de mármore. Torneiras douradas. Desinfetante para as mãos branco-pérola. Faz-lhe lembrar um hotel, o que o deixa triste e, curiosamente, um bocadinho satisfeito.

À hora de almoço, faz sanduíches para os dois, uma tarefa que não esperava que fosse tão difícil como é. Há algum pão com sementes no congelador que parece ser mais antigo do que o creme vegetal que encontra na parte de trás do frigorífico, tão amarelo e macio que é como se nunca tivesse tido uma faca por perto. Tomate seco no fundo de um frasco e um bloco de queijo com marcas de ralador, claramente usado apenas para cozinhar. Corta-o em fatias e torra o pão, deita o azeite do tomate por cima para o deixar dourado e húmido e menos parecido com cartão.

Dois pratos.

A faca da manteiga fica no lava-louça.

Vai pelo corredor até ao quarto e bate à porta com o pé. Quando a abre, encontra Simon sentado, encostado às almofadas, a olhar para a parede. Há outro televisor ali. Quadros com coisas azuis; manchas abstratas e ondas espiraladas, cercadas por *passee-partout* e molduras finas.

– Estás acordado – diz Will.

– Oh! – exclama Simon. – Olá!

– A Rosie disse-te que eu vinha, não disse?

– Creio que sim, de uma forma indireta – responde Simon. – Não presto grande atenção ao que dizem, nos últimos tempos.

– Fiz o almoço – diz Will, e hesita na soleira, sentindo uma profunda relutância em entrar no quarto daquele homem. Pensa em empurrar a comida pelo chão e deixá-lo lidar com isso. Mas lembra-se de que ele está doente, e não preso, por isso transpõe o limiar e entrega-lhe o prato.

– Uma sanduíche – diz Simon e parece perplexo.

– Sim.

– Eu não... – começa, e depois vacila e aceita-a.

– Tens fome? – pergunta Will, sentando-se numa cadeira junto à cómoda, com o próprio prato equilibrado no joelho.

Vê Simon inspecionar o pão, dar uma dentada e depois descontrair visivelmente.

– Devo ter – responde Simon com a boca cheia e Will ergue a sua própria sanduíche, simulando um brinde, e comem. Ouvem-se os dentes a mastigar e o ar pesado cheira a sono.

Will olha à sua volta enquanto mastiga, sem na verdade o querer fazer. Um fascínio sombrio toma conta dele, como a necessidade de ver um acidente de viação ou o ataque de um animal selvagem, apesar de tudo o que isso tem de errado. É o quarto de Simon e Rosie. O espaço privado do casal, com as suas paredes sábias e fotos emolduradas, na sua maioria retratos do casamento a que ele não chegou a ir. O roupão dela, pendurado na porta. A pílula contracetiva na mesa de cabeceira.

O coração de Will bate demasiado devagar. Ao comer o último bocado, apercebe-se de que desconhece o que sabe Simon sobre o que quer que seja.

– Como te sentes? – pergunta-lhe Will quando acabam de comer.

– Como se tivesse cancro – replica Simon.

– É assim tão mau?

– Não é coisa que recomende – diz ele, mas sorri, e Will vê o mesmo queixo quadrado de há tantos anos e a agradável expressão daquele tipo agradável que passou tantos anos a detestar.

Tinha-lhe desejado a morte, muitas vezes.

O que o perturba menos do que devia.

– É tão bom que tu e Rosie tenham retomado o contacto – comenta Simon, e Will prepara-se. Limpa a boca com as costas da mão e o azeite brilha, como água derramada.

– Pois é.

– Fazia muito tempo, não é verdade?

– Anos.

– Ela sentiu a tua falta. Nunca me disse, mas eu percebia. Fico muito satisfeito por terem conseguido ultrapassar isso, sabes? O

que quer que fosse.

– Eu também – diz Will, depois de uma longa e horrível pausa.

– A Rosie não é orgulhosa – diz Simon, afundando-se novamente nas suas almofadas. – Mas é uma pessoa com princípios. Sente as coisas profundamente e leva muito tempo a perdoar. Mas eu gosto disso nela. É sincera, sabes? E eu gosto de sinceridade.

– Sim – diz Will, embora não saiba por que razão Simon lhe está a dizer aquilo.

– Por isso, pode ter andado distante. Mas voltou. Procurou-te quando as coisas ficaram difíceis. E isso significa mais do que o distanciamento, creio eu.

– Certo – replica Will. Depois, precisamente quando dá ideia de que Simon é capaz de fechar os olhos, acrescenta: – Eu sei isso tudo. É por isso que estou aqui.

– Ainda bem que ela te tem – diz Simon, já com a voz a mergulhar na inconsciência.

Murmura então qualquer coisa que se assemelha à palavra «irmão» e Will levanta-se, agarra nos pratos e pára junto à porta. Quer dizer-lhe que não é o irmão, ali. Que nada nele é fraternal. Há nele uma parte selvagem e grosseira que quer dizer que Rosie nunca foi uma irmã para ele, que Simon interpretou tudo mal e que isso é constrangedor e patético. Quer perguntar-lhe se quer ver as queimaduras de fricção que ele tem, as cicatrizes brancas que deixaram nos seus glúteos devido ao sexo que fizeram, mais de uma vez, na casa que partilhavam, onde ela vestia as camisas dele e lhe cortava o cabelo e onde rira com a sua avó na estufa. Gansos a grasnar, de manhã. O cabelo dela a cheirar a maçã depois do duche.

Mas não o faz. Deixa-o dormir.

Vai lavar os pratos no gigantesco lava-louça conjugal.

Mais tarde, jogam às cartas. Depois de Simon sair do quarto e exclamar:

– Oh! Ainda aqui estás!

Will explica que prometeu a Rosie que ficava ali e que ela já não deve tardar.

– Eu posso tomar conta de mim, sabes? – diz Simon.

– Sei – responde Will, mas não se mexe, por isso Simon encolhe os ombros.

Há um baralho de cartas na prateleira da mesa de centro, a olhar para eles com o presunçoso contorno azul-cobalto de um rei.

– Jogamos? – propõe Will.

– Claro – diz Simon.

Will baralha. Gosta da lógica e ordem dos jogos de cartas; lembra-lhe a matemática, de certa forma, ou a manutenção de um motor. Uma grande variedade de resultados, mas com resoluções, formas decisivas de avançar. Costumava jogar com o avô. E com a avó, quando ela estava a fazer quimioterapia, já lá vai tanto tempo, embora ainda consiga sentir o cheiro ferrugento e acre dessa altura, o odor a cobre do sangue, dos corpos e da fruta cortada.

Simon não tem esse cheiro, ainda.

Tem os olhos pisados e o cabelo despenteado das horas que passa na cama, mas, fora isso, Simon continua a ser ele, embora Will se aperceba, enquanto baralha as cartas, de que não faz a mínima ideia de quem seja essa pessoa.

– *Rummy*?

Simon volta a concordar e Will fica a pensar se ele alguma vez terá uma opinião em relação a alguma coisa. Jogam em silêncio durante algum tempo e o barulho das cartas é o único som que se ouve enquanto estão sentados frente a frente, nos sofás. A luz do pôr do sol inunda a sala e aquece-lhes os pulsos enquanto jogam.

– Que quadros são aqueles? – pergunta-lhe Will, quando sente que tem de falar.

– Hum?

Simon levanta os olhos e Will vê que ele precisou de toda a sua concentração para conseguir jogar. Não interpretou o silêncio como sendo estranho ou carregado. Está simplesmente a esforçar-se para se concentrar.

– No vosso quarto – explicita Will. – Aquela água toda.

– Oh! Eu costumava remar. E velejar.

- E agora não?
- Desde que saí de Oxford, não.

Will não diz nada. É uma história familiar. Uma história que ele abomina e que faz dele um hipócrita. Ainda tem brochuras de viagens no antigo apartamento, com as páginas dobradas, com caminhadas assinaladas e quedas de água e maravilhas ancestrais que nunca viu.

- Porquê? – indaga, incapaz de se conter.
- Arranjei um emprego – responde Simon. – E uma hipoteca e uma esposa. Quero ensiná-la a velejar, um dia; sempre disse que o faria, mas nunca aconteceu. Não há tempo. É a vida citadina, sabes?

Will não sabe, porque só viveu na costa e nos Dales e o tempo fora da garagem era passado a caminhar, em missões de salvamento e a correr nas montanhas, ao longo das falésias, fizesse chuva ou fizesse sol.

- Como a música de Rosie – diz ele, após uma longa pausa. Outra carta posta na mesa.
- Música?
- Sim. Ela parou, não foi? Durante anos. Não tinha tempo. Vida citadina e tudo isso.
- Pois, suponho que sim. Mas agora está a dar aulas, penso eu.
- Pensas tu?

A sua voz é dura e sarcástica e devia remediar esse facto, mas não é capaz. Não sabe o que dizer ou como retirar aquelas duas palavras. Simon pode estar doente, mas não é estúpido. Baixa as cartas e olha para ele, e Will fica à espera.

- Continuas a não gostar de mim – diz Simon.
- O quê?
- Não gostaste de mim, quando nos conhecemos. Isso foi óbvio. E depois tu e a Rosie perderam o contacto e eu achei que isso não tinha importância. Mas agora estás aqui e continuas a não gostar de mim. Posso saber porquê?

O sol entra pelas janelas altas como latão derretido.

- Estou genuinamente interessado em saber – incita Simon.
- Will expira o ar que tem numa bochecha.

- Está bem – diz. – Há uma lista.
- Caramba! Depois de um único café?
- Bem, eu e a Rosie falávamos muito, lembrás-te?

Simon acena com a cabeça e a sua expressão é neutra, como se isso fosse justo.

– Achei que eras... és... imensamente privilegiado e um bocadinho chato – diz Will.

Simon olha-o fixamente e depois a sua expressão cede. Will prepara-se, pensando que ele deve estar ofendido, zangado até, mas depois vê que ele se está a rir.

– Chato – repete Simon.

– Sim – diz Will. – Um bocadinho aborrecido. Não tem nada a ver contigo, na verdade. Além do teu dinheiro e das tuas boas maneiras.

– É um facto que tenho dinheiro e boas maneiras – concorda Simon, ainda a sorrir. – O que mais?

– Isto é estranho, pá. Queres mesmo que continue a insultar-te?

Simon pousou as cartas e passa a mão pelo maxilar. A barba por fazer parece líquen no seu queixo.

– As pessoas não me dizem as verdades. Os meus pais são ricos e privilegiados, como disseste, e são ótimos, mas também são pessoas que sempre me deixaram acreditar que podia fazer tudo o que quisesse. Bastava pedir. Viver. Depois, fui para uma escola onde os meus professores projetavam a mesma mensagem. Em seguida, Oxford permitiu-me arranjar um emprego que se traduz em ganhar muito dinheiro muito depressa, com uma equipa de pessoas que fazem aquilo que lhes digo. Nunca tive de pensar que não era essa a norma. Nunca. Nunca tive de pensar que a vida não era fácil, porque tem sido até agora e com relativamente pouco esforço.

Will odeia-o um bocadinho mais, apesar da autocrítica que as suas palavras encerram.

– Acho que sou um tipo às direitas, Will. Preocupo-me com as pessoas e com as coisas. Mas estou agora a começar a perceber quão curtas são as minhas vistas.

– Porque tens cancro.

– Exatamente. E porque a minha mulher me deixou. Bem, talvez nos tenhamos deixado mutuamente, nem sei ao certo como

chegámos a esse ponto. Mas isso também não foi fácil. E eu não sabia porquê. Porque ninguém me preparou para isso. Nunca ninguém me diz o que pensa realmente.

– Perdoa a minha insensibilidade – diz Will, e Simon volta a sorrir.

– O que mais? – diz ele. – Quero saber.

Will faz uma pausa e acaba por ceder.

– Achei-te presunçoso. E condescendente, mas a tua simpatia tornava essa condescendência muito subtil. Não era propriamente arrogância, mas quase uma ignorância. E achei que olhavas para as pessoas sem as veres realmente. Creio que vias em Rosie uma mulher bonita, inteligente e que podias meter no bolso.

Detém-se, antes que diga mais.

– E via – diz Simon, e o sorriso já se desvaneceu. – É verdade. Mas também vejo muito mais do que isso.

– A sério?

– Claro.

– O que vês, então?

– Isso é muito pessoal – responde Simon, e Will encolhe os ombros e encara-o.

– Eu amo-a. Amo mesmo. Não preciso de explicar porquê.

– Mas deixaste-a viver uma vida em que ela não é fiel a si mesma – riposta Will.

– O que queres dizer?

– Ela não *cria* nada. Não canta, não toca, não escreve.

– Ela nunca manifestou interesse nessas coisas.

– Não importa. Deixaste-a tornar-se mais insignificante e mais magra e até mais calada do que era. Aposto que os teus sogros te adoram.

Simon recosta-se e a sua expressão já não é amável.

– Por acaso, adoram.

– Nem sequer sei porque é que estamos a falar sobre isto – comenta Will.

– Perguntei-te por que motivo não gostavas de mim – lembra Simon. – E tu estavas amavelmente a responder.

– Isto não tem nada de amável.

– Na verdade, Will, é a coisa mais amável que alguém fez por mim nas últimas semanas. Tenho recebido um monte de nada de toda a gente. Velhos amigos, colegas e familiares que têm medo de olhar para mim sequer e não sabem o que diabo hão de dizer.

Will fica com a sensação de que é a primeira vez que Simon diz «diabo».

– E eu percebo porquê, porque eles estão dentro dessa mesma bolha – explica Simon. – Em que nunca têm de enfrentar as coisas. Em que as coisas não correm mal.

– Notícia de última hora: as coisas vão sempre correr mal.

Segue-se outra pausa. Um avião atravessa o lusco-fusco, deixando um rasto de néon nas janelas.

– Obrigado – diz Simon. – Sinceramente.

Will olha para ele, tentando entendê-lo, quando se apercebe de que continua a segurar as suas cartas. Pousa-as e recosta-se no sofá.

– És mais interessante agora que tens cancro – diz-lhe.

– Há males que vêm por bem – replica Simon.

*

Rosie está a vir a pé para casa. Nunca tirou a carta e não quis esperar pelo autocarro. Quando telefona a Will, ele diz-lhe que está tudo bem, que não precisa de ter pressa.

É um conceito novo, para ela. Sente que está sempre com pressa.

Atravessa o centro, passa pela catedral e, pela força do hábito, olha para cima para ver os falcões-peregrinos, mas eles não estão lá. Continua a andar. A dada altura, tem de parar e bater com o pé três vezes no passeio. Depois, amaldiçoa-se e segue o seu caminho sob as nuvens dispersas próprias do outono.

– O que acontecerá se não bater ou tocar? – perguntara-lhe a psicoterapeuta uma vez.

– Nada – dissera Rosie. – Eu sei que não faz diferença, mas isso não me impede de sentir que tenho de fazê-lo.

– Caso contrário...? – indagara a psicoterapeuta e Rosie cerrara os lábios porque não estava a ser ouvida, uma vez mais; porque sabia que o resultado não mudava nada.

Por isso, foi-se embora e continuou a bater com as mãos e os pés quando alguma força interna lhe dizia que precisava de fazê-lo. Reparou que acontece menos na idade adulta. Mas desde o diagnóstico de Simon, os impulsos surgem do nada. Tocava nos peitoris, batia em puxadores de porta e contava mentalmente as sílabas das palavras.

Está a minutos de casa quando o seu telefone toca. É a mãe, e é tão raro ser ela a ligar-lhe primeiro que presume o pior. O pai morto ou outro cancro, desta vez nos ossos, mama ou sangue da mãe.

– Mãe.

– Olá, querida.

– O que se passa?

– Nada. Só queria saber como é que estavas. E como está o Simon.

– A sério? – pergunta Rosie, e há um momento de confusão entre elas, uma vez que a sua reação não é a que a mãe esperava.

– A sério – responde a mãe, passado um bocado. – Como é que está a correr a quimioterapia?

– Bem. Tão bem quanto é possível, suponho. Ficou enjoado esta manhã, tal como a médica disse.

– Mas tu foste trabalhar na mesma?

– Aprendi com os melhores, não é verdade? .

Um autocarro passa a trepidar; o autocarro que ela podia ter apanhado, se tivesse esperado. Faz tanto barulho, com o escape, as rodas e o trabalhar do motor, que ela nem repara no prolongado silêncio do outro lado.

– Fui assim tão má mãe?

Rosie acabou de chegar à porta que dá acesso aos apartamentos e pára, à procura das chaves.

– Não – responde Rose, instintivamente. – Porque diz uma coisa dessas?

– Eu sei que sou uma pessoa difícil. Eu sei disso, Rosie. Sei que te pressionei e queria o melhor para ti. Mas sempre pensei que

entendias isso.

– E entendia. Entendo.

– Nesse caso, porque é que as coisas estão assim? – pergunta a mãe e, pela primeira vez, Rosie ouve qualquer coisa de novo na sua voz. Tristeza ou desespero. Pânico, reprimido entre as margens das suas palavras.

Rosie vira-se para a rua e vê o autocarro seguir o seu caminho. Os carros, em movimento. Passeios acobreados pelo sol do ocaso.

O seu instinto é negar, amenizar a situação e tranquilizá-la, mas olha para as suas mãos, uma a segurar o telefone, a outra a mala, uma mochila que descobriu enterrada numa loja de artigos em segunda mão. Está tão velhinha. Danificada de forma permanente, nos lugares onde a pele se foi desgastando.

– Porque fui ter consigo por causa do Simon – dá Rosie por si a dizer. – Antes de ele ter recebido o diagnóstico. E a mãe limitou-se a mandar-me embora.

Outro silêncio prolongado entre as duas.

– Dei-te um conselho – diz a mãe. – Disse-te o que faria no teu lugar.

– Foi um mau conselho – diz-lhe Rosie.

– Bem – replica a mãe, perturbada.

Rosie luta consigo mesma durante o que lhe parece ser vários minutos. Pedras a formar-se na garganta.

– Como está o pai? – pergunta Rosie por fim.

– Bem.

– O Simon também vai ficar bem – diz Rosie.

E depois, porque há agora nela um instinto de rebeldia, alguma coisa que a faz mandar tudo para o diabo, conta-lhe que Will tem estado com ele o dia inteiro.

– Will White – diz a mãe devagarinho.

– Esse mesmo – diz Rosie.

– Não sabia que mantinham o contacto.

– É recente. Tem sido muito nosso amigo. Meu e do Simon.

– Ainda bem – diz a mãe, e dá ideia de que a sua boca encolheu e que as palavras têm de encontrar caminho em redor dos dentes.

Rosie sabe que ela está mortinha por dizer que, certamente, têm amigos melhores, pessoas que conhecem Simon intimamente e que podiam fazer-lhe companhia, mas não o faz, porque o problema é esse.

– Também tenho um emprego novo – conta-lhe Rosie.

O ar está quente com os gases de escape e a falta de vento, envolvendo-a enquanto diz tudo em voz alta.

– Ah, sim?

– Agora, sou professora de Música. Viola clássica e piano. Algum canto. Foi por isso que tive de ir trabalhar, hoje.

– Oh, Rosie! Isso é... isso é uma maravilha.

– É uma maravilha. É mesmo uma maravilha. O salário é mau. Péssimo, mesmo. Mas não me importo. Não, não me importo nada.

– Porque é que estás a fazer isto, Rosie? – pergunta a mãe, desta vez sem nenhum silêncio pelo meio. Em vez disso, a sua voz torna-se mais dura, numa clara recusa de entrar naquele jogo.

– Porque é que não o estava a fazer? – pergunta Rosie, por sua vez.

O céu tão vermelho, por cima dela, sem que a mãe lhe dê resposta.

*

Will acaba por conhecer Simon de uma forma como nunca conheceu ninguém. Aprende o tipo de luz que o faz sentir letárgico e o leva a pedir-lhe que feche os cortinados; qual a cor que ele gosta que as bananas tenham, antes de comê-las. Apercebe-se da temperatura exata a que o aquecimento deve estar regulado nas diversas alturas do dia; manifestamente quente de manhã e, frequentemente, demasiado frio depois de almoço. Descobre que ele usa chinelos pela casa, como um velhote, mas insiste em que já o fazia antes do diagnóstico. Quando Will faz troça dele, explica:

– Detesto ficar com coisas agarradas aos pés.

– O que queres dizer com isso? – pergunta Will.

– Refiro-me a sujidade, cabelos ou salpicos de água no chão, tu sabes...

– Uau! Tu tens mesmo problemas.

Simon diz que acha que prefere ter cancro a ter os pés sujos e riem-se disso juntos, na cozinha.

Também descobre outras coisas. Que Simon põe mel no chá de camomila, mas só depois do meio-dia, como se o doce fosse um mimo reservado para as tardes. Que é filho único e tem medo de alturas, lê muito sobre política e filosofia.

– E tu, o que lêes? – pergunta-lhe Simon, um dia, quando está a examinar as suas estantes enquanto Will põe a chaleira ao lume na cozinha.

– Não leio muito – diz Will.

– Vá lá – insiste Simon. – Toda a gente lê.

– Leio manuais de motas. E livros de cozinha.

Simon acena com a cabeça.

– E guias de viagem – acrescenta.

– Gostas de viajar?

Will limita-se a sorrir. Vira-lhe as costas para deitar a água a ferver nas canecas, perguntando a si mesmo se poderá gostar de algo que nunca fez, que adiou, desperdiçou, talvez definitivamente.

– Eu não, na verdade – diz Simon. – Eu sei que é coisa de gente enfadonha.

– Não esperava nada menos do que isso – diz Will, e Simon sorri, diz-lhe que é um otário e o termo surpreende-os a ambos, fá-los voltar aos tempos de escola e começam a rir à socapa, primeiro, e depois à gargalhada, de tal forma que Simon diz que lhe faz doer, o que os faz rir um pouco mais.

*

E é assim que as coisas correm. Semanas de um marido doente e de um melhor amigo inesperado, que vem passar tempo com ele, quando necessário; que os leva e traz do hospital, que fica com eles

às vezes para jantar ou para conviver com Simon enquanto Rosie trabalha.

Ela sente-se tão grata a Will que o coração parece querer saltar-lhe do peito. Estender-lhe os órgãos, como oferendas.

Ele não pede nada, a não ser uma manteiga melhor. Ela reabastece o frigorífico e observa-o, por vezes, enquanto ele está a fumar na varanda, curiosa com o facto de ele nunca cheirar a alcatrão ou tabaco, mas sim a pinheiro e a terra, com um leve toque a gasolina.

Recorda a sua transparência; o seu sabor a água fresca.

As colinas que subiram à sombra das árvores montenegrinas e os tomates que puseram na boca, o afastamento da vida real como se tivesse sido desligada durante uma semana, num verão.

– Voltaste a fumar – diz-lhe ela uma vez, junto à porta.

– Nem por isso – replica. – É só às vezes.

O Simon diz que gosta dele. Que descobriram o oposto a uma plataforma de entendimento: intriga e um respeito rancoroso. Rosie vira-se para ele na cama e diz que não quer que haja rancor de espécie alguma. Simon ri-se, toca-lhe no rosto e diz-lhe que ela é a pessoa mais doce que conhece.

Trata-se de uma palavra usada com frequência para a descrever. Ela está mais do que farta disso.

*

Will acaba por ir à quimioterapia com Simon, numa quinta-feira. Rosie tem um concerto na escola do qual não consegue livrar-se, embora aparentemente tenha tentado, perguntando se podia faltar, mas Simon insistiu com ela para que fosse e Will, para variar, concordou com ele.

Ele já sabe como funciona; passou muito tempo numa ala de cancro, com a avó. Não jogam às cartas nem leem, nem sequer ouvem música, porque Simon está demasiado exausto. É o seu quarto tratamento. O cabelo está mais ralo e as sobrancelhas transformadas em linhas pálidas.

Limitam-se a observar a sala e os pacientes, as poças de luz no soalho. Tem sido um inverno húmido, cheio de chuva e vento.

– Sabes o que é engraçado? – pergunta-lhe Simon.

– O quê?

– Creio que, bem vistas as coisas, és provavelmente o meu melhor amigo.

Will sente-se trespassado por uma dor aguda, como se o veneno tivesse sido ligado às suas próprias veias.

– Sei que não falamos deste tipo de coisas – diz Simon. – Mas o cancro torna-nos sentimentais, por isso deixa passar desta vez.

– Está bem – diz Will.

– É engraçado, não é? Mal nos conhecemos e, na realidade, és amigo da Rosie. Nem sequer gostavas de mim. Ou não gostas, mesmo. Mas aqui estou eu sentado, a pensar que, na verdade, tirando Rosie, não há ninguém com quem preferisse estar aqui. E talvez isso seja um bocadinho triste, não sei.

Will limita-se a olhar para ele. Não faz ideia do que dizer.

– Os meus pais vieram visitar-me no fim de semana passado – prossegue Simon. – E eu adoro-os, sabes? Mas foi horrível tê-los por perto. Fizeram-me sentir novamente uma criança, ou um velho impotente, como se eu fosse uma pena que não queriam derrubar. E o meu verdadeiro melhor amigo, o Jon, liga-me às vezes e é constrangedor. Pergunta-me como vão as coisas, o que é simpático, mas já não falamos sobre aquilo de que quero falar: o remo, o râguebi, ou mesmo os filhos dele. Como se o cancro nos bloqueasse ou coisa do género.

Will continua a olhar para ele. As suas faces têm alguma cor enquanto ele fala. Penteou o cabelo para a quimioterapia, fez um esforço que Will não consegue compreender. Um bocadinho de gel, de forma que o cabelo caia para um lado, como um nadador-salvador, um rapaz bonito de uma vida antiga, na água.

– Mas contigo é diferente – diz Simon. – Podemos falar sobre tudo e nada. E não me sinto desconfortável, quer estejamos em casa, aqui, ou onde quer que seja. Sabes?

Will acena afirmativamente e baixa lentamente o queixo.

– Seja como for – continua Simon –, creio que estou a agradecer-te. E, independentemente do que aconteça com tudo isto, espero que possamos manter o contacto, sabes?

Simon está a observar a sala enquanto fala, como se estivesse a pedir simplesmente um copo de água ou que Will fechasse as persianas para o sol não lhe bater nos olhos.

– Podemos fazer isso – diz Will, quando encontra finalmente as palavras.

– Ótimo – diz Simon.

E Will pensa que devia contar-lhe naquele momento sobre ele e Rosie, e não apenas sobre a vida em comum e o sexo no tapete, mas sim tudo, cada ano daquilo, a fogueira e o baile, o ter estado presente quando Josh caiu e a forma como isso os mantivera separados e juntos durante todo este tempo, porque Simon merece saber tudo isso antes de pensar que ele é seu amigo. Mas é demasiado tarde, ao que parece, e ele é um cobarde, por isso acaba a olhar para as marcas de sapatos no soalho e a sentir, pela primeira vez em muito tempo, que não se conhece ou não sabe o que é importante e isso é enervante e desleal e quer desesperadamente fugir. E continuar a fugir.

– Eu tomo comprimidos – diz.

Simon desvia os olhos dos outros doentes.

– A sério? Para quê?

– Depressão ou algo assim – responde Will. – Mantêm-me equilibrado, suponho.

– Claro – diz Simon, acenando com a cabeça.

– Devias voltar a remar, depois disto – diz Will. – Se puderes.

– Tu és mesmo a favor de que as outras pessoas sigam as suas paixões, não és? – comenta Simon, e Will não gosta da forma como ele o olha, naquele momento.

– Preferia quando eras chato – diz-lhe Will.

Simon ri-se, mas pouco. É quase um inspirar. Param de falar depois disso e observam a sala, e Will sente-se quente e nauseado.

No caminho do hospital para casa, Will passa pela escola de Rosie para a apanhar. Ela tem os olhos brilhantes e as faces rosadas. Parece feliz.

– Como correu? – pergunta Simon do banco de trás.

– Maravilhosamente – diz Rosie, ofegante. – Eles cantam *tão* bem. Os solos foram quase perfeitos. Sinto-me tão... não sei. Orgulhosa.

Will estava a pensar mais em «viva», que ela parecia viva, mas conduz em silêncio enquanto Simon diz que ela tem razão para estar orgulhosa. Will deixa-os em casa e recusa o convite para jantar, diz que conta voltar a vê-los em breve.

É durante o caminho para sua casa que sente a necessidade de conversar com alguém.

Alguém que o conheça e que se importe com ele.

O número dela é o primeiro dos seus contactos e ele telefona-lhe no modo mãos livres, no meio do trânsito de Norwich, com a noite a aproximar-se. O vermelho e o verde-vivo dos semáforos. Os motores ao *ralenti*, quase a parar.

– Olá! – diz a irmã ao atender, parecendo insegura.

– Olá, Ambs!

– Olá! – volta ela a dizer.

Ele conduz. Ela aguarda. Ele pigarreia.

– Há quanto tempo – acaba ele por dizer.

– Podes crer.

– Peço desculpa por isso.

– Não – diz ela, como se não quisesse ouvir aquilo ou como se não tivesse importância.

– Como vai o doutoramento? – pergunta Will.

– Bem. – E depois: – Já nos falamos agora, é isso?

– Parece que sim.

Imagina-a a acenar com a cabeça. A recalibrar.

– Tenho uma pergunta para ti – diz ele.

– Diz.

– Achas que todas as pessoas têm uma queda para alguma coisa? Que estão destinadas a fazer algo? Não estou a falar de uma

grande vocação ou isso. Mas achas que todos precisamos de alguma coisa para... não sei... para nos ancorar?

Amber fica em silêncio por brevíssimos instantes e depois responde-lhe:

– Bem, obviamente.

– Hum.

– Mas a demanda é essa, não é verdade? As pessoas nem sempre sabem que coisa é essa. E é por isso que correm. Ou bebem. Ou jogam. Ou têm casos amorosos, ou trocam de profissão, ou sofrem de ansiedade...

– Que animador! – exclama Will.

– Bem, tu é que perguntaste. E fizeste muitas dessas coisas, sejamos sinceros. Mas tu sabes qual é a tua, Will. Sempre soubeste.

– Sei?

– Pensa.

– Ambs, a única coisa que faço nos últimos tempos é pensar.

– Nesse caso, pensa melhor – aconselha a irmã.

Will está agora na autoestrada. As nuvens pairam como nevoeiro, encobrindo as estrelas.

– Pergunta simplesmente a ti próprio o que te faz sentir em casa – insiste Amber.

– Está bem – diz ele, mas não o faz; limita-se a conduzir.

Consegue ouvi-la a digitar, um ruído de fundo. Uma frase e depois silêncio antes da seguinte. O barulho de caneta no papel.

Ele conduz e ela trabalha. A estrada resvala atrás dele, faróis e luzes de travões e bermas vazias, quando lhe pergunta finalmente como está a mãe deles e ela diz que sabe-se lá, que se falam com meses de intervalo, que ela foi para a Índia ou coisa do género.

– Ela é o tipo de mulher que faz tatuagens de elefantes – comenta Amber.

– Entendido – replica Will e partilham um momento de riso contido.

Silêncio, tenso e perfurado, sorrisos entre irmãos.

Meios-irmãos.

Como se isso tivesse importância.

Ao sair da autoestrada, Will pergunta-se por que razão já não está zangado com ela, e depois decide não questionar.

Passou toda a sua vida a sentir-se zangado.

Isso consumiu-o.

– Já agora, porque é que perguntas? – indaga Amber quando ele passa pela placa com o nome da terra natal de ambos, com os postes de iluminação a brilhar ao longo dos passeios.

– Acerca da mãe?

– Não. Acerca de âncoras.

– Não sei. Eu... já não sei nada. Não sei o que quero nem o que fazer a seguir. E isso nunca me incomodou antes.

Amber já não está a digitar.

– A Jen foi-se embora? – pergunta, deitando-se a adivinhar.

– Há muito tempo.

– E a Rosie?

Ele lembra-se do funeral, de Roe lá à frente com a sua viola, da forma como a irmã não olhava para ele.

– Voltou para o marido. Para o marido moribundo. Que, por acaso, é alguém de quem gosto bastante agora, embora continue a desprezá-lo por uma questão de princípio.

Amber faz estalar a língua.

– É complicado – comenta.

– Uma situação embaraçosa – concorda ele, ao mesmo tempo que pára no caminho de entrada da casa da avó e gira a chave para desligar o motor.

– Não podias ter casado simplesmente com aquela rapariga horrível? Pelo menos, com ela, sabias em que pé estavas.

– Estás a referir-te a quem?

– Tu sabes. Como é que ela se chama? Dolly, ou Vanessa.

– Esses nomes são muito diferentes, Ambs.

– Aquela que tinha *piercings* no nariz e tangas rendadas.

– Como é que *tu* sabes que ela tinha tangas rendadas?

– Uma vez, a avó encontrou umas no bolso das tuas calças de ganga. Eu lembro-me, porque ela disse-me que nenhuma mulher que se preze usa outra coisa a não ser cuecas confortáveis.

– É verdade. E cintos de castidade, não te esqueças.

- Will. Eu tenho vinte e quatro anos.
- E continuas a ser uma virgem fervorosa, certo?
- Como queiras – diz ela, suspirando.

Tudo – e nada – foi dito, mas ele não termina a chamada. Fica ali sentado com a irmã, que está a quilómetros de distância, e ela fica com ele um pouco mais.

- Tenho de ir – diz ela quando ele continua ali, sem falar.
- Pois. Está bem.

E quando desligam, ele esfrega o nó que tem no peito, sentado no caminho da entrada obscurecido, sozinho.

– Livre do cancro.

A médica tinha dito aquelas palavras e Rosie tinha-a obrigado a repeti-las três vezes. Simon entrelaça a sua mão na dela e ficam sentados no gabinete de oncologia, casados, aturdidos e mal se atrevendo a sentir a euforia do que aquilo significa.

– A quimioterapia teve o sucesso que esperávamos – está a dizer a médica com ar sorridente e calmo, e Rosie pensa que o abrandamento do mundo diante daquelas palavras é curiosamente semelhante, de alguma forma, ao que regista aquando dos desfechos e das coisas perdidas e irrecuperáveis a que está mais acostumada.

– Como sempre dissemos – prossegue a médica com os seus dentes brancos e o cabelo curto –, o Simon é um homem forte e saudável e detetámos o cancro numa fase precoce. Ainda vai precisar de terminar as sessões de quimioterapia, mas está...

– Mas conseguiram tirar tudo? – pergunta Simon, e é a primeira vez que fala desde que se sentaram. – O cancro desapareceu?

– Desapareceu – confirma a médica pacientemente, explicando logo de seguida: – Mas é como terminar um ciclo de antibiótico; terá de completar as restantes sessões e, depois disso, vamos precisar de vê-lo de oito em oito semanas, para controlar se está tudo bem. Mas é uma ótima notícia, Simon. Esta era a notícia que queríamos ter hoje.

– Então... já não tenho cancro.

– É verdade – diz a médica, e eles choram os dois agarrados um ao outro.

A médica senta-se à secretária e Rosie adora aquela mulher que não conhece; naquele momento, ainda gosta mais dela do que de Marley, da mãe e da avó de Will; está em dívida para com ela e cheia de amor e Simon vive de forma inegável e permanente nos seus braços.

Lá fora, o dia está claro e luminoso.

Inacreditavelmente frio.

– Devíamos comemorar – diz Simon, enquanto percorrem a rua, de braço dado, meio atordoados.

Sentem-se como se estivessem a sofrer os efeitos de um *jet lag* ou como se ambos tivessem despertado de uma miragem prolongada e comum. Rosie tinha ouvido dizer que isso podia acontecer. Os casais podiam ter a mesma alucinação à noite, na cama. Quando os seus ciclos de sonos REM se alinham, de alguma forma, como as raízes entrelaçadas das suas vidas.

– Claro – diz Rosie. – O que vamos fazer?

– Jantar – diz Simon. – E beber vinho.

– Feito – diz Rosie.

– Juntamente com Will – diz Simon. – E devíamos ir a casa dos meus pais este fim de semana. Surpreendê-los. E quando a quimioterapia terminar, devíamos ir viajar, só nós os dois. Para algum sítio quente. Até podíamos voltar às Maurícias. Fazer uma segunda lua de mel.

Ele está animado, a falar invulgarmente depressa, e Rosie sente-se aliviada, por fim, ao ouvir aquela energia de volta à sua voz. Sempre gostou disso nele. Da alegria e da desenvoltura; do seu entusiasmo. Coisas de que sentira falta durante tanto tempo.

O sol primaveril está alto e brumoso. Os pombos dispersam à medida que eles caminham, projetando as suas sombras por baixo deles. Ela devia responder, estar à altura da felicidade de Simon, mas só consegue pensar em como gostava, acima de tudo, que Will ali estivesse, no que isso significa e em como tudo acabou de ficar mais difícil, apesar de as coisas terem corrido como ela queria.

O restaurante tem tetos altos, toalhas de mesa de linho, talheres reluzentes e candeeiros em cobre suspensos. A ementa é composta por uma lista de pratos pequenos e deliciosos e Simon diz que vai pedir todos.

– Mas tu não gostas de carne vermelha – recorda-lhe Rosie, quando o empregado se afasta da mesa.

– Mas tu gostas. E o Will também, imagino.

– Então, ele sempre vem?

– Com ele, nunca se sabe – diz Simon, e faz um gesto em direção à sua mão. Ela passa-lha e ele fricciona o polegar dela com o dele.

– Seria bom para ele conhecer alguém – diz então, e é um comentário vago, um começo de conversa que, como ela virá a perceber mais tarde, é na realidade o fim de tudo.

Ou talvez as coisas já tivessem terminado há muito.

– Porquê? – pergunta Rosie, e Simon parece desconcertado.

– Porque seria bom para ele, não achas? Assim, deixaria de ser pau de cabeleira. E podíamos fazer isto mais vezes. Irmos jantar fora. Sermos verdadeiros amigos.

– Nós somos verdadeiros amigos – diz ela. – O Will levou-te à quimioterapia quando toda a gente se afastou. Levou-nos de carro às consultas e trocou os turnos, na verdade aguentou muita coisa. Mais do que alguma vez lhe conseguiremos agradecer.

– Eu sei disso – replica Simon, franzindo ligeiramente o sobrolho e ainda a segurar-lhe a mão. – Estou apenas a dizer que seria bom fazer mais coisas com ele.

– E porque é que ele precisa de uma companheira para isso?

– Não precisa, suponho. Estava apenas... a pensar em voz alta.

Rosie está prestes a responder quando o empregado de mesa lhes traz o cesto do pão. Pães quentinhos, com sementes e condimentos; aquele era o restaurante favorito quando se casaram, um lugar para ocasiões especiais, e em ocasiões especiais Rosie permitia-se comer pão. Cheirava-o primeiro, antes de dar uma dentada.

Esta noite, pega num pão, abre-o e arranca bocados de miolo macio do seu centro com os dedos. Quer reprimir os sentimentos

que brotam dela. Abafar as coisas que ficaram por dizer com uma mordança que parece algodão.

– Tu e o Will alguma vez...? – pergunta Simon.

Ele está a observá-la a comer o pão e ela sabe que ele vê o frenesim das suas mãos.

– A que te referes? – pergunta-lhe ela.

A escuridão do restaurante parece-lhe subitamente sufocante e ela gostaria que as luzes estivessem mais fortes para poder olhá-lo nos olhos e explodir, para variar.

– Estou a perguntar se alguma vez tiveram alguma coisa um com o outro? Pensei que podiam ter tido.

– E quando é que pensaste tal coisa? – pergunta ela em voz tensa, e Simon recosta-se porque aquilo respondeu à sua pergunta.

– Não estou a acusar-te de nada, Rosie. Não me importo.

– Bem, eu importo-me.

Uma vela tremula entre eles na sua órbita de vidro. Ilumina os seus rostos abatidos e crispados.

Ela abre a boca e nessa altura Will diz «olá», pede desculpa pelo atraso, o trânsito estava um caos, e deixa-se cair na cadeira entre eles, ao lado da mesa redonda coberta por uma toalha branca.

Simon larga a mão de Rosie.

– Não há problema – diz ele. – Acabámos de pedir.

Will acena com a cabeça e diz que é bom que não seja uma salada; que não fez o caminho todo até Norwich para comer uns rabanetes em cima de folhas de rúcula.

Rosie sabe que Will está a provocar Simon. A meter-se gentilmente com o homem que passou a ver como amigo; algo a perturba e lhe agrada em simultâneo.

– A comida é boa – diz Simon de forma concisa e Will olha para ela nessa altura.

Rosie evita o seu olhar e deita vinho no copo. Entorna-o sem querer sobre a toalha.

– Então, há alguma razão para estarmos a jantar neste belo restaurante e para me terem avisado tão em cima da hora? – pergunta Will, depois de o empregado de mesa ter anotado o seu

pedido de bebida e nenhum dos dois, nem Rosie nem Simon, ter falado.

– Sim – diz Simon sorrindo, mas sem mostrar os dentes, e Rosie percebe que a sua energia desapareceu, uma vez mais; ressumou dele, da mesma forma que o azeite que está em cima da mesa ressumou das azeitonas.

Will agarra no copo de água para beber um gole, mas pára ao ver que Simon não diz mais nada.

Chega um grupo, que se senta na mesa ao lado deles. Cadeiras a arrastar pelo chão. Lantejoulas e sapatos de salto alto e risos abafados a invadir as coisas que eles não dizem.

– Eu... hum... – começa Simon, depois de eles se sentarem.

– Tu...?

– Eu sou um idiota, acho.

– Simon, por favor – diz Rosie.

Will pousa o copo.

– O que é que...?

– Diz-me, Rosie – pede Simon. – Porque há bocadinho estava apenas curioso, mas agora estou mais do que curioso.

– Não é interessante – diz ela. – Podemos fazer isto noutra altura? Porque é que não falamos sobre a verdadeira razão para aqui estarmos?

– Porque, Rosie – contrapõe Simon –, perdi muita coisa ao longo do último ano. E estou a começar a interrogar-me se não terei perdido ainda mais do que pensava.

Rosie sabe que Will está a observá-los, embora ela tenha os olhos pregados ao rosto de Simon. Sabe que ele está a perguntar-se no que se veio meter e ela quer arranjar uma forma de ultrapassar a situação, uma forma certa, gentil e não explosiva, mas tem a cabeça em água. Cristalina e parada, como a que tem no copo.

– Está bem – diz ela. – Está bem.

– Está bem o quê? – pergunta Will, e nenhum dos dois olha para ele, por isso ele diz que talvez seja melhor ir-se embora.

– Talvez queiras ficar para ver isto – diz Simon.

E depois chegam os primeiros pratos. Pequenos pratos em cerâmica, com motivos dourados que refletem a luz da vela. O empregado pergunta-lhes se querem mais vinho e eles abanam a cabeça. A água com gás e lima de Will é colocada ao lado do seu guardanapo, que continua dobrado sobre a mesa.

– Estava aqui a perguntar à minha mulher – diz Simon quando ficam novamente sozinhos – se vocês os dois já foram mais do que amigos.

Rosie não consegue evitar e levanta-se.

– Fomos. Está bem? Fomos. Mas agora não somos, porque eu te escolhi. E tu só voltaste a escolher-me porque precisavas de mim, Si, e sabes que mais? Não faz mal. Porque eu também preciso de ti, mas não desta maneira. Não com cenas dramáticas num restaurante, quando o Will é um bom amigo e veio até aqui por nossa causa, e hoje é o dia por que todos esperávamos. Portanto, não vamos estragá-lo, está bem?

– Estás sempre a dizer «está bem» – diz Simon. – Mas isso não faz com que as coisas estejam bem.

– Olha, companheiro – diz Will.

Simon levanta a mão para o silenciar e durante um momento de confusão e pasmo descobrem que resultou.

– O que me incomoda – continua Simon – não é o *facto* em si, mas que nenhum dos dois me tenha contado, o que significa que houve uma razão para isso.

– Foi só porque... – diz Rosie encolhendo os ombros, ainda de pé, com as mãos abertas sobre o tampo da mesa.

Ela quer trazer o tempo de volta.

Recuperá-lo num jogo de tudo ou nada.

– Vemo-nos em casa – diz ela. – Não vou fazer isto aqui.

E faz a coisa mais audaciosa que se lembra de alguma vez ter feito: afasta-se, embora esteja errada, embora deva tudo a Simon e mais ainda ao homem que está ao lado dele, vai buscar o casaco ao bengaleiro e desce os muitos lanços de escada sozinha, deixa o chefe de sala desejar-lhe uma boa noite e inicia o percurso frio e juncado de estrelas até casa, com a respiração a formar nuvens brancas no ar húmido.

*

Will olha por cima do copo de vinho vazio para o homem cuja mulher ele teve.

Ou para o homem que tem a mulher que lhe estava destinada.

– É melhor comermos – diz Simon, e era a última coisa que Will esperava, mas depois de Simon pegar numa travessa, servir um pouco para o seu prato e começar a comer com o garfo, ele faz o mesmo.

A comida é condimentada e cheia de manteiga e o restaurante opressivamente escuro. Will detesta não conseguir ver o que come.

– Não quero discutir – diz Simon. – Estou demasiado cansado para isso. Além de que nunca fui bom nisso, ao contrário de ti, pressinto.

– Quando estou para aí virado – admite Will, empurrando algo parecido com massa de um lado para o outro, no prato.

Simon enfia uma garfada de alguma coisa na boca. Mastiga e engole.

– A Rosie é fácil de ler – diz Simon. – Sempre foi. Mente pessimamente e mostra as suas emoções no olhar. Já tinhas reparado nisso?

– Como um veado – diz Will, e Simon concorda.

Comem mais um pouco. Dão pequenas dentadas e não dizem nada durante algum tempo.

– O pão é bom – comenta Simon. – Já experimentaste?

Will abana a cabeça e Simon diz que vai chamar o empregado para voltar a encher o cesto.

– Esta cena do tipo bonzinho está a começar a irritar-me – diz-lhe Will.

– Imaginei que isso pudesse acontecer – diz Simon, pondo algum molho no garfo.

– Podemos limitar-nos a dizer o que precisa de ser dito?

– E o que é que precisa de ser dito?

– Não faças isso – diz Will.

– O quê?

– Responder às perguntas com perguntas. A Rosie faz isso.
– Ah, sim?
– Podemos esclarecer tudo, simplesmente?
– Eu não quero esclarecer nada – diz Simon. – Quero desfrutar da bela refeição que reservei para comemorar o facto de estar livre do cancro. E depois quero ir para casa, ir ter com aquela que é minha mulher há sete anos e dizer-lhe que nada disto importa, porque é melhor para todos nós. Mas apercebi-me, Will, de que embora me tenhas basicamente mentido durante semanas... Meu Deus!

Esfrega os olhos, precisa de um momento.

– Este tempo todo – continua Simon. – Mentiste, contornaste a verdade, na realidade insultaste-me sem eu saber. Mas houve uma coisa que disseste que era verdade.

– O quê? – pergunta Will, após uma tensa pausa.

– Que as coisas correm mal – diz Simon.

Pararam de comer. Gargalhadas e vozes; o barulho da diversão à volta deles. Will passa o indicador pela borda da mesa. De trás para diante e novamente para trás.

– Escuta – diz Will. – As coisas correram mal comigo e com Rosie há muitos anos. Por várias vezes. É uma espécie de... coisa que fazemos. Fracassamos, mas continuamos próximos porque ela é... bem, eu sou... nós somos amigos. Bons amigos. Tentei não o ser durante algum tempo.

Simon não diz nada. Está a olhar para o prato, como se desejasse que ele voltasse a encher-se.

– Também podias tentar ser amigo dela – diz Will. – Se isto for demasiado para ti, as mentiras ou segredos, ou o que quer que seja. Mas não me parece que tenhas muita sorte.

Simon olha-o nos olhos pela primeira vez naquela noite. O seu vinho branco brilha no copo.

– Tu ama-la – diz ele.

Will encara-o.

Diz-lhe que tentou não a amar.

Os seus pratos ficam intocados sobre a mesa e Simon bebe o vinho todo e deita mais. Estende-lhe a garrafa, mas Will recusa.

Há gotículas a escorrer pelo copo da sua água.

– Pensava que vocês tinham uma relação de irmãos. Era o que me parecia.

– Isso é porque não prestas atenção.

– Não te armes em imbecil – diz Simon, e Will sente um triunfo selvagem, porque quer a raiva, recebe-a mesmo com prazer, porque pode pagar na mesma moeda. Aquilo é tudo tão plácido. Tão desconcertante.

– Se alguém é o irmão aqui... – diz Will, e deixa as palavras pairar no ar.

– O que queres dizer com isso?

– És igual a ele. De certa forma.

– A quem?

– Oh, vá lá, Si! É esse o teu *problema*, vês? Tudo remonta ao Josh, entendes? O irmão gémeo de Rosie, que morreu? Esmagou o crânio e esvaiu-se em sangue na praia, mesmo sob os nossos olhos, há quase metade das nossas vidas?

Simon não diz nada. O seu rosto está agora visivelmente abatido.

– Isso destruiu-a – diz Will. – E tu nem sequer sabes disso.

– Ela... – diz ele, e agarra o pé do seu copo de vinho. Fá-lo rodar entre os dedos. – Ela... nunca quis falar muito sobre ele.

– Certo – diz Will.

– Oh, meu Deus! – exclama Simon. Passa as mãos pelo rosto magro e enrugado pelo cancro. Will vê-o fazer isso e a sua raiva esmorece. As coisas abrandam durante um longo momento.

– Ela escolheu-te – diz Will, embora isso dê cabo dele e sinta vontade de virar a mesa ao contrário e de atirar os pratos minúsculos contra as janelas.

Simon mantém o rosto entre as mãos.

– Nunca conheci ninguém como o Josh – continua Will. – Mas tu estás lá perto, Si. Amigável. Despretensioso. Simpático e justo e cheio dessa espécie de energia imparável. Irritante como tudo.

– Achas que ela se casou comigo porque sou parecido com ele?

– Não creio que ela se aperceba, se isso ajuda.

O empregado de mesa aparece nessa altura para levantar os pratos e pergunta-lhes como estava tudo. Ambos respondem que estava bom, embora Will não se lembre de nada; não faz ideia do que comeu e continua com fome de alguma coisa que não consegue identificar.

– Como estava a dizer – diz Will quando ficam novamente sozinhos. – Não há ninguém igual a ele, mas eu creio que tu preenches um vazio, para ela.

Levanta-se porque não há mais nada para dizer e está a virar-se para se ir embora quando Simon fala:

– Diz-me só quando foi, Will. Foi há muitos anos ou mais recentemente?

Will pergunta-lhe que importância tem isso e Simon encolhe os ombros. Diz não ter a certeza de que tenha.

– Ambos – diz-lhe Will.

Devia pedir desculpa àquele homem bom, bem arranjado e que só quer viver, sentado sozinho à mesa com o seu vinho morno e a noite estragada. Mas nunca pedirá desculpa por amá-la. «Nada de arrependimentos», costumava dizer a mãe, e é o único princípio pelo qual se tentou reger, embora tenha fracassado, indubitavelmente.

– Ah! – diz Will, de saída. – Parabéns pelas notícias em relação ao cancro.

Simon ergue o copo, em jeito de agradecimento.

Laços quebrados entre os dois que Will não pode refazer, mesmo que quisesse.

Assim que sai, Will começa a correr.

Está aquele frio seco que prenuncia neve; não tinha visto como estaria o tempo para a viagem até casa, mas não importa, porque, neste momento, está a correr e pensa que se há alguma coisa que sabe é para onde se dirigir.

Leva dez minutos a chegar à margem do rio e depois acelera, inspirando longamente o ar noturno ao mesmo tempo que o coração bate ao ritmo dos seus pés. Sente alguma coisa excitante e alegre a

fluir dentro de si, o que parece errado depois de tudo o que aconteceu, mas é Rosie e ele. Correntes rápidas, como o rio que passa ao seu lado.

Alcança-a na ponte. Está parada junto ao parapeito, a olhar.

– Eu contei-lhe – diz Will quando chega ao pé dela.

Está enrolada no casaco, com as mãos enfiadas debaixo dos braços. O rio corre rápido, constante e negro.

– Contaste-lhe – repete ela, como que de muito longe.

– Sobre nós.

O rio, impetuoso, como a corrente.

– Também lhe disse que ele preenche um vazio em ti – diz Will, porque quer que ela lhe dê troco, que ela discorde, que lhe conte finalmente tudo o que não contou.

– Mas não preenche – diz Rosie, e pronto, ela disse-o finalmente.

Rosie mantém o rosto virado para o rio e ele sente vontade de abaná-la. Agarrá-la pelo braço e obrigá-la a olhar para ele, acelerar aquela coisa longa e árdua que existe entre eles.

– Não?

– Não. Pensava que sim. Queria que assim fosse. Queria mesmo muito.

Rosie leva as mãos à testa e prende o cabelo atrás das orelhas. Está imóvel e ereta; como uma bailarina, pensa ele. Nessa altura, Will vê a mãe de Rosie nela por um segundo: a mesma força e rigidez.

– Sou metade de uma pessoa, Will.

– Não, não és.

– Sou, sim. Assim que o médico me disse que ele tinha morrido, senti isso mesmo, senti alguma coisa a separar-se de mim. Sinto-me meio vazia e nada ajuda. Comer não ajuda, passar fome não ajuda... A terapia, o casamento, a música, o cancro curado, nada disso *ajuda*. Não sei quem sou nem o que quero, e também já não sei o significado de nada.

– Que teatral!

– Vai à merda, Will! – replica Rosie, e depois olha finalmente para ele, surpreendida. – Desculpa – diz de imediato.

– Não peças desculpa – diz Will. Está zangado, mas também meio a rir. – Santo Deus, Roe! És a pessoa que sempre foste. Acredita em mim.

Passam carros na estrada atrás deles. Ruído branco nos seus ouvidos.

– Ultimamente, não sei o que faço – diz ela tão baixinho que ele mal a consegue ouvir.

– Alguma vez soubeste?

– Bem, sim. Pensava que sim.

– Conseguir boas notas não conta. Nem casar com um rapaz simpático e enfadonho que não come manteiga a sério.

– Não faças isso! – explode Rosie, e isso faz com que Will volte a sentir aquela sensação de triunfo no seu íntimo. Quer que ela grite, para poder gritar com ela. Quer contacto e vozes exaltadas. Está farto do tinido das colheres na cerâmica, dos cereais a dois à noite, das mensagens sem resposta e da falsa amizade.

– Caramba, Rosie! Porque diabo ficaste com ele? És capaz de me dizer? Depois de tudo, pensei que ele devia ter alguma coisa e achei que talvez conseguisse viver com isso, se era mesmo esse o teu desejo. Mas se estás aqui a dizer-me que não tem, ao fim destes anos todos... Então, *porquê*, Rosie?

– Não sei! – diz ela, e parece angustiada. – Ele é... *bom*!

– Bom – repete Will.

– Sim! É bom e gentil e é preciso haver mais pessoas como ele – replica Rosie, agora num tom febril, com as palavras a sair disparadas e deliberadas. – E ele não tem a *culpa*, Will. Não tem a culpa de que isso não seja suficiente.

– Então, não é suficiente – diz Will, e sente a alegria incandescente desse facto a percorrê-lo.

Mas Rosie franze o rosto e pergunta-lhe:

– Porque é que não é suficiente, Will? O que há de errado comigo?

Ele não devia responder, mas está zangado e insensível.

– Muita coisa, Roe. És indecisa, por exemplo. Deixas outras pessoas escolher por ti em detrimento do que queres, e isso não é apenas triste, Roe, é fraqueza, que é coisa que na realidade não és.

E tens uma falsa percepção do que é bom e, não sei, *correto*. Como se isso importasse. Não vives a tua vida como devias. Nunca levantas a voz a ninguém, muito menos à tua mãe, que, sinceramente, bem precisava de ser posta no lugar. Já não cantas. Privas-te de tudo. Roubas-te a ti própria, Roe. Passas o tempo todo a meteres-te à força numa espécie de caixa e é algo extremamente doloroso de assistir, mas tu continuas a fazê-lo porque não conheces outra forma e nunca ninguém te disse para não o fazeres.

A neve está a cair, agora. Os flocos vêm ao sabor do vento e pousam no cabelo de Rosie. Ela fita-o enquanto ele fala, com as mãos novamente debaixo dos braços.

– Mas, apesar disso tudo – diz Will –, não há absolutamente nada de errado contigo, Roe. Com nenhuma parte de ti, por mais ínfima que seja.

Os olhos dela pregados nos dele. Azuis e profundos como o oceano.

– Fiz uma promessa na igreja – sussurra Rosie enquanto a neve flutua à volta deles.

Ele diz que sabe disso. E depois ela diz que Simon é seu marido e que o ama, ao que Will contrapõe:

– Não da forma como devias.

Ele não diz tudo o que quer. Que ela está destinada a mais. Que devia ter alguém que ardesse de desejo por ela, que conseguisse vestir a sua própria pele.

– Acho que precisas de resolver algumas coisas, Roe.

Ela olha para ele com o seu rosto de corça; isso fá-lo ceder um pouco, mas não pode deixar de fazer aquilo; e também não pode continuar a fazê-lo.

– Não estou a dizer para escolheres entre nós – diz ele. – Precisas de perceber o *que* queres da vida, Rosie. E não quem.

Ficam ali especados, na escuridão polvilhada de branco. As luzes cintilam na água.

E no meio de toda a sua raiva e alívio, Will percebe que continua a querer beijá-la. A sua fome é tão real e cavernosa que ele quer levá-la para dentro dele de alguma forma, quer bebê-la até ao fim; nadar nas suas profundezas vermelho-escuras.

Em vez disso, diz:

– Isto que nós fazemos, Roe. Não vamos fazê-lo mais.

– Will...

– Não. Tentei ser um tipo porreiro, ser apenas teu amigo ou algo assim, mas não consigo. Estou farto de esperar e de ter esperança e de pensar em ti o tempo todo. Não apenas durante estes últimos meses, mas desde aquela fogueira naquela noite.

Os olhos dela estão tão abertos quanto a boca, e ele recua porque quer consumi-la ou embalá-la, ou ambas as coisas.

– Estou a falar a sério, Rosie. Podes continuar casada, ou não. Escrever música, ou não. Cantar, não cantar, abrir um bar onde se vende cereais pela noite fora, a mim tanto me faz. Descobre simplesmente o que queres. E eu vou fazer o mesmo.

– Mas...

– Pára! – diz ele, mais alto do que tencionava. – Pára, simplesmente!

E com tudo o que tem dentro de si, até à última fibra boa, fôlego ou sentimento, dá meia-volta e afasta-se dela, deles, daquilo tudo, e sabe, lá no fundo sabe, que é finalmente pela última vez.

É uma longa noite, depois do rio.

Umas quantas longas noites.

Rosie volta para Simon, embora saiba que não pode voltar verdadeiramente em nenhum sentido. Conversam durante dias e ela conta-lhe tudo. Ele está à espera de que ela se mude de imediato para casa de Will, mas ela não pode, não depois de tudo o que Will disse; não agora, que sabe que ele tem razão acerca de tudo. Sempre pensou que sabia o que queria, mas acontece que se limitara simplesmente a seguir regras, estruturas e ideias que lhe tinham sido inculcadas pela mãe, por Marley e por filmes antigos; um sentido do que era certo e errado que formara há tanto tempo que nem sequer se consegue lembrar de tê-lo feito.

Ela não pode continuar assim e sabe disso.

Não pode deixar que aquela seja a sua vida.

Não pode continuar a usar Will como objeto de consolo, como sempre fez, o rapaz com dentes de lobo, mãos ásperas e aniversário aziago.

Ela tinha-lhe dito, junto ao rio, que Simon não era suficiente e, em vez de tomá-la nos braços, ele dissera-lhe que estava farto; e isso, curiosamente, era a coisa mais libertadora que ele lhe podia ter dito. Já não havia necessidade de escolher entre uma coisa ou a outra.

Não havia certo ou errado.

As coisas estão em pratos limpos e em suspenso, e ela sabe agora o que tem de fazer.

Quando ela e Simon acabam de conversar, ela abandona o lar conjugal pela segunda e última vez.

Noitadas e lágrimas. Gavetas esvaziadas, camisas encharcadas e coisas guardadas em malas. Livros com as pontas dobradas e desbotados pelo sol que batia na estante enfiados num saco de viagem e levados com ela, como filhos de quem não consegue separar-se.

– Vou fazer isto – diz ela à mãe quando se muda lá para casa, por um breve período.

– Vou fazer isto, porra!

Ela nunca disse palavrões em voz alta diante da mãe.

Há muitas coisas que nunca fez.

Desta vez, fica com os pais por duas noites, enquanto trata de tudo. Avisa a escola que se vai ausentar e eles são simpáticos e solidários, mas tem de se demitir porque não podem encobrir a situação nem manter o seu emprego indefinidamente.

– Não faz mal – diz ela, e não faz.

Toca na fotografia de Josh, no vestíbulo, antes de se ir embora. Gostava que ele pudesse ir com ela. Gostava de poder ouvir a sua voz, nem que fosse por um segundo. Daria tanto de si mesma só para isso, ainda, e é por esse motivo que sabe que está a fazer a coisa certa.

*

Will começa a sonhar com o avô. Acontecia-lhe muito, a seguir a ele ter morrido. Fazem coisas que nunca fizeram na vida real. Coisas como pescar num barco a remos. Construir algo juntos a partir de madeira e com a ajuda de martelos e pregos.

Não conversam, nesses sonhos.

Ele acha que esqueceu o som da voz do avô. Gostava de conseguir esquecer também a de Rosie, se tivesse voto na matéria.

Sonha e acorda e, às vezes, quando os dias são duros e sente vontade de se refugiar no álcool ou em algo pior, vai às reuniões de um grupo. Coisas incrustadas no seu passado, acima de tudo. Mas

ele sabe que há uma linha, uma linha fina e maleável, como o fio de pesca que ele enrola à volta dos anzóis enquanto dorme, e ele não quer que ela se desenrole, apesar de ter passado tantos anos a segurá-la.

Não é como nos programas de televisão.

Não é do género: «O meu nome é Will e sou isto ou aquilo.» Não há histórias emocionantes nem revelações. Acima de tudo, é muita escuta e permissão. Às vezes, é estabelecer contacto visual com pessoas com quem não quereria fazê-lo.

Há biscoitos durante o intervalo. Sumo de laranja diluído em água, como na escola, e ele ri-se disso, do alegado círculo da vida. Tudo a levá-lo de volta ao leite azedo, *bourbon* barato, chá, café e sumo que ninguém quer e, no entanto, toda a gente bebe, porque é o que as pessoas fazem, não é verdade? É o que as pessoas fazem.

*

Rosie sempre adorou as manhãs, mesmo quando não dormia. Sobretudo nessa altura, talvez. A luz tão líquida e suave, como que a dizer: «Está bem, podes levantar-te agora.»

Mas agora as coisas são diferentes e, para sua surpresa, descobriu uma afinidade com as noites em Viena. É quase um romance quando o dia dá lugar à escuridão e as pedras da calçada começam a brilhar sob as luzes da rua.

É nessa altura que realça os olhos com lápis, enverga um vestido e desce a escada de ferro com uns saltos altos que a fazem sentir como uma mulher que sabe o que quer. Naquele bar. A compensar o tempo perdido.

Antes de começar, fecha sempre os olhos, um ritual que não é obsessivo, mas necessário. E depois toca, e os clientes ouvem ou não, e ela descobre que não se importa, deixou mesmo de reparar. É só ela e o piano de cauda.

Não há gémeo morto. Não há ex-marido.

As suas mãos reencontram-se.

Quando não está a trabalhar, caminha e pensa. Existe na cidade da música como se respirar ali fosse reparador e harmonioso, como se a luz do dia se infiltrasse na sua pele, da mesma forma como tocou todos os compositores que viveram ali antes dela, atravessaram aquelas estradas e viraram o rosto para o mesmo sol. Séculos de música, suspensos no ar como calor. Ela nunca sonhara em morar no estrangeiro, mas há qualquer coisa na força atrativa daquela cidade que lhe pareceu certa quando tudo o mais ruiu.

Volta ao seu restaurante preferido a maior parte das noites, aquele que capta a luz do sol na orla da praça, com cascos de cavalos, bávaros e vinho a rodos à sua volta enquanto lê, bebe, escreve ou come. Há dias em que faz as quatro coisas.

Acima de tudo, dorme depois dos turnos que faz no bar e depois passa o final das manhãs nos cafés, com os seus livros e as suas partituras. Come *strudel* todos os dias. Descalça os sapatos no bairro dos museus e anda pela relva sem visitar qualquer exposição. Vai a tantos concertos que lhes perde a conta.

Telefona aos pais algumas vezes e a Marley com muita frequência. Até telefona a Simon, ocasionalmente, e conversam com naturalidade sobre as suas consultas de seguimento, os papéis do divórcio, as mães de ambos... E Rosie sente-se feliz por fazê-lo, mas ainda mais feliz quando desliga.

Agora, escreve em cadernos a sério.

E não nos pulsos ou em folhas soltas, ou em guardanapos que perde. Os poemas saem dela como folhas caídas, a voar para todo o lado, de tal forma que quase tem de persegui-los, apanhá-los com a sua caneta.

É uma espécie de magia que em tempos se obrigou a esquecer.

Tantas coisas esquecidas e encontradas.

Tanta coisa com que se preencher.

Até há um homem. Um homem lindo, de olhos escuros, que come azeitonas, e que tem menos uns anos do que ela, que serve à mesa, toca violino e não a beija à luz do dia. Bebem café, vão a concertos e depois voltam para casa de um dos dois e fundem-se

entre os lençóis numa mistura gratificante de sexo e fumo de cigarro impregnado no cabelo dele, na sua pele e nos seus dentes de trás, cheios de reentrâncias.

Ela diz que não quando ele lhe oferece um, a seguir.

Ele fuma na cama e são capazes de se beijar durante algum tempo, como se estivessem ambos esfomeados, mas sem se dar ao trabalho de comer. E depois ele veste-se e vai-se embora e podem passar vários dias ou uma semana até o fazerem de novo.

Ela dorme bem depois de ele se ir embora. Ou escreve sobre isso. O cheiro do cigarro. O queixo pontiagudo dele. Os carrilhões que esticam as cordas do seu ser e as mantêm no lugar.

*

Will diz a Rob para dar entrada da *Honda*, que há um espaço lá atrás, mas para ter cuidado.

Rob assente com a cabeça e Will vê no seu rosto jovem e não barbeado que ele tem vontade de replicar que tem sempre cuidado, que não é preciso dizer-lhe isso. Mas Will fá-lo, não consegue evitar. Agora, é o seu nome que está em jogo; o início de um negócio depende do passa-palavra e da reputação, e qualquer risco ou amolgadela podia ser o fim desta sua boa fase.

E acontece que ele se preocupa com isso.

Regista os dados do cliente e prepara-se para seguir o rapaz até à oficina quando a porta se abre novamente e a sua irmã entra, alta, muito magra e com os tornozelos à mostra. Tem ar de quem podia trabalhar na sua garagem. Botas de cabedal e fato-macaco remendado, *jardineiras* diz-lhe ela mais tarde, quando ele faz um comentário. Óculos com lentes tão grossas que é um milagre ela conseguir ver.

– Amber. Olá.

– Estou a interromper-te?

– Não tenho clientes, agora.

– Isso não é bom, pois não?

– Já tive bastantes esta manhã. Queres ver os livros? Verificar as minhas finanças dos últimos doze meses?

– Isso não será necessário – diz ela, e agora está a olhar à sua volta, para o *stock* limitado que ele mantém, o óleo de motor, as velas de ignição, as lâmpadas e os cabos de travão e câmaras de ar.

– Não sei dizer o que são estas coisas – comenta ela, e ele diz-lhe que não precisa de saber. Ela também diz que há um cheiro estranho no ar.

– Deve ser dos gases de escape – diz ele.

– Queres trocar gasolina por *paninis*? – pergunta ela, e ele olha para o relógio, diz que está bem, para lhe dar apenas dois minutos.

Lá atrás, lava a massa lubrificante das mãos e diz a Rob para olhar pela oficina durante uma hora. O miúdo fita-o, aterrorizado, mas decidido a não o admitir, e Will gosta um bocadinho mais dele por isso.

Lá fora, o vento está fraco. Há nuvens estratificadas, como basalto.

– E então? Que tal é gerires o teu próprio negócio? – pergunta Amber, enquanto percorrem o caminho de gravilha em direção ao centro, com os sapatos a esmagar as pedrinhas.

– É bom – diz Will. – Atarefado.

– Deste-lhe o nome do avô – diz ela, e a sua voz é leve e espontânea.

Ele encolhe os ombros e diz que sim e isso é tudo o que precisam de dizer.

Ela também nunca questionou o facto de ele ter ficado em Norfolk, depois de terem vendido a casa da avó. Ele não teria sabido dizer-lhe porque lhe parecera ser a coisa certa, mesmo que ela tivesse perguntado. Talvez tivesse alguma coisa a ver com a proximidade do local onde os avós estavam sepultados. Onde ele se apercebera de que estavam as suas raízes, afinal, depois de pensar que não as tinha.

Encontram uma mesa no café da esquina e pedem sanduíches e chávenas de chá. Há antigos colegas que o cumprimentam pelo

nome e a empregada de mesa pisca-lhe o olho e traz-lhe *bacon* extra, à parte.

– Vais ficar gordo – diz-lhe Amber. – Já não tens dezoito anos.

– Trata de comer o teu pãozinho – replica, e ela assim faz e fala-lhe sobre o seu estágio e sobre o novo namorado, de que não está muito segura porque fala demasiado alto e bebe demasiada água.

– Sim, a hidratação torna qualquer um pouco atraente – diz Will.

– A sério? – diz ela, a olhar para ele.

Will ri-se, mas ela não. Está a limpar o creme da salada com a côdea do pão. Ele sente uma onda de ternura ou orgulho, ao vê-la fazer isso. Algo se eleva na cova do seu peito.

– Onde é que vais ficar? – pergunta-lhe ele, quando acabam de comer.

– Em tua casa.

– Certo. Teria sido bom avisares-me.

– Tinha umas folgas e pensei em ser espontânea. Porquê? Qual é o problema? Tens uma mulher lá em casa?

– Não há nenhuma mulher. Não há mulheres.

– Ótimo.

– Na verdade, é mesmo.

Pedem mais chá e escutam a conversa entre os dois homens que estão na mesa ao lado. Uma discussão sobre cavalos, números e sorte. Ambos olham muitas vezes pela janela, em vez de olharem um para o outro. O mar parece ardósia, visto através da janela. Há gaivotas pousadas na muralha do porto, sardónicas e em estado de alerta.

– É estranho não ter a casa da avó para ficar – comenta Amber. Está a manusear um quadrado de açúcar enquanto fala, segurando-o entre os dedos.

– Demasiado estranho?

– Não. Obviamente, é bom ter o dinheiro.

– Já sabes o que vais fazer com a tua parte?

Ela franze os lábios num «não sei». Diz que acha que vai comprar um apartamento, quando souber onde o seu estágio a irá levar. Ou talvez pô-lo numa conta com um bom juro.

– Eh lá, não faças nenhuma loucura! – diz ele, embora ela não perceba a piada.

Amber põe o quadrado de açúcar no chá e diz que não sabe por que razão o fez, pois detesta chá doce, por isso ele troca de chávena com ela, jurando que ainda não lhe tinha tocado.

Amber fica durante o fim de semana, embora ele mal a veja porque está a trabalhar. A garagem está finalmente a atingir o limiar de rendibilidade e ele tem trabalhado mais do que nunca. Sabe muito bem que é uma distração como o álcool, ou correr, ou andar de mota tão depressa que quase se despista nas curvas mais fechadas. Mas não é perigosa, desta vez. É uma solução duradoura. E é só isso que quer para si, agora: alguma coisa constante.

Encomendam comida ao domicílio e ficam acordados até tarde, a conversar, porque é o que fazem quando se veem agora e, depois de duas noites disso, já falaram tudo o que tinham para falar e ela segue o seu caminho académico, mal se falando durante semanas, até ela voltar a aparecer com as suas novidades, os seus olhos atentos e as suas perguntas irritantemente pertinentes. Ele vê a avó nela, e isso é simultaneamente agradável e estranho. Ela não é o tipo de mulher que faria tatuagens de elefantes, o tipo de mulher que se iria embora.

– Descobriste aquilo de que gostas – comenta Amber antes de partir, e ele encolhe os ombros e diz que talvez sim.

Estão sentados no carro dele, com a chuva a bater no para-brisas como cuspo.

- Pareces bem – diz ela. – Melhor.
- Continuo a tomar os antidepressivos.
- Eu sei. E mantenho o que disse.

Ele acena com a cabeça, diz que está melhor, e ela sai junto à estação de comboio, e ele fica a vê-la ir embora, perguntando-se se aquilo será o melhor que conseguem e, se for, não faz mal, por ele tudo bem. É melhor do que muita coisa.

Ele tinha dito a verdade em relação às mulheres.

Não há nenhuma.

Descobriu que não as queria, da mesma forma, depois das queimaduras de fricção e dos ovos mexidos. Depois de fazer o papel de bom rapaz, com a quimioterapia, a preparação de sanduíches e a conversa fiada. Alguns tipos no *pub* gostam de se meter com ele por estar a ficar mole, abichanado, ou por ir morrer sozinho numa casa cheia de gatos.

– Eu não gosto de gatos. – É tudo o que diz, bebendo a sua única cerveja ou a sua água com gás e uma rodela de lima barata e demasiado velha. Tão azeda e efervescente, assentando apenas quando ele engole.

– E não digam «abichanado». É extremamente ofensivo.

E eles reagem com exclamações, e ele deixa-os.

Cozinha ainda mais agora, como se estivesse a acumular comida para o inverno ou para o fim da humanidade. Refeições de custo reduzido, sobretudo guisados, com um fio de azeite e pimento assado. Arroz integral. Ervas aromáticas. Café encorpado que ele mói à mão e bebe de manhã e à noite e, provavelmente, dorme pior por isso, mas não tão mal que tenha importância.

E nada. Todos os dias, no mar. É bom para os seus músculos tensos e pode dar voltas nas águas baixas antes ou depois do trabalho, é gratuito e fá-lo sentir-se forte e temerário e parte de algo maior do que a pequena cidade costeira que nunca deixou.

Sempre fez tenção de deixar.

Algures pelo caminho, aconteceram coisas, ou não aconteceram.

Por isso, nada e trabalha e as coisas são como são.

*

Às vezes, pensa nela.

Rosie Winters. A rapariga que perdeu, por várias vezes, por várias boas razões.

Ela aparece em momentos que, aparentemente, não têm nada a ver com ela. Quando ele está a empurrar o carrinho no corredor do supermercado e vê uma lustrosa torre de maçãs, vermelhas e

maduras. Quando está a deitar leite numa caçarola ou ouve o tom de uma determinada nota numa música que está a passar na rádio.

Vê a mãe dela uma vez, a partir do parque de estacionamento, no porto.

Ela está na fila para o talho e não o vê; Will fica no lugar do condutor durante algum tempo e espera que ela se vá embora. Está ao telefone, com a mala debaixo do braço. Está igual, apenas mais velha. De longe, ele imagina que as rugas de expressão estejam mais acentuadas.

Pergunta-se se ela o conheceria, caso saísse do carro. Se o ódio no seu olhar se teria desvanecido, nem que fosse um bocadinho.

Fica sentado no carro e observa-a enquanto espera, com o seu rosto duro. Como um cotovelo, todo bicos e arestas. Não é a primeira vez que se interroga sobre como é que uma mulher assim pode ter criado dois filhos como Rosie e Josh, mas depois pensa na sua avó e na sua própria mãe, e nas sementes por nascer de sobrinhas e sobrinhos e filhos e filhas que pode não conhecer ainda, e livra-se do nó que sente nas entranhas enquanto a vê entrar no estabelecimento, apontar com as suas longas unhas, e o homem do talho a acenar com a cabeça, a tirar qualquer coisa do balcão frigorífico e a embalar-lha cuidadosamente com as suas mãos enluvadas.

*

Uma noite, Rosie acaba de tocar com o restaurante quase vazio e os empregados a levarem os copos de volta à cozinha, segurando os pratos nas dobras dos braços. O espaço cintila como se fosse Natal, embora o inverno esteja a chegar ao fim. Luzinhas douradas e restos de vinho, todas as *flutes* de cristal e espelhos. Aprecia a cena por um instante. Em seguida, fecha a tampa do piano e está a recolher a partitura quando sente, mais do que vê, alguém a aproximar-se.

– A senhora toca tão bem – diz uma jovem ao seu lado.

Tem cabelo preto e comprido e ombros quadrados. Uma boca grande, sincera e séria.

Rosie sorri e agradece. Não sabe o que fazer mais; nunca ninguém a abordou em todos os meses desde que toca ali. O seu trabalho é tocar serenatas, entreter os clientes, enquanto o vinho jorra, a comida é saboreada e o burburinho das conversas tem os seus altos e baixos. Mas o seu turno acabou. Por isso, encara aquela mulher atenta, vestida de preto. Sem maquilhagem. Um minúsculo sinal, na face.

Rosie há de recordar isso nela.

– Estou a escrever a minha tese sobre a última música que tocou – diz a mulher.

O seu inglês é algo pomposo; Rosie desconfia de que não é a sua primeira língua, e o alemão também não. Deve estar a estudar aqui, pensa. Tem aspeto disso. Curiosa e esperançada, e sedenta de coisas que ainda estão ao seu alcance; Rosie conhecera essa sensação, há muito tempo.

Está a pensar isto no preciso momento em que a mulher lhe pergunta de quem é o arranjo que está a tocar. Rosie sente-se enrubescer.

– Oh! Não é de ninguém. É a minha versão, simplesmente.

A mulher pestaneja.

– Também está a estudar? – pergunta-lhe, mas Rosie abana a cabeça.

– Apenas a trabalhar – diz.

– Já estudou, antes?

– Sim, mas não Música.

A mulher acena com a cabeça.

– Devia pensar nisso – diz.

Rosie sorri-lhe novamente e falam um bocadinho sobre o arranjo; Rosie mostra-lhe a partitura a seu pedido, diz-lhe que pode ficar com aquela se quiser, que tem muitas cópias.

A mulher toca-lhe no ombro em sinal de agradecimento, sai do bar com a música de Rosie e mais tarde, nessa noite, Rosie descobre que não consegue dormir. Senta-se na cama, com as janelas abertas e o telefone no colo, e pensa em como já passou

tantas vezes pela escola. A maior universidade de música do mundo, com a sua alvenaria ocre e portas em arco, com o Schlosstheater mesmo em frente.

Mozart tocou ali.

Tinha percorrido aquelas ruas, cantado, tocado e ensinado piano naquela cidade.

E Rosie tinha chegado ali, a pensar que lhe bastava estar perto de toda aquela tradição e História e deambular pelo meio daquilo tudo. Ir a concertos, escrever fragmentos das suas próprias canções, tocar música clássica pela noite dentro.

No entanto, não tinha contado com os estudantes. Os melhores músicos de todo o mundo juntavam-se ali, com uma abertura e uma visão e um lugar na academia de música. São os seus pares de há muito, ela sabe disso. As pessoas que nunca conheceu; a pessoa que ela talvez tenha perdido o ensejo de ser.

Sentia algo que interpretava como tristeza de cada vez que os via, mas sabe agora que estava enganada. Não é melancolia, mas sim um anseio. Aquela atração profunda e silenciosa que sentira desde criança, quando o pai a sentara ao piano e lhe mostrara que podia criar sons com as próprias mãos, uma magia igual à música que ouvira noutros lugares: nas ondas do mar, nas folhas das florestas, nos passos leves do irmão na escada.

Por isso, naquela noite, depois da mulher com o sinal e o cabelo preto, Rosie inteira-se o mais que pode sobre o que sempre quis. Lê sobre a instituição que consegue ver da sua janela. Devora as descrições de dois cursos em particular, anota os nomes dos professores, tira apontamentos sobre os exames de ingresso e sente um calor dentro dela, como que um insuflar, com todas as suas moléculas a saltar, a disparar e a colidir, mesmo quando o céu começa a clarear.

Ainda tem o vestido da noite anterior.

Veste um casaco, agarra no seu caderno e nas canetas, fecha o apartamento à chave e dirige-se ao seu lugar favorito na cidade.

É um trajeto de cinquenta minutos a pé e, quando chega, lembra-se de que o *Leuchtturm* não é propriamente bonito. Uma escada de ferro enrolada à sua volta, turistas a mirá-lo e a ampliar a imagem com os seus telefones e as suas câmaras de mão em miniatura. Flashes brancos, conversas estrangeiras. Há um círculo de relva e um banco ali perto que está vago, mas Rosie instala-se no chão e senta-se de costas contra a parede. Assim, consegue ver a água.

Fica ali sentada, a observar, e espera.

Há de conseguir, tem a certeza.

Se tiver a tranquilidade e a paciência suficientes.

Prepara-se. Toca à noite no piano-bar com uma determinação nova ou renovada, como se tivesse algo a provar ou talvez outro lugar onde estar.

É como se tivesse dores de crescimento nas mãos e pés.

Está a pensar em como pôr isto por palavras quando Simon lhe liga, uma noite, uma hora antes de ela ter de estar no piano-bar. Ela põe-no em alta-voz, para poder continuar a aplicar o *eyeliner* enquanto ele fala, olhando-se no espelho de uma forma que sempre evitara até há pouco tempo.

Cumprimentam-se e depois Simon vai direto ao assunto. Diz que encontrou algumas joias dela numa gaveta e quer saber se ela as quer de volta.

Rosie pede-lhe que as descreva e acabam por chegar à conclusão de que, afinal, não são dela.

– Bem, isto é constrangedor – diz Simon pelo telefone. – Devem ser de... outra pessoa, suponho.

– Uma das mulheres com quem dormiste enquanto estávamos separados, queres tu dizer – replica Rosie.

– Sim.

– Não me importo, Si.

– Claro que não. Porque haverias de te importar, considerando o que tu própria andavas a fazer?

Rosie respira fundo e ouve-o suspirar. Ele pede desculpa e ela pousa o *eyeliner* e diz que não tem importância. É isto que fazem,

agora; tentam manter uma relação agradável, tentam algo a meio caminho da amizade, mas acabam por se magoar mutuamente com comentários duros ou alfinetadas ocasionais, trilhando uma linha que nenhum dos dois sabe como percorrer.

– Achas que devíamos...? – começa Rosie.

Ela não precisa de concluir a frase; não precisa de expressar a ideia de que deveriam deixar de se falar, agora que o divórcio está concluído. Que é melhor e mais inteligente, embora dê a sensação de que estão a desistir. A enganar-se um ao outro, de alguma forma. Outra vez.

– Sim – admite Simon. – Acho.

Segue-se um silêncio triste e tardio entre os dois.

– De qualquer forma, estou a pensar ficar em Viena – diz-lhe Rosie, como se isso facilitasse as coisas para ambos.

– Ah, é? Como assim?

– Quero estudar Música. E este é o melhor lugar para o fazer.

– Hum-hum. Faz sentido.

Ela não reage, de início, mas ele fica calado durante tanto tempo que acaba por lhe perguntar:

– O quê?

– Tu quereres o melhor.

Rosie solta a respiração, sem saber que a tinha estado a suster.

– É um elogio, Rosie – diz-lhe Simon, mas, depois de se despedirem pela última vez, ela não tem assim tanta certeza de que o seja.

*

Will corre a maratona de Norfolk, um dia. Assim do nada.

Embora não seja propriamente do nada, porque tem treinado a vida inteira, sem saber, e está em forma e forte ao fim de anos de caminhada e corrida, e da natação diária que passou a adorar.

A  gua a cortar-lhe a pele.

Ali, todos os dias, sem falha.

Mas está no *pub* quando alguém lhe diz que desistiu da maratona porque se lesionou e, quando dá por si, já concordou em correr no seu lugar. Na manhã seguinte, lá está ele, com os velhos ténis de corrida e de calções, a amaldiçoar-se por não ter comido convenientemente na noite anterior: nem reforço de hidratos, nem carnes magras, nem nada daquilo de que os outros corredores estão a falar. Mas pensa: «Que se lixe!» De qualquer forma, nunca comeu nada a não ser o que lhe apetecia. A buzina soa para dar início à corrida e começam todos a mexer-se, em onda, uma grande vaga de *nylon* e barrigas de pernas.

Nada importa, quando corre.

E assim continua a ser, ao fim deste tempo todo.

Esquece-se de que não comeu como devia ser e que detesta correr ao lado de outras pessoas e limita-se a seguir o trajeto ao longo da costa, de Sea Palling até Sheringham, pelas estradas abertas, escutando a sua respiração, como sempre, sem música, sem interrupções e sem olhar para o relógio. As suas pernas em contacto com a terra.

Está habituado a correr trinta quilómetros a maior parte dos fins de semana, mas os últimos doze quase o matam. Pensa mesmo isso, a dada altura, quando bate no famoso «muro». Pode acabar assim. Sente que é capaz de se afogar sob o seu próprio peso, sob a impossibilidade do próximo passo, mas este acaba por continuar a sair-lhe, de alguma forma, porque ele não vai desistir, porque há alguém à sua frente e atrás dele. Desconhecidos a incitá-lo a continuar, embora não saibam absolutamente nada sobre ele.

Por isso, vai continuando.

Quando termina, ensopado em suor, com dores em todo o corpo e a sentir-se fantástico, grita bem alto com os outros corredores, dá-lhes palmadinhas nas costas e pensa de repente que, de todas as pessoas que há por baixo e por cima do céu azul e limpo, era a avó quem ele gostava de ter ali.

Recebe uma medalha ridícula pendurada numa ridícula fita às riscas.

Quando chega a casa, coloca-a em cima da bancada da cozinha e toma um duche antes de ir fazer o jantar: uma gigantesca tigela de *pappardelle* fresco, com o rádio por companhia. Depois de comer, põe a louça na máquina e põe a água a correr para um banho, apesar de já ter tomado duche. Doem-lhe as pernas e os abdominais, de uma forma quase agradável. Tudo o que quer é deitar-se, fechar os olhos e mergulhar os músculos em água quente.

Deita uma lata de *Coca-Cola* num copo e prepara-se para ir para a casa de banho quando a medalha lhe chama a atenção.

Um pequeno sobressalto.

Saber o que fazer com ela.

A avó guardava tudo, é claro: os desenhos de carros e motos que ele fazia em criança; os diplomas da natação de Amber; os boletins escolares de ambos; o humidificador dos charutos do av ; as pulseiras hospitalares da sua própria quimioterapia. Os livros que lia. Fotografias e cartas. Pedac os de vida, e não apenas da sua; as coisas que constituíam todo o seu mundo. Um hábito sentimental e estúpido. Ela teria sido a primeira a dizer isso.

Will agarra na medalha e sente o peso dela na mão. Consegue ouvir o banho a correr, a água a subir de nível na outra divisão. Vai até   prateleira junto ao televisor e dirige-se   única fotografia emoldurada que possui.

Na realidade, não sabe nada sobre ela, onde foi tirada ou por quem, e como veio parar  s mãos dele. São os avós, quando jovens, antes de terem filhos, num barco, com varandins brancos e um corpo de água atrás deles. A av  está a sorrir, a ajustar o chapéu ao av  com ele ao seu lado, os olhos parcialmente fechados em sinal de gratidão.

Will olha para os dois e em seguida encosta a medalha   moldura.

Sentimental e estúpido, ele sabe.

Os meses passam, como tendem a fazer. Ele levanta-se todas as manhãs e corre até ao mar, nada, e depois corre até casa, toma um duche e faz um café forte num termo que vai bebendo a

caminho da garagem. Repara motas, encomenda peças novas e graceja com Rob e Ryan, o novo mecânico que contratou para fazer face ao volume de trabalho.

Às vezes, enquanto fecha a garagem e baixa as persianas, pensa que, se a sua vida for só aquilo, aceita de bom grado.

Considera a possibilidade de arranjar um cão.

Talvez um galgo que já tenha abandonado a competição, assim podia correr com ele na praia.

De vez em quando, espreita os voos, interrogando-se sobre se irá finalmente fazer todas as coisas que pensava querer, mas agora tem o seu próprio negócio e seria difícil deixá-lo. Além disso, Amber talvez possa precisar dele, embora nunca tenha precisado até agora, e vai elaborando uma longa lista de desculpas que o fazem sentir-se velho e responsável.

Para ser sincero, é porque gosta daquilo.

A rotina ou a calma significam que não sente a sua dor no coração há imenso tempo. Não sabe exatamente o que a fez desaparecer. Talvez anos de medicação. Ou o exercício, ou o facto de viver sozinho, sem uma mulher, ou de ter feito as pazes com as coisas que fez e com as pessoas que se foram embora e a forma como o Sol continua a nascer, apesar de tudo.

Sente a falta de algumas coisas.

De algumas pessoas.

Mas sabe que as coisas são mesmo assim, e prefere o equilíbrio, o repouso, a vida calma e mundana, e isso é tudo aquilo de que parece precisar.

E de boa manteiga, é claro. De café decente. Foi criado por uma mulher com prioridades.

*

Dias diferentes, agora. Litorais separados, fatias diferentes do mesmo céu, mas o mesmo café da manhã e as mesmas refeições à noite, pão torrado quando fica duro. Barrado com manteiga e um bocadinho de compota. Creme hidratante para as mãos de ambos.

Para as dela de manhã e à noite e para as dele porque são mais velhas e ásperas, como couro, devido à garagem, ferramentas e massa lubrificante.

Há coisas que têm algum significado, como amigos, gargalhadas e nutrição, e outras que acontecem simplesmente, porque isso é viver sem tragédia, guiados pela rotina, de forma mais ponderada. Duches, axilas depiladas. Pianos e motores. O que ele restaurou e que guardou na cave, porque não sabia o que fazer com ele. Pensam nesse piano, às vezes. Uma vez até na mesma ocasião, quando ouvem uma canção de que gostavam durante os créditos de um filme que estão ambos a ver, e isso deixa-os aconchegados, meio tristes e pensativos.

Mas são eles próprios. Cheios de espaços que não precisam de ser preenchidos, marcas no colchão e nos tapetes das casas em que já não moram, singrando nos caminhos que escolheram.

Will pensa isto para consigo enquanto fecha a garagem, uma noite, e espera que Rosie também esteja a pensar o mesmo, a sentir o mesmo, naquele período de não-tempo de que falara uma vez, imediatamente antes de jantar e depois da escola ou trabalho, em que não se podia fazer nada de concreto.

Mas quem é que fala assim?, pensa ele a caminho da loja. Compra algum leite no caminho para casa.

*

E depois, no final do verão, chega novamente aquele dia, sem que ninguém dê por isso, mas que ele sente profundamente, como um ferimento de guerra, assim que acorda.

Está agora mais perto dos quarenta do que dos dezoito e faz uma contagem regressiva, como todos os anos. Não para saber as velas que ganhou, mas sim os anos que Josh perdeu.

Pensa no que Josh poderia ter sido, enquanto mói o café junto ao lava-louça.

Em como seria a vida com ele nela.

Curiosamente, descobre que pensa nele como um homem de trinta e tal anos, tal como ele, como se o seu fantasma tivesse envelhecido ao seu lado. Pernas compridas, cabelo grisalho. Menos ressaltos, mais uma lenta consciência dos seus movimentos; rugas perto dos olhos, mãos a passar lentamente pelas paredes de pedra da sua terra natal.

Mas não estaria em Norfolk.

Bristol. Berlim. Talvez Los Angeles. Um sítio algures com cor, conversas e música ao vivo; centros tecnológicos, com escorregas, piscinas de bolas e cápsulas de sono.

Continuaria a rabiscar estrelas enquanto trabalhava. Continuaria curioso em relação a tudo.

Will bebe o seu café, falha a natação, e depois trabalha durante todo o dia, como sempre. Sem postais de aniversário, sem bolo, sem mensagens de ninguém a não ser da irmã e, mesmo assim, ele não lhe responde. Repara motas, atende clientes e ensina Rob a verificar a pressão dos pneus. Depois, fecha a oficina e vai até à marginal, para desfrutar de uma dose de peixe e batatas fritas e de um cigarro. É a única coisa que se permite, neste dia.

Pensa na morte durante algum tempo. Um pensamento abstrato e desprovido de drama, como uma gaivota a voar baixinho; sente curiosidade em saber qual será a sensação e onde a pessoa irá parar.

E embora se sinta bastante bem, ultimamente, há uma sensação que não consegue eliminar com a medicação, nem com a natação diária ou os aniversários não comemorados. Descobriu que é verdade o que as pessoas dizem: que o tempo cura. Mas também descobriu que não consegue apagar a memória dos músculos. O peso daquele horror, a funda tristeza no seu peito. Por isso, fuma o seu cigarro, digere o filete frito encharcado em vinagre e está a chafurdar no puro prazer e aversão daquilo tudo quando o seu telefone começa a tocar.

Quando atende, continua a comer as suas batatas fritas, porque isso parece ser a única coisa que consegue fazer.

– Sou eu – diz ela, por fim.

– És tu – diz ele.

Will olha para a linha da costa, para as ondas que rebentam e recuam. As batatas fritas estão quentes através do papel e consegue sentir o sabor a óleo e a sal, a gordura esbranquiçada do papel de jornal.

– Eu... sei que não devia fazer isto – diz ela.

Will não fala. A batata deita fumo na sua boca.

– Mas há aqui um farol em Viena. Vou até lá quando preciso de pensar ou escrever. Tenho um fraquinho por faróis, suponho.

– Andas a escrever?

– Sim. Mais ou menos.

– Como é que se escreve alguma coisa mais ou menos?

– Bem, não sei se o que escrevo presta para alguma coisa.

– Continua a ser escrita.

– Pois.

– O que andas a escrever?

– Canções, sobretudo. Hum... queres ouvir um bocadinho?

Ele ouve a pergunta enquanto está a olhar para a água e depois embrulha as batatas que restam no papel e atira-as para o caixote mais próximo antes de descer os degraus até à praia.

– Sou todo ouvidos – diz ele.

Ela fica calada durante um bocadinho. Ele caminha pela areia, é uma noite sem vento, e espera por ela com o coração demasiado grande para o seu peito. Fragmentos de concha sob os seus pés. Seixos, madeira trazida pelo mar, corda.

– Isto é estranho – diz ela.

– Já te recusaste a fazê-lo, uma vez.

– Isso foi há muito tempo – diz ela, e faz uma pausa. – E, no fim de contas, é o teu aniversário.

Depois, ele dirige-se para o farol e conversam.

A luz está a desaparecer. Uns raios a espreitar debaixo da nuvem, gaivotas a voar no horizonte. Uma viagem tão longa para uma hora tão tardia, pensa Will enquanto ela lhe fala sobre o seu piano, e sobre um homem que se senta todos os dias, com o seu charuto e o seu café, ao canto de um restaurante qualquer, e de

como enverga um casaco de peles e não dirige a palavra a ninguém. Fala-lhe de como tentou adivinhar o nome dele.

Também fala sobre os sons arredondados do alemão da Baviera, sobre as calçadas, a iluminação pública, a carne. Ele fala-lhe sobre a sua garagem, quando ela lhe pergunta, embora não se alongue muito, pois prefere que ela continue a falar.

Mas, com alguma persuasão, Will descobre que quer mesmo partilhar coisas com ela. Contar sobre as reuniões a que vai, sobre as suas sessões de natação e sobre a forma como as coisas parecem suficientes, mas não são.

Quer ir ao âmago de si mesmo, lançar o seu telefone às ondas e pressioná-lo com tanta força na parte lateral do crânio que até dói. Aquela linha entre alegria e fúria continua a existir para ele, tão real quanto a respiração ou os ossos.

Continua a andar. Ela está agora a falar sobre Mozart e carruagens puxadas por cavalos e beber o seu café com natas.

O céu está amarelo e pálido, uma faixa de ocaso que encontra uma muralha de nuvens, como o postal com uma pintura de Rothko que a avó mantinha afixado no frigorífico. Dá a sensação de que é capaz de vir por aí uma tempestade, mais tarde. Ele aproxima-se do farol enquanto Rosie fala e continua como sempre foi, alto e branco contra o lusco-fusco. Tudo cheira a terra e a sal, a areia molhada, estranhamente doce. Mas há algo que lhe parece substancialmente diferente, como acontece em algumas noites: a da fogueira ao ar livre, a da queda, a noite em que a sua mãe se foi embora, em que a sua avó morreu ou em que ele despejou toda a vodka pelo cano abaixo.

E ele sabe porquê, mesmo antes de a ver.

Will sente o seu coração arribar, sem um verdadeiro motivo, e depois ali está ela, sentada nos degraus, com o gradeamento a separá-la do mar.

É Rosie. Ele sabe disso, mesmo a alguma distância, pela forma como as suas pernas estão dobradas. Os contornos das suas feições, as protuberâncias de elfo entre o cabelo. Ele pára e observa-a enquanto ela se preocupa com o seu silêncio. Um momento, dois. Depois, ela pressente a sua presença, levanta os

olhos e ficam a olhar um para o outro durante algum tempo, com os telefones ainda encostados ao ouvido.

Olhos brilhantes. Corações descompassados.

– Estás aqui – diz ela pelo telefone.

– Quem mora aqui sou eu – replica ele. – Pensava que estavas no estrangeiro...

– E estava.

Ele desliga e aproxima-se, mas devagar, como se aquilo pudesse ter consequências para as quais não está preparado: desfazer a aparência de calma que construiu; expor o seu íntimo; não conseguir saciar a sede que tem dela e de tudo o que não possui.

Ela parece mais magra, outra vez, o rosto maduro e abatido. Mais sardas, devido ao sol europeu; íris vivas e azuis, apesar das noites. Pensa nela a beber café e a escrever canções junto ao seu próprio farol e volta a sentir o mesmo orgulho, aquele intumescer de algo tão bom que dói.

Rosie pousa o telefone.

– Olá! – diz ela, como que para começar de novo.

– Viva!

– Eu, hum... já não estou em Viena.

– Isso vejo eu. Vieste visitar os teus pais?

– Não. Não, eles não sabem que estou aqui.

Ele acena com a cabeça e enfia as mãos nos bolsos, à espera. Ela parece nervosa. Não pára de mexer no cabelo, como que para segurá-lo atrás da orelha, apesar de ele já estar no lugar.

– Eis o que se passa – diz ela. – Decidi que queria ir estudar Música. Mas não para uma escola de Música qualquer, e sim para a escola de Música.

– Está bem. E que escola é essa?

– A MDW.

– Em Viena?

– Já ouviste falar nela?

– Vi a brochura que tinhas na prateleira, uma vez – diz Will.

Não lhe diz que andava a espreitar entre as coisas dela durante a sua ausência e enquanto Simon estava na cama, e que não lhe

tinha passado despercebido o facto de estar enfiada na partitura que nunca deitara fora. Nem que a tinha tirado de lá e visto que ela dobrara os cantos das páginas referentes a estudos de voz, piano e composição. E que, durante um longo momento de rebeldia, tinha pensado em deixá-la de fora, sobre a mesa de centro.

Rosie acena com a cabeça, como se fosse completamente normal ele ter reparado em algo tão íntimo. Tão escondido.

– Bem, candidatei-me – diz. – E não esperava entrar.

– Mas entraste – diz Will.

– Sim. Recebi o *email* esta manhã.

Ele sente algo mudar dentro dele; um vento leve, que mal se nota, a mudar de direção.

– Isso é fenomenal, Roe! É realmente fantástico!

– Obrigada. É mesmo.

Fitam-se mutuamente.

– Mas recusei.

Ela não desvia os olhos do rosto dele, ao dizer isto. As mãos dela no colo, as dele nos bolsos. As silhuetas de ambos, negro-azuladas, recortadas sobre a nuvem ardente.

– Porquê? – pergunta-lhe Will, ao fim de muito tempo.

– Isso teria significado mais alguns anos em Viena.

– Não gostas de lá estar?

– Oh, meu Deus! Adoro. É um lugar tão distinto, com tanta magia e História em todas as paredes de cada edifício. Até os postes de iluminação são bonitos. Acho que irias gostar.

– Tenho a certeza.

– Mas... já não quero morar lá.

Um pulsar entre os dois. O apelo do mar.

Ele tira as mãos dos bolsos e senta-se ao lado dela. Vê os sinais de desgaste nos sapatos dela, por ter calcorreado as ruas, descido degraus de ferro, atravessado pontes cujos nomes ele desconhece.

Consegue sentir o cheiro do seu champô.

As maçãs.

Lembra-se da primeira vez que a viu sair do duche, com o cabelo comprido e encharcado. Agora, está seco e já lhe dá por baixo dos ombros.

– Eis o que se passa – começa ela, e ele fica à espera. – Tem sido maravilhoso – diz ela devagarinho, como se tivesse medo de formar as palavras. – Absolutamente tudo: a música, a liberdade, o tempo sozinha. Mas tu não estás lá.

Will não se atreve a olhar para ela. Continua de olhos postos em frente, no sol.

– Eu não devia ter ido embora. Quando as coisas terminaram de vez com o Simon, devia ter ficado e lutado por ti. Mas acreditei realmente naquilo que disseste.

– O que foi que eu disse?

– Que eu precisava de perceber o que queria. Mas, hoje, quando recebi aquela carta de admissão, percebi... que já sabia.

Ele sente o coração animar-se, a pulsação vibrar como o vento nos pinheiros. Rosie entrelaça as mãos à volta do corpo e pousa o queixo nos joelhos. Trinta e poucos anos e continua a parecer tão jovem. Will pergunta-se como ela o verá. Sente-se tão mais velho. É curioso, pensou tantas vezes sobre a morte, mas nunca sobre o envelhecimento.

– Eu não espero nada – diz ela. – Não depois de tudo o que fiz, disse ou não fiz. Mas estou aqui, se me quiseres. Não vou a lado nenhum. Não preciso da melhor escola de Música do mundo. Já não quero tentar alcançar coisas que me sugam a vida; quero coisas que me preencham, e não quero saber quais são elas, desde que tu estejas lá e eu esteja lá contigo. Quero fazer-te o pequeno-almoço, Will. Encontrar-me contigo em casa todos os dias e partilhar as chaves do carro e a pasta de dentes e surpreender-te com velas de aniversário.

Nessa altura, ela vira a cabeça para ele e a sua expressão é suave e sincera. Ele conhece aquela expressão. Já a viu antes. Enquanto partilhavam macarrão e numa tenda onde estava um calor sufocante. Bilhetes comprados, escadas subidas e portas destrancadas debaixo de chuva.

– Pasta de dentes – repete ele.

– Do sabor que quiseres – garante ela.

Está a brincar, a tentar suavizar a estranheza do momento, mas ele nem sequer consegue pensar em rir.

– Devias ir para a escola de Música.

– E vou. Só que não é em Viena.

Ele acena uma vez com a cabeça e combate a ânsia de lhe tocar. Na mão, no rosto, nos pulsos esguios e sardentos.

Nunca mais, prometera a si próprio. Nunca mais lhe tocaria nem se aproximaria dela, pois o seu coração poderia não aguentar.

Mas agora ela está ali, ao lado dele, e o nunca já foi quebrado.

– Estou sempre a pensar em ti, Will. E sei que não mereço fazê-lo. Sei que tivemos a nossa oportunidade e que dei cabo de tudo. Mais do que uma vez. Mas quem me dera ter parado por um maldito segundo e percebido que estava a tentar fazer o que era certo para os outros e que isso, só por si, já tornava tudo errado, sabes?

E Will sabe. Mas ouve aquelas coisas como se estivesse a dormir e estivessem a tentar despertá-lo. Como que arrastado pela corrente.

– Eu sei que dá a sensação de que nunca te escolhi, quando a única coisa que *queria* era escolher-te. E lamento nunca to ter dito. Mesmo que fiquemos apenas amigos, tudo bem, creio eu, mas queria ser capaz de dizê-lo. Só consigo pensar nisso, agora; que tu és mais importante para mim do que qualquer outra coisa. E que nunca to disse, sequer.

Outro pulsar; outra onda a rebentar na praia.

– Dei cabo da nossa oportunidade – diz ela de novo.

Continuam sentados junto ao farol, ele e Roe. A rapariga com aquela voz, a rapariga que escutava e que tinha conseguido entrar nele sem tentar fazê-lo.

As mãos dele estão frias, sobre o cimento.

– Eu não acredito em oportunidades, Roe. Pensava que sabias isso sobre mim.

Nessa altura, ela liberta-se do seu próprio amplexo e vira-se para ele. Os seus olhos são de um azul profundo e ele acha que nunca lhe disse como são lindos. Nunca disse as coisas que devia ter dito, nem lhe perguntou as coisas que precisava de saber.

– Há apenas o que acontece – diz-lhe ele. – O que é e o que não é.

Ao dizer isto, vê o rosto dela encher-se com tudo o que não ousara procurar: certeza, e algo mais, aquela palavra de quatro letras que ele sentira, desejara e guardara, e ela estica os braços e toca-lhe na lapela do casaco com as suas mãos esguias de pianista.

– E então? O que acontece? – pergunta-lhe ela.

– O que achas que acontece? – pergunta ele por sua vez, embora já saiba a sua resposta, agora, enquanto o mar se espraia diante deles e os gansos grasnam sobre as árvores. Talvez de volta a casa ou a levantar voo de campos próximos, duas coisas que são uma só, se parar por um segundo para pensar nisso.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha fantástica agente, Ariella Feiner, por ter arriscado em mim e neste romance. Obrigada, Ariella, por acreditar em mim e por me teres aconselhado de forma tão genial, mas acima de tudo por teres confiado em mim para escrever este livro. Obrigada também a todas as outras pessoas da United Agents: a Molly Jamieson, pela sua grande perspicácia em relação à primeira versão, e aos maravilhosos Amy, Amber, Yas, Eleanor, Lucy, Jane, Alex e Anna.

Agradeço aos meus editores irrepreensíveis: a Clio Cornish, a minha alma gémea na Michael Joseph, pela carta que mudou tudo e por compreender de imediato o tipo de história que eu queria contar. A Pam Dorman, pelo seu olhar rigoroso e pela sabedoria tão necessária, e a Jeramie Orton, pelo carinho constante, curiosidade e notas organizadas.

Agradeço a todas as pessoas incríveis da Penguin Random House, tanto no Reino Unido como nos EUA. A Shân, pela sua paciência e diligência. Agradeço igualmente a todos os meus editores internacionais que quiseram partilhar Will e Rosie com o mundo. Ficarei eternamente comovida, surpreendida e encantada.

Obrigada a Richard Skinner e ao meu grupo de escrita pré-pandemia, por todo o *feedback* sobre um projeto prévio que permitiu que este romance pudesse ganhar forma. Um agradecimento especial a Gaurav e a Kathryn pela sua bondade, amizade e apoio para lá da sala de aula da Faber Academy, e a Tamar, por tudo isto e mais ainda.

Agradeço também aos primeiros leitores, que me incentivaram a continuar: Justin Coombes, Kirsten Norrie, Jason Gaiger, Georgia Stephenson, Savannah McGowan, Georgia Taylor, Flic Box, Rebecca Hilsdon e Emily Griffin, entre outros. Um enorme obrigada

ao falecido Brian Catling, que me deu permissão para sonhar alto e escrever de forma arrojada, e a Liesel Thomas, que lia muito, chorava muito, e dava opiniões ponderadas sobre romances que não chegaram a ver a luz do dia.

Muito obrigada a todos quantos responderam às minhas perguntas: Kelly Degaute, por aprofundar as especificidades do linfoma de Hodgkin; Ollie Henson, por partilhar as suas experiências na equipa de Salvamento em Montanha; e Bella Chipperfield e seu pai, pelas suas observações sobre música, mas também sobre a arte de tornear madeira e restaurar pianos.

Não consigo expressar a gratidão que sinto por Emma (Lane) Green, por todo o seu amor, ânimo e lágrimas de felicidade, e por Jessica Lockyer-Palmer, pela sua tutoria e incentivo inabalável. Estou infinitamente grata ao meu irmão, que sempre acreditou em mim.

Agradeço também aos meus pais. Ao meu pai, pelo seu conhecimento pormenorizado de motas e pelas muitas horas que perdeu a contar histórias (em particular, os balões azuis). À minha mãe, pelas visitas às livrarias à meia-noite e por todas aquelas idas especiais à biblioteca. E a ambos pelas viagens de carro passadas a ouvir Danny.

Obrigada a Elizabeth Gilbert por cada palavra de júbilo em *Big Magic*.

A Kate, por tanta coisa.

E, por fim, quero agradecer ao meu marido. Pelo tempo e espaço que me deu para escrever, ao início da manhã, ao fim de semana, nas férias e durante várias longas viagens pelo país. Obrigada, Clive, por nunca teres questionado nada disso. Por teres assegurado que eu sobreviviria com mais alguma coisa do que apenas papas de aveia e chá. Por não teres desdenhado uma única vez da energia que gasto noutro lugar. Por não pedires demais, nem de menos. Não teria escrito este livro sem ti.